O

Ṛg Veda

LIVRO 7

(Maṇḍala 7)

Traduzido para o inglês por:

H. H. Wilson
(Parte do) Quinto Aṣṭaka. Primeira Edição – 1866.
[Disponível em archive.org]

Ralph T. H. Griffith
Segunda Edição – 1897
[Disponível em sacred-texts.com]

Incluindo 8 Hinos[1] por **Max Müller** (1891, 1859);
7 Hinos[2] por **Peter Peterson** (1888);
2 Hinos[3] por **John Muir** (1868);
6 Hinos[4] por **A. A. Macdonell** (1922, 1917);
E 1 Hino[5] por **Henry White Wallis** (1887).
[Disponíveis em archive.org][6]

Versões traduzidas para o português por
Eleonora Meier – 2016.

→ Ir para o Índice Rápido

[1] Hinos 46, 56-59. – *Sacred Books of the East*, vol. XXXII; Hinos 32, 77 e 103. – *A History of Ancient Sanskrit Literature*.
[2] Hinos 28, 49, 54, 68, 75, 83 e 86. – *Hymns from the Rigveda;* Bombay Sanskrit Series, XXXVI.
[3] Hinos 33 e 46. – *Original Sanskrit Texts* I e IV.
[4] Hinos 49, 61, 71 e 88. – *Hymns from the Rigveda;* Hinos 63 e 86. – *A Vedic Reader for Students*.
[5] Hino 101. – *The Cosmology of the Rigveda, An Essay.*
[6] Sites consultados em 2016.

NOTA:

Como os próprios nomes 'Hino' (Sūkta) e 'versos' (ṛcas ou mantras) indicam, o Ṛgveda deve ser cantado ou recitado. No entanto, em qualquer situação repetir algo sem saber o significado não é aconselhável, e, mesmo que em diversos casos do Veda haja vários sentidos atribuídos a uma estrofe, pelo menos existe alguma ideia a respeito do assunto tratado.

Há ainda uma série de ocasiões e momentos nos quais os hinos e versos deveriam ser cantados, e isso é tratado em outros textos como os Brāhmaṇas (Aitareya ou Āśvalāyana e Kauṣītaki ou Śāṅkhāyana), o Ṛgvidhāna e outros.

Aqui você verá as versões em português de dois ou mais tradutores do Ṛg, e, para ver os hinos em sua bela escrita devanāgarī e sua transliteração e ouvir como eles são cantados um site excelente é o Site Of Sri Aurobindo & The Mother. O texto em sânscrito e a transliteração também se encontram no site Sacred Texts.

Então saiba o significado, veja o hino em sua escrita original, ouça o canto e se lhe aprouver treine cantá-lo, assim você terá uma experiência mais completa do Ṛgveda.

E. M.

Prefácio

Quando o professor Wilson morreu, em 1860, a impressão do quarto volume da sua tradução do Ṛg-Veda tinha avançado até a página 144. O Dr. Ballantyne, seu sucessor na *Library of the India Office*, se encarregou de imprimir o restante, mas a sua saúde debilitada o impediu, e quando da sua morte, no início de 1864, ele só tinha imprimido mais uma camada [contendo as páginas 145 a 160]. O Dr. Goldstücker se comprometeu a terminar o volume, e, de fato, escreveu a maioria das notas das páginas 161-176; quando eu voltei da Índia, e ele gentilmente ofereceu transferir o trabalho para mim. Eu aceitei de bom grado a sua proposta, pois, além do meu interesse em estudos vêdicos, eu sentia, como antigo aluno de Oxford, uma forte consideração pessoal pelo professor Wilson, e estava muito satisfeito de que o meu nome estaria associado ao dele na tradução. Eu sabia o quanto esta, a sua última obra, tinha ocupado os seus pensamentos, e quanto o seu coração tinha estado colocado em sua conclusão. Eu havia sido iniciado por ele mesmo antes de ele deixar a Índia, e tinha testemunhado em Oxford o seu prazer quando volume após volume foi terminado e publicado, e na última carta que recebi dele na Índia ele me informou de que tinha por fim terminado o esboço de todo o trabalho. Assim, me pareceu quase uma obrigação sagrada que eu fizesse tudo em meu poder para trazê-lo perante o público, de uma forma tão completa quanto uma obra póstuma admite.

A tradução do professor Wilson ocupa um lugar peculiar. Sem dúvida, conforme os estudos vêdicos progredirem, e mais textos forem publicados e estudados, nova luz será lançada sobre esses registros do mundo antigo; e poderemos gradualmente obter uma visão mais profunda do seu significado que os hindus medievais poderiam possuir, assim como um estudioso moderno pode compreender Homero mais profundamente do que os escoliastas bizantinos. Mas a presente tradução sempre manterá um valor histórico, porque se baseia no comentário nativo, e assim representa tudo o que os hindus preservaram da longa linha de tradição vêdica. Sāyaṇa está para o Veda como Eustácio de Tessalônica para os Poemas Homéricos; e a obra do professor Wilson permite que o leitor inglês conheça o que os próprios hindus supõem que o Ṛg-Veda significa. É fácil depreciar os comentadores nativos, mas não é tão fácil superá-los; e até que tenhamos mais materiais para comparação e estudo, as suposições arbitrárias que são frequentemente cultivadas por estudiosos europeus me parecem apenas as conjecturas do *intellectus sibi permissus,*[1] que só impedem o progresso para um verdadeiro sistema de interpretação em ciência filológica bem como em ciência material.

O professor Wilson sempre comparava cuidadosamente as provas tipográficas da sua tradução com o texto impresso do professor Max Müller conforme a impressão do último avançava; mas naturalmente a parte póstuma carece dessa sua revisão final.

Eu imprimi a obra tal como está no manuscrito, exceto em poucos casos em que o tradutor evidentemente fez uma omissão acidental, que sem dúvida teria sido corrigida nas folhas de prova. Não me pareceu respeitoso à sua memória preservar tais inadvertências por impressão e eu, portanto, as corrigi tacitamente.[2] Em todos os casos, no entanto, (exceto nesses lapsos óbvios,) onde o tradutor se afasta em algum ponto

---

[1] [Isto é, 'da mente abandonada a si mesma'].

[2] Eu dou duas como exemplos. Na p. 200 o manuscrito tem "Ele, o derramador, (assim) se manifesta rapidamente, gerando o menino (relâmpago), etc.", o verdadeiro verbo da frase *roravīti*, 'ruge alto', sendo omitido acidentalmente. Na p. 190, nota 2, a lenda é erroneamente apresentada no manuscrito: "O rei Nāhuṣa adorou Sarasvatī por mil anos; pelo que ela lhe deu manteiga e água, ou leite, o suficiente para um período equivalente". Eu posso acrescentar que as minhas alterações estão geralmente nas notas, não no texto.

essencial do parecer dado pelo comentador hindu, eu adicionei uma nota ao pé da página. Dessa forma eu me empenhei em deixar a tradução em si intocada tanto quanto possível, e ainda manter na obra um dos seus méritos peculiares, como representando o Ṛg-Veda do ponto de vista hindu.

Eu devo expressar os meus sinceros agradecimentos ao Dr. Goldstücker, que me escolheu para editar a obra; e ele também frequentemente me deu assistência valiosa nas partes obscuras do Comentário de Sāyaṇa.

E. B. COWELL.
Londres, 20 de janeiro, 1866.

Conteúdo

517 - Hino 1. Agni (Wilson)

(Continuação do Quinto Aṣṭaka. Continuação do Adhyāya 1. Anuvāka 1. Sūkta I)

O deus é Agni; o Ṛṣi é Vasiṣṭha (Maitrāvaruṇi), como ele é de todos os Sūktas desse Maṇḍala,[1] e cujo nome, portanto será desnecessário repetir; a métrica das dezoito primeiras estrofes é Virāj, do restante Triṣṭubh.

Varga 23. **1**. Os homens geram o excelente dono da mansão, que brilha ao longe, o acessível Agni, presente nas duas varas, por atrito com os dedos.[2]
2. Os moradores colocaram na mansão, para sua proteção constante, o visível Agni, que existe desde sempre, que deve ser honrado em toda casa.[3]
3. Bem-aceso, jovem Agni, brilha diante de nós com esplendor imperecível;[4] para ti vão iguarias sacrificais abundantes.
4. Os fogos radiantes, nos quais os sacrificadores bem-nascidos se reúnem, brilham mais intensamente, e são concessores de progênie (e outras bênçãos), mais generosos do que os fogos (da vida comum).
5. Vigoroso Agni, concede-nos, (em retribuição) pelos nossos louvores, riquezas excelentes, filhos dignos, e descendentes; (riqueza) que um inimigo que tente atacar não possa roubar.
Varga 24. **6**. De quem, vigoroso, a jovem donzela (a concha) carregada com a oblação, oferecendo manteiga derretida, se aproxima dia e noite; dele, o seu próprio brilho se aproxima,[5] favorável à (concessão de) riqueza;
7. Consome, Agni, todos os inimigos; com as mesmas chamas com as quais tu consumiste Jarūtha,[6] afasta a doença febril.
8. Eminente, puro, purificador radiante, Agni, está presente (no sacrifício) daquele que acende a tua chama, e no nosso, (que nos dirigimos a ti) com esses louvores.
9. Mortais patriarcais, os líderes dos ritos, têm compartilhado, Agni, o teu esplendor em muitos lugares; (propiciado) por esses nossos (louvores, como pelos deles), está presente nesse sacrifício.
10. Que aqueles homens que elogiam esse meu rito sagrado, heróis, em batalhas com inimigos, vençam todos os artifícios perversos.
Varga 25. **11**. Não nos deixes sentar, Agni, numa casa vazia, (nem nas) de (outros) homens; não nos deixes ficar sem sucessores; ou, não tendo posteridade masculina, que nós, amigo das casas, (por) adorarmos a ti (venhamos a residir) em casas cheias de progênie.
12. Para qualquer sacrifício que o senhor dos cavalos se dirija regularmente, torna, (Agni), nossa morada abençoada com progênie, com posteridade excelente, próspera com sucessores lineares.
13. Protege-nos, Agni, dos Rākṣasas odiosos; protege-nos dos malevolentes, dos mesquinhos, dos iníquos; que eu, contigo como meu aliado, triunfe sobre os hostis.

---

[1] [Veja a nota 12].
[2] *Sāma-Veda,* I.72 [1.1.2.2.10; e também em 2.6.1.10.1. Os números significam respectivamente: Parte, Livro, Capítulo, Hino ou Década, e Verso. Para a maioria das ocorrências dos versos do Ṛgveda nos outros três Vedas, veja ao final dessa obra a *A Comparação da Ṛgsaṃhitā com as Saṃhitās do Sāma, Yajur Branco (Vājasaneyi-Saṃhitā) e Atharva*].
[3] *[Sāma-Veda,* 2.6.1.10.2]
[4] *[Śukla] Yajur-Veda,* 17.76; também *Sāma-Veda,* II.725 [2.6.1.10.3; e *Taittirīya Saṃhita,* 4.6.5.3.k].
[5] [Veja a nota 14].
[6] Jarūtha é explicado como 'aquele de voz áspera' ou o ameaçador. [Veja a nota 15].

14. Que esse fogo (aceso por mim) supere todos os outros fogos, no qual um filho vigoroso, de mão firme, possuidor de mil meios (de vida), coopera em (louvor) imperecível.
15. Em verdade ele é Agni, que defende do malévolo e do pecado hediondo (o adorador) que acende (o fogo); (é) ele a quem os adoradores bem-nascidos adoram.
Varga 26. **16**. Esse é o Agni invocado em muitos lugares; a quem o príncipe, oferecendo oblações, acende, a quem o sacerdote ministrante circungira em sacrifícios.
17. A ti, Agni, que nós, que somos de posição elevada, ofereçamos muitas oblações perpétuas, (empregando) recursos, (prece e louvor,) atraindo-te para o sacrifício.
18. Leva, tu que és imperecível, essas oblações muito aceitáveis à presença da assembleia dos deuses; e que a nossa (oferenda) fragrante os satisfaça individualmente.[7]
19. Não nos abandones, Agni, à falta de filhos homens; nem a vestuário defeituoso; nem a essa destruição; não nos abandones à fome, nem aos Rākṣasas; não nos exponhas, praticante da verdade, ao mal, seja em casa ou na floresta.
20. Concede-me, Agni, rapidamente, alimento saudável abundante; envia sustento, divino Agni, para aqueles que são opulentos em oblações; que nós (sacerdotes e empregador), sejamos incluídos na tua munificência; cuida sempre de nós com bênçãos.[8]
Varga 27. **21**. Resplandece com esplendor brilhante, Agni, filho da força, tu que és invocado zelosamente, e de aspecto agradável; não consumas o filho gerado com quem tu és associado; não deixes a nossa prole masculina, benéfica para o homem, perecer.
22. Não mandes os fogos acesos pelos sacerdotes com os quais tu estás unido nos causarem mal; não deixes o desagrado, mesmo em erro, de ti, o filho da força, que és divino, cair sobre nós.
23. Radiante Agni, o mortal que oferece oblações ao imortal se torna afluente; esse deus (Agni) favorece o ofertante de riqueza (sacrifical), a quem o devoto solicitante inquiridor recorre.[9]
24. Agni, que estás ciente da nossa (adoração) solene e auspiciosa, traze riquezas abundantes para os adoradores, pelas quais, poderoso Agni, nós, abençoados com vida não encurtada e descendentes masculinos excelentes, possamos ser felizes.
25.[10] Concede-me, Agni, rapidamente, alimento saudável abundante; envia sustento, divino Agni, para aqueles que são opulentos em oblações; que nós (sacerdotes e empregador), sejamos incluídos na tua munificência – cuidem[11] sempre de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 2 (Wilson)

---

[7] *[Taittirīya Saṃhita,* 4.3.13.6.v].
[8] *Yūyaṃ pāta svastibhiḥ sadā naḥ,* o refrão de vários Sūktas, anteriores e posteriores; *yūyaṃ* é considerado equivalente a *tvam*, o plural sendo colocado honorificamente em lugar do singular; mas em uma ocorrência subsequente da passagem, verso 25, o escoliasta o interpreta como 'tu e teus assistentes'.
[9] *Yaṃ sūrirarthī pṛchamāna eti,* supõe-se que o inquiridor pergunta ou onde está o doador generoso da riqueza pela qual ele reza, ou quem é esse Agni a quem a petição deve ser dirigida.
[10] Repetição do verso 20.
[11] ['Ó Deuses'. – Griffith. Essa fase final se repete em vários hinos seguintes, sendo 'o *pāda* de assinatura de Vasiṣṭha'].

517 - Hino 1. Agni (Griffith)[12]

1. Os homens, dos bastões de fogo, com movimento rápido das suas mãos, com pensamentos profundos,[13] geraram o glorioso Agni, visto de longe, com chamas pontiagudas, o Senhor da Casa.
2. Os Vasus colocaram esse Agni na residência, belo de ver, por auxílio de todos os lados; que, no lar para sempre, deve ser honrado.
3. Brilha diante de nós, Agni, bem aceso, com chama, Deus Mais Jovem, que nunca enfraquece. Para ti vão todas as nossas iguarias sacrificais.
4. Entre todos os fogos esses fogos têm brilhado mais intensamente, esplêndidos com luz, cercados por heróis nobres, onde homens de nascimento nobre se sentam juntos.
5. Vitorioso Agni, dá-nos riqueza com sabedoria, riqueza com filhos bravos, famosos e independentes, os quais nem um inimigo que lide com magia conquiste.
6. A quem, o Forte, ao amanhecer e ao anoitecer vai, como donzela, a concha pingando óleo, com sua oblação. Buscando riqueza vai a ele a sua própria devoção.[14]
7. Queima toda maldade com aquelas chamas, ó Agni, com as quais antigamente tu queimaste Jarūtha,[15] e afasta em silêncio a dor e a doença.
8. Com aquele que acende o teu esplendor, Agni, excelente, puro, refulgente, purificador, fica presente, e conosco através desses nossos louvores.
9. Agni, os homens patriarcais, os mortais que têm espalhado o teu brilho em muitos lugares – sê benevolente para conosco aqui por causa deles também.
10. Que esses homens, heróis na luta com inimigos, prevaleçam contra todas as artes mágicas perversas – esses que aprovam a canção nobre que eu canto para ti.
11. Não nos deixes sentar-nos em volta de ti carentes de homens, ó Agni, sem descendentes, sem heróis; mas, ó Amigo da Casa, em casas cheias de filhos.
12. Pelo sacrifício que o Senhor dos Corcéis[16] sempre visita torna a nossa casa rica em sementes e filhos, crescendo continuamente com sucessores lineares.
13. Guarda-nos, ó Agni, do demônio odiado, nos protege da maldade do pecador grosseiro; aliado contigo que eu possa subjugar os assaltantes.
14. Que esse mesmo fogo meu supere todos os outros, esse fogo onde prole, vigorosa e de mão firme, ganha, de mil maneiras, o que nunca perecerá.
15. Esse é o Agni, que salva dos inimigos, que protege do sofrimento aquele que acende a chama; heróis de linhagem nobre lhe servem e cuidam dele.
16. Esse é o Agni, servido em muitos lugares, a quem o senhor rico que traz oblação acende, e a cuja volta o sacerdote anda em sacrifícios.
17. Agni, que possamos em posse de riquezas te trazer oferendas contínuas em abundância, usando os dois meios[17] para te chamar para o nosso culto.
18. Agni, leva, Eterno, essas oblações muito bem-vindas para a assembleia dos Deuses; que eles desfrutem dos nossos presentes muito perfumados.

---

[12] Todos os hinos desse Livro são atribuídos ao Ṛṣi Vasiṣṭha, com quem seus filhos são associados como os videntes de partes de dois Hinos [32 e 33. E segundo a *Anukramaṇī* dois hinos (101, 102) foram compostos por Vasiṣṭha ou por Kumāra Āgneya].
[13] 'Com os dedos' segundo Sāyaṇa, esse significado sendo atribuído sem quaisquer bases filológicas à palavra *dīdhitibhiḥ* a partir do seu uso nessa e em passagens semelhantes.
[14] O culto que pertence especialmente a ele.
[15] Um Rākṣasa ou demônio com uma voz alta e áspera. – Sāyaṇa.
['Jarūtha, mencionado em três passagens do Ṛgveda, parece denotar um demônio derrotado por Agni. Ludwig, no entanto, seguido por Griffith, vê nele um inimigo morto em uma batalha na qual Vasiṣṭha, o autor tradicional do sétimo Maṇḍala do Ṛgveda, era Purohita, ou sacerdote familiar'. – *Vedic Index of Names and Subjects]*.
[16] Agni, cujas chamas velozes são chamadas de cavalos.
[17] Prece e louvor.

19. Não nos abandones, Agni, à falta de heróis, a roupas miseráveis, à necessidade, à miséria. Não nos entregues, Santo, ao demônio ou à fome; não nos prejudiques em casa ou na floresta.
20. Dá força e poder a essas minhas preces, ó Agni; ó Deus, derrama bênçãos sobre os nossos chefes e nobres. Permite que nós e eles possamos compartilhar da tua recompensa. Ó Deuses, protejam-nos sempre com bênçãos.
21. Tu, Agni, pronto a ouvir, tens aspecto belo; resplandece, ó Filho da Força, em pleno esplendor. Não me deixes carecer, contigo, de um filho para sempre;[18] que um herói viril nunca nos falte.
22. Não nos condenes à indigência, ó Agni, ao lado desses fogos flamejantes que os Deuses acenderam;[19] nem, mesmo após falha, que o teu desagrado, teu como um Deus, ó Filho da Força, nos surpreenda.
23. Ó Agni, de bela face, o mortal rico que oferece sua oblação ao Imortal tem aquele[20] que lhe ganha tesouro por sua Divindade, a quem o príncipe, em necessidade, vai suplicar.
24. Conhecendo a nossa maior felicidade,[21] ó Agni, traze amplas riquezas para os nossos nobres, com a qual possamos nos divertir, ó Vitorioso, com vida não diminuída e filhos heróis.
25.[22] Dá força e poder a essas minhas preces, ó Agni; ó Deus, derrama bênçãos sobre os nossos chefes e nobres. Permite que nós e eles possamos compartilhar da tua recompensa. Ó Deuses, protejam-nos sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 2 (Griffith)

---

[18] *Nitya*, perpétuo [compare com os versos 2, 12 e 17]; que viverá para sempre em sua posteridade.
[19] Acesos pelos sacerdotes ministrantes.
[20] Possui, ou desfruta da graça de Agni. 'Esse deus (Agni) favorece o ofertante de riqueza (sacrifical)'. Wilson.
[21] Entendendo o que nós queremos para sermos felizes, ou seja, riquezas.
[22] [Repetição do verso 20].

518 - Hino 2. Āprīs (Wilson)

(Adhyāya 2. Continuação do Anuvāka 1. Sūkta II)

As divindades são as Āprīs;[1] a métrica é Triṣṭubh.

Varga 1. **1**. Sê satisfeito, Agni, pelo (fogo sagrado) aceso[2] por nós hoje, emitindo fumaça abundante adorável; toca com tuas chamas ardentes o topo celeste, une-te com os raios do sol.

2. Nós celebramos com sacrifícios a grandeza do adorável Narāśaṁsa entre aqueles que são divindades, os realizadores de boas obras, os brilhantes, os defensores de ritos, que compartilham de ambos os tipos de oblações.[3]

3.[4] Vamos sempre adorar o Agni que deve ser adorado por nós;[5] o poderoso, o ágil, o mensageiro que passa entre o céu e a terra, o falador da verdade, aceso (antigamente) por Manu, como agora pelos homens, para que (ele possa vir) à solenidade.

4. Os adoradores trazendo a grama sagrada a oferecem com reverência, de joelhos, a Agni; adorem-no, sacerdotes, com oblações, chamando-o para (se sentar) na (grama) pintada, untada com manteiga clarificada.

5. Os devotos realizadores de ritos sagrados, desejosos de carros, recorreram às portas[6] (da câmara sacrifical); (as conchas), colocadas ao leste, estão enchendo o fogo com ghī em sacrifícios, como as mães vacas lambem o bezerro, ou como rios (regam os campos).

Varga 2. **6**. Que as duas fêmeas jovens, as divinas e poderosas dia [manhã] e noite, invocadas por muitos, as possuidoras de riqueza, sentadas na grama sagrada, dignas de adoração, estejam conosco como uma vaca ordenhada facilmente para o nosso bem-estar.

7. Eu estou disposto a adorar vocês dois[7] sábios, os ministrantes em sacrifícios de homens, de quem riqueza é derivada; quando o culto está sendo celebrado, levem a nossa prole no alto, e adquiram (para nosso uso) os preciosos (tesouros preservados) entre os deuses.

8. Que Bhāratī, associada com as Bhāratīs; Iḷā com os deuses e os homens; e Agni[8] e Sarasvatī com as Sārasvatas; que as três deusas se sentem diante de nós sobre essa grama sagrada.

---

[1] *[Vājasaneyi-Saṃhitā*, 29.27. 'Para outros Hinos Āprī veja RV 1.13 e 188; 2.3; 3.4; 5.5; 9.5; 10.70 e 110'. – Griffith].

[2] *Samidham,* aqui, como de costume, implica uma das Āprīs, ou formas do fogo, embora usado como um epíteto.

[3] Oblações de *ghī* e libações de Soma, ou outras oferendas. *Nir*. VIII. 6.

[4] Tanūnapāt, que geralmente vem em seguida, é omitido, pois, de acordo com Sāyaṇa, o Sūkta é chamado de Āprī Sūkta.

[5] *Īḷenyaṃ agnim* é o Īḷita dos outros Āprī Sūktas; o verbo é *mahema* na primeira pessoa do plural, o comentador diz, substituído pela segunda: vocês (sacerdotes) adorem.

[6] As portas são sempre mencionadas entre as Āprīs; a segunda metade da estrofe está construída obscuramente, embora o sentido possa ser decifrado: *pūrvī śiśuṃ na mātarā rihāṇe samaghruvo na samaneṣvañjan*, literalmente: o bezerro anterior (ou do leste) como duas mães lambendo rios, como em sacrifícios eles ungem; o comentador explica *pūrvī-prāgagre jurūpabhṛtau*, as duas conchas – *jurū* e *ūpabhṛt* – colocadas em sacrifícios com seus cabos para o leste.

[7] [Veja a nota 16].

[8] *Iḷā devebhir manuṣyebhir agniḥ:* o comentador aqui altera a ordem, e associa *Iḷā* com os homens e Agni com os deuses; mas, como observado antes, não está claro o que Agni tem a ver aqui entre as deusas, a menos que o nome estivesse em aposição com *Iḷā*, o *Agni Iḷā*. Esse e os três versos seguintes são repetidos do segundo *Aṣṭaka* [3.4.8-11, então ou o Hino Āprī de Viśvāmitra emprestou desse hino de Vasiṣṭha ou vice-versa]; nesses casos Sāyaṇa não costuma repetir seus comentários, mas aqui ele o faz resumidamente, porque ocorreu um intervalo; ele faz isso, também, com uma ou duas variações de explicação de pouca importância.

9. Divino Tvaṣṭṛ, estando bem satisfeito, dá resultado ao nosso vigor procriador, de onde (um filho), viril, devoto, vigoroso, manejador da pedra de moer Soma, e reverente aos deuses, possa nascer.
10. Vanaspati, traze os deuses para perto; que Agni, o imolador, prepare a vítima; que ele, que é a verdade, oficie como sacerdote ministrante, pois, realmente, ele conhece o nascimento dos deuses.
11. Agni, aceso (em chama), vem à nossa presença na mesma carruagem com Indra e com os deuses velozes; que Aditi, a mãe de filhos excelentes, se sente na grama sagrada, e que os deuses imortais fiquem satisfeitos com a oblação oferecida reverentemente.

Índice◄►Hino 3 (Wilson)

518 - Hino 2. Āprīs (Griffith)[9]

1. Aceita alegremente, nesse dia, o nosso combustível, Agni; envia para o alto a tua fumaça sagrada e brilha sublimemente. Toca os topos celestes com tuas colunas, e te espalha com os raios de Sūrya.
2. Com sacrifício a esses nós homens honraremos a majestade do santo Narāśaṁsa[10] – a esses, os puros, os mais sábios, os inspiradores de pensamentos, Deuses que desfrutam de ambos os tipos de nossas oblações.[11]
3. Vamos exaltar em sacrifício para sempre, como os homens podem fazer, Agni a quem Manu acendeu,[12] seu Asura muito hábil, digno de culto, enviado entre dois mundos, o orador verdadeiro.
4. Trazendo a grama sagrada, os homens que lhe servem a espalham com reverência, de joelhos, por Agni. Chamando-o à grama manchada, polvilhada de óleo, o adornem, ó Adhvaryus, com oblação.
5. Com pensamentos santos os devotos escancararam as Portas,[13] ávidos por carruagens[14] na assembleia dos Deuses. Como duas vacas mães repletas que lambem o filhote, como donzelas para o encontro, eles as enfeitam.
6. E que as duas exaltadas Damas Celestes, Manhã e Noite, como uma vaca[15] boa na ordenha, venham, invocadas por muitos, e sentem-se na nossa grama, ricas, dignas de culto, para o nosso bem-estar.
7. A vocês, Bardos e Cantores[16] nos sacrifícios dos homens, ambos cheios de sabedoria, eu me inclino para adorar. Enviem para o alto as nossas oferendas quando nós os chamamos, e assim entre os Deuses nos obtenham tesouros.
8. Que Bhāratī com todas as suas Irmãs, Iḷā concordante com os Deuses, com os mortais Agni, Sarasvatī com todos os seus Rios afins, venham a essa grama, as Três Deusas, e se sentem.
9. Bem satisfeito conosco ó Deus, ó Tvaṣṭar, dá resultado pronto ao nosso vigor procriador, de onde surja o herói, poderoso, hábil em ação, amante dos Deuses, ajustador das pedras de espremer.
10. Manda para os Deuses a oblação, Senhor das Florestas; e que o Imolador, Agni, a prepare. Ele como o Sacerdote mais verdadeiro deve oferecer culto, pois ele conhece bem as gerações dos Deuses.
11. Vem a nós, ó Agni, devidamente aceso, junto com os Deuses poderosos e Indra. Nessa nossa grama sente-se Aditi, Mãe feliz, e que o nosso Salve! deleite os Deuses Imortais.

Índice◄►Hino 3 (Griffith)

---

[9] Para outros Hinos Āprī veja 1.13 e 188; 2.3; 3.4; 5.5; 9.5; 10.70 e 110.
[10] 'O Louvor dos Homens', Agni.
[11] Oferendas de *ghṛta*, *ghī*, ou manteiga clarificada, e libações de suco Soma.
[12] ['Vamos, como Manuṣ, chamar continuamente para o sacrifício Agni que foi aceso por Manu'. – Muir, *O. S. Texts,* I, p. 168].
[13] As portas deificadas do salão de sacrifício onde os Deuses se reúnem.
[14] Dando as boas-vindas à aproximação dos carros nos quais os sacerdotes vêm à cerimônia. A última metade da estrofe é obscura: [veja a versão por Wilson].
[15] O dual *dhenū*, duas vacas, em vez de *dhenuḥ*, nos parece, como Ludwig sugere, preferível.
[16] Os *hotārā* ou 'dois Invocadores' de 1.13.8; talvez Agni e Varuṇa, ou Varuṇa e Āditya.
As estrofes 8-11 são idênticas às estrofes 8-11 de 3.4.

519 - Hino 3. Agni (Wilson)

(Sūkta III)

O deus é Agni; a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 3. **1**. Nomeiem, (deuses), o mais adorável, divino, Agni, concordante com (todos os outros) fogos, seu mensageiro no sacrifício; ele que está permanentemente presente entre os homens, o praticante da verdade, que é coroado com chama, o purificador, cujo alimento é manteiga.[1]
2. Quando, como um cavalo relinchando prestes a se alimentar de forragem, (Agni) brota da vasta (floresta) circundante, então o vento atiça a sua chama, e preta, (Agni), é a tua rota.[2]
3. As chamas acesas imperecíveis de ti, o recém-nascido, o derramador, se erguem; a fumaça luminosa se espalha pelo céu, e tu, Agni, vais até os Deuses como seu mensageiro.[3]
4. Cuja luz se espalha rapidamente sobre a terra, quando com seus dentes (de chama), ele devora seu alimento; tua labareda avança como uma hoste atacante, quando Agni, de aspecto agradável, tu te espalhas com tua chama (entre as árvores), como se (elas fossem) cevada.[4]
5. Os homens nutrem esse jovem Agni ao anoitecer e ao amanhecer, como (eles cuidam de) um cavalo; acendendo-o como um convidado em seu lugar apropriado; o esplendor do derramador (de benefícios), a quem a oblação é oferecida, resplandece.
Varga 4. **6**. Resplandecente Agni, quando tu brilhas próximo como ouro, a tua aparência é bela; o teu poder brota como o raio do firmamento, e, como o sol maravilhoso, tu exibes o teu brilho.
7. Quando nós oferecemos a ti, Agni, a oferenda sagrada junto com oblações misturadas com leite e manteiga, então nos protege, Agni, com aquelas vastas cidades douradas ilimitadas, incontáveis.[5]
8. Filho da Força, Jātavedas, com aqueles (esplendores) desimpedidos que pertencem a ti, um doador generoso, e com aqueles louvores com os quais tu proteges as pessoas com sua posteridade, que tu protejas a nós teus fiéis e adoradores.
9. Quando o brilhante Agni, radiante com seu próprio esplendor extenso, brota (da madeira) como um machado afiado, e ele que é desejável, o fazedor de grandes obras, o purificador, nasce de seus dois pais, (ele aparece) para a adoração dos deuses.
10. Ilumina para nós, Agni, essas (riquezas) auspiciosas; que tenhamos (um filho) inteligente, o celebrante de ritos sagrados; que haja todas (as coisas boas) para os teus adoradores, e para aquele que (te) elogia; e cuidem sempre de nós com bênçãos.[6]

Índice◄►Hino 4 (Wilson)

---

[1] *Sāma-Veda*, II.569 [2.5.1.9.1].
[2] *Sāma-Veda*, II.570 [2.5.1.9.2]; *[Śukla] Yajur-Veda*, 15.62. [Veja a nota 9].
[3] *Sāma-Veda*, II.571 [2.5.1.9.3].
[4] *Yavaṃ na dasma juhvā vivekṣi* é explicado: quando tu comes madeira e outras coisas como cevada, com chama. [Veja a nota 9].
[5] *Tebhir amitair mahobhiḥ śataṃ pūrbhir-āyasībhir nipāhi* é traduzido literalmente no texto de acordo com a interpretação de Sāyaṇa; ele não dá nenhuma explicação do que significa.
[6] Veja 7.1.25 [nota 11].

519 - Hino 3. Agni **(Griffith)**

1. Associado[7] com fogos, tornem o seu Deus Agni enviado no sacrifício, o mais hábil em adoração, estabelecido firmemente entre os homens, o Santo, coroado de chama e alimentado com óleo, o Purificador.
2. Como um cavalo relinchando ansioso pelo pasto quando ele avança do grande cercado[8] então o vento seguindo sopra sobre o seu esplendor, e, em linha reta, o caminho que tu percorres é preto.[9]
3. De ti um Touro, porém recém-nascido, ó Agni, as chamas acesas eternas se erguem no alto. Para cima para o céu sobe a tua fumaça avermelhada; Agni, tu corres até os Deuses como enviado.[10]
4. Tu cujo brilho novo avança sobre a terra quando avidamente com tuas garras tu comes teu alimento. Como uma hoste apressada adiante vem o teu laço: feroz, com tua língua tu perfuras, como se fosse cevada.[11]
5. Os homens o têm decorado à noite e de manhã, Agni o mais jovem, como eles cuidam de um corcel. Eles o acendem, um convidado dentro da residência dele: resplandece brilhante o esplendor do Herói adorado.[12]
6. De bela face, belo é o teu aspecto quando, muito próximo, como ouro tu cintilas. Como o rugido trovejante do Céu o teu poder se aproxima, e como o sol extraordinário tu mostras tua luz.
7. Para que possamos adorar, com sua Saudação a Agni! com bolos sacrificais e oblações de gordura, guarda-nos, ó Agni, com essas glórias ilimitadas como com cem fortalezas de ferro.
8. Tuas são canções irresistíveis para quem oferece, e hinos concessores de heróis com os quais tu salvas; com esses, ó Filho da Força, ó Jātavedas, nos protege, preserva esses príncipes e os cantores.
9. Quando ele emerge, como um machado recém-afiado, puro em sua forma, resplandecente em seu corpo, surgido, buscado ansiosamente, de seus pais,[13] para a adoração dos Deuses, Sábio e Purificador;
10. Faze brilhar essa felicidade sobre nós, ó Agni; que possamos obter compreensão perfeita. Que toda felicidade seja daqueles que cantam e te louvam. Ó Deuses, protejam-nos sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 4 (Griffith)

[7] *Sajoṣāḥ*, sendo uma forma encurtada de *sajoṣasaḥ*, o nominativo plural. Sāyaṇa a explica como um acusativo singular, qualificando Agni.
[8] 'Da vasta (floresta) circundante'. – Wilson. Outros o entendem como o cercado no qual o cavalo é confinado.
[9] ["'Relinchando como um cavalo que está ávido por alimento, quando ele sai da prisão forte; então o vento sopra depois da sua rajada; teu caminho, Agni, fica escuro imediatamente'. A construção desse verso é muito abrupta, especialmente a transição do símile do cavalo, que é colocado na terceira pessoa, para o discurso para Agni na segunda pessoa. A ideia, no entanto, é clara. Agni, o fogo, quando aceso inicialmente, é comparado a um cavalo relinchando, por conta do barulho crepitante. Ele está ávido por comida, assim que ele sai da sua prisão, ou seja, da madeira da qual o fogo é produzido por atrito, como um cavalo saindo do seu estábulo. Então se supõe que o vento acende a chama do fogo, e como o caminho do cavalo é escurecido pela poeira, o caminho de Agni é escurecido pela fumaça". – Müller, *Ancient Sanskrit Literature,* 1859, p. 547].
[10] ["Ó Agni, tu de quem, como um macho recém-nascido, chamas imortais provêm, a fumaça brilhante vai para o céu, pois, como mensageiro és enviado para os deuses". – *Ibid.*].
[11] A comparação está um tanto comprimida; o significado é: tu penetras e derrubas as árvores da floresta com a tua língua como os homens derrubam cevada com uma foice.
["Tu cujo poder se espalha sobre a terra em um instante quando tu agarras o alimento com tuas garras, como um exército enérgico a tua rajada se manifesta; com a tua chama tremulante tu pareces arrancar a grama". – *Ibid.*].
[12] ["Só a ele, o Agni sempre jovem, os homens tratam, como um cavalo ao anoitecer e ao amanhecer; eles o põem na cama como um estranho em seu leito; a luz de Agni, o macho adorado*, é acesa". * *Āhuta* é utilizado no sentido geral de adorado, bem atendido, com especial referência a um convidado. Compare com 1.44.4. – *Ibid.*].
[13] Os dois gravetos de fogo.

520 - Hino 4. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 5. **1**. Ofereçam sua oblação sagrada e louvor ao brilhante e radiante Agni, que passa com sabedoria entre todos os seres divinos e humanos.

2. Que o sagaz Agni seja nosso guia desde a hora em que ele nasce, o mais jovem, de sua mãe; ele que, de cor brilhante, ataca a floresta, e devora rapidamente o alimento abundante.

3. A quem os mortais percebem como branco[1] (brilhante) no lugar principal daquela divindade, ele que reconhece adoração valorosa, e resplandece para o bem do homem, e para a derrota (de seus inimigos).

4. Esse perspicaz, sagaz, imortal Agni, foi colocado entre os mortais míopes; não nos prejudiques, vigoroso Agni, nesse mundo, para que possamos ser sempre devotados a ti.

5. As ervas e as árvores, e a terra, contêm como um germe esse Agni que sustenta a todos, que ocupa um lugar fornecido pelos deuses, para que por suas funções ele possa transportar (as oferendas) para os imortais.

Varga 6. **6**. Agni tem o poder de conceder alimento abundante; ele tem o poder de conceder riquezas com posteridade masculina; vigoroso Agni, não nos deixes sentarmos diante de ti desprovidos de filhos, de beleza, de devoção.

7. A riqueza é adequada para a quitação da dívida;[2] que sejamos donos de riquezas permanentes; não é filho o que é gerado por outro; não alteres os caminhos (da geração) do estúpido.[3]

8. Alguém que não quita os débitos,[4] embora digno de respeito, porém gerado por outro, não deve ser considerado nem mesmo na mente (como digno) de aceitação, pois na verdade ele retorna para a sua própria casa; portanto, que venha a nós (um filho) recém-nascido, possuidor de alimentos, vitorioso sobre inimigos.[5]

9.[6] Agni, nos defende contra os malignos, (nos protege), tu que és dotado de força, do pecado; que o alimento (sacrifical) chegue a ti livre de defeitos; que as riquezas que nós desejamos venham a nós aos milhares.

10. Ilumina para nós, Agni, essas (riquezas) auspiciosas; que tenhamos (um filho) inteligente, o celebrante de ritos sagrados; que haja todas (as coisas boas) para os teus adoradores, e para aquele que (te) elogia; e cuidem sempre de nós com bênçãos.[7]

Índice◄►Hino 5 (Wilson)

---

[1] *Asya devasya saṃsadyanīke yaṃ martāsaḥ śyetaṃ jaghṛbhre* é interpretado literalmente de acordo com o significado óbvio das palavras, confirmado pelo escoliasta; o que isso significa não é tão claro.

[2] *Pariṣadyaṃ hi araṇasya rekṇas* também pode significar: a riqueza de alguém não endividado deve ser aceita.

[3] *Acetānasya mā patho vidukṣaḥ*, é, literalmente: não consumas os caminhos do universo; mas Sāyaṇa, seguindo Yāska, *Nir.* III.2, explica: não mudes os caminhos de gerar um filho do insensato.

[4] *Araṇa* é explicado nesse lugar como *aramamāna*, não agradável ou satisfatório; no verso anterior isso é interpretado como alguém livre de dívida, não implicando dívida literal, mas as obrigações devidas aos homens, progenitores e deuses. [Veja a próxima nota].

[5] Isso parece uma proibição da adoção, restringindo a herança à descendência direta através de um filho ou à descendência colateral através do filho de uma filha: *Nir.* III.3; esse verso é considerado como uma explicação do anterior, o sentido dos dois sendo a preferência por descendência masculina linear.

[6] [6.15.12].

[7] 7.3.10.

520 - Hino 4. Agni (Griffith)

1. Tragam seus presentes para o esplendor refulgente dele, o seu hino como a oferenda mais pura para Agni, a ele que segue como mensageiro com conhecimento entre todas as canções dos homens e os Deuses no céu.
2. Sábio deve ser esse Agni, embora jovem e novo, desde que ele nasceu, o mais jovem, de sua Mãe; ele que com dentes brilhantes toma conta rápido das florestas, e come seu alimento, embora abundante, em um instante.
3. Diante da sua presença todos nós devemos nos reunir,[8] desse Deus de quem os homens se apoderaram em seu esplendor branco. Esse Agni, que permitiu que os homens o capturassem, tem reluzido para o homem com brilho irresistível.
4. Perspicaz esse Agni foi estabelecido, imortal em meio aos mortais, sábio entre os tolos. Aqui, ó Deus vitorioso, te abstém de nos prejudicar; que nós sempre compartilhemos do teu favor benevolente.
5. Ele que ocupou sua morada feita pelos Deuses, Agni, em sabedoria superou os Imortais. Um Bebê por nascer, as plantas e as árvores o mantêm, e a terra carrega a ele o Sustentador de todos.
6. Agni é o Senhor da Amṛta em abundância, Senhor do presente de riqueza e valor heroico, Deus vitorioso, não nos deixes sentarmos ao redor de ti como homens desprovidos de força, beleza e adoração.[9]
7. O tesouro do inimigo pode ser ganho com trabalho; que nós sejamos donos das nossas próprias posses. Agni, não é filho aquele que nasce de outros; não prolongues os caminhos do tolo.[10]
8. Indesejado para adoção é o estranho, alguém para ser considerado como filho de outro, embora tornado íntimo pela presença contínua. Que o nosso herói forte venha, vigorosamente triunfante.[11]
9.[12] Guarda-nos daquele que quer nos assaltar, Agni; protege-nos, ó tu, Vitorioso, da desonra. Aqui que o lugar de escuridão venha sobre ti; que riquezas sejam nossas, desejáveis aos milhares.
10. Faze brilhar essa felicidade sobre nós, ó Agni; que possamos obter compreensão perfeita. Que toda felicidade seja daqueles que cantam e te louvam. Ó Deuses, protejam-nos sempre com bênçãos.[13]

Índice◄►Hino 5 (Griffith)

[8] Eu sigo Ludwig em sua interpretação de *saṃsadi:* como nós estamos abandonados, e o nosso protetor está distante (estr. 6, 7, 8), nós devemos afluir ao Deus do Fogo em busca de proteção.
[9] Na segunda linha eu emprestei do professor Max Müller, *Vedic Hymns,* I. p. 80.
[10] Deixa-nos continuar na posse inalterada da nossa própria propriedade, e que tenhamos filhos gerados por nós mesmos e não os filhos adotados de outros.
[11] Os homens não olham com prazer e afeição para os filhos adotados; mas nós estamos ansiosos para ver o nosso protetor ausente retornar para nós. – Ludwig. Outros explicam o último meio-verso de modo diferente: [veja a versão por Wilson].
[12] Essa estrofe é uma repetição de 6.15.12, veja lá a nota 19.
[13] Repetida da estrofe 10 do Hino anterior.

521 - Hino 5. Agni Vaiśvānara (Wilson)

(Sūkta V)

O deus é Agni como Vaiśvānara; a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 7. **1**. Ofereçam louvor ao forte Agni, que atravessa sem impedimento o céu e a terra; ele que (como) Vaiśvānara prospera nos sacrifícios de todos os imortais, estando associado com as divindades que despertam.[1]

2. Agni, o líder dos rios, o derramador das águas, o radiante, foi colocado no firmamento e sobre a terra; Vaiśvānara, aumentando com a (oblação) mais excelente brilha sobre os seres humanos.

3. Por medo de ti, Vaiśvānara, as tribos de cor escura,[2] apesar de muitas intenções, chegaram, abandonando suas[3] posses, quando, Agni, brilhando sobre Pūru, tu ardeste, consumindo as cidades do inimigo dele.

4. Vaiśvānara Agni, o firmamento, a terra, o céu, se unem na tua adoração; brilhando com esplendor imperecível, tu cobres de luz o céu e a terra.

5. Os cavalos (de Indra), cheios de ardor, te adoram, Agni; os louvores (dos homens), que dispersam (a iniquidade), acompanhados por oblações, honram (a ti), o senhor dos homens, o transportador de riquezas, o Vaiśvānara das auroras, o manifestador dos dias.

Varga 8. **6**. Reverenciadores de amigos, Agni, os Vasus concentraram vigor em ti; eles foram propiciados por teus atos; gerando vasto esplendor para o ária tu, Agni, expulsas os Dasyus da residência.

7. Nascido no mais alto dos céus, tu sempre bebes a bebida (Soma) como Vāyu;[4] gerando as águas, tu trovejas, realizando (desejos) para tua prole, o adorador.

8. Manda para nós, Agni, (que és) Vaiśvānara Jātavedas, aquele sustento brilhante pelo qual tu concedes riqueza, e (conferes), Agni desejado por todos, alimento abundante para o mortal, o dador (da oblação).

9. Concede a nós que somos ricos (em oferendas), Agni, amplas riquezas e força renomada; associado com os Rudras, com os Vasus, dá-nos, Agni Vaiśvānara, felicidade infinita.

Índice◄►Hino 6 (Wilson)

---

[1] [Veja a nota 6].

[2] [Assim chamadas não por causa da cor da pele, mas porque elas representam os poderes da escuridão contrários aos arianos. Veja a nota 8].

[3] Em uma passagem anterior, 1.63.7, *pūrave* ocorre como um epíteto de Sudās, aquele que enche ou satisfaz com oferendas; *Tridhātu*, é aqui interpretado *antarikṣam*.

[Veja 7.19.3, e compare com 7.18.13, no qual Indra apoia Sudās, o inimigo de Pūru].

[4] De acordo com Sāyaṇa, nas taças dedicadas aos dois deuses a libação é oferecida para Vāyu ou para Vaiśvānara; ou isso apode ser explicado: tu bebes ou secas a água como o vento.

521 - Hino 5. Agni (Griffith)[5]

1. Tragam a sua canção de louvor ao poderoso Agni, o mensageiro veloz da terra e do céu, Vaiśvānara, que, com aqueles que despertam,[6] tornou-se grande no colo de todos os Deuses Imortais.
2. Procurado nos céus, na terra Agni está estabelecido, líder dos rios, Touro das águas paradas.[7] Vaiśvānara, quando ele cresce em glória, brilha sobre as tribos de homens com luz e tesouros.
3. Por medo de ti fugiram as tribos de cor escura,[8] dispersas, abandonando suas posses, quando, brilhando, ó Vaiśvānara, para Pūru,[9] tu, Agni, acendeste e despedaçaste seus castelos.
4. Agni Vaiśvānara, a Terra e o Céu se submetem à tua jurisdição tripla.[10] Refulgente em teu brilho imperecível tu envolveste ambos os mundos com esplendor.
5. Agni, os cavalos fulvos,[11] relinchando alto, nossos hinos ressonantes que derramam óleo, te acompanham; Senhor das tribos, nosso Auriga de riquezas, Emblema dos dias, Vaiśvānara das manhãs.
6. Em ti, ó brilhante como Mitra, os Vasus colocaram o poder dos Asuras, porque eles amaram teu espírito. Tu expulsaste[12] os Dasyus de sua casa, ó Agni, e trouxeste ampla luz para iluminar o Ārya.
7. Nascido no céu mais elevado tu alcançaste em um momento, como o vento, o lugar onde os Deuses habitam. Tu, favorecendo a tua descendência, ruges alto quando dás vida às criaturas, Jātavedas.
8. Envia-nos aquela força, Vaiśvānara, envia, Agni, aquela força, ó Jātavedas, cheia de esplendor, com a qual, Deus Todo-Generoso, tu derramas riquezas, como fama extensa, sobre o homem que oferece.
9. Agni, concede aos nossos chefes e nobres aquela energia famosa, aquela riqueza que alimenta muitos. Concordante com os Vasus e os Rudras, Agni, Vaiśvānara, dá-nos proteção segura.

Índice◄►Hino 6 (Griffith)

---

[5] O hino é dirigido a Agni como Vaiśvānara, o Deus que está presente com, e beneficia, todos os homens arianos.
[6] Cuidado pelos sacerdotes. Segundo Sāyaṇa, 'associado com os Deuses despertos'.
[7] [Senhor das águas correntes e das águas acumuladas].
O significado de *stiyānām* é incerto. Talvez, como Ludwig sugere, plantas e arbustos sejam aludidos, os quais Agni como um touro nivela ao chão.
[8] De acordo com von Roth, os espíritos da escuridão.
[9] Ou, para o homem.
[10] No céu, no meio do ar, e na terra.
[11] Os hinos que correm para Agni como cavalos ansiosos. Ludwig traduz o *haritaḥ* do texto por 'amarelos dourados', qualificando 'hinos', isto é, hinos com libações de suco Soma amarelo.
[12] Compare com 1.117.21.

522 - Hino 6. Agni Vaiśvānara (Wilson)

(Sūkta VI)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 9. **1**. Eu saúdo o demolidor (de cidades), glorificando a excelência do vigoroso, o soberano universal, que é reverenciado por todos os homens; eu proclamo os seus feitos (que são) como os do poderoso Indra.[1]

2. Eles propiciam o sábio, o manifestador, o sustentador, o iluminador dos piedosos, o que dá felicidade, o soberano do céu e da terra; eu glorifico com hinos as obras antigas e poderosas de Agni, o demolidor de cidades.

3. Que Agni confunda totalmente aqueles Dasyus que não realizam ritos (sagrados), que são tagarelas de fala defeituosa, avaros, incrédulos, que não honram (Agni), não oferecendo sacrifícios; Agni, precedendo, degradou aqueles que não instituem cerimônias sagradas.

4. O principal dos líderes, pelos benefícios (dados a eles) tem guiado aqueles que (o) louvam através da escuridão acumulada (da noite);[2] eu glorifico aquele Agni, o inflexível senhor da riqueza, o domador de adversários.

5. O poderoso Agni, que por suas (armas) fatais frustrou os planos (dos Asuras),[3] que criou as auroras, as noivas do sol, tendo coagido os povos por sua força, fez deles os tributários de Nahuṣa.

6. Agni Vaiśvānara, de quem todos os homens se aproximam com oferendas piedosas, pedindo a sua graça para (obter felicidade), chegou ao excelente lugar (intermediário) entre seus pais, céu e terra.

7. O divino Agni Vaiśvānara removeu do firmamento as (trevas) envolventes ao nascer do sol;[4] ele as removeu do firmamento inferior da terra, do firmamento superior do céu.

Índice◄►Hino 7 (Wilson)

---

[1] *[Sāma-Veda,* 1.1.2.3.6, com variações].

[2] Ou: ele que ilumina pela manifestação da aurora aqueles que o louvam à noite.

[3] *Dehyo anamayad*, subjugou ou humilhou, é o sentido do verbo; o de *dehyah dehairupacita*, conectado com, ou corpos reunidos, não é tão óbvio; o escoliasta o interpreta como *āsurir vidyā*, o conhecimento ou ciências dos Asuras.

[4] *Ā samudrād avarād ā parasmād, diva ā pṛthivyāḥ;* ou pode ser do firmamento inferior, do mais alto, do céu, da terra.

522 - Hino 6. Agni (Griffith)

1. Louvor do Asura, Soberano imperial supremo, o Valoroso em quem o povo triunfará – eu louvo as façanhas dele que é tão forte quanto Indra, e louvando celebro o Destruidor de Fortalezas.[5]
2. Sábio, Símbolo, Alimento, Luz – eles o trazem da montanha,[6] o Soberano bem-aventurado do céu e da terra. Eu decoro com canções as ações poderosas que Agni, Destruidor de Fortes, fez outrora.
3. Os avaros tolos, desleais, de fala rude, sem crença ou sacrifício ou adoração – para muito, muito longe Agni afugentou aqueles Dasyus, e, no leste, desviou os ímpios para o oeste.[7]
4. Ele que trouxe para o leste,[8] o mais valoroso com sua bravura, as donzelas regozijantes na escuridão do oeste, esse Agni eu exalto, o Senhor das riquezas, inflexível domador de inimigos atacantes.
5. Ele que derrubou as muralhas com armas mortais, e deu as Manhãs para um Marido nobre,[9] Jovem Agni, que com força conquistadora subjugando as tribos de Nahuṣ[10] os fez trazerem seu tributo.
6. Sob cuja proteção todos os homens repousam por natureza, desejando desfrutar do seu favor benevolente – Agni Vaiśvānara no seio de seus pais encontrou o lugar mais seleto na terra e no céu.
7. Vaiśvānara o Deus, ao pôr-do-sol,[11] tomou para si tesouros ocultos profundamente; Agni os tirou da terra e do céu, do mar abaixo e do mar acima de nós.[12]

Índice◄►Hino 7 (Griffith)

---

[5] Demolidor dos castelos de nuvens dos demônios da seca, ou das fortalezas das tribos não arianas.
[6] Da nuvem, como relâmpago.
[7] Para a escuridão da noite.
['Os Paṇis (ou mesquinhos) insensatos, falsos, que falam injuriosamente, incrédulos, que não louvam e não adoram, esses Dasyus Agni afastou para longe. Foi ele quem primeiro tornou degradados os irreligiosos'. – Muir, *O. S. Texts*, II, p. 377].
[8] Trouxe de volta as luzes da aurora desaparecidas.
[9] O Sol, ou o próprio Agni.
[10] Ou, segundo von Roth, povos vizinhos.
[11] Agni se torna o representante do Sol, e na ausência dele dá luz e outras bênçãos ao homem.
[12] O oceano de ar.

523 - Hino 7. Agni (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus é Agni; a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 10. **1**. Eu propicio com oblações o divino, vigoroso Agni, rápido como um cavalo; que tu, conhecendo (os nossos desejos), sejas nosso mensageiro do sacrifício; ele, o consumidor de florestas, é reconhecido espontaneamente entre os deuses.

2. Vem, Agni, regozijando-te por teus próprios caminhos, satisfeito com a amizade dos deuses; rugindo com chamas fulminantes acima dos lugares altos da terra, ameaçando consumir todas as florestas,

3. O sacrifício está presente; a grama sagrada está espalhada; Agni louvado está satisfeito, e é o sacerdote ministrante invocando os pais desejados por todos de quem tu, honrado Agni, o mais jovem (dos deuses), nasces.

4. Homens sensatos geram prontamente no rito sagrado o guia (Agni), que (pode transportar) as (oblações) deles;[1] Agni, o senhor dos homens, o que dá alegria, o de fala doce, o celebrador de sacrifícios, foi estabelecido na residência das pessoas.

5. Investido (da função sacerdotal), o portador (de oblação), Agni, o sacerdote diretor, o sustentador (de todos), está estabelecido na casa do homem, ele a quem o céu e a terra enaltecem, e a quem, o desejado por todos, os sacerdotes ministrantes adoram.

6. Esses homens que oferecem encômio adequado (a Agni) nutrem o universo com iguarias; aquelas pessoas também que ouvem ansiosamente (o louvor dele) aumentam (a fartura do mundo), como fazem esses meus (associados), que são glorificadores desse (deus) verdadeiro.

7. Nós Vasiṣṭhas te imploramos, Agni, filho da força, o senhor dos tesouros, que tu dês alimentos rapidamente aos teus adoradores que são ricos (em oblações), e cuidem sempre de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 8 (Wilson)

---

[1] O texto tem apenas *ya eṣām,* que, deles; o comentador supre o resto.

523 - Hino 7. Agni (Griffith)

1. Eu envio justamente o seu Deus, o vitorioso Agni, como um corcel forte,[2] com a minha adoração. Arauto do sacrifício seja ele que conhece; ele chegou aos Deuses, ele mesmo, com movimento medido.[3]
2. Por caminhos que são teus vem para cá, Agni, alegre, deleitando-te com a aliança dos Deuses, fazendo as alturas da terra trovejarem com tua fúria, queimando com dentes ávidos as matas e as florestas.
3. A grama está espalhada; o sacrifício avança; adorado como Sacerdote, Agni é tornado propício, invocando cujas ambas as Mães[4] concessoras de bênçãos, o mais jovem! tu nasceste para nos ajudar.
4. Imediatamente os homens, os melhores deles por sabedoria, fizeram dele o líder no culto solene. Como Senhor nas casas dos homens Agni está estabelecido, o Santo, o alegre, o de fala doce.
5. Ele veio, portador escolhido, e está colocado no lar do homem,[5] Brahman, Agni, o Sustentador, ele a quem o Céu e a Terra enaltecem e fortalecem, a quem, Dador de todas as bênçãos, a Hotar adora.
6. Esses passaram todos em glória, que, os valorosos, fizeram com habilidade o hino de adoração;[6] que, ouvindo, promoveram o bem-estar das pessoas, e fixaram seus pensamentos nesse meu estatuto sagrado.[7]
7. Nós, os Vasiṣṭhas, agora te imploramos, Agni, ó Filho da Força, o Senhor da riqueza e dos tesouros. Tu trouxeste alimento para os cantores e os nobres. Ó Deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 8 (Griffith)

---

[2] Glorificado com meus louvores, como um cavalo que foi tratado e enfeitado. Ou, talvez, apenas, rápido como um cavalo.
[3] Ou, um corredor veloz. Sāyaṇa explica a palavra *mitadruḥ* nesse lugar como 'consumidor de árvores', mas em 4.6.5 como *parimitagatiḥ*, 'com movimento medido'.
[4] Céu e Terra.
[5] ['Na residência de um mortal'. – Muir, *O. S. Texts,* I, p. 249].
[6] ["Esses valorosos (Vasiṣṭhas), que fabricaram o hino habilmente, por sua energia realizaram todas as coisas (?)". – Muir. *O. S. Texts,* III, p. 236].
[7] Isto é, aparentemente, que cumprem devidamente a lei que ordena que adoremos Agni. "Que são glorificadores desse (deus) verdadeiro". – Wilson.

524 - Hino 8. Agni (Wilson)

(Sūkta VIII)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 11. **1**. O real (Agni), o mestre (do sacrifício), é aceso com louvores, ele cujo corpo é invocado com (oferendas de) manteiga, a quem os homens associados adoram com oblações, Agni, que é aceso antes do amanhecer.[1]

2. Esse formidável Agni é conhecido entre os homens como o invocador (dos deuses), o que dá alegria, o poderoso; ele tem espalhado luz (no firmamento), ele, o de trilha preta livre sobre a terra, é nutrido pelas plantas.

3. Por qual oblação, Agni, tu vestes o nosso louvor? Qual oferenda tu, quando glorificado, aceitas? Quando, dador de prosperidade, nós poderemos ser os possuidores e desfrutadores de riquezas perfeitas e não molestadas?

4. Esse Agni é muito celebrado pelo instituidor do rito[2] quando ele brilha resplandecente como o sol; ele que derrotou Pūru[3] em batalha, e brilhou glorioso como o convidado dos deuses.

5. Em ti, Agni, há muitas oferendas; sê propício com todas as tuas chamas; ouve favoravelmente (os louvores) do adorador; e que tu, de manifestação auspiciosa, sendo glorificado, amplies espontaneamente o (teu) corpo.

6. Vasiṣṭha, ilustre no céu e na terra,[4] rico com cem e mil (cabeças de gado), dirigiu esse hino a Agni, para que esse (louvor) concessor de fama, removedor de doenças, destruidor de demônios possa ser (o modo de obter) felicidade para o elogiador e seus parentes.

7.[5] Nós Vasiṣṭhas te imploramos, Agni, filho da força, o senhor dos tesouros, que tu dês alimentos rapidamente aos teus adoradores que são ricos (em oblações), e cuidem sempre de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 9 (Wilson)

---

[1] *Sāma-Veda,* I.70 [1.1.2.2.8].

[2] Mahīdhara, *Yajur [VS]*, 12.34, interpreta: ele ouve a invocação do adorador.

* [‘Mahīdhara, conforme o *Nigh.* III.18 (sacerdote), explica ‘bharata’ como alguém que traz (bhar) oferendas; e com Sāyaṇa, identifica Bharata com o Sacrificador’. – J. Eggeling, *Śatapatha Brāhmaṇa*, 6.8.1.14, (Sacred Books of the East, 41. p. 292)].

[3] [‘Pūru, por nome, era um Asura-Rākṣasa; a ele Agni derrotou em batalhas’. – *Id.*].

[4] Sāyaṇa propõe: eminente em sabedoria e devoção.

[5] O mesmo que o último verso do Sūkta anterior.

524 - Hino 8. Agni (Griffith)

1. O rei cuja face é decorada com óleo[6] é aceso com homenagem oferecida por seu servo fiel. Os homens, os sacerdotes, o adoram com oblações. Agni resplandece quando o amanhecer está irrompendo.
2. Sim, ele tem sido reconhecido como o mais poderoso, o Sacerdote alegre dos homens, o jovem Agni. Ele, se espalhando sobre a terra, fez a luz em torno dele, e cresceu entre as plantas com pinas enegrecidas.[7]
3. Como tu decoras nosso hino, ó Agni? Qual poder tu exerces quando és louvado? Quando, Deus Generoso, nós poderemos ser donos de riquezas, ganhadores de prosperidade preciosa que ninguém possa conquistar?
4. Célebre é esse Agni próprio do Bharata;[8] ele brilha como o Sol com esplendor sublime. Ele que venceu Pūru[9] em batalha, o convidado celeste, brilhou com refulgência plena.
5. Muitas oblações plenas são reunidas em ti; com todos os teus aspectos tu te tornaste benevolente. Tu já és famoso como elogiado e louvado, ainda assim, ó de nascimento nobre, aumenta o teu corpo.
6. Que essa minha canção, que ganha tesouro incontável,[10] seja gerada com força redobrada para Agni, para que, esplêndida, removedora de doenças, matadora de demônios, ela possa alegrar nosso amigo[11] e abençoar os cantores.
7. Nós, os Vasiṣṭhas, agora te imploramos, Agni, ó Filho da Força, o Senhor da riqueza e dos tesouros. Tu trouxeste alimento para os cantores e os nobres. Ó Deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 9 (Griffith)

---

[6] [Sobre cuja face ghee é oferecida].
[7] Deixando trilhas negras atrás dele.
[8] Vasiṣṭha, o Purohita dos Bharatas. [‘Esse Agni (o filho?) de Bharata é muito famoso’. – Muir].
["‘Muito, muito famoso é este Agni da (tribo) Bharata’, o Bharata [veja a nota 2*], sem dúvida, é Prajāpati, pois ele sustenta (bhar) todo este (universo)”. – *Śatapatha Brāhmaṇa*.].
[9] Os Pūrus, (uma das Cinco Tribos Arianas), que se opunha aos Bharatas. [Veja a nota 3].
[10] Literalmente, centenas, milhares.
[11] O instituidor do sacrifício.

525 - Hino 9. Agni (Wilson)

(Sūkta IX)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 12. **1**. O destruidor (de seres vivos), o invocador (dos deuses), o dador de alegria, o mais sábio dos sábios, o purificador (Agni), manifestou-se no colo da aurora; ele dá consciência a ambas as classes de seres (homens e animais), oblações aos deuses, e riqueza aos devotos.

2. Ele, o realizador de grandes feitos, que abriu à força as portas dos Paṇis, recuperando para nós o sagrado (rebanho de vacas) concessor de alimento, ele que é o invocador dos deuses, o que dá deleite, de espírito humilde, é visto por todas as pessoas dissipando as trevas das noites.

3. Não confundido, perspicaz, elevado, resplandecente, de direção certa, um amigo, um convidado, o concessor de prosperidade a nós, o maravilhosamente radiante, ele brilha diante das auroras, o embrião das águas, ele entrou nas plantas nascentes.

4. Tu, Agni, deves ser glorificado em (todas) as eras dos homens; tu, Jātavedas, que és ilustre quando envolvido em batalha; nossos louvores acordam o (Agni) que acende, ele que brilha com esplendor conspícuo.

5. Vai, Agni, à presença dos deuses em teu ofício de mensageiro, (enviado) pela assembleia empenhada em prece; não nos negligencies; oferece culto a Sarasvatī, aos Maruts, aos Aśvins, às águas, aos deuses universais, para que eles possam conferir tesouros (a nós).

6. Vasiṣṭha está te acendendo, Agni; destrói os malignos; adora o objeto de muitos ritos, (a companhia dos deuses), em nome do rico (instituidor do sacrifício), louva (os deuses), Jātavedas, com vários louvores, e cuidem sempre de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 10 (Wilson)

525 - Hino 9. Agni (Griffith)

1. Despertado de seu seio é o amado das Auroras,[1] o Sacerdote alegre, o mais sapiente, Purificador. Ele dá um sinal[2] tanto para os Deuses quanto para os mortais, para os Deuses oblações, riquezas para os piedosos.
2. O mais sábio é ele que, forçando as portas dos Paṇis, trouxe para nós o Sol brilhante que alimenta muitos. O sacerdote alegre, Amigo dos homens e companheiro do lar, através da escuridão imóvel da noite ele é tornado visível.
3. Sábio, nunca enganado, incircunscrito, refulgente, nosso convidado benevolente, um Amigo com bons atendentes, brilha com luz maravilhosa à frente das Manhãs; nas plantas jovens ele entrou, Filho das Águas.
4. Buscando as nossas reuniões, ele, o seu Jātavedas, tem brilhado adorável através das eras humanas, que cintila refulgente com seu brilho adorável; as vacas despertaram para encontrá-lo quando aceso.
5. Vai com tua mensagem aos Deuses, e, ó Agni, não falhes com o grupo daqueles que rezam e adoram. Traze todos os Deuses para que eles possam nos dar riquezas, Sarasvatī, os Maruts, Aśvins, Águas.
6. Vasiṣṭha, quando te acendendo, ó Agni, matou Jarūtha.[3] Dá-nos riqueza em abundância. Canta louvores em canto coral, ó Jātavedas. Ó Deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 10 (Griffith)

---

[1] Agni, como aceso ao amanhecer.
[2] Do sacrifício, que os homens devem oferecer e os Deuses devem receber.
[3] Veja 7.1.7, onde a destruição de Jarūtha é atribuída ao próprio Agni. Jarūtha, que Sāyaṇa diz ter sido um Rākṣasa ou demônio, provavelmente era um inimigo que foi morto em uma batalha na qual Vasiṣṭha estava presente como Purohita. – Ludwig.

526 - Hino 10. Agni (Wilson)

(Sūkta X)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 13. **1**. Agni, como o amante da Aurora (o sol), radiante, brilhante, resplandecente, exibe brilho vasto, o derramador (de benefícios), o recebedor (de oblações), ele brilha com esplendor, incentivando os ritos sagrados; ele desperta (a humanidade), que deseja (a presença dele).

2. Agni, que precede o amanhecer, é radiante de dia como o sol, e os sacerdotes que celebram o sacrifício repetem o seu louvor; o divino, magnânimo Agni, o mensageiro (dos deuses), consciente do nascimento deles, dirigindo-se aos deuses, corre em várias direções.

3. Louvores e hinos devotados, pedindo riquezas, vão para Agni, que é de aspecto agradável, de forma agradável, de movimentos graciosos, o portador de oblações, o soberano dos homens.

4. Consenciente com os Vasus, Agni, traze Indra aqui com os Rudras, a benevolente Aditi com os Ādityas, e Bṛhaspati, o desejado por todos, com os adoráveis (Aṅgirasas).

5. Os homens desejando-o celebram em sacrifícios o jovem Agni, o dador de alegria, o invocador dos deuses; ele, o soberano da noite, tem sido o enviado diligente dos opulentos (instituidores de sacrifícios) para o culto dos deuses.

Índice◄►Hino 11 (Wilson)

---

526 - Hino 10. Agni (Griffith)

1. Ele enviou, brilhante, radiante e refulgente, como Amante da Aurora,[1] o seu brilho que se espalha ao longe. Puro em seu esplendor brilha o Herói dourado; os nossos pensamentos ansiosos ele despertou e avivou.

2. Ele, como o Sol, brilha enquanto a Manhã está surgindo e os sacerdotes[2] que tecem o sacrifício cantam louvores; Agni, o Deus, que conhece as gerações deles e visita os Deuses, o mais generoso, enviado veloz.

3. As nossas canções e hinos sagrados avançam para Agni, buscando o Deus e pedindo-lhe riquezas, a ele belo de ver, de aspecto agradável, poderoso, mensageiro dos homens que leva as oblações deles.

4. Junto com os Vasus, Agni, traze Indra, traze aqui o poderoso Rudra com os Rudras, Aditi boa para todos os homens[3] com os Ādityas, e Bṛhaspati o Todo-Generoso, com os Cantores.[4]

5. Os homens rezam ansiosamente em sacrifícios para Agni, o Deus mais jovem, o Arauto alegre. Pois ele é o Senhor e Soberano das riquezas, e para o culto dos Deuses um enviado incansável.

Índice◄►Hino 11 (Griffith)

---

[1] Veja 1.69.1.
[2] Eu adoto a interpretação de Sāyaṇa dessa meia-linha.
[3] ['Aceitável para todos'. – Muir, *O. S. Texts*, IV, p. 313].
[4] Ou *Ṛkvans*, deuses que acompanham e cantam os louvores de algum Deus; 'os adoráveis (Aṅgirasas)'. – Wilson. [Muir traduz: 'e com os bardos (traze) Bṛhaspati o que concede todas as bênçãos'. *Id.*].

527 - Hino 11. Agni (Wilson)

(Sūkta XI)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 14. **1**. Tu és grandioso, Agni, o que manifesta a solenidade; sem ti os imortais não se regozijam; vem na mesma carruagem com todos os deuses; senta-te aqui, o primeiro, o sacerdote ministrante.
2. Os homens que oferecem oblações sempre pedem a ti o veloz (para realizar) o ofício de seu mensageiro, pois os dias são prósperos para aquele em cuja grama sagrada tu te sentas com os deuses.
3. Em ti, Agni, três vezes ao dia,[1] (os sacerdotes) manifestam os tesouros (da oblação) para o (benefício do) doador mortal; adora os deuses nessa ocasião, Agni, como (tu fizeste) para Manu; sê nosso mensageiro, nosso protetor contra a malignidade.
4. Agni preside o rito solene, toda oblação consagrada; os Vasus aprovam os seus atos; os deuses fizeram dele o portador da oferenda.
5. Agni, traze os deuses para comerem da oblação; que eles, de quem Indra é o chefe, fiquem satisfeitos nessa ocasião; leva esse sacrifício para os deuses no céu; e cuidem sempre de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 12 (Wilson)

---

527 - Hino 11. Agni (Griffith)

1. Tu és grandioso, Agni, Arauto do sacrifício; sem ti os Deuses imortais não são alegrados. Vem para cá com todas as divindades à tua volta; toma o teu lugar aqui, o primeiro, como Sacerdote, ó Agni.
2. Homens com oblações sempre suplicam a ti, o veloz, para cumprir o dever de um enviado. Aquele em cuja grama sagrada tu te sentas com os Deuses, para ele, ó Agni, os dias são propícios.
3. Três vezes por dia[2] em ti são mostrados os tesouros enviados para o mortal que oferece oblação. Traze os Deuses para cá como um homem,[3] ó Agni; sê nosso enviado, nos protegendo contra maldições.
4. O senhor do sacrifício sublime é Agni, Agni é o Senhor de todos os presentes oferecidos. Os Vasus ficaram satisfeitos com a sabedoria dele, então os deuses fizeram dele o seu portador de oblações.
5. Ó Agni, traze os Deuses para provarem os nossos presentes; com Indra liderando, que eles se alegrem aqui. Leva esse sacrifício aos Deuses no céu. Ó Deuses, sempre nos protejam com bênçãos.

Índice◄►Hino 12 (Griffith)

---

[1] *['Três vezes à noite.* Seguindo Sāyaṇa, Geldner considera que 'noite' significa aqui o dia todo, e, portanto, a referência é às três libações de Soma. Oldenberg se pergunta se poderia haver aqui uma referência a um rito Atirātra ou noturno'. – S. W. Jamison e J. P. Brereton, *The Rigveda, The Earliest Poetry of India,* 2014].
[2] Na libação da manhã, do meio-dia, e do anoitecer. Ou o significado pode ser, nos três receptáculos de fogo. [Veja a nota acima].
[3] Agindo como um sacerdote humano. Os comentadores explicam *manuṣvat* por 'como (no sacrifício) de Manu'.

528 - Hino 12. Agni (Wilson)

(Sūkta XII)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 15. **1**. Vamos nos aproximar com profunda reverência do mais novo (dos deuses), que brilha quando aceso em sua própria residência; que está brilhando extraordinariamente entre o céu e a terra, e, invocado devotadamente, está vindo de todos os quadrantes.[1]
2. Que esse Agni que por sua grandeza é o vencedor de todos os males, que é louvado como Jātavedas na câmara (sacrifical), proteja a nós, que o glorificamos, e afluentes (em oblações), de todo pecado e opróbrio.
3. Tu és Varuṇa, tu és Mitra, Agni; os Vasiṣṭhas te aumentam com louvores; que riquezas distribuídas liberalmente sejam (existentes) em ti; e sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 13 (Wilson)

528 - Hino 12. Agni (Griffith)

1. Nós nos aproximamos com grande reverência do Mais Jovem[2] que resplandeceu bem aceso em sua morada, com luz magnífica entre os vastos céu e terra, bem adorado, olhando para todas as direções.
2. Vencendo todos os infortúnios por meio do seu grande poder, louvado na casa é Agni Jātavedas. Que ele nos proteja da desgraça e dos problemas, tanto nós que o louvamos quanto os nossos nobres benfeitores.
3. Ó Agni, tu és Varuṇa e Mitra; os Vasiṣṭhas te enaltecem com seus hinos sagrados. Contigo que haja o mais abundante ganho de tesouros. Ó Deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 13 (Griffith)

[1] *Sāma-Veda,* II.654-656 [2.5.2.9.1-3].
[2] Agni, o mais jovem dos Deuses, por ser reproduzido continuamente.

529- Hino 13. Agni Vaiśvānara (Wilson)

(Sūkta XIII)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 16. **1**. Ofereçam louvor e culto a Agni, o iluminador de todos, o aceitante de ritos piedosos, o destruidor de Asuras; propiciando-o, eu agora ofereço a oblação na grama sagrada para Vaiśvānara, o realizador de desejos.
2. Tu, Agni, radiante com esplendor, enches (de luz) o céu e a terra assim que nasces; tu, Vaiśvānara, de quem riqueza provém, por teu poder libertaste os deuses dos (inimigos) malévolos.
3. Quando tu nasces, Agni, o senhor, o circundante, tu vigias todas as criaturas como um pastor o seu gado;[1] está disposto, Vaiśvānara, a recompensar o nosso louvor; e sempre nos nutram com bênçãos.

Índice◄►Hino 14 (Wilson)

---

529 - Hino 13. Agni (Griffith)

1. Tragam música e hino para Agni, matador de Asuras, iluminador de todos e concessor de pensamentos. Como uma oblação sobre a grama, para agradá-lo, eu trago este para Vaiśvānara, inspirador de hinos.
2. Tu com tua chama, ó Agni, brilhando intensamente, no teu nascimento repletaste a terra e o céu. Tu com teu poder, Vaiśvānara Jātavedas, libertaste os Deuses da maldição que os prendia.[2]
3. Agni, quando nasces tu olhas para todas as criaturas como um pastor ativo movendo-se em volta de seu gado. O caminho para a prece, Vaiśvānara, tu achaste. Ó Deuses, protejam-nos sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 14 (Griffith)

---

[1] *Vaiśvānara brahmaṇe vinda gātuṃ,* sabes, ou encontras, para ires de acordo com a prece ou louvor; o sentido não é muito evidente.
[2] Os Deuses parecem ter estado sujeitos às enfermidades da velhice até que Indra, ou, como dito aqui, Agni, os libertou. Veja 4.19.2.

530 - Hino 14. Agni (Wilson)

(Sūkta XIV)

O deus é Agni; a métrica do primeiro verso é Bṛhatī, dos outros dois, Triṣṭubh.

Varga 17. **1**. Vamos, carregados de oblações, oferecer adoração com combustível e invocações aos deuses para o divino Jātavedas, ao puramente brilhante Agni.
2. Que possamos realizar os teus ritos, Agni, com combustível; que possamos te oferecer, adorável Agni, elogios piedosos; que possamos (te satisfazer), ministrante do sacrifício, com manteiga clarificada; divino Agni, de brilho auspicioso, que possamos (te adorar) com oblações.
3. Vem ao nosso sacrifício, Agni, com os deuses, propiciado pela oblação santificada; que possamos ser os ofertantes (de culto) a ti que és divino; e sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 15 (Wilson)

---

530 - Hino 14. Agni (Griffith)

1. Com reverência e com presentes oferecidos sirvamos ao Deus cuja chama é brilhante; Vamos trazer combustível para Jātavedas, e adorar Agni quando invocamos os Deuses.
2. Agni, que possamos realizar os teus ritos com combustível, e te honrar, ó Santo, com louvores; honrar-te, Sacerdote do sacrifício! com manteiga, a ti, Deus de luz abençoada! com nossa oblação.
3. Vem, Agni, com os Deuses para a nossa invocação, vem, satisfeito, para as oferendas santificadas com Vaṣaṭ.[1] Que sejamos daquele que presta a ti, Deus, a devida honra. Ó Deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 15 (Griffith)

---

[1] *Vaṣaṭ* (que a leve aos Deuses), é a exclamação usada na hora de derramar o óleo sacrifical ou manteiga clarificada no fogo.

531 - Hino 15. Agni (Wilson)[1]

(Sūkta XV)

O deus como antes; a métrica é Gāyatrī.

Varga 18. **1**. Ofereçam a oblação ao presente Agni, o derramador de benefícios; derramem-na na boca dele que (tem) conosco o relacionamento mais próximo.
2. Que, jovem, sábio, o senhor da residência, mora com as cinco classes de homens em cada habitação.
3. Que ele defenda para nós a riqueza que foi adquirida, e nos proteja da maldade.[2]

4. Que Agni, a quem como a um falcão (veloz) no céu, eu dirijo este novo hino, nos conceda vasta riqueza.
5. De quem, brilhante na frente do sacrifício, as honras invejáveis devem ser vistas, como as riquezas de um homem que tem descendência masculina.
Varga 19. **6**. Que esse adorabilíssimo Agni, o portador de oblações, aceite a nossa oferenda, gratificado pelos nossos louvores.

7. Divino Agni, o acessível; senhor dos homens, o invocado por todos, nós te colocamos (sobre o altar), o resplandecente, o glorificado honradamente.[3]
8. Resplandece, Agni, noite e dia, para que por ti possamos ser possuidores de fogos sagrados; que tu, amigável para conosco, sejas louvado corretamente.
9. Homens sábios se aproximam de ti com ritos sagrados para a obtenção de riquezas;[4] (louvor) perpétuo, infinito, (é dirigido a ti).

10. Que o brilhante, radiante, imortal, puro, purificador, adorável Agni, mantenha longe os Rākṣasas.[5]
Varga 20. **11**. Filho da força, que és o Senhor (de todos), dá-nos riquezas, e que Bhaga nos dê prosperidade.
12. Agni, dá-nos alimento, junto com herdeiros homens, que os divinos Savitṛ, Bhaga e Diti[6] nos deem prosperidade.

13. Preserva-nos, Agni, do pecado; divino (Agni), que és livre da decadência, consome os (nossos) inimigos com as (tuas) chamas mais quentes.[7]
14. Que tu, que és irresistível, sejas para nós, para a proteção da nossa posteridade, como as vastas e amplas cidades de muralhas de ferro (dos Rākṣasas).
15. Imprejudicável Agni, dissipador de escuridão, nos protege dia e noite do pecado, e dos malévolos.

Índice◄►Hino 16 (Wilson)

---

[1] [Este hino se divide em cinco *tṛcas*].
[2] *Sāma-Veda,* II. 731 [2.6.2.1.3].
[3] *Suvīram* é aqui interpretado como 'o objeto de louvor auspicioso ou piedoso'. [*Sāma-Veda,* 1.1.1.3.6].
[4] O texto tem apenas *upākṣarā sahasriṇī*, imperecível, multiplicado por mil, próximo; o escoliasta supre o substantivo *vāk*, fala ou louvor, e o prefixo *upa* implica o verbo composto *upayāti*, se aproxima.
[5] [*Atharva*, 8.3.26].
[6] [Veja a nota 9].
[7] *Sāma-Veda,* I.24 [1.1.1.3.4].

531 - Hino 15. Agni (Griffith)

1. Ofereçam oblações na boca dele, o Deus generoso a quem devemos servir. Dele que é o parente mais próximo para nós;
2. Que por causa dos Cinco Povos se estabeleceu em todos os lares, Sábio, Jovem, Dono da Casa.
3. Por todos os lados que Agni proteja as pessoas e a propriedade da nossa família; que ele nos livre do infortúnio.

4. Eu gerei este novo hino para Agni, o Falcão do céu; ele não nos dará sua riqueza?
5. Cujas glórias quando ele brilha na frente do sacrifício são belas de ver, como a riqueza de alguém com filhos heróis.
6. Que ele desfrute deste presente sagrado, Agni aceita as nossas canções, que carrega oblações, o melhor dos adoradores.

7. O Senhor da Casa, a quem os homens devem procurar, nós te estabelecemos, ó adorado! Brilhante, rico em heróis, Agni! Deus!
8. Resplandece à noite e de manhã; através de ti com fogos nós somos bem providos. Tu, rico em heróis, és nosso Amigo.
9. Os homens se aproximam de ti em busca de ganho, os cantores com seus cânticos de louvor; a Fala,[8] multiplicada por mil, se aproxima de ti.

10. Brilhante, purificador, digno de louvor, Imortal de brilho refulgente, Agni afasta os Rākṣasas.
11. Como tal, traze-nos riqueza abundante, jovem Filho da Força, pois tu podes; que Bhaga nos dê o que é excelente.
12. Tu, Agni, dás fama de herói; Bhaga e Savitar o deus, e Diti[9] nos dão o que é bom.[10]

13. Agni, protege-nos do sofrimento; destrói nossos inimigos, ó Deus, eterno, com as tuas chamas mais quentes.
14. E, irresistível, sê uma poderosa fortaleza de ferro para nós, com centenas de paredes para a defesa do homem.
15. Preserva-nos, à noite e de manhã, da tristeza, dos homens maus, Infalível! dia e noite.

Índice◄►Hino 16 (Griffith)

---

[8] *Ákṣarā*, a imperecível, aqui a fala na forma de louvor e prece.
[9] Geralmente considerada o oposto de Aditi, que pode ter sido a palavra usada pelo poeta, mudada por recitadores posteriores, que consideraram a métrica irregular, para Diti. Veja *Vedic Hymns,* I. p. 256.
[Diti é tanto um termo masculino, significando um rei, quanto feminino, significando 'distribuição, generosidade', e pode ser tanto a doação personificada no fogo sacrifical quanto um dos filhos de Aditi, visto que aparece junto com os Ādityas. "Na literatura épica e purânica essa Diti tornou-se uma pessoa definida, uma das filhas de Dakṣa, a esposa de Kaśyapa, a mãe dos inimigos dos deuses, os Daityas". – *Id.*].
[10] ['Você, Agni, e os divinos Savitṛ e Bhaga, (concedem) fama com descendentes; e Diti concede o que é desejável'. – Muir, *O. S. Texts,* V, p. 43].

532 - Hino 16. Agni (Wilson)[1]

(Sūkta XVI)

O deus como antes; a métrica dos versos ímpares é Bṛhatī, dos pares, Satobṛhatī.

Varga 21. **1**. Eu invoco para vocês com este hino Agni, o filho da força, o bondoso, o mais conhecedor, o desobstruído.[2] O objeto adequado de ritos sagrados, o mensageiro de todos os imortais.
2. Que ele atrele os seus brilhantes (corcéis) protetores (ao seu carro), quando invocado fervorosamente; que ele se apresse (para trazer os deuses); que a riqueza sacrifical dos adoradores (vá até) aquele deus que é o que dá alimento abundante, o adorável, o fazedor de grandes proezas.[3]

3. O esplendor daquele derramador (de benefícios), repetidamente invocado, ergue-se, como a fumaça bruxuleante para o céu quando os homens acendem Agni.
4. Nós te constituímos nosso mensageiro renomadíssimo; traze os deuses para compartilharem (da oblação); concede a nós, filho da força, todas as bênçãos humanas; tudo o que te pedimos.

5. Agni desejado por todos, tu és o senhor da mansão; tu és o invocador dos deuses; tu és o sacerdote assistente;[4] oferece, tu que és sábio, (a oblação aos deuses), e compartilha (dela tu mesmo).[5]
6. Fazedor de boas ações, confere tesouro ao instituidor da solenidade, pois tu és o concessor de tesouros; inspira todos os sacerdotes em nosso sacrifício; (torna próspero aquele) que, oferecendo louvor digno, é próspero.[6]

Varga 22. **7**. Agni, devotadamente invocado, que sejam estimados por ti aqueles adoradores devotados que são generosos, opulentos, e concessores ao homem de rebanhos de gado.[7]
8. Concessor de força, Agni, protege do opressor e dos maldizentes aqueles em cuja residência Iḷā, de mãos de manteiga, se senta satisfeita,[8] e concede a nós felicidade renomada.

---

[1] [O hino é dividido em unidades *pragātha:* 'Duas estrofes misturadas em métricas diferentes são muitas vezes combinadas, o RV. contendo cerca de 250 dessas estrofes. Essa métrica estrófica duplamente mista, denominada Pragātha, é de dois tipos principais: 1. *Kākubha Pragātha:* é o tipo bem menos comum de estrofe, ocorrendo apenas pouco mais de cinquenta vezes no RV. Ela é formada pela combinação de uma estrofe Kakubh com uma Satobṛhatī. 2: *Bārhata Pragātha:* é uma estrofe comum, ocorrendo quase duzentas vezes no RV. Ela é formada pela combinação de uma estrofe Bṛhatī com uma Satobṛhatī'. – Macdonell, *A Vedic Grammar for Students* (1916), p. 446].

[2] *Aratiṃ gantāraṃ*, o que segue, ou *svāminaṃ*, senhor; Mahīdhara, *Yajur-Veda [VS],* 15.32 explica: que tem compreensão suficiente, ou o que nunca desiste da atividade; o verso ocorre também no *Sāma-Veda,* I.45 [1.1.1.5.1] e II.99 [2.1.2.13.1].

[3] Este e o precedente estão curiosamente misturados na questão de arranjo no *Yajur-Veda [VS]*, 15.32-34; também *Sāma-Veda*, II.100 [2.1.2.13.2]. A interpretação de Mahīdhara difere em alguns aspectos da de Sāyaṇa, especialmente no que se refere à última frase, Sāyaṇa a explica como no texto, mas ele propõe, também: que Agni, que atrela etc., fique atento à riqueza brilhante dos adoradores entre as riquezas. Mahīdhara, conectando-o com o anterior, traduz o conjunto: Agni vai rapidamente para onde a adoração dos Vasus, Rudras, e Ādityas é celebrada, e a riqueza sacrifical dos adoradores é oferecida.

[4] O Potṛ; ele tinha acabado de ser chamado de Hotṛ.

[5] *Sāma-Veda,* I.61 [1.1.2.1.7].

[6] *Suśaṃso yaśca dakṣate*, oferecendo bom louvor, pode indicar um filho ou o Hotṛ, de acordo com Sāyaṇa, que completa a frase assim: aumenta aquele que aumenta.

[7] *Yantāro ye maghavāno janānām ūrvān dayanta gonām* é interpretado por Mahīdhara: que aqueles que, entre os homens, são autocontrolados, opulentos e doadores de manteiga e oferendas; traduzindo *ūrvān annaviśeṣam purodāsādin*, e entendendo por *gonām* os produtos da vaca. *Yajur-Veda [VS]*, 33.14; também *Sāma-Veda,* I.38 [1.1.1.4.4].

[8] *Iḷā ghṛtahastā;* o nome é explicado, *anuarūpā havirlakṣaṇā devī*, uma deusa, a personificação do alimento, isto é, do alimento sacrificial, ou a oblação personificada.

9. O sapientíssimo Agni é o portador (de oblações), como a boca dos deuses com sua língua graciosa (de chama); traze riquezas, Agni, para os ricos (em sacrifícios), incentiva o doador da oblação.
10. O mais jovem (dos deuses), protege da injustiça com tuas proteções, (e recompensa) com numerosas cidades aqueles que, pelo desejo de fama extensa, concedem riquezas, abrangendo cavalos e tesouros.

11. O divino Agni, o que dá riqueza, deseja a concha plenamente cheia. Derramem (o conteúdo), e encham (o vaso),[9] e então o deus leva (as suas oblações aos deuses).
12. Os deuses fizeram do sábio (Agni) o sacerdote ministrante, e o portador do sacrifício. Agni dá ao homem, que realiza o rito prescrito e apresenta (a oferenda), riqueza com posteridade masculina virtuosa.[10]

Índice◄►Hino 17 (Wilson)

---

532 - Hino 16. Agni (Griffith)

1. Com este meu hino reverente eu chamo Agni para vocês, o Filho da Força, Estimado, o enviado mais sábio, servido com sacrifício nobre, mensageiro imortal de todos.
2. Seus dois cavalos vermelhos, sustentadores de todos, que ele atrele; que ele, bem adorado, os incite fortemente. Então o sacrifício tem boas preces e final feliz, e dádiva celeste de riqueza para os homens.

3. A chama dele o Generoso, o invocado por muitos, subiu, e suas nuvens de fumaça de cor vermelha alcançam e tocam o céu; os homens estão acendendo Agni bem.
4. De ti, o Mais Glorioso, nós fazemos nosso mensageiro. Traze os Deuses cá para o banquete. Dá-nos, ó Filho da Força, todos os alimentos que nutrem o homem; dá-nos aquilo pelo qual oramos a ti.

5. Tu, Agni, és o Senhor da Casa, nosso Arauto[11] no sacrifício. Senhor de todas as bênçãos, tu és o Purificador[12] e um sábio. Presta culto, e desfruta dos bens.
6. Dá riquezas ao sacrificador, ó sapientíssimo, pois tu és aquele que concede prosperidade. Inspira com zelo cada sacerdote nesse nosso rito solene; todos os que são hábeis em cantar louvor.

7. Ó Agni que és bem adorado, que os nossos príncipes sejam estimados por ti, os nossos patrocinadores ricos que são governadores de homens, que repartem, como presentes, seus estábulos de vacas.
8. Aqueles em cujo lar, com sua mão que carrega o óleo sagrado, Iḷā[13] se senta bem-satisfeita – os protege, Deus vitorioso, da difamação e de danos; dá-nos um refúgio muito famoso.

---

[9] *Udvā siñcadhvam upa vā pṛṇadhvam,* polvilhem e encham, é todo o texto, o escoliasta parece aplicar o primeiro ao recipiente, e o segundo a Agni. O significado é: ambos encham o vaso com o *dhruvagraha* e ofereçam o Soma para Agni. *Sāma-Veda,* I.55 [1.1.2.1.1] e II. 803 [2.7.1.10.1].
[10] *[Sāma-Veda,* 2.7.1.10.2].
[11] *Hotar*, ou sacerdote invocador.
[12] Potar, outro dos sacerdotes oficiantes.
[13] A Deusa que é considerada como o alimento sacrifical ou oblação personificada, [veja a nota 8].

9. Que tu, um Sacerdote de língua agradável, sapientíssimo, e muito próximo a nós, Agni, tragas riquezas para cá para os nossos chefes liberais, e aceleres o oferecimento dos nossos presentes.
10. Aqueles que conferem como recompensa riqueza abundante de cavalos, movidos pelo desejo de grande renome – os protege do infortúnio com teu auxílio salvador, ó Mais Jovem! com cem fortalezas.

11. O Deus que lhes dá prosperidade exige uma libação inteira derramada para ele. Despejem-na, então encham o vaso de novo; então o Deus presta atenção em vocês.
12. A ele os Deuses nomearam Sacerdote do sacrifício, portador de oblação, extremamente sábio. Agni dá riqueza e valor ao adorador, ao povo que oferece seus presentes.

Índice◄►Hino 17 (Griffith)

---

533 - Hino 17. Agni (Wilson)[1]

(Sūkta XVII)

O deus é como antes; a métrica é Triṣṭubh, em meias-estrofes (Dvipadā Triṣṭubh).

Varga 23. **1**. Acende-te, Agni, com combustível adequado; que o (sacerdote) espalhe a grama sagrada abundante.
2. Que as portas desejosas[2] (da câmara de sacrifício) sejam abertas; traze os deuses desejosos.
3. Agni Jātavedas, vai até os deuses, os adora com a oblação, os torna satisfeitos pelo sacrifício.
4. Que Jātavedas torne os deuses imortais satisfeitos pelo sacrifício; que ele sacrifique (para eles), e os satisfaça (com louvor).
5. Dá-nos, sábio Agni, todas as (riquezas) desejáveis; que as bênçãos (concedidas) a nós neste dia sejam sacrificadas.[3]
6. Os deuses fizeram de ti, Agni, que és o filho da força, o portador da oblação.
7. Que possamos ser os oferecedores (de oferendas) a ti que és divino; e concede-nos, tu, o poderoso, sendo solicitado, tesouros.

Índice◄►Hino 18 (Wilson)

---

[1] [Oldenberg afirma que este hino, o último dos hinos de Agni do Livro 7, é uma adição à coleção original].
[2] [Veja a nota 4].
[3] ['Que as preces que rezamos hoje sejam frutíferas'. – Griffith. Isto é, que os nossos desejos se realizem].

533 - Hino 17. Agni (Griffith)

1. Agni, sê bem aceso com combustível adequado, e que a grama seja espalhada amplamente em volta de ti.
2. Que os Portais impacientes[4] sejam abertos; traze os Deuses impacientes para virem para cá.
3. Prova, Agni; serve aos Deuses com a nossa oblação. Oferece bons sacrifícios, Jātavedas!
4. Que Jātavedas preste bons sacrifícios, adoração, e satisfaça os Deuses imortais.
5. Deus sábio, obtém para nós coisas que sejam totalmente agradáveis, e que as preces que rezamos hoje sejam frutíferas.
6. De ti, de ti mesmo, o Filho da Força, ó Agni, aqueles Deuses[5] fizeram o portador de oferendas.
7. A ti o Deus que possamos realizar o nosso culto; rogado, concede-nos riquezas abundantes.

Índice◄►Hino 18 (Griffith)

---

[4] As portas da câmara sacrifical que anseiam para ter a sua parte na cerimônia sagrada.
[5] Os Deuses famosos.

534 - Hino 18. Indra (Wilson)

Dāśarājña - A Batalha dos Dez Reis[1]

(Anuvāka 2. Sūkta I)

O deus é Indra, [os quatro versos finais (22-25) sendo uma dānastuti (louvor à generosidade) de Sudās Paijavana]; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 24. **1**. Os nossos antepassados, Indra, glorificando-te, obtiveram todas as (riquezas) desejáveis; em teu presente[2] há vacas fáceis de serem ordenhadas, e cavalos, e tu és o doador generoso de riqueza para o devoto.
2. Tu vives com tuas glórias como um Rājā com suas esposas; Maghavan, que és sábio e experiente, (recompensa os nossos) louvores com metais preciosos,[3] com vacas, com cavalos; leva-nos, nós que somos dependentes de ti, às riquezas.
3. Esses hinos gratificantes e piedosos, êmulos (em zelo), são dirigidos nessa ocasião a ti; que o caminho das tuas riquezas leve para baixo;[4] que nós, Indra, (diligentes) em teu louvor, desfrutemos de felicidade.
4. Desejoso de te ordenhar como uma vaca leiteria no pasto, Vasiṣṭha soltou suas preces para ti; cada um do meu povo te proclama o senhor do gado: que Indra esteja presente em nossos louvores.
5. O adorável Indra tornou as conhecidas águas profundas (do Paruṣṇī) vadeáveis para Sudās, e converteu a veemente maldição despertadora do sacrificador na calúnia dos rios.[5]
Varga 25. **6**. Turvaśa, que era precedente (em ritos solenes), diligente em sacrifício, (foi até Sudās) em busca de riquezas; mas como peixes[6] restritos (ao elemento de água), os Bhṛgus e Druhyus os atacaram rapidamente; desses dois que iam a todos os lugares, o amigo (de Sudās, Indra) salvou seu amigo.
7. Aqueles que preparam a oblação, aqueles que pronunciam palavras auspiciosas, aqueles que se abstêm de penitência, aqueles que portam chifres (em suas mãos), aqueles que dão felicidade (ao mundo pelo sacrifício),[7] glorificam aquele Indra que recuperou o gado do Ārya dos saqueadores, que matou os inimigos em batalha.
8. Os mal-intencionados e estúpidos (inimigos de Sudās), cruzando o humilde rio Paruṣṇī, derrubaram suas margens; mas ele por sua grandeza permeia a terra, e Kavi, o filho de Cayamāna, como uma vítima, dorme (na morte).[8]

---

[1] [Ou: 'a luta com os dez reis'; veja também 7.33.3,5 e 7.83.4-8].
[2] Literalmente, em ti, *tve, tvayi.*
[3] *Piśā*, prata ou ouro, e semelhantes; *rupeṇa hiraṇyādinā vā,* ou *rūpa* pode significar beleza.
[4] [Que seja fácil de ser percorrido].
[5] *Śardhantaṃ śimyum ucathasya śāpaṃ sindhūnām akṛṇod aśastīḥ* é explicado, ele fez da empenhada maldição despertadora do louvador as imprecações dos rios; talvez alguma lenda seja aludida, mas não é detalhada; a única outra explicação fornecida por Sāyaṇa é: a maldição sobre ele (Indra) teve seu nascimento em Viśvarūpa; veja 6.61.3, nota 6.
[6] A lenda, como ela é, é contada de modo muito obscuro: como Indra salvou um dos dois, Sudās, Sāyaṇa infere que ele matou o outro, *turvaśam avadhīt*, mas porque não aparece; nem isso se deduz de outra tradução proposta, compreendendo por *matsyāso niśitā*, não peixes limitados à água, mas o povo do país Matsya atacado por Turvaśa; além disso, a expressão *śruṣṭiṃ cakrur*, como aplicada aos Bhṛgus, é interpretada de um modo que faz dos Bhṛgus e Druhyus aliados de Turvaśa.
[7] Os termos assim interpretados são respectivamente, segundo o comentador, denominações de pessoas que ajudam em ritos religiosos: 1. *Pakthāso*, cozinheiros da manteiga oferecida em oblação; 2. *Bhalānaso*, os que falam o que é auspicioso; 3. *Alināso*, não eminentes por austeridades; 4. *Viṣāṇinaḥ*, que levam chifres pretos nas mãos para raspar *kandūyanārtham*, o mesmo que *dikṣitāḥ*, tendo sido submetidos à purificação preliminar chamada *dīkṣā;* e 5. *Śivāsaḥ*, os que fazem felizes todas as pessoas por meio de sacrifícios e similares.
[8] Morto por Sudās, cuja aplicação desses incidentes é totalmente a obra do escoliasta.

9. As águas seguiram seu curso regular para a Paruṣṇī e não (vagaram) além dela; o corcel veloz (do rei) chegou aos lugares acessíveis, e Indra tornou os inimigos de conversa inútil, com sua progênie numerosa, sujeitos entre os homens (a Sudās).[9]
10. Eles que montam em gado multicor, (os Maruts), despachados por Pṛśni, e recordando o compromisso feito por eles com seu amigo (Indra), vieram como gado do pasto, quando deixados sem um pastor; os exultantes cavalos Niyut os trouxeram rapidamente (contra o inimigo).
Varga 26. **11**. O herói Indra criou os Maruts (para ajudar o Rājā), que, ambicioso de fama, matou vinte e um dos homens nas duas margens (do Paruṣṇī), como um sacerdote atento corta a grama sagrada na câmara de sacrifício.
12. Tu, o portador do raio, afogaste Śruta, Kavaṣa, Vṛddha, e depois Druhyu, nas águas; pois aqueles, Indra, que são dedicados a ti, e te glorificam, preferindo a tua amizade, desfrutam dela.
13. Indra, com seu poder, destruiu rapidamente todas as fortalezas deles, e os seus sete (tipos de) cidades.[10] Ele deu a morada do filho de Anu para Tṛtsu; que nós, (por propiciarmos Indra), vençamos em batalha o homem que fala mal.[11]
14. Os guerreiros dos Anus e Druhyus, pretendendo (levar o) gado, (hostis) ao piedoso (Sudās), pereceram no total de sessenta e seis mil seiscentos e sessenta;[12] esses são todos os atos gloriosos de Indra.
15. Esses Tṛtsus hostis, lutando ignorantemente com Indra, fugiram, derrotados tão rapidamente quanto os rios em um curso descendente, e sendo derrotados, abandonaram todas as suas posses para Sudās.
Varga 27. **16**. Indra dispersou sobre a terra o rival hostil do herói (Sudās), o sênior de Indra, o apropriador da oblação; Indra frustrou a ira do inimigo furioso, e o (inimigo) que avançava no caminho (contra Sudās) tomou o caminho da fuga.
17. Indra efetuou uma valiosa (doação) por meio de um indigente; ele matou um velho leão por meio de um bode; ele cortou os cantos do poste sacrifical com uma agulha;[13] ele deu todos os despojos (do inimigo) para Sudās.
18. Teus numerosos inimigos, Indra, foram reduzidos à sujeição; efetua em algum momento ou outro a subjugação do turbulento Bheda,[14] que considera os homens que te louvam como culpados de maldade; lança, Indra, o teu raio afiado contra ele.
19. Os moradores do Yamunā e os Tṛtsus glorificaram Indra quando ele matou Bheda em batalha; os Ajas, os Śighrus, os Yakṣas, ofereceram a ele como um sacrifício as cabeças dos cavalos (mortos no combate).[15]
20. Os teus favores, Indra, e as tuas bênçãos, velhas ou novas, não podem ser contadas como as auroras (recorrentes); tu mataste Devaka, o filho de Manyamāna,[16] e por vontade própria derrubaste Śambara da vasta (montanha).

---

[9] É dito que Indra foi às margens do rio para que as águas fossem para o seu objetivo, isto é, seu antigo leito, não abaixo ou além dele.
[10] *Puraḥ sapta* seria, mais propriamente, sete cidades; mas Sāyaṇa interpreta *nagarīḥ sapta prakārāḥ;* talvez o último deva ser *prākārah*, de sete muralhas.
[11] *Jeṣma pūruṃ manuṣyam mṛdhravācam*, que nós tivemos antes no mesmo sentido de falar imperfeitamente ou barbaramente; Sāyaṇa aqui interpreta *bādhavācam*, que é bastante questionável, mas pode significar ameaçador, cuja fala é obstrutiva ou adversa.
[12] A enumeração é expressa muito obscuramente, *ṣaṣṭiḥ śatā ṣaṭ sahasrā ṣaṣṭir adhi ṣaḍ*, literalmente, sessenta centenas, seis milhares, sessenta, com mais seis; Sāyaṇa entende por *śatāni*, milhares, *sahasrānītyartham*.
[13] Sāyaṇa diz, esses três atos impossíveis são especificados como ilustrações do poder extraordinário de Indra, para quem eles são possíveis.
[14] Bheda, que quebra ou separa, pode significar, diz Sāyaṇa, um descrente, *nāstika;* ou pode ser o nome de um inimigo de Sudās.
[15] *Baliṃ śīrṣāṇi jabhrur aśvyāni* pode significar também, segundo o escoliasta: eles ofereceram os melhores cavalos levados; mas *bali* geralmente significa um sacrifício.

Varga 28. **21**. Parāśara, o destruidor de centenas[17] (de Rākṣasas), e Vasiṣṭha, eles que, devotados a ti, te glorificaram em cada habitação, não negligenciam a amizade de ti (seu) benfeitor, portanto, dias prósperos raiam sobre os piedosos.
22.[18] Louvando a generosidade de Sudās, o neto de Devavat,[19] o filho de Pijavana, o doador de duzentas vacas, e de dois carros com duas esposas, eu, digno (do presente), te circungiro, Agni, como o sacerdote ministrante na câmara (de sacrifício).
23. Quatro (cavalos), de arreios dourados, seguindo firmemente em uma estrada difícil, célebres na terra, os presentes excelentes e aceitáveis (feitos) a mim por Sudās,[20] o filho de Pijavana, me levam como um filho (para obter) alimentos e progênie.
24. Os sete mundos[21] louvam (Sudās) como se ele fosse Indra; ele cuja fama (se espalha) pelos vastos céu e terra; que, generoso, tem distribuído (riqueza) para cada pessoa eminente, e (por quem) os (rios) correntes destruíram Yudhyāmadhi em guerra.
25. Maruts, líderes (de ritos), acompanhem esse (príncipe) como vocês fizeram com Divodāsa, o pai de Sudās; favoreçam as preces do filho devoto de Pijavana, e que a força dele seja intacta, imperecível.

Índice◄►Hino 19 (Wilson)

---

[16] *[Devaka mānyamāna:* "'Descendente de Manyamāna', aparece no Ṛgveda como um adversário dos Tṛtsus, e como conectado com Śambara. Possivelmente, no entanto, como sugere Grassmann, as palavras devem ser entendidas como denotando Śambara, que se considerava um deus, *devaka* sendo usado com desprezo". – *Vedic Index of Names and Subjects*].
[17] Śatayātu, ou seja, Śakti, o filho de Vasiṣṭha, o pai de Parāśara.
[18] [Os quatro versos finais são uma *dānastuti* (louvor à generosidade), elogiando os presentes de Sudās para o poeta, terminando (v. 25) por confiar Sudās à proteção dos Maruts].
[19] ['Sāyaṇa diz que Devavat é um nome próprio. Ele pode ser o mesmo que Divodāsa no verso 25. Ou Divodāsa pode ser o pai, e Pijavana e Devavat entre os antepassados de Sudās. No *Viṣṇu Purāṇa* [cap. 4.4, pág. 299 da tradução em português de 2012], é dito que Sarvakāma era o pai e Ṛtuparna o avô de Sudāsa, na página [348 da mesma tradução] é mencionado um Sudāsa que era filho de Cyavana, neto de Mitrayu e bisneto de Divodāsa'. – Muir, *O. S. Texts,* I, p. 322].
[20] *Smaddiṣṭayaḥ*, um epíteto de *aśvaḥ*, subentendido, é explicado: sendo ou tendo parte de uma doação feita na convicção de presentear o que é excelente.
[21] [Sete *rios* nas outras versões. Veja a nota 63].

534 - Hino 18. Indra (Griffith)[22]

1. Tudo é contigo, ó Indra, todos os tesouros que os nossos antepassados que cantavam teus louvores ganharam antigamente. Contigo há vacas leiteiras boas de ordenhar, e cavalos; tu o melhor ganhador de riquezas para os piedosos.
2. Pois tu vives como um rei entre suas esposas; cerca-nos de glórias, como um Sábio, e nos ajuda. Nos torna, teus servos, fortes por riqueza, e honra as nossas canções com vacas e cavalos e decoração.
3. Aqui esses nossos hinos sagrados com júbilo e alegria em emulação piedosa se aproximam de ti. Para cá vem o teu caminho que leva às riquezas; que encontremos refúgio em tua graça, Indra.
4. Vasiṣṭha[23] derramou suas preces, desejando te ordenhar[24] como uma vaca em bom pasto. Todo esse meu povo chama a ti o Senhor do gado; que Indra venha para a prece que oferecemos.
5.[25] Embora as águas se espalhassem amplamente, Indra as tornou rasas e fáceis para Sudās atravessar. Ele, digno dos nossos louvores, fez o Śimyu, inimigo do nosso hino, amaldiçoar a fúria dos rios.
6. Ávido por despojos era Turvaśa Purodhas,[26] desejoso de ganhar riqueza, como peixes[27] incitados pela fome. Os Bhṛgus e os Druhyus[28] ouviram rapidamente; amigo resgatou amigo em meio aos dois povos distantes.
7. Junto vieram os Pakthas, os Bhalānas,[29] os Alinas, os Śivas, os Viṣānins.[30] No entanto, para os Tṛtsus veio o Companheiro do Ārya,[31] por amor aos despojos e à guerra de heróis, para guiá-los.
8. Tolos, ávidos em sua insensatez para enfraquecer as águas dela,[32] eles dividiram a inesgotável Paruṣṇī. Senhor da Terra, ele os reprimiu com sua força; jazem imóveis o rebanho e o pastor atemorizados.[33]
9. Como para sua meta eles aceleraram para a sua destruição; eles procuraram Paruṣṇī; nem os velozes retornaram. Indra abandonou, para Sudās o valoroso, os inimigos que fugiam rapidamente, tagarelas covardes.

---

[22] O hino glorifica Indra como o protetor de Sudās, o rei dos Tṛtsus, e louva a generosidade desse príncipe. *Veja Vedic India* (Story of Nation Series) p. 319-332. [Veja um trecho traduzido em 3.53 nota 45].
[23] O Ṛṣi do hino e o sumo sacerdote que tinha acompanhado a expedição militar de Sudās.
[24] Obter riquezas através da tua graça por meio do meu hino, como homens ordenham a vaca em sacrifício em busca do leite que é necessário para as libações.
[25] O poeta começa a narrar os eventos da expedição vitoriosa de Sudās. Esses não são sempre inteligíveis parcialmente por causa da fraseologia obscura utilizada, e parcialmente por causa da nossa ignorância dos detalhes que são citados vagamente. Nessa estrofe Sudās, rei ou chefe da tribo Tṛtsu, atravessou, com a ajuda de Indra, um rio fundo, (o Paruṣṇī que agora é chamado de Rāvī) e pôs os Śimyus em fuga, alguns dos fugitivos sendo afogados na água. Os Śimyus são mencionados junto com os Dasyus, em 1.100.18, como bárbaros hostis mortos por Indra. A segunda metade da estrofe é difícil, o significado de duas das palavras sendo incerto.
[26] *[Turvaśa Yakṣu:* o 'sacrificador']. Turvaśa aparece aqui como um dos inimigos de Sudās. Eu sigo, com muita hesitação, Ludwig ao considerar Purodhas como um apelativo de Turvaśa; 'Turvaśa, que era precedente (em ritos solenes)'. – Wilson.
[27] Segundo outros, os Matsyas, um povo.
[28] Aqui, aparentemente, aliados de Turvaśa.
[29] [Bhalānases].
[30] Os Pakthas e os outros mencionados na primeira linha da estrofe parecem ser tribos não arianas hostis aos Tṛtsus. Segundo o comentador esses nomes são as denominações de vários ministros em ritos religiosos, e Wilson traduz a estrofe seguindo essa interpretação. [Veja a tradução dele].
[31] Indra, o aliado de Tṛtsu contra a confederação não-ariana.
[32] [Do rio feminino Paruṣṇī].
[33] Os confederados, que estavam na margem direita ou mais distante do Paruṣṇī, pretendendo atacar Sudās e os Tṛtsus, parecem ter tentado tornar o rio vadeável por cavar canais e assim desviar a água, que, parece, correu de volta para o seu leito natural e afogou os homens que estavam atravessando o rio. A segunda linha da estrofe é obscura e a tradução é conjetural. [Veja a versão por Wilson]. O rebanho e o pastor são, naturalmente, o grupo hostil e seu líder.

10. Eles foram[34] como vacas não pastoreadas do pasto, cada um agarrado a um amigo como o acaso mandava. Eles que conduzem corcéis pintalgados, enviados por Pṛśni, compareceram, os Guerreiros e os cavalos atrelados.[35]
11. O Rei que dispersou vinte e um povos[36] de ambas as tribos Vaikarṇa[37] por desejo de glória – como o sacerdote hábil corta grama[38] dentro da câmara, assim o herói Indra causou a queda deles.
12. Tu, armado de trovão, submergiste nas águas o famoso antigo Kavaṣa[39] e então o Druhyu. Outros aqui[40] reivindicando amizade por sua amizade, devotados a ti, contigo se alegraram.
13. Indra demoliu imediatamente com poder conquistador todos os seus lugares fortes e os seus sete castelos. Os bens do filho de Anu ele deu para Tṛtsu.[41] Que nós em sacrifício vençamos o zombador Pūru.
14. Os Anavas[42] e os Druhyus, buscando despojos, dormiram, os seiscentos,[43] sim, seis mil, e sessenta e seis heróis. Para os devotos todas essas façanhas poderosas foram feitas por Indra.
15. Esses Tṛtsus sob a orientação cuidadosa de Indra vieram correndo como águas soltas precipitando-se para baixo. Os inimigos, medindo extremamente de perto,[44] abandonaram para Sudās todas as suas provisões.
16. O lado do herói[45] que bebia a oblação preparada, negador de Indra, ele dispersou ao longe sobre a terra. Indra derrotou a fúria do destruidor feroz. Ele deu-lhes várias estradas,[46] o Controlador do caminho.
17. Mesmo com os fracos ele fez essa façanha incomparável; mesmo com um bode[47] ele causou a morte de um leão. Ele aparou os cantos da coluna com uma agulha. Assim para Sudās Indra deu todas as provisões.
18. A ti todos os teus inimigos se submeteram; até o feroz Bheda[48] tu tornaste teu súdito. Lança o teu raio afiado, ó Indra, sobre aquele que prejudica os homens que cantam os teus louvores.
19. Yamunā[49] e os Tṛtsus auxiliaram Indra. Lá ele despojou Bheda de todos os seus tesouros. Os Ajas e os Śigrus e os Yakṣus[50] trouxeram cabeças de cavalos para ele como tributo.[51]

---

[34] Os fugitivos que escaparam se afogando.
[35] Os Maruts, enviados por sua mãe Pṛśni para ajudar Sudās.
[36] Ou casas, isto é, famílias.
[37] Talvez alguns aliados dos Druyus, mas o significado de *vaikarṇayoḥ* é incerto. Veja Zimmer, *Altindisches Leben*, p. 103. Ludwig acha que a referência é a uma batalha mítica em algum lugar chamado Vaikarṇau entre Indra (o Rei) e os Maruts (os vinte e um povos).
[38] Com um corte preciso.
[39] Talvez o sacerdote de uma das duas tribos Vaikarṇa que Zimmer está inclinado a identificar com os Kuru-Krivis. Veja *Altindisches Leben,* p. 127.
[40] 'Pois aqueles, Indra, que são dedicados a ti, e te glorificam, preferindo a tua amizade, desfrutam dela'. – Wilson. O sentido exato é incerto.
[41] Para Sudās, o rei dos Tṛtsus.
[42] Os homens da tribo de Anu.
[43] [Veja a nota 12]. 'Sessenta e seis mil seiscentos e seis'. Ludwig sugere que *daśā* deve ser lido em vez de *śatā*, o que faria o número 6666. Veja Benfey, *Vedica und Linguistica,* p. 139-162.
[44] Embora tomando grande cuidado com seus bens os abandonando relutantemente.
[45] O partido do líder hostil, os não-arianos que negavam Indra e eles mesmos devoravam as oblações que deveriam ser oferecidas a ele.
[46] Os fez fugirem em todas as direções.
[47] Feitos impossíveis citados como ilustrações do poder miraculoso de Indra.
[48] Um inimigo de Sudās, ou um incrédulo, diz Sāyaṇa.
[49] O Jumna. Mas não é fácil de ver como a expedição chegou tão longe.
[50] Os Ajas, Śigrus e Yakṣus talvez estivessem sujeitos a Bheda, mas nada é conhecido a respeito deles.
[51] Que tinham sido mortos em batalha.

20. Para não serem desprezadas, mas como as Auroras[52] passadas e recentes, ó Indra, são as tuas graças e as tuas riquezas. Devaka,[53] o filho de Manyamāna, tu mataste, e atingiste[54] Śambara da montanha alta.
21. Eles que, a partir de casa, têm te alegrado,[55] teus servos Parāśara,[56] Vasiṣṭha, Śatayātu,[57] não se esquecerão da tua amizade, Doador generoso. Assim os dias amanhecerão prósperos para os príncipes.
22.[58] Como Sacerdote, com louvor, eu me movo ao redor do altar,[59] ganhando a recompensa de Paijavana,[60] ó Agni, duzentas vacas do descendente de Devavān,[61] duas carruagens de Sudās com éguas para puxá-los.
23. Presente de Paijavana, quatro cavalos me levam em lugar principal, cavalos treinados com pérolas para enfeitá-los. Corcéis castanhos de Sudās, pisando firmemente, levam a mim e meu filho para progênie e glória.[62]
24. A ele cuja fama se espalha amplamente entre a terra e o céu, que, como distribuidor, dá a cada chefe a sua parte, Sete Rios correntes glorificam[63] como Indra.[64] Ele matou Yudhyāmadhi[65] em combate severo.
25. Acompanhem-no, ó Maruts[66] heroicos, como o pai de Sudās Divodāsa. Favoreçam o desejo de Paijavana com predileção. Guardem fielmente o seu domínio firmemente duradouro.[67]

Índice◄►Hino 19 (Griffith)

---

[52] Renovadas a cada dia.
[53] Não mencionado em outro lugar. De acordo com Grassmann *devakaṃ mānyamānaṃ* se refere a Śambara, 'se achando um Deus'.
[54] [*Derrubaste*. – Wilson].
[55] ['Eles que por indiferença deixaram seu lar'. – Muir, *O. S. Texts,* I, p. 322].
[56] Uma autoridade [Nir. vi.30] diz que Parāśara era o filho [nascido em sua velhice], outra [Roth s.v.] que ele era o neto [filho de Śakti], do Ṛṣi Vasiṣṭha.
[57] Dito ser Śakti, filho de Vasiṣṭha.
[58] Aqui começa a *dānastuti* ou louvor à generosidade do príncipe.
[59] ['Ao redor da *casa'*. – Muir].
[60] Sudās, descendente de Pijavana.
[61] Sudās, Devavān sendo o mesmo que Divodāsa, o pai de Sudās, ou um dos antepassados dele. [Veja a nota 19].
[62] ['Me levam seguramente para a fama de geração em geração'. – Muir].
[63] Os sete principais rios do Panjāb o glorificam como ele glorifica Indra. 'Os Sete Rios levam a glória dele por toda parte' (1.102.2). ['Esses rios são, como explica Roth, as correntes libertadas por Indra do poder de Vṛtra. – Muir].
[64] [Muir traduz: 'Aquele doador, cuja fama permeia ambos os mundos, distribuiu presentes a todas as pessoas. Elas o louvam como os sete rios louvam Indra'].
[65] Não mencionado em outro lugar.
[66] Aqui, talvez, os Maghavans ou nobres ricos sejam aludidos, que têm a mesma relação com Sudās que os Maruts com Indra.
[67] [Muir traduz: 'Favoreçam a ele (Sudās), ó Maruts heroicos, como vocês fizeram com Divodāsa o pai (antepassado) de Sudās; realizem o desejo do filho de Pijavana (por concederem a ele) poder imperecível, imorredouro, digno de reverência (?)'].

535 - Hino 19. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 29. **1**. Indra, que é formidável como um touro de chifres afiados, expulsa sozinho todos os homens (dos seus lugares); tu és o (despojador) da ampla riqueza daquele que não faz oferendas, és o dador riquezas para o oferecedor de oblações frequentes.
2. Ajudando-o com teu corpo, Indra, tu defendeste Kutsa em combate quando subjugaste Dāsa, Śuṣṇa e Kuyava, dando (os seus espólios) para aquele filho de Arjunī.
3. Intrépido (Indra), tu protegeste com todas as tuas proteções Sudās, o ofertante de oblações; tu protegeste em batalhas com inimigos pela posse de terra Trasadasyu, filho de Purukutsa, e Pūru.
4. Tu, o senhor dos cavalos, que és honrado pelos homens, destruíste, junto com os Maruts, numerosos inimigos no sacrifício aos deuses; tu colocaste para dormir com o raio os Dasyus, Curumi e Dhuni, em nome de Dabhīti.
5. Tais, manejador do raio, são teus poderes imensos, que quando destruíste rapidamente noventa e nove cidades tu ocupaste a centésima como um local de residência; tu mataste Vṛtra; tu também mataste Namuci.
Varga 30. **6**. As tuas graças, Indra, para Sudās, o doador (de oferendas), o oferecedor de oblações, são infinitas; derramador (de benefícios), eu atrelo para ti os (teus) corcéis (vigorosos); que as nossas preces cheguem a ti que és poderoso, a quem muitos ritos são dirigidos.
7. Poderoso Indra, senhor dos cavalos, não nos deixes ser expostos nesta cerimônia, dirigida a ti, ao espoliador assassino; nos protege com defesas inexpugnáveis; que sejamos estimados entre os teus adoradores.
8. Que nós, Maghavan, líderes na tua adoração, considerados como amigos queridos, sejamos felizes em nossos lares; prestes a conceder felicidade a Atithigvan, humilha Turvaśa; (humilha), o filho de Yadu.
9. Os líderes (de ritos), recitadores de preces, oferecem, Maghavan, preces com devoção para a tua adoração; eles por seus louvores se apropriaram da riqueza dos avaros; escolhe-nos (como os objetos) da tua amizade.[1]
10. Chefe líder (de ritos), esses louvores dos homens dirigidos a ti revertem para nós, que somos os ofertantes de riquezas (sacrificais); sê propício a esses homens, (Indra), em conflitos com inimigos; sê seu amigo, seu herói, e protetor.
11. Herói, Indra, glorificado na presente ocasião, e propiciado por louvor, amplia o teu corpo para nos proteger;[2] nos concede alimento e habitações; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.[3]

Índice◄►Hino 20 (Wilson)

---

[1] *Ye te havebhir vi paṇīn adāśan;* a conexão de *havebhir, stotraih* com o que se segue não é muito óbvia; o resto é explicado: eles têm feito dar, ou têm multado, especialmente em suas riquezas, aqueles comerciantes que não são doadores de oferendas.
[2] ["'Heroico Indra, louvado, e impelido pelos nossos louvores, cresce em corpo através da (nossa) ajuda (ou desejo)'. Compare com 8.13.17,25". – Muir, *O. S. Texts,* III, p. 277].
[3] [O hino inteiro também se encontra no *Atharva*, 20.37.1-11].

535 - Hino 19. Indra (Griffith)

1. Ele como um touro com chifres afiados, terrível, sozinho incita e agita[4] todas as pessoas; tu[5] dás àquele que derrama libações abundantemente os bens daqueles que não derramam, como sua própria posse.
2. Tu, realmente, Indra, deste ajuda a Kutsa, voluntariamente dando-lhe atenção na batalha, quando, auxiliando Ārjuneya,[6] tu subjugaste para ele Kuyava[7] e o Dāsa Śuṣṇa.
3. O Corajoso, tu com todos os teus auxílios ajudaste corajosamente Sudās cujas oferendas foram aceitas, Pūru na conquista de terra e na destruição de inimigos, e Trasadasyu o filho de Purukutsa.
4. No banquete dos Deuses, ó de alma de herói! com Heróis, Senhor dos Cavalos Baios, tu mataste muitos inimigos. Tu enviaste em morte rápida para dormir o Dasyu, Cumuri e Dhuni, por Dabhīti.
5. Esses eram os teus poderes imensos que, Manejador do Trovão, tu esmagaste rapidamente noventa e nove castelos; tu capturaste o centésimo em teu ataque;[8] tu mataste Namuci,[9] tu mataste Vṛtra.
6. Antigas são as bênçãos, Indra, que deste a Sudās[10] o adorador que trazia oblações. Para ti, o Forte, eu atrelo os teus fortes Cavalos Baios; que as nossas preces te alcancem e ganhem força, ó Poderosíssimo!
7. Não nos abandones, Senhor dos Cavalos Baios, Vitorioso, nessa tua própria assembleia, aos perversos. Nos salva com auxílios verdadeiros e firmes; que sejamos estimados por ti entre os príncipes.
8. Que nós homens, Maghavan, os amigos que amas, perto de ti nos alegremos sob a tua proteção. Ávido para realizar o desejo de Atithigva[11] humilha o orgulho de Turvaśa e Yādva.[12]
9. Rapidamente, de fato, ó Maghavan, sobre ti os homens hábeis em louvar com hinos cantam suas canções e louvores. Elege-nos também[13] na assembleia daqueles que por suas invocações a ti despojaram os avaros.
10. Teus são esses louvores, ó mais valoroso dos heróis, louvores que revertem para nós e nos dão riquezas. Favorece estes, Indra, quando eles lutam com inimigos, como Amigo e Herói e Auxiliador de heróis.
11. Agora, louvado por tua ajuda, Heroico Indra, incitado pela nossa prece, cresce poderoso em teu corpo. Distribui para nós força e habitações. Ó Deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 20 (Griffith)

---

[4] Como Deus das Batalhas.
[5] Indra. Essa mudança abrupta da terceira pessoa para a segunda não é incomum no Veda.
[6] Kutsa, descendente de Arjuna. Veja 1.112.23.
[7] Veja 1.103.8.
[8] Segundo Sāyaṇa, para tua residência: 'tu ocupaste a centésima [cidade] como um local de residência'. – Wilson.
[9] Outro demônio da seca. Veja 1.53.7.
[10] O rei dos Tṛtsus, celebrado no hino anterior.
[11] Provavelmente um descendente de Sudās que deve ter vivido muito tempo antes da composição desse hino, porque a graça concedida a ele por Indra é citada como antiga na estrofe 6.
[12] Ou filho de Yadu.
[13] Isto é, nos deixa compartilhar das bênçãos que tu negas aos avarentos mesquinhos que não oferecem oblações e dás àqueles que te invocam e te adoram.

536 - Hino 20. Indra (Wilson)

(Adhyāya 3. Continuação do Anuvāka 2. Sūkta III)

O deus é Indra; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 1. **1**. O feroz e poderoso (Indra) nasceu para (atos) heroicos; favorável ao homem, ele é o realizador de todo ato que intente executar; sempre jovem, ele investe o salão (sacrifical) com defesas (contra interrupção); sê nosso protetor, Indra, contra o pecado hediondo.

2. Indra, expandindo-se em volume, é o matador de Vṛtra; o herói defende o seu adorador prontamente com sua proteção, seja ele o dador de domínio para Sudās, ou o doador repetidamente de riqueza para o ofertante (de oblações).

3. Um guerreiro que não recua em batalha, um combatente, envolvido em tumultos, um herói, vitorioso sobre (seus inimigos) desde o nascimento, invencível, de grande vigor, este Indra dispersa hostes (hostis) e mata todos os (seus) adversários.

4. Opulento Indra, tu encheste o céu e a terra com tua magnitude, tuas energias; Indra, o senhor dos cavalos, brandindo o raio, é satisfeito em sacrifícios pelo alimento (sacrifical).

5. (Seu) progenitor gerou Indra, o derramador (de benefícios) para (os fins de) guerra; sua mãe deu à luz a ele o benfeitor do homem; o líder dos exércitos que é chefe dos homens, ele é o senhor, o conquistador, o recuperador de vacas, o subjugador de inimigos.

Varga 2. **6**. Aquele que dedica sua mente ao terrível Indra nunca cai (da sua condição), nem perecerá; o protetor dos ritos sagrados, a progênie do sacrifício, concede riquezas àquele que oferece a Indra louvores e preces com sacrifícios.

7. Aquela (riqueza), Indra, que o anterior tem dado ao posterior; que o mais velho pode aceitar do mais jovem;[1] com a qual (o filho) ainda vivo mora longe (separado de seu pai), confere, maravilhoso Indra, essas riquezas preciosas a nós.

8. Que o homem que é prezado por ti, Indra, ofereça (oblações); que ele seja teu amigo, manejador do raio, ele (assíduo) em doações; que sejamos ricos em alimentos através dessa graça de ti que és desprovido de crueldade, (que possamos estar no gozo de) uma habitação dando abrigo aos homens.

9. Por ti, Maghavan, essa (libação de) Soma despejada clama; para ti o adorador recitou louvores; o desejo de riquezas caiu sobre o teu adorador, portanto, Śakra, que tu nos concedas riquezas rapidamente.

10. Permite-nos, Indra, (compartilhar do) alimento concedido por ti, bem como aqueles que, opulentos (em presentes sacrificais), (te) oferecem (oblações) espontaneamente; que haja poder em teu adorador (para repetir) muitos louvores; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 21 (Wilson)

---

[1] O que o pai deu ao filho, ou o irmão mais velho para o mais novo, e assim no caso seguinte, o que o pai recebe do filho, ou o irmão mais velho do mais jovem. [Veja a nota 4].

536 - Hino 20. Indra (Griffith)

1. Forte, de natureza divina, nascido para façanhas heroicas, Amigo do homem, ele faz todo ato que ele quer. Salvando-nos mesmo de grande transgressão, Indra, o Jovem, visita com benevolência o lar do homem.
2. Crescendo em grandeza Indra mata Vṛtra; o herói com seu auxílio tem ajudado o cantor. Ele deu a Sudās amplo espaço e área, e muitas vezes tem dado riqueza àquele que trouxe oblações.
3. Soldado irreprimível, incitador de guerra, Herói combatente, invicto desde os tempos antigos, vitorioso sempre, Indra o muito forte dispersou exércitos; de fato, ele matou cada adversário que lutou contra ele.
4. Tu com tua grandeza repletaste, Indra, até ambos os mundos com poder, ó Poderosíssimo. Senhor dos Baios, Indra, brandindo o seu trovão, é satisfeito com Soma no banquete.
5. Um Touro gerou o Touro[1] para a alegria da batalha, e uma Mãe forte[2] deu à luz a ele o valoroso. Ele, que é Chefe de homens, Líder de seus exércitos, é um Herói forte, ousado, e ávido por saque.
6. Não vacilam nem sofrem de tristeza as pessoas que conquistam o espírito formidável desse Deus. Aquele que adora Indra com sacrifícios é senhor da riqueza, nascido da lei[3] e protetor da lei.
7. Sempre que o mais velho deseja ajudar o mais jovem, o maior vem para o presente do menor. O Imortal se sentará distante inativo? Ó maravilhoso Indra, nos traze riquezas maravilhosas.[4]
8. O teu querido povo, Indra, que oferece oblações, é, em primeiro lugar, teu amigo, ó Manejador do Trovão. Que sejamos melhor satisfeitos nessa tua graça, protegidos por Aquele que não mata, mas nos preserva.
9. A ti o hino poderoso tem clamado ruidosamente, e, Maghavan, o eloquente[5] tem te suplicado. O desejo de riqueza tomou conta do teu cantor; então nos ajuda, Śakra, a respeito da nossa quota de riquezas.
10. Coloca-nos perto do alimento que tens dado, Indra, a nós e aos patronos ricos que nos comandam. Que o teu grande poder traga benefício para aquele que te louva. Ó Deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 21 (Griffith)

---

[1] 'Um (deus) vigoroso gerou um (filho) vigoroso'. – Muir. O pai de Indra é Kaśyapa, segundo Sāyaṇa, mas provavelmente Dyaus é aludido.
[2] Aditi.
[3] Nascido de acordo com a lei.
[4] As relações entre os Deuses e os homens parecem aquelas entre mais velhos e mais novos, superiores e inferiores entre os homens. O inferior chega ao seu superior com alguma oferenda nas mãos e é ajudado por ele em retorno. Assim Indra deve aceitar as nossas oblações, e nos recompensar com riquezas.
[5] *Stāmuḥ:* de acordo com Ludwig, o grego στωμύλος (de στόμα, boca) loquaz, falador, e, em um bom sentido, fluente, eloquente. Os comentadores explicam a palavra como 'louvador'.

537 - Hino 21. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus e a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 3. **1**. O alimento sacrifical brilhante misturado com coalhada e leite foi derramado; Indra se deleita com ele desde o seu nascimento; senhor dos cavalos baios, nós te acordamos[1] com sacrifícios, reconhece os nossos louvores na alegria da bebida Soma.[2]
2. Eles vão para o sacrifício, eles espalham a grama sagrada; as pedras (de espremer) na cerimônia têm som dificilmente suprimido; sacerdotes famosos, cujas vozes são ouvidas ao longe, trazem as pedras do interior da residência.
3. Tu, herói, permitiste que as muitas águas presas por Ahi fluíssem; por ti os rios correram como aurigas; todos os mundos criados tremeram por medo de ti.
4. O formidável (Indra), conhecendo todas as ações benéficas para o homem, intimidou aqueles (Asuras) com suas armas; Indra, exultante, abalou suas cidades; armado com seu raio ele os matou com seu poder.
5. Não deixes os Rākṣasas, Indra, nos fazerem mal; não deixes que os maus espíritos prejudiquem a nossa progênie, poderosíssimo (Indra); que o senhor soberano, (Indra), se esforce (na repressão) dos seres desordeiros, de modo que os incastos[3] não possam perturbar o nosso rito.
Varga 4. **6**. Tu, Indra, por tua função, presides os seres (da terra); todas as regiões (do mundo) não superam a tua magnitude; pela tua própria força tu mataste Vṛtra; nenhum inimigo efetuou a tua destruição em batalha.
7. Os deuses mais antigos confessaram o teu vigor superior à sua força destrutiva.[4] Indra, tendo subjugado seus inimigos, dá os ricos despojos (para seus adoradores); eles invocam Indra para obter alimento.
8. O adorador invocou a ti o soberano Indra, em busca de proteção; protetor de muitos, tu tens sido para nós o guardião da boa fortuna; sê nosso defensor contra todo (atacante) irresistível como tu.
9. Que nós, diariamente crescendo em reverência, sejamos (considerados), Indra, (como) teus amigos; através da proteção de ti, insuperável em grandeza, que (os teus adoradores) possam repelir o ataque do inimigo em batalha, a força do malévolo.
10. Permite-nos, Indra, (compartilhar do) alimento concedido por ti, bem como aqueles que, opulentos (em presentes sacrificais), (te) oferecem (oblações) espontaneamente; que haja poder em teu adorador (para repetir) muitos louvores; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.[5]

Índice◄►Hino 22 (Wilson)

---

[1] [Veja a nota 6].
[2] [*Sāma-Veda,* 1.4.1.3.1].
[3] *Śiśnadevāḥ, abrahmacharyā ityarthah*, seguindo Yāska, IV.19, mas *pode ter* o sentido de aqueles que consideram o Liṅga como uma divindade.
[4] *Devāś cit pūrve*, os Asuras, que, na mitologia recebida, são considerados mais velhos que os deuses. A construção é um pouco obscura, *asuryāya kṣatrāya anumamire sahāṃsi; anu*, diz Sāyaṇa, implica inferioridade ou privação, segundo o Sūtra de Pāṇini: *Hīne*, I.4.86, eles confessaram inferioridade à tua força; *asuryāya* ele interpreta *balāya*, à força, e *kṣatrāya* ele deriva de *kṣadi*, ferir, *hiṃsāyām*.
[5] [O mesmo que o último verso do hino anterior; 7.20.10].

537 - Hino 21. Indra (Griffith)

1. Espremido está o suco divino misturado com leite; ao mesmo Indra está sempre acostumado. Nós te acordamos,[6] Senhor dos Baios, com sacrifícios; nota esse nosso louvor na alegria selvagem do Soma.
2. Adiante para o rito eles se movem, a grama eles espalham, estes bebedores de Soma eloquentes no sínodo. Aqui, para os homens agarrarem, são trazidas as pedras de espremer, muito ribombantes, famosas, fortes, que servem aos heróis.
3. Indra, tu libertaste as muitas águas[7] que foram cercadas, Herói, pelo Dragão. Rolaram para baixo, como se levados em carros, os rios;[8] por medo de ti todas as coisas criadas tremem.
4. Hábil em todos os atos valorosos o Deus magnífico com suas armas dominou esses oponentes.[9] Indra em alegria arrebatadora derrubou seus castelos;[10] ele os matou com seu poder, o Portador do Trovão.
5. Nem espíritos malignos, Indra, nem demônios, ó Deus mais poderoso, têm nos impelido, com seus estratagemas. Que o nosso Deus verdadeiro subjugue a turba hostil; que não deixe o lascivo[11] se aproximar do nosso culto sagrado.
6. Tu em tua força superas a Terra e o Céu; as regiões não abrangem toda a tua grandeza. Com teu próprio poder e força tu mataste Vṛtra; nenhum inimigo encontrou o teu fim em batalha.
7. Até os Deuses mais antigos submeteram seus poderes ao teu domínio divino supremo. Indra ganha riqueza e a distribui para outros; os homens invocam Indra na luta por despojos.
8. O humilde[12] te invocou por proteção, a ti, Senhor de grande felicidade,[13] ó Indra. Tu com cem auxílios és nosso Auxiliador; aquele que traz presentes como tu tem seu defensor.[14]
9. Que nós, Indra, sejamos teus amigos para sempre, ansiosamente, Conquistador, dando origem a maior homenagem. Que, pela tua graça, a força de nós que lutamos subjugue no assalto o ataque do inimigo.
10. Coloca-nos perto do alimento que tens dado, Indra, a nós e aos patronos ricos que nos comandam. Que o teu grande poder traga benefício para aquele que te louva. Ó Deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 22 (Griffith)

---

[6] Ou, nós pensamos em ti, te servimos.
[7] ['Vacas'. – Muir].
[8] ['Rodaram como guerreiros em carruagens'. – Id.].
[9] Segundo Sāyaṇa, os demônios do ar. O texto não tem substantivo para 'esses'. ['Demônios das nuvens'. – Id.].
[10] ['Cidades'. – Id.].
[11] Aqueles que não seguem os ritos védicos, segundo Yāska. Para uma discussão completa do significado de *śiśnadevāḥ* veja Muir, *O. S. Texts,* 4, p. 406-411. ['Não deixe aqueles cujo deus é o *śiśna* se aproximarem da nossa cerimônia'. – Muir].
[12] ['O bardo'. – Id.].
[13] ['Prosperidade. – Id.].
[14] Sāyaṇa interpreta a estrofe de modo diferente. [Veja acima a versão por Wilson].
['Um defensor contra o atacante daquele que é devotado a ti'. – Muir].

538 - Hino 22. Indra (Wilson)

(Sūkta V)

O deus como antes, a métrica das primeiras oito estrofes é Virāj; da última, Triṣṭubh.

Varga 5. **1**. Bebe, Indra, o Soma; que ele te alegre, aquele que a pedra, segurada firmemente como um cavalo (pelas rédeas) pelos braços daquele que espreme, espremeu, senhor dos cavalos baios, para ti.[1]

2. Que a bebida estimulante, que é preparada e apropriada para ti, pela qual, senhor dos cavalos baios, tu matas Vṛtras, te alegre, Indra, abundante em riquezas.[2]

3. Entende completamente, Maghavan, este meu discurso, este louvor a ti, que Vasiṣṭha recita; sê satisfeito por estas preces no sacrifício.

4. Ouve a invocação da pedra (de espremer), (de mim) bebendo (o Soma) repetidamente, compreende o hino do sábio adorador, e, amigável (conosco), leva à tua consideração direta estas adorações.[3]

5. Sabendo da tua força, eu não me abstenho do louvor nem da glorificação de ti, o destruidor (de inimigos), mas sempre proclamo o teu cuidado especial.

Varga 6. **6**. Muitos são os sacrifícios oferecidos, Maghavan, a ti entre os homens; de fato o adorador te invoca constantemente; portanto, não fiques longe e nem distante de nós por um longo tempo.[4]

7. Para ti, herói, eu realmente ofereço esses sacrifícios, a ti eu dirijo esses louvores elevados; tu deves ser invocado de todas as maneiras pelos líderes (de ritos).

8. Indra, de aspecto agradável, ninguém alcança a grandeza de ti que deves ser honrado, nem, feroz Indra, o teu heroísmo nem a tua riqueza.[5]

9. Que as tuas considerações auspiciosas, Indra, sejam direcionadas para nós, como elas foram àqueles sábios piedosos, antigos ou recentes, que originaram (os teus louvores), e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 23 (Wilson)

---

[1] *Sāma-Veda,* I.389 [1.5.1.1.8]; II.277 [2.3.1.13.1; *Atharva*, 20.117.1].

[2] *Sāma-Veda,* II.278,279. [2.3.1.13.2 e 3 (verso seguinte); *Atharva*, 20.117.2-3].

[3] A explicação não é muito inteligível.

[4] Essa e as duas estrofes anteriores ocorrem no *Sāma-Veda,* II.1148-1150 [2.9.1.13.1-3].

[5] [Essa e a estrofe anterior ocorrem no *Atharva*, 20.73.1-2].

538 - Hino 22. Indra (Griffith)

1. Bebe Soma, Senhor dos Baios, e que ele te anime; Indra, a pedra, como um corcel bem conduzido, guiada pelos braços do espremedor o tem espremido.
2. Então que a dose de alegria, tua cara companheira, pela qual, ó Senhor dos Baios, tu matas inimigos, te deleite, Indra, Senhor dos tesouros opulentos.
3. Nota atentamente, Maghavan, as palavras que eu pronuncio, este louvor recitado por Vasiṣṭha; aceita as preces que eu ofereço em teu banquete.
4. Ouve o chamado da pedra de espremer bebedora de suco;[6] ouve hino do Brahman que canta e te louva. Leva ao teu eu mais profundo estas adorações.
5. Eu sei e nunca esqueço os hinos e louvores a ti, o Conquistador, e a tua força imortal. Teu nome eu sempre profiro, Autorrefulgente!
6. Entre a humanidade muitas são as tuas libações, e muitas vezes o sábio piedoso te invoca. Ó Maghavan, não fiques muito distante de nós.
7. Todas essas libações são para ti, ó Herói; a ti eu ofereço estas minhas preces que fortalecem. Sempre, em todo lugar, os homens devem te invocar.
8. Os homens nunca alcançam, ó Taumaturgo, a tua grandeza, ó Poderoso, que deves ser louvado; nem, Indra, teu poder heroico e generosidade.
9. Entre todos os Ṛṣis, Indra, antigos e recentes, que geraram hinos como cantores sagrados, igualmente conosco estejam tuas amizades auspiciosas. Ó Deuses, sempre nos protejam com bênçãos.

Índice◄►Hino 23 (Griffith)

---

[6] Que espreme o suco da planta, e assim pode-se dizer que a bebe. O escoliasta insere *numa*, de mim: 'Ouve a invocação da pedra (de espremer), (de mim) bebendo (o Soma) repetidamente'. – Wilson.

539 - Hino 23. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 7. **1**. (Os sábios) ofereceram preces a (Indra) por alimento, adore Indra, Vasiṣṭha,[1] no sacrifício; que o Indra que expande todas (as regiões) por seu poder seja o ouvinte das minhas palavras quando se aproximam dele.[2]
2. Quando, Indra, as plantas crescem, o som (de louvor) aceitável para os Deuses, (proferido) pelo adorador, é erguido; por ninguém entre os homens a sua própria vida é compreendida; leva-nos para além de todos aqueles pecados (pelo qual a vida é encurtada).
3. Eu atrelo (por louvores) a carruagem (de Indra) concessora de vacas com seus cavalos; (as minhas preces) chegaram a ele que é satisfeito (pela devoção); ele superou em magnitude o céu e a terra, matando os inimigos sem resistência.
4. Que as águas cresçam como jovens; que os teus adoradores, Indra, possuam água (em abundância); vem como o vento com os corcéis Niyut, porque tu, (propiciado) por ritos sagrados, realmente nos concedes alimento.[3]
5. Que essas doses inebriantes te alegrem, Indra; dá ao louvador (um filho vigoroso e próspero); pois só tu entre os deuses és compassivo para com os mortais; alegra-te aqui neste sacrifício.
6. Dessa maneira os Vasiṣṭhas glorificam com hinos Indra, o derramador, o portador do raio; que ele assim glorificado nos conceda riqueza, abrangendo posteridade masculina e gado; e que vocês sempre nos nutram com bênçãos.[4]

Índice◄►Hino 24 (Wilson)

---

[1] [Aqui como em outras ocasiões o poeta dirige-se a si próprio].
[2] *[Sāma-Veda,* 1.4.1.4.8].
[3] *Yajur-Veda [VS],* 33.18. Mahīdhara dá um significado totalmente diferente para a primeira frase: as águas aumentam o suco Soma como esses textos vêdicos pelos quais o Soma é derramado.
[4] *Yajur-Veda [VS],* 20.54. A frase final, que ocorreu tantas vezes, Mahīdhara considera dirigida aos sacerdotes, *Ṛtvijaḥ*. [O hino se encontra no *Atharva*, 20.12.1-6].

539 - Hino 23. Indra (Griffith)

1. Preces foram oferecidas por amor à glória; Vasiṣṭha, honra Indra em batalha. Aquele que com poder se estende através de toda existência ouve as palavras que eu, seu servo fiel, profiro.
2. Foi erguido um grito[5] que chegou aos Deuses, ó Indra, um grito para eles nos enviarem forças em combate. Nenhum dos homens sabe a duração da própria vida; leva-nos em segurança através dessas nossas dificuldades.
3. Os Baios, o carro em busca de saque eu atrelo; minhas preces chegaram a ele que as aceita de bom grado. Indra, quando matou inimigos irresistíveis, separou à força com seu poder as duas metades do mundo.
4. Como vacas estéreis,[6] além disso, cresceram as águas; os cantores procuraram o teu rito sagrado, Indra. Vem a nós como vem Vāyu com sua parelha; tu, através dos nossos hinos solenes, concedes saque.
5. Então que essas doses alegradoras regozijem a ti, Indra, o Poderoso, muito generoso com o cantor. Só tu entre os Deuses te compadeces dos mortais; ó Herói, alegra-te com essa libação.
6. Assim os Vasiṣṭhas glorificam com louvores Indra, o Poderoso, cujo braço empunha o trovão. Louvado, que ele pode proteja a nossa fartura de vacas e heróis. Ó Deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 24 (Griffith)

---

[5] Eu sigo a interpretação de Pischel dessa estrofe muito difícil. Veja *Vedische Studien,* I, p. 34-36.
[6] Que são mais gordas que outras.

540 - Hino 24. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 8. **1**. Um lugar foi preparado para ti na câmara sacrifical; vai até ele, invocado por muitos, junto com os líderes (de ritos, os Maruts), visto que és nosso protetor, (promove a nossa) prosperidade; concede-nos riquezas; alegra-te pelo Soma.[1]

2. O teu propósito, Indra, é percebido, tu que és poderoso nos dois (mundos);[2] o Soma é derramado; os sucos doces são despejados (nos vasos); este louvor perfeito pronunciado com língua solta propicia Indra com invocações repetidas.

3. Vem, Ṛjīṣin, do céu, ou do firmamento, para esta grama sagrada, para beber o Soma; que os teus cavalos tragam a ti que és vigoroso à minha presença para (receber o meu) louvor e para a (tua) alegria.

4. Senhor dos cavalos baios, propiciado pelo nosso louvor, vem a nós com todas as tuas proteções, compartilhando com satisfação, de queixo belo, com os antigos (Maruts), derrotando repetidamente (os teus inimigos), e nos concedendo um (filho) forte e vigoroso.

5. Esse louvor revigorante, como um cavalo ligado a um carro, foi dirigido a ti que és poderoso e feroz, o sustentador (do mundo); este teu adorador deseja de ti, Indra, riquezas; concede-nos sustento notório como o firmamento no céu.[3]

6. Dessa maneira, Indra, nos satisfaze (com a dádiva) de (riqueza) desejável; que experimentemos repetidamente a tua grande graça; concede a nós que somos opulentos (em oferendas) alimento com descendentes masculinos; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 25 (Wilson)

---

[1] *[Sāma-Veda,* 1.4.1.3.2].

[2] A mente de ti que te expandes em ambos os lugares é percebida; não é explicado quais lugares, talvez céu e terra sejam aludidos.

[3] O comentador não dá uma explicação da comparação.

540 - Hino 24. Indra (Griffith)

1. Um lar[4] é feito para a tua habitação, Indra; ó invocado por muitos, vai para lá com os heróis.[5] Que tu, para nos tornar prósperos, possas ser o nosso Auxiliador, concede-nos riqueza, regozija-te com as doses de Soma.
2. Indra, o teu desejo, duas vezes forte, é compreendido; espremido está o Soma, os sucos agradáveis são derramados. Este hino de louvor, de língua solta, aperfeiçoado, chama Indra para si com invocação sonora.
3. Vem, ó Deus Impetuoso; da terra ou do céu vem para a nossa grama sagrada para beber o Soma. Aqui para mim que os teus Cavalos Baios te tragam para ouvir os nossos hinos e te fazer feliz.
4. Vem a nós com todos os teus auxílios, concordante, Senhor dos Cavalos Baios, aceitando as nossas devoções, de elmo belo,[6] derrotando com os poderosos, e emprestando-nos a força de touros, Indra.
5. Como um corcel vigoroso à lança de uma carruagem, este louvor é trazido para o Sustentador forte e grandioso. Este hino solicita riqueza de ti; no céu, acima do firmamento por assim dizer, estabelece a nossa glória.
6. Com coisas preciosas, ó Indra, nos contenta desse modo; que possamos alcançar a tua graça exaltada. Envia aos nossos chefes alimento abundante com filhos heróis. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 25 (Griffith)

---

[4] Na câmara sacrifical.
[5] Ou, homens, os sacerdotes.
[6] Ou, de bela face, ou de queixo belo.

541 - Hino 25. Indra (Wilson)

(Sūkta VIII)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 9. **1**. Feroz Indra, quando animado pelos exércitos igualmente ferozes, os enfrenta; que a (arma) brilhante manipulada pelos braços de ti que és poderoso e amigo do homem desça para nos proteger; não deixes a tua mente onipenetrante vagar (para longe de nós).
2. Destrói, Indra, os nossos adversários em batalha, os homens que nos dominam; afasta de nós a calúnia do maldizente; traze para nós abundância de tesouros.
3. Que centenas das tuas proteções, de queixo belo, sejam (obtidas) para o doador generoso (de oblações); que milhares de bênçãos sejam concedidas (a mim), bem como riquezas; atira a arma fatal no mortal maldoso; dá-nos alimento e prosperidade.[1]
4. Eu sou (dependente), Indra, dos atos daquele como tu, da generosidade de um protetor, herói, assim como tu; vigoroso e feroz Indra, dá-nos uma habitação para todos os nossos dias; senhor dos cavalos baios, não nos faças mal.
5. Estes (Vasiṣṭhas) estão oferecendo (adoração) aceitável ao senhor dos corcéis baios, solicitando a força atribuída pelos deuses a Indra; torna os nossos inimigos, Indra, fáceis de serem derrotados, e que possamos, a salvo do perigo, desfrutar de fartura.
6. Dessa maneira, Indra, nos satisfaze (com a dádiva) de (riqueza) desejável; que experimentemos repetidamente a tua grande graça; concede a nós que somos opulentos em oferendas alimento com descendentes masculinos; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 26 (Wilson)

---

[1] *Dyumnam* pode significar alimento ou fama. *Nir*. v. 5.

541 - Hino 25. Indra (Griffith)[2]

1. Quando com a tua ajuda poderosa, ó potente Indra, os exércitos correm juntos em sua fúria, quando do braço do homem forte o relâmpago[3] voa, não deixes a tua mente partir para favorecer outros.[4]
2. Ó Indra, onde o terreno é difícil de atravessar, derruba os nossos inimigos, os mortais que nos atacam; mantém longe de nós a maldição do caluniador; traze para nós fartura acumulada de tesouros.
3. Deus de elmo belo, dá cem auxílios a Sudās,[5] mil bênçãos, e a tua recompensa. Derruba a arma do nosso inimigo mortal;[6] dá-nos fama e riqueza esplêndidas.
4. Eu espero o poder de alguém como tu, ó Indra, dádivas de um Auxiliador assim como tu, Herói. Deus Forte, Poderoso, mora comigo agora e sempre; Senhor dos Cavalos Baios, não nos abandones.
5. Aqui os Kutsas[7] estão suplicando a Indra por poder, ao Senhor dos Baios pela conquista enviada pelos Deuses. Tornem os nossos inimigos sempre fáceis de serem vencidos; que nós, vitoriosos, ganhemos os despojos, ó Herói.
6. Com coisas preciosas, Indra, assim nos contenta; que possamos obter a tua graça elevada. Envia aos nossos chefes alimento abundante com filhos heróis. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 26 (Griffith)

---

[2] A batalha começou, e o cantor reza a Indra em busca de auxílio.
[3] A flecha veloz e lampejante.
[4] O inimigo.
[5] Segundo Sāyaṇa, 'o doador generoso (de oblações)'. – Wilson.
[6] ['Destrói a arma do assassino'. – Muir].
[7] Aparentemente os sacerdotes do partido hostil.

542 - Hino 26. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 10. **1**. O Soma não derramado não deleita Indra; os sucos derramados, não acompanhados por prece, não satisfazem Maghavan; por isso eu ofereço a ele o louvor para que ele possa ficar satisfeito; para que, como um príncipe, ele possa ouvir a nova (canção).
2. O Soma derramado com prece reiterada deleita Indra; os sucos vertidos, (oferecidos) com louvor repetido, (alegram) Maghavan; portanto, (os sacerdotes), unindo-se e fazendo esforço igual, invocam Indra em busca de proteção, como filhos (recorrem) a um pai.
3. Tais façanhas como as que seus adoradores, quando o Soma é despejado, proclamam que ele realizou, que ele execute agora; que Indra, à altura (da tarefa) e sem ajuda, possua todas as cidades (dos Asuras) como um marido suas esposas.
4. Assim eles o têm proclamado; Indra ainda é celebrado como o distribuidor de riquezas, o transportador (para além da calamidade), de quem as proteções são muitas e êmulas; que benefícios aceitáveis nos auxiliem.
5. Assim Vasiṣṭha glorifica Indra, o derramador (de benefícios) sobre os adoradores para a preservação da humanidade; dá-nos, (Indra), milhares de iguarias; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 27 (Wilson)

---

542 - Hino 26. Indra (Griffith)

1. Soma não espremido[1] nunca alegrou o generoso Indra, nem sucos espremidos sem uma prece o agradam. Eu gero um louvor que deve agradá-lo, novo e heroico, para que ele possa nos ouvir.[2]
2. A cada louvor o Soma alegra Indra; sucos espremidos o agradam conforme cada salmo é cantado, quando os sacerdotes com um esforço unido o chamam para ajudar, como filhos chamam o pai.
3. Esses atos ele fez; que ele realize novas façanhas, tais como os sacerdotes declaram em suas libações. Indra tem tomado e possuído todos os castelos,[3] como um marido comum suas esposas.
4. Assim mesmo eles o têm declarado. Famoso é Indra como Conquistador, único distribuidor de tesouros; cujos muitos auxílios vêm em rápida sucessão. Que benefícios preciosos e valiosos deleitáveis nos atendam.
5. Assim, para levar ajuda aos homens, Vasiṣṭha louva Indra, o Herói dos povos, na libação. Dá-nos força e riqueza aos milhares. Protejam-nos para sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 27 (Griffith)

---

[1] Compare com 6.41.4, Soma quando espremido (corretamente) supera o Soma não espremido (ou mal espremido). Não só o suco deve ser espremido devidamente, mas ele deve ser espremido e oferecido com prece.
[2] ['Para que como um homem ele possa ouvir a nossa nova (produção)'. – Muir, *O. S. Texts,* I, p. 241].
[3] Todas as fortalezas dos demônios da seca, os castelos de nuvens nos quais a chuva é aprisionada.

543 - Hino 27. Indra (Wilson)

(Sūkta X)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 11. **1**. Os homens invocam Indra em batalha quando as ações que levam à vitória são executadas; que tu que és um herói, o benfeitor do homem, o desejante de coragem, nos coloques em posse de pastagens cheias de gado.[1]
2. Indra, que és invocado por muitos, dá àqueles homens que são teus amigos aquela força que, Maghavan, é tua; tu, Maghavan, (abriste à força) as firmemente (fechadas, portas das cidades);[2] descobre, discriminador (da verdade), o tesouro agora escondido.
3. Indra é senhor da terra e dos homens; (sua é) a riqueza variada que existe sobre a terra; daí ele dá riquezas ao doador (de oblações); que ele, glorificado por nós, nos conceda riqueza.[3]
4. Que o rico e generoso Indra, ao ser invocado junto (com os Maruts), conceda rapidamente alimentos para a nossa preservação, ele cuja generosidade ilimitada experimentada produz (riqueza) desejável para aqueles homens (que são seus amigos).
5. Indra, concede rapidamente fortuna para o nosso enriquecimento; que atraiamos as tuas graças por nossa adoração; concedendo-nos (riquezas), abrangendo gado, e cavalos, e carros; que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 28 (Wilson)

543 - Hino 27. Indra (Griffith)

1. Os homens invocam Indra no confronto armado para que ele possa tornar decisivos os hinos que eles cantam. Herói, regozijante em tua força, dá-nos em combate uma parte[4] do estábulo de gado.
2. Concede, Indra Maghavan, invocado por muitos, a esses meus amigos a força que tu possuis. Tu, Maghavan, rompeste lugares fortes; revela para nós, Deus sábio, a tua recompensa escondida.
3. O Rei do mundo dos vivos, dos homens, é Indra, de tudo de forma variada que a terra contém. Por isso para o adorador ele dá riquezas; que ele nos enriqueça também quando nós o louvamos.
4. Maghavan Indra, quando todos nós o invocamos, generoso sempre manda força para nos ajudar; cuja recompensa perfeita, infalível, traz riqueza para os homens, para os amigos a coisa que eles cobiçam.
5. Rapidamente, Indra, dá-nos espaço e caminho para as riquezas, e deixa-nos trazer a tua mente para nos conceder tesouros, para que possamos ganhar carros e cavalos e gado. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 28 (Griffith)

[1] *Sāma-Veda,* I.318 [1.4.1.3.6].
[2] O texto tem apenas *tvaṃ hi dṛḷhā maghavan*, tu, Maghavan, realmente as firmes (plural acusativo fem.).
[3] *[Atharva*, 19.5.1].
[4] Ajuda-nos a capturar e a levar o gado do inimigo.

544 - Hino 28. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 12. **1**. Indra, que és sábio, vem para a nossa adoração; que os teus cavalos atrelados fiquem diante de nós; satisfeito por todos (os homens), todos os mortais te invocam separadamente; ouve, portanto, a nossa (invocação).
2. Dotado de força, já que tu concedes os rogos dos Ṛṣis, que a tua grandeza, Indra, se estenda ao teu invocador; e como, deus feroz, tu seguras o raio em tua mão, então formidável por tuas façanhas tu te tornas invencível.
3. Visto que, Indra, pela tua orientação, tu tens guiado os homens, os teus adoradores zelosos, sobre o céu e a terra,[1] tu nasceste para (dar) grande riqueza e força, por isso quem faz oferendas supera quem não as oferece.
4. Concede-nos, Indra, com esses dias, (fartura), pois homens hostis se aproximam; que a inverdade que o sábio e impecável Varuṇa[2] observa em nós, (pela tua graça, Indra),[3] desapareça duplamente.
5. Vamos glorificar o opulento Indra, para que ele possa nos dar grandes e valiosas riquezas, ele que é o principal protetor dos ritos piedosos do adorador; que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 29 (Wilson)

544 - Hino 28. Indra (Griffith)

1. Vem às nossas preces, ó Indra, tu que conheces; que os teus Cavalos Baios sejam atrelados e guiados para cá. Embora os homens mortais de todos os lados te invoquem, continua a dar a tua atenção a nós, ó Impulsor de todos.
2. A tua grandeza chega à nossa invocação,[4] a prece dos sábios que, Deus Poderoso, tu guardas. Quando a tua mão, ó Poderoso, segura o trovão, terrível em força tu te tornas irresistível.
3. Quando tu reuniste ambas as metades do mundo,[5] como heróis liderados por ti que chamam um ao outro – pois tu nasceste para força e grande domínio – então mesmo o ativo[6] derrubou o lento.
4. Honra a nós nestes dias atuais, Indra, pois os homens hostis estão fazendo expiação.[7] Nosso pecado o impecável Varuṇa descobriu, o Sábio Maravilhoso[8] perdoou há muito tempo.

---

[1] *Nṝn na rodasī ninetha;* o verbo é explicado: tu reúnes; tu estabeleces os adoradores no céu e na terra; nenhuma observação é feita sobre a partícula *na;* mas não pode ser bem o negativo.
[2] [Varuṇa é o deus tutelar de Vasiṣṭha (veja a série de hinos para Varuṇa, 7.86-89). Para o parentesco de Mitra e Varuṇa com Vasiṣṭha, veja 7.33.10-14].
[3] *Dvitā avasāt;* o verbo se explica por *vimocana*, soltando, libertando; mas não há nenhuma explicação de *dvitā* ou *dvidhā*, duplo; talvez signifique agora e futuramente, ou corpo e mente, ou palavras e atos.
[4] Tu tens o poder de vir ao nosso chamado se quiseres.
[5] Estabeleceste o céu e a terra defronte um ao outro, como exércitos organizados para a batalha.
[6] O significado da meia-linha é incerto, e *cit*, *mesmo*, parece estar fora de lugar. [Veja acima a versão por Wilson]. Segundo o professor Grassmann, 'o ativo' é Indra, e 'o inativo' é o demônio lento. Ludwig sugere uma alteração do texto.

5. Vamos nos dirigir a esse Senhor generoso, esse Indra, para que ele possa nos conceder dádivas de amplas riquezas, o melhor favorecedor da prece e louvores do cantor. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 29 (Griffith)

---

544 - Hino 28. Indra (Peterson)[9]

1. Ó Indra, ouve a nossa prece; vem, atrela os teus cavalos e os conduze em nossa direção; todos os mortais te invocam em todos os lugares, mas ouve a nossa prece, ó dador de vida.
2. A tua grandeza, Indra, chegou ao nosso grito, e tu proteges a canção do cantor, ó poderoso; quando tu pegas o raio em tua mão, deus grandioso e feroz, ninguém pode resistir a ti.[10]
4. Nos dias em que os homens maus fazem penitência por seu pecado, nesses dias sê benevolente para conosco, ó Indra, os pecados que Varuṇa, o deus sábio, vê em nós – da culpa deles que Indra nos liberte.
5. Vamos invocar esse poderoso Indra para que ele possa nos dar grande riqueza e substância; que é o ouvinte da prece – e que vocês deuses nos protejam sempre com sua bênção.

Índice◄►Hino 49 (Peterson)

---

[7] Ou, talvez, se colocaram em ordem, isto é, se equiparam e prepararam para a batalha.
[8] *Māyī*, Varuṇa.
[9] [Peter Peterson, *Hymns from the Rigveda*, 1888; Bombay Sanskrit Series, XXXVI].
[10] O verso seguinte é omitido.

545 - Hino 29. Indra (Wilson)

(Sūkta XII)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 13. **1**. Este Soma é derramado, Indra, para ti; vem, senhor dos cavalos baios, para a residência (onde ele é preparado); bebe da (libação) agradável e derramada abundantemente; dá-nos, Maghavan, quando solicitado por elas, riquezas.
2. Herói louvado, Indra, que aprova o rito sagrado, vem a nós rapidamente com teus cavalos; alegra-te neste sacrifício; ouve estas nossas preces.
3. Que satisfação há para ti dos nossos hinos? Quando, Maghavan, nós podemos de fato te oferecer (oblações)? Eu discorro em todos os louvores dirigidos a ti; ouve, Indra, estas minhas invocações.
4. Amigáveis para com o homem eram aqueles dos antigos Ṛṣis cujos louvores tu ouvias; portanto, eu te invoco repetidamente, Maghavan; tu, Indra, és bem-disposto em relação a nós como um pai.[1]
5. Vamos glorificar o opulento Indra, para que ele possa nos dar grandes e valiosas riquezas, ele que é o principal protetor dos ritos piedosos dos adoradores; que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 30 (Wilson)

545 - Hino 29. Indra (Griffith)

1. Este Soma foi espremido para ti, ó Indra; vem aqui, Senhor dos Baios, para esse que amas. Bebe essa libação boa e bem derramada; Maghavan, dá-nos riqueza quando imploramos a ti.
2. Vem a nós rapidamente com teus Corcéis Baios, Herói, vem para a nossa prece, aceitando a nossa devoção. Diverte-te corretamente nessa libação, e ouve as preces que oferecemos.
3. Que satisfação os nossos hinos te proporcionam? Quando, Maghavan? Agora vamos te prestar serviço.[2] Hinos, apenas hinos, com amor por ti, eu ofereço a ti; então ouve, Indra, essas minhas invocações.
4. De fato, também eram seres humanos aqueles a quem tu costumavas ouvir, aqueles sábios mais antigos. Por isso, ó Indra Maghavan, eu te invoco; tu és nossa Providência, assim como um Pai.
5. Vamos nos dirigir a esse Senhor generoso, esse Indra, para que ele nos conceda dádivas de amplas riquezas, o melhor favorecedor da prece e louvores do cantor. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 30 (Griffith)

[1] ['Até eles eram de nascimento mortal, aqueles Ṛṣis antigos a quem tu ouvias. Eu te invoco repetidamente, ó Maghavan; tu és para nós sábio como um pai'. – Muir, *O. S. Texts* 3, p. 222].
[2] *Nūnaṃ:* 'não há hora como a atual'. – Ludwig.

546 - Hino 30. Indra (Wilson)

(Sūkta XIII)

Deus e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 14. **1**. Divino e poderoso (Indra), vem a nós com tua força; sê o aumentador das nossas riquezas; sê para nós, rei dos homens, manejador do raio, como (uma fonte de) vigor, de grande destreza, herói, de masculinidade.
2. Os guerreiros te invocam, digno de ser invocado, na (luta) diferentemente clamorosa,[1] pela (segurança dos seus corpos), e para desfrutarem (por muito tempo) do sol;[2] tu és um líder digno sobre todos os homens; humilha os nossos inimigos pelo (raio) fatal.
3. Quando, Indra, surgem dias afortunados, quando tu adiantas teu emblema em batalhas, o forte Agni, o invocador dos deuses, convocando os deuses aqui para o nosso benefício, senta sobre a grama sagrada.
4. Nós, divino Indra, que somos teus, somos aqueles, herói, que estão te louvando e oferecendo libações ricas; concede aos (teus devotos) piedosos uma residência excelente; e que eles, prósperos, cheguem à velhice.
5. Vamos glorificar o opulento Indra, para que ele possa nos dar grandes e valiosas riquezas, ele que é o principal protetor dos ritos piedosos dos adoradores; que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 31 (Wilson)

---

546 - Hino 30. Indra (Griffith)

1. Com poder e força, ó Deus Poderoso, te aproxima de nós; sê o aumentador, Indra, dessas riquezas; Trovejador Forte, Senhor dos homens, por valor potente,[3] por bravura valorosa e por grande domínio.
2. A ti, digno de invocar, no fragor da batalha, heróis invocam na luta pela vida e pela luz solar. Entre todos os povos tu és o principal lutador;[4] entrega os nossos inimigos para massacre fácil.
3. Quando belos dias brilhantes amanhecerem sobre nós, ó Indra, e tu aproximares a tua bandeira em batalha, Agni o Asura se sentará como Arauto, chamando os Deuses para cá para a nossa grande ventura.
4. Teus somos nós, Indra, teus, tanto aqueles que te louvam quanto aqueles que dão presentes ricos, ó Deus e Herói. Concede aos nossos príncipes proteção excelente, que eles possam envelhecer e ainda serem fortes e felizes.
5. Vamos nos dirigir a esse Senhor generoso, esse Indra, para que ele nos conceda dádivas de amplas riquezas, o melhor favorecedor da prece e louvores do cantor. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 31 (Griffith)

---

[1] *Vivāci* é explicado: naquela guerra ou combate no qual muitas palavras são declaradas; o nominativo *śūrāḥ*, heróis, dá plausibilidade à interpretação.
[2] Para terem vida longa, *sūrya* aqui expressa vida.
[3] Isto é, para nos dar valor potente.
[4] Arremessador da lança, guerreiro, segundo von Roth; mas o significado de *senyaḥ* é um tanto incerto.

547 - Hino 31. Indra (Wilson)[1]

(Sūkta XIV)

O deus como antes; a métrica é Gāyatrī, exceto na décima, décima primeira e décima segunda estrofes, nas quais ela é Virāj.

Varga 15. **1**. Cantem, amigos, um hino alegrador para Indra, o senhor dos cavalos baios, o bebedor de Soma.[2]
2. Repita[3] para o generoso Indra um louvor brilhante como outros homens (repetem); vamos oferecer isso a ele que é rico em verdade.
3. Que tu, Indra, queiras nos dar alimento; queiras, Śatakratu, nos dar gado; queiras, doador de habitações, nos dar ouro.[4]

4. Devotados a ti, derramador (de benefícios), nós te glorificamos; fica a par, dador de residências, deste nosso louvor.[5]
5. Indra, que és senhor, não nos sujeites ao caluniador, ao agressor, ao que nega oferendas; que o meu culto realmente (tenha a aprovação) de ti.[6]
6. Matador de inimigos, tu, Indra, és nossa armadura, vasto e o que nos precede em batalha; contigo como meu aliado eu desafio (o inimigo).[7]

Varga 16. **7**. Tu és verdadeiramente grandioso, e o céu e a terra ricos em alimentos respeitam, Indra, a tua força.
8. Que os louvores dos teus adoradores, que te acompanham (para onde quer que vás), assim como és, e que se espalham em volta com esplendor, cheguem a ti.
9. As libações ascendentes vão, Indra, a ti, que moras no céu, de aspecto agradável; os homens se curvam em reverência diante de ti.

10. [8]Tragam (libações) ao grande (Indra), o que dá grande (riqueza); ofereçam louvor ao sábio Indra; realizador (dos desejos dos homens), vem[9] ao povo que oferece muitas (oblações).[10]
11. Os sábios geram louvor sagrado e alimento (sacrifical) para o que permeia amplamente, o poderoso Indra; os prudentes não impedem as funções dele.[11]
12. Louvores de fato habilitam o monarca universal, Indra, cuja ira é irresistível, a derrotar (seus inimigos); incita os teus parentes, (adorador, a glorificarem o) senhor dos cavalos baios.[12]

Índice◄►Hino 32 (Wilson)

---

[1] [Hino organizado em *Tṛcas*].
[2] *Sāma-Veda*, I.156 [1.2.2.2.2]; II.68 [2.1.2.2.1].
[3] [Aqui o poeta dirige-se a si próprio].
[4] *Sāma-Veda*, II.67 [2.1.2.2.1-3].
[5] *Sāma-Veda*, I. 132 [1.2.1.4.8].
[6] *Tve api kratur mama*, em ti mesmo o meu ato, significa, diz Sāyaṇa, que o meu louvor entre em teu coração.
[7] [Esse terceto se encontra no *Atharva*, 20.18.4-6].
[8] [*Sacrificadores*].
[9] [*Indra*].
[10] *Sāma-Veda*, I.328 [1.4.1.4.6; *Atharva*, 20.73.3]; *Sāma,* II.1143 [2.9.1.11.1].
[11] *Sāma-Veda*, II.1144 [2.9.1.11.2].
[12] *Sāma-Veda*, II.1145 [2.9.1.11.3].

547 - Hino 31. Indra (Griffith)

1. Cantem uma canção para alegrá-lo, para Indra, o Senhor dos Corcéis Fulvos,
O bebedor de Soma, ó meus amigos.
2. Para ele, o Generoso, recite[13] o louvor, e vamos glorificar, como os homens[14]
Podem fazer, o Dador de dádivas verdadeiras.
3. Ó Indra, Senhor de poder sem limites, para nós tu obténs força e vacas,
Tu ganhas ouro para nós, Bom Senhor.

4. Fiéis a ti nós cantamos alto, heroico Indra, canções para ti;
Nota, ó Bom Senhor, este nosso ato.
5. Não nos abandones à recriminação do homem, à calúnia do inimigo odioso;
Só em ti está toda a minha força.
6. Tu és a minha ampla cota de malha, o meu Campeão, matador de Vṛtra, tu;
Contigo como amigo eu enfrento o inimigo.

7. Sim, grande és tu cujo poder conquistador dois Poderes independentes[15] confessam,
O Céu, ó Indra, e a Terra.[16]
8. Então que a voz[17] te circunde, que acompanha os Maruts em seu caminho,
Alcançando-te com os raios de luz.
9. Que as gotas ascendentes cheguem a ti, o Deus Maravilhoso, no céu;
Que todos os povos se curvem a ti.

10. Tragam para o Sábio, o Grandioso, que cresce poderoso, as suas oferendas, e preparem a sua devoção; para muitos clãs ele vai, Controlador do homem.
11. Para Indra, o sublime, o que permeia amplamente, os cantores têm gerado prece e louvores; os sábios nunca violam os decretos dele.
12. Os coros estabeleceram Indra como Rei para sempre, para a vitória, ele cuja ira é irresistível; e, para o Senhor dos Baios, fortaleceram[18] aqueles que ele ama.

Índice◄►Hino 32 (Griffith)

---

[13] [Nota 3].
[14] [Ou os Maruts].
[15] *Svadhāvarī;* 'ricos em alimentos'. – Wilson.
[16] ['Tu és grande, (tu) a cuja energia os autossustentáveis Céu e Terra se submeteram'. – Muir, *O. S. Texts,* IV, p. 102].
[17] 'Os louvores dos teus adoradores'. – Wilson.
[18] '*Barhayā*, em vez de *abarhayan*, como é evidente a partir do que precede'. – Ludwig. Sāyaṇa toma *barhayā* como imperativo: 'incita os teus parentes, (adorador, a glorificarem o) senhor dos cavalos baios'. – Wilson.

548 - Hino 32. Indra (Wilson)

(Sūkta XV)

O deus é, como antes, Indra; o Ṛṣi é Śakti, o filho de Vasiṣṭha, até sua morte, quando Vasiṣṭha assume o hino e o termina; a métrica dos versos ímpares é Bṛhatī, dos pares, Satobṛhatī, exceto no terceiro, no qual ela é Virāj de dois pādas (Dvipadā); várias das estrofes desse hino, recitadas no sacrifício do meio-dia no vigésimo quarto dia da cerimônia Agniṣṭoma, são chamadas de Pragāthas.[1]

Varga 17. **1**. Não deixes, Indra, (outros) adoradores te deterem longe de nós; vem de qualquer distância para a nossa assembleia; presente nesta cerimônia, ouve as nossas (preces).[2]

2. Quando a libação é derramada para ti, estes ofertantes de sacrifício enxameiam como moscas em volta do mel; os louvadores devotos, desejando riquezas, colocam a sua esperança em Indra, como um pé em uma carruagem.[3]

3. Desejoso de riquezas, eu recorro ao benevolente manejador do raio, como um filho a um pai.

4. Estes sucos Soma, misturados com coalhada, são derramados para Indra; vem, manejador do raio, com teus cavalos para a nossa casa, para beber lá para a (tua) alegria.[4]

5. Que Indra, cujo ouvido é disposto a ouvir, ouça o suplicante por riquezas, e nunca desaponte as nossas preces; ele que dá centenas e milhares; que ninguém nunca o impeça quando disposto a dar.

Varga 18. **6**. Matador de Vṛtra, o herói que oferece sacrifícios a ti, que se aproxima ansiosamente de ti (com louvores), ele, (protegido) por Indra, não é resistido (por ninguém), e é honrado pelos homens.

7. Sê uma defesa, Maghavan, para os ricos (oferecedores de oblações), porque tu és o derrotador dos (nossos) adversários; que possamos dividir o espólio do inimigo morto por ti; que tu, que és indestrutível, o tragas à nossa residência.

8. Despejem a libação para Indra, o trovejante, o bebedor de Soma; preparem os (bolos) assados para satisfazê-lo; façam (o que é agradável para ele), pois ele concede felicidade ao (adorador) que o agrada.[5]

9. Ofertantes de libação, não hesitem, sejam ativos; sacrifiquem ao benfeitor poderoso por causa de riquezas; o adorador assíduo conquista (seus inimigos), mora em uma casa e prospera; os deuses não favorecem o rito imperfeito.[6]

10. Ninguém derruba, ninguém para, a carruagem do sacrificador generoso; aquele de quem Indra é o protetor, de quem os Maruts (são os defensores), andará em pastos cheios de gado.

Varga 19. **11**. Que o homem de quem tu, Indra, és o protetor, revigorando(-te com louvor), desfrute de alimento (farto); sê[7] o preservador, herói, dos nossos carros, (o preservador) do nosso povo.

---

[1] [O hino sendo uma coleção solta de *Pragāthas* (veja a nota 1 do Hino 16), cujo primeiro tem uma extensão de dois *pādas* (v. 3)].

[2] *Sāma-Veda*, I.384 [1.3.2.5.2]; II.1025 [2.8.2.6.1].

[3] *Sāma-Veda*, II.1026 [2.8.2.6.2].

[4] *Sāma-Veda*, I.293 [1.4.1.1.1].

[5] *Sāma-Veda*, I.285 [1.3.2.5.3; *Atharva*, 6.2.3].

[6] *Na devāsaḥ kavatnave* é explicado: ato ruim ou defeituoso de religião; o escoliasta parece interpretá-lo: os homens não se tornam deuses dessa maneira. [Muir, *O. S. Texts*, V, pág. 20, lê: "'Os deuses não são para (ou seja, eles não são a sina d)o mesquinho (ou preguiçoso)'. As palavras *na ṛte śrāntasya sakhyāya devāḥ*, em 4.33.11, têm um significado similar: 'Os deuses não são amigáveis ao que está cansado do rito sagrado'?"].

12. De fato a parte (de Soma de Indra) excede (a das outras divindades) como a riqueza do vitorioso; inimigos não derrotam a ele, que é o senhor dos cavalos baios, que dá força para o ofertante de libação.
13. Dirijam (a Indra) entre os deuses a prece ampla, bem pronunciada, e graciosa; muitos laços não envolvem aquele que, por sua devoção, permanece em Indra.[8]

14. Qual mortal, Indra, prejudica aquele que tem a ti como seu amparo? Aquele que te oferece alimento (sacrifical), Maghavan, com fé, ele obtém alimento no dia da libação.[9]
15. Anima para a destruição de seus inimigos (aqueles homens) que oferecem tesouros que são estimados por ti, o abundante em riqueza; que nós, senhor dos cavalos baios, junto com (teus) adoradores, passemos por cima de todas as dificuldades pela tua orientação.[10]

Varga 20. **16**. Tua, Indra, é a grande riqueza valiosa;[11] tu nutres a mediana; tu governas tudo o que é o mais precioso; ninguém se opõe a ti na (recuperação do) gado.[12]
17. Tu és celebrado como o doador de riqueza para todos exatamente onde as batalhas ocorrem; todas as pessoas da terra, desejosas de proteção, pedem a ti, o invocado por muitos.

18. Se eu fosse o senhor de tanta (riqueza) quanto tu és, Indra, então eu poderia sustentar (teus) adoradores, distribuidor de riqueza, e não a desperdiçar na maldade.[13]
19. Que eu possa diariamente distribuir riqueza para os veneráveis onde quer que morem; nenhum outro, Maghavan, além de ti deve ser procurado por nós; (nenhum outro é para nós) um protetor mais excelente.[14]

20. O ativo ofertante (de louvor), com ritos solenes combinados, adquire alimentos; eu me curvo com adoração a você,[15] Indra, o invocado por muitos, como um carpinteiro dobra a circunferência de madeira da roda.[16]
Varga 21. **21**. Um homem não adquire riqueza por louvor impróprio; afluência não recai sobre alguém que obstrui (sacrifício); em ti, Maghavan, está o poder pelo qual recompensas (podem ser concedidas) para alguém como eu no dia da libação.[17]

22. Nós te glorificamos, herói, (Indra), o senhor de todas as coisas móveis e fixas, o observador do universo, (com conchas cheias de Soma),[18] como (os úberes das) vacas não ordenhadas.[19]
23. Nenhum outro assim como tu, celeste ou terrestre, nasceu ou nascerá; desejosos de cavalos, de alimentos, de gado, rico Indra, nós te invocamos.[20]

---

[7] *Bodhi avitā;* o comentador faz de *bodhi* a segunda pessoa do singular do imperativo de *bhū*, em vez de *bhava*, *b* sendo substituído por *bh*.
[8] [Esse Pragātha se encontra no *Atharva*, 20.59.3-4].
[9] *[Sāma-Veda*, 1.3.2.4.8 e 2.8.2.9.1].
[10] *[Sāma-Veda*, 2.8.2.9.2].
[11] ['A riqueza menor'. – Muir, Griffith e Müller].
[12] O escoliasta explica: ninguém resiste ou se opõe a ti por causa das vacas.
['Ninguém resiste a ti entre o gado'. – Muir, *O. S. Texts,* III, p. 238].
[Sāma-Veda, 1.3.2.3.8].
[13] *Sāma-Veda*, I.310 [1.4.1.2.8]; II.1146 [2.9.1.12.1; *Atharva*, 20.82.1].
[14] *Sāma-Veda*, II.47 [2.9.1.12.2; *Atharva*, 20.82.2].
[15] ['Ao *seu* Indra'. – Griffith].
[16] *Sāma-Veda*, I.238 [1.3.1.5.6]; II.217 [2.2.2.13.1].
[17] *Sāma-Veda*, II.218 [2.2.2.13.2].
[18] *Sāma-Veda*, I. 233; II.30; *Yajur-Veda [Branco]*, 27.35.
[19] *[Sāma-Veda*, 1.3.1.5.1 e 2.1.1.11.1].
Adugdhā iva dhenava ocorre na primeira linha, e Mahīdhara, *[Śukla] Yajur-Veda*, 27.36, explica: 'nós te louvamos como vacas não ordenhadas louvam seus bezerros', o que não é muito inteligível; para fazê-lo ter sentido, Sāyaṇa insere 'a plenitude das conchas': como as vacas permanecem com a condição dos úberes cheios de leite, assim nós, permanecendo com o estado da concha cheia de Soma, te glorificamos. [Veja a nota 35].

24. Indra o mais velho, traze essa riqueza (para mim), sendo o mais novo, pois, Maghavan, desde o início tu possuis um tesouro infinito, e deves ser adorado em sacrifícios repetidos.[21]
25. Afasta, Maghavan, os nossos inimigos; faze com que as riquezas sejam fáceis de adquirir; sê nosso protetor na guerra; sê o aumentador da (prosperidade) dos (teus) amigos.

26. Traze para nós, Indra, sabedoria, como um pai (dá conhecimento) aos seus filhos; concede riqueza a nós nesta ocasião, tu o invocado por muitos, para que nós, vivendo na solenidade,[22] possamos desfrutar (por muito tempo) da luz (da existência).
27. Que nenhum (inimigo) desconhecido, perverso, malevolente, maligno nos domine; que nós, protegidos por ti, atravessemos muitas águas.[23]

Índice◄►Hino 33 (Wilson)

548 - Hino 32. Indra (Griffith)[24]

1. Que ninguém, não, nem teus adoradores, te atrase longe de nós. Mesmo de longe vem ao nosso banquete, ou ouve, se já estiveres aqui.
2. Pois aqui, como moscas no mel, esses que oram a ti se sentam em volta do suco que eles derramaram. Cantores desejosos de riqueza colocaram sua esperança em Indra, como os homens põem o pé em um carro.
3. Almejando prosperidade eu o invoco, o Trovejante com a mão direita forte,[25] como um filho recorre ao pai.

4. Estes sucos Soma, misturados com coalhada, foram espremidos para Indra aqui. Vem com teus Corcéis Baios, Portador do Trovão, para o nosso lar, para beber deles até que eles te alegrem.
5. Que ele cujo ouvido é aberto nos ouça. A ele riqueza é solicitada: ele desprezará a nossa prece? Quando ele desejar presentear ninguém o impedirá, ele que concede ao mesmo tempo cem mil presentes.

6. O herói nunca detido por homens ganhou sua força através de Indra, ele que espreme e derrama suas libações profundas, ó matador de Vṛtra, para ti.
7. Quando tu unes os combatentes sê, ó Poderoso, o escudo dos poderosos.[26] Que possamos dividir a riqueza daquele a quem tu mataste; traze-nos, inacessível, os seus bens.

---

[20] *[Sāma-Veda*, 2.1.1.11.2. Esse verso e o anterior também se encontram no *Yajur (VS),* 27.35-36 e no *Atharva*, 20.121.1-2].
[21] *Sāma-Veda* I.309 [1.4.1.2.7].
[22] *Sāma-Veda*, I.259 [1.3.2.2.7]; II.806 [2.6.3.6.1; *Atharva*, 18.3.67 e 20.79.1. Veja abaixo as outras versões dessa estrofe].
[23] *Sāma-Veda*, II.807 [2.6.3.6.2; *Atharva*, 20.79.2].
Esse, embora um tanto obscuro em alguns lugares, é no todo inteligível o suficiente, e parece ser um Sūkta popular; treze das estrofes foram adotadas no *Sāma-Veda,* algumas delas duas vezes.
[24] Eu sou grato à tradução de Max Müller desse hino [veja essa tradução abaixo] em seu *Ancient Sanskrit Literature* por muitas das interpretações que adotei.
[25] Ou, dador de bons presentes.
[26] '(Vasiṣṭhas)'. – Müller; 'uma proteção dos Maghavans', ou seja, dos instituidores do sacrifício. – Ludwig.

8. Para Indra, bebedor de Soma, armado com trovão, espremam o suco Soma. Preparem suas carnes cozidas; o levem a nos favorecer. O Dador abençoa aquele que dá.[27]
9. Não façam de má vontade, ó derramadores de Soma; movam-se, prestem os ritos, por riqueza, para o grande Conquistador. Apenas o ativo conquista, vive em paz, e prospera; os Deuses não são favoráveis ao avaro.

10. Ninguém derrubou ou deteve o carro daquele que dá livremente. O homem a quem Indra e a hoste Marut defendem chega a um estábulo cheio de vacas.[28]
11. Indra, quando lutando obterá os despojos aquele homem cujo defensor forte tu fores. Sê o auxiliador benevolente, Herói! dos nossos carros, sê o auxiliador dos nossos homens.

12. Sua porção é grandíssima como os despojos de um soldado vitorioso. A ele que é Indra, o Senhor dos Baios, nenhum inimigo subjuga. Ele dá força ao derramador de Soma.
13. Façam para os Deuses Santos um hino que não seja inferior, mas bem arranjado e de forma boa. Nem mesmo muitas armadilhas e laços subjugam aquele que vive com Indra por meio do seu sacrifício.

14. Indra, qual mortal atacará o homem que tem sua riqueza em ti? O forte ganhará o espólio no dia decisivo mediante a fé em ti, ó Maghavan.
15. Nas batalhas com o inimigo exorta os nossos poderosos que dão os tesouros estimados para ti, e que nós com nossos príncipes, Senhor dos Corcéis Baios! passemos através de todos os perigos, guiados por ti.

16. Tua, Indra, é a riqueza menor, tu cuidas da riqueza mediana, tu sempre governas todas as maiores; na luta por gado ninguém resiste ti.
17. Tu és famoso por dares riqueza a cada um em todas as batalhas que são travadas. Almejando proteção, todas essas pessoas da terra, ó invocado por muitos, imploram teu nome.

18. Se eu, ó Indra, fosse o Senhor de riquezas vastas como as tuas, eu ajudaria o cantor, Deus que dá riqueza! e não o abandonaria ao infortúnio.
19. A cada dia eu enriqueceria o homem que cantou o meu louvor, em qualquer lugar que ele estivesse. Não há parentesco melhor, Maghavan, do que o teu; mesmo um pai não é mais.

20. Com Abundância[29] como sua verdadeira aliada o homem ativo ganhará os despojos. Ao seu Indra, invocado por muitos, eu me curvo com canção, como um construtor curva sua roda de madeira maciça.
21. Um mortal não ganha riquezas por louvor indigno; a prosperidade não vem para o sovina avarento. Leve é a tarefa de dar, ó Maghavan, para alguém como eu no dia decisivo.

22. Como vacas não ordenhadas nós te chamamos alto, Herói, e cantamos teu louvor; espectador na luz celeste, Senhor desse mundo em movimento, Senhor, Indra, do que não se move.
23. Nenhum outro semelhante a ti, da terra ou do céu, jamais nasceu nem nunca vai nascer. Desejando cavalos, Indra Maghavan! e vacas, como homens de poder nós te invocamos.

---

[27] Indra recompensa o adorador generoso.
[28] Ganha rica recompensa.
[29] Ou, Espírito, Ousadia.

24. Traze, Indra, os Vitoriosos;[30] traze, ó mais velho, a hoste mais jovem. Pois, Maghavan, tu és rico em tesouros desde antigamente, e deves ser chamado em toda luta.
25. Afugenta os nossos inimigos, ó Maghavan; torna as riquezas fáceis de serem obtidas. Sê o nosso bom Protetor na contenda por despojos; sê o Nutridor dos nossos amigos.

26. Ó Indra, dá-nos sabedoria como um pai dá sabedoria aos seus filhos. Guia-nos, ó invocado por muitos, nesse nosso caminho; que possamos ainda viver e olhar para a luz.
27. Concede que inimigos poderosos, desconhecidos, malévolos, profanos, não nos pisoteiem. Com a tua ajuda, Herói, que possamos atravessar todas as águas que correm.

Índice◄►Hino 33 (Griffith)

---

458 – Hino 32. Indra (Müller)[31]

1. Que ninguém, nem mesmo aqueles que te adoram, te atrasem longe de nós! Mesmo de longe vem ao nosso banquete! Ou, se estiveres aqui, ouve-nos!
2. Porque estes aqui que fazem orações para ti se sentam juntos perto da libação, como moscas em volta do mel. Os adoradores, ansiosos por riquezas, colocaram seu desejo em Indra, como nós colocamos o pé sobre uma carruagem.
3. Desejoso de riquezas, eu chamo aquele que segura o raio com seu braço, e que é um bom doador, como um filho chama o pai.

4. Estas libações de Soma, misturadas com leite, foram preparadas para Indra; vem, armado com o raio, com os cavalos para beber delas para teu deleite; vem para a casa!
5. Que ele nos ouça, porque ele tem ouvidos para ouvir. A ele são pedidas riquezas; ele vai desprezar as nossas preces? Ele poderia em breve dar centenas e milhares; ninguém poderia detê-lo se ele quisesse dar.

6. Aquele que prepara para ti, matador de Vṛtra, libações profundas, e as derrama[32] diante de ti, aquele herói prospera com Indra, nunca desprezado pelos homens.
7. Sê, ó poderoso, o escudo dos poderosos (Vasiṣṭhas) quando tu unes os homens que lutam. Deixa-os compartilhar da riqueza daquele a quem tu mataste; traze-nos o lar daquele que é difícil de vencer.

8. Ofereçam Soma para o bebedor de Soma, para Indra, o senhor do trovão; preparem assados; façam-no nos proteger; Indra, o dador, é uma bênção para aquele que dá oblações.

---

[30] Esses seriam os Maruts. [Veja acima a versão por Wilson e abaixo a versão por Müller].
[31] [*A History of Ancient Sanskrit Literature,* 1859; p. 543-546].
Neste hino Indra é claramente concebido como o deus supremo, e mal podemos entender como um povo que tinha formado uma noção tão elevada do deus e o personificado na pessoa de Indra poderia, no mesmo sacrifício, invocar outros deuses com louvor igual. Quando Agni, o Senhor do Fogo, é abordado pelo poeta, ele é mencionado como o primeiro deus, não inferior nem a Indra. Enquanto Agni é invocado, Indra é esquecido; não há concorrência entre os dois, nem qualquer rivalidade entre eles ou outros deuses. Essa é uma característica importantíssima da religião do Veda, e nunca foi levada em consideração por aqueles que escreveram sobre a história do politeísmo antigo.
[32] *Dhāvati* é explicado como um verbo neutro pelo comentário, "Aquele que corre para ti". *Dhāvati*, no entanto, é um termo técnico, aplicado às libações de suco Soma, como pode ser visto em 8.1.17: "*Sotā hi somam adribhiḥ ā īm enam apsu dhāvata*", "Espremam o Soma com pedras, o façam correr para a água".

9. Não deem de má vontade, ó dadores de Soma; deem força para o grande deus, façam-no dar riquezas! Só aquele que persevera conquista, permanece e prospera: com os deuses não se brinca.

10. Ninguém cerca a carruagem do adorador generoso, ninguém a detém. Aquele a quem Indra protege, e os Maruts, ele entrará em estábulos cheios de gado.
11. Ele irá, quando lutando, obter despojos,[33] ó Indra, o mortal, cuja proteção tu deves ser. Ó herói, sê a proteção dos nossos carros e dos nossos homens!

12. A parte dele é extremamente grande, como a riqueza de um vencedor. Ele que é Indra com seus corcéis, a ele nenhum inimigo pode subjugar; que ele dê força ao sacrificador!
13. Façam para os deuses sagrados um hino que não seja pequeno, que seja bem construído e belo! Muitas armadilhas passam por aquele que permanece com Indra através de seu sacrifício.

14. Qual mortal se atreve a atacar aquele que é rico em ti? Pela fé em ti, ó poderoso, o forte obtém despojos no dia da batalha.
15. Incita a nós poderosos Vasiṣṭhas na matança de inimigos, incita a nós que damos os seus tesouros mais preciosos. Sob a tua orientação, Haryaśva, nós com nossos sábios conselheiros superaremos todas as dificuldades.

16. A ti pertence o menor tesouro; tu cultivas o tesouro mediano; tu és sempre o rei todo tesouro mais elevado; ninguém resiste a ti no rebanho.
17. Tu és bem conhecido como o benfeitor de todos, quaisquer batalhas que haja. Cada um desses reis da terra implora o teu nome, quando desejando obter auxílio.

18. Se eu fosse senhor de tanto quanto tu, eu ajudaria o bardo sagrado, ó espalhador de riquezas, eu não o abandonaria à miséria.
19. Eu concederia riqueza dia a dia para aquele que glorifica, eu a concederia para quem quer que fosse.[34] Nós não temos outro amigo além de ti, nem outra felicidade, nem outro pai, ó poderoso!

20. Aquele que persevera adquire despojos com sua esposa como sua companheira; eu me curvo a Indra, que é invocado por muitos, por vocês, como um fabricante de rodas curva uma roda feita de madeira forte.
21. Um mortal não obtém riquezas por pouco louvor; nenhuma riqueza vem ao que tem má vontade. O homem forte, ó poderoso, é o que no dia da batalha é uma dádiva preciosa para ti como para mim.

22. Nós chamamos por ti, herói, como vacas que não foram ordenhadas; nós te louvamos como soberano de tudo o que se move, ó Indra, como soberano de tudo o que é fixo.[35]
23. Não há ninguém como tu no céu ou na terra; ele não nasceu, e não vai nascer. Ó poderoso Indra, nós te invocamos enquanto seguimos lutando por vacas e cavalos.

24. Traze tudo isso para aqueles que são bons, Indra, sejam eles velhos ou jovens; pois tu, ó poderoso, és o rico de antigamente, e deves ser chamado em cada batalha.
25. Afasta os hostis, ó poderoso, torna fáceis de obter os tesouros para nós! Sê o nosso protetor na luta, sê o nutridor dos nossos amigos!

---

[33] Esse verso mostra sinais de uma origem recente; as ideias são tiradas do verso anterior.
[34] Segundo o comentador *kuhacidvid* significa 'onde quer que ele esteja'.
[35] ['Nós, heroico Indra, como vacas não ordenhadas, nos aproximamos com nossos louvores de ti que és o senhor divino deste (mundo) movente, e do estacionário'. – Muir, *O. S. Texts,* IV, p. 103].

26. Indra, dá-nos sabedoria, como um pai para seus filhos. Ensina-nos neste caminho, deixa-nos vivendo ver o sol!
27. Não deixes que patifes desconhecidos, maldispostos e profanos nos pisoteiem. Através da tua ajuda, herói, vamos passar por cima das águas correntes eternas!

Índice◄►Hino 46 (Müller)

---

549 - Hino 33. Vasiṣṭha e Seus Filhos (Wilson)[1]

(Sūkta XVI)

Os deuses dos nove primeiros versos são os filhos de Vasiṣṭha,[2] e ele é, como sempre, o Ṛṣi; nos últimos cinco ele é considerado o deus, e seus filhos, os Ṛṣis; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 22. **1**. Os realizadores de cor branca[3] de cerimônias sagradas, usando a mecha de cabelo do lado direito,[4] têm me proporcionado alegria, quando, me levantando, eu chamo os líderes (de ritos) para a grama sagrada; os Vasiṣṭhas, (meus filhos), nunca devem estar longe de mim.
2. Envergonhando (Pāśadyumna), eles trouxeram de longe o feroz Indra, quando bebia da concha de Soma no sacrifício dele, para (receber) a libação (de Sudās);[5] Indra correu do Soma derramado de Pāśadyumna, o filho de Vayata, para os Vasiṣṭhas.
3. Do mesmo modo ele, (Sudās), foi habilitado por eles facilmente a atravessar o rio Sindhu; na mesma maneira, através deles ele matou facilmente o seu inimigo;[6] assim semelhantemente, Vasiṣṭhas, através das suas preces, Indra defendeu Sudās na guerra com os dez reis.[7]
4. Por suas preces, líderes (de ritos), é efetuada a gratificação dos seus progenitores;[8] eu coloquei em movimento do eixo (da carruagem);[9] não sejam inertes, pois pelas suas métricas sagradas,[10] Vasiṣṭhas, (cantadas) em voz alta, vocês mantêm vigor em Indra.
5. Sofrendo de sede, pedindo (chuva), apoiados (pelos Tṛtsus) na guerra com os dez reis, (os Vasiṣṭhas) tornaram Indra radiante como o sol; Indra ouviu (os louvores) de Vasiṣṭha glorificando-o, e concedeu uma região vasta aos Tṛtsus.

---

[1] [Este é um hino famoso, 'grande parte dele é muito obscura', – Muir, e é um 'hino difícil e obscuro'. – Griffith].
[2] [Mas os versos 1 e 4 podem ser falas do próprio Indra, o último verso é considerado tradicionalmente como as palavras de Agastya, e Griffith diz que após o verso 7 'Indra é o orador do resto do hino', então: 'Aqui é proclamado um diálogo de Vasiṣṭha e Agastya com seus filhos e também com Indra, e (sua) grandeza, nascimento, e ações (são celebrados)'. – *Bṛhaddevatā,* II (Harvard Oriental Series)*,* tradução por Macdonell, 1904, p. 207].
[3] O texto tem *śvityañcaḥ*, que Sāyaṇa explica como *śvetavarṇāḥ*, de cor branca; esse é um epíteto singular quando aplicado aos Vasiṣṭhas.
[4] *Dakṣiṇatas kapardāḥ; kaparda* é a *cūḍā* ou única mecha de cabelo deixada na parte superior esquerda da cabeça na tonsura, que, de acordo com o escoliasta, é característica dos Vasiṣṭhas usar à direita do topo da cabeça.
[5] Isso é explicado por uma lenda que conta que, quando os filhos de Vasiṣṭha realizaram um sacrifício Soma para Indra em nome de Sudās, eles descobriram que ele estava presente em uma solenidade semelhante instituída pelo Rājā Pāśadyumna, filho de Vayata, ao que eles insultaram o Rājā, interromperam o sacrifício dele e, por meio de seus mantras, compeliram Indra a ir ao dos seus patrocinadores.
[6] *Bhedam jaghāna; Bheda* [o Fendedor] pode ser um nome próprio.
[7] *Dāśarājñe* é explicado como *daśabhi rājabhih saha yuddhe;* a mesma guerra é citada posteriormente: veja o Sūkta 83 do presente Maṇḍala [7.83.4-8].
[8] *Pitṝṇām*, no genitivo plural, só pode ser utilizado honorificamente, significando pai, isto é, Vasiṣṭha.
[9] *Akṣam avyayaṃ* o comentador interpreta: eu faço se mover o eixo do carro, atribuindo as palavras a Vasiṣṭha [veja a nota 2], como anunciando a sua intenção de retornar ao seu eremitério.
[10] [Śakvarī; veja a nota 32].

Varga 23. **6**. Os Bharatas, inferiores (aos seus inimigos), foram desprovidos (dos seus bens), como as varas para conduzir o gado, (despidas de suas folhas e ramos); mas Vasiṣṭha se tornou seu sacerdote familiar, e os povos dos Tṛtsus prosperaram.[11]

7. Três derramaram umidade[12] sobre as regiões, três são seus descendentes gloriosos, dos quais o principal é a noite; três comunicadores de calor acompanham a aurora; realmente os Vasiṣṭhas entendem todos esses.

8. A glória desses Vasiṣṭhas é como o esplendor sol; sua grandeza tão profunda quanto (a profundidade d)o oceano; o seu louvor, Vasiṣṭhas, tem a velocidade do vento; por nenhum outro ele pode ser superado.

9. Pela sabedoria situada no coração os Vasiṣṭhas percorrem o mundo oculto de mil ramos,[13] e as Apsarasas se sentam, vestindo o manto estendido por Yama.[14]

10. Quando Mitra e Varuṇa te viram, Vasiṣṭha, abandonando o brilho do relâmpago (para uma forma diferente), então um dos teus nascimentos (ocorreu), visto que Agastya te levou da tua (antiga) residência.[15]

Varga 24. **11**. Realmente, Vasiṣṭha, tu és o filho de Mitra e Varuṇa, nascido, Brahman, da vontade de Urvaśī,[16] após a efusão seminal; todos os deuses sustentaram a ti, (dotado) de vigor celeste e vêdico no lago.[17]

12. Ele, o sábio conhecedor de ambos os mundos, foi o doador de milhares; ele era realmente doação; vestindo o manto estendido por Yama, Vasiṣṭha nasceu das Apsaras.

13. Consagrados para o sacrifício,[18] propiciados por louvores, eles, Mitra e Varuṇa, derramaram uma efusão comum no jarro de água, do meio do qual Māna[19] surgiu, e do qual também, dizem, Vasiṣṭha nasceu.[20]

---

[11] Os Tṛtsus são os mesmos que os Bharatas; segundo o *Mahābhārata*, Saṃvaraṇa, filho de Ṛkṣa, o quarto em descendência de Bharata, o filho de Duṣyanta, foi expulso de seu reino pelos Pañcālas, e obrigado a se refugiar com sua tribo entre as matas do Sindhu até que Vasiṣṭha foi até eles e consentiu em ser o Purohita do Rājā, quando eles recuperaram seu território.

[12] Sāyaṇa cita Sāṭyāyana para a explicação desse verso: os três que mandam chuva sobre as três regiões da terra, ar, e céu são Agni, Vāyu, e Āditya, e eles também difundem calor; seus descendentes são os Vasus, os Rudras, e os Ādityas, cujos últimos são o mesmo que *jyotish*, luz. [Nota 52].

[13] *Niṇyaṃ sahasravalśam abhisaṃcaranti*, eles passam totalmente por cima do oculto, *tirohitam*, ou *durjñānam*, ignorante, *sahasra valśam*, o mundo giratório de vários seres vivos, ou a sucessão de muitos nascimentos; uma alusão é pretendida, o escoliasta parece sugerir, aos repetidos nascimentos de Vasiṣṭha; o plural aqui sendo substituído pelo singular, ele tendo sido primeiro um dos Prajāpatis, ou filhos nascidos da mente de Brahmā, e, em segundo lugar, um dos filhos de Urvaśī; ou talvez possa significar, pela expressão *hṛdayasya praketaiḥ prajñānaiḥ*, convicções internas ou conhecimento, para indicar o desapego de Vasiṣṭha ou seus filhos do mundo.

[14] *Yamena tatam paridhiṃ vayanto apsarasa upasedur vasiṣṭhāḥ* é um pouco obscuro; *vasiṣṭhāḥ* não tem nada a ver com essa parte da construção, e deve ser conectado com a primeira palavra do verso, *te, te vasiṣṭhāḥ*, aqueles Vasiṣṭhas, ou aquele Vasiṣṭha, *yamena* é explicado *sarvaniyantrā*, pelo limitador ou regulador de todos; *kāranātmanā*, idêntico à causa, isto é, por atos, como as causas da condição vital; o traje *paridhiṃ*, *vastram*, estendido, *tatam*, por ele, é a revolução de vida e morte; *janmādipravāhah*, tecendo, *vayantaḥ*, como o masc. plural, deve concordar com *vasiṣṭhāḥ*, mas Sāyaṇa o conecta com *apsarasaḥ*, as ninfas, ou, mais propriamente, a ninfa Urvaśī, que se sentou ou se aproximou na qualidade de mãe, usando aquela vestimenta que ele estava destinado por atos antigos a usar; o significado geral não é duvidoso, mas expresso de modo obscuro.

[15] *Āgastyo yat tvā viśa ājabhāra* é interpretado: quando Agastya te tirou da condição anterior, cuja única interpretação é: nós dois, Mitra e Varuṇa, vamos gerar; ou, os dois deuses decidiram: este Vasiṣṭha será gerado por nós; mas o que Agastya tem a ver com isso é deixado sem explicação. [Veja a nota 21*].

[16] A versão purânica, que aqui parece ser de origem vêdica, é bem conhecida; segundo o comentador, Urvaśī, ao ver o nascimento do Ṛṣi, disse para si mesma, que este seja meu filho.

[17] *Brahmaṇā daivyena*, de acordo com o escoliasta, exige a adição de *yuktam*, unido com, como o epíteto de *tvām; puṣkara* pode significar o *kumbha*, ou jarro, usado em sacrifício, ou o *vāsatīvara*, o poço de água preparada para o mesmo; mas Sāyaṇa prossegue com uma lenda que parece destinada a ligar seu sentido usual a *puṣkara*, o vaso transbordando, alguns dos seus conteúdos caíram sobre a terra, e deles Vasiṣṭha nasceu; Agastya nasceu daqueles no vaso; o fluído transbordante sendo reunido, Vasiṣṭha permaneceu no lago. *Puṣkara* também é o nome do lago em Ajmer; mas, de acordo com o *Padma Purāṇa,* era o local do eremitério de Agastya, não de Vasiṣṭha: *Sṛṣṭi Khaṇḍa,* cap. 22.

[18] *Satre jātāv* é explicado: preparados pelas purificações preliminares para a cerimônia.

14. Pratṛds,[21] Agastya vem a vocês; o recebam com mentes devotadas, e ele na posição principal[22] guia o recitador da prece, o cantor do hino, o amolador da pedra, e repete (o que é para ser repetido).

Índice◄►Hino 34 (Wilson)

---

549 - Hino 33. Vasiṣṭha e Seus Filhos (Griffith)[23]

1. Estes que usam nós de cabelo[24] à direita, os causadores de pensamento santo, vestidos de branco,[25] me[26] conquistaram. Eu avisei aos homens, quando da grama[27] eu me ergui, 'Os meus Vasiṣṭhas não podem ajudá-los de longe'.
2. Com Soma eles trouxeram Indra de longe, sobre Vaiśanta,[28] da libação forte. Indra preferiu os Vasiṣṭhas ao Soma espremido pelo filho de Vayata, Pāśadyumna.[29]
3. Então, realmente, com estes ele atravessou o rio,[30] acompanhado por estes ele matou Bheda. Assim, na luta com os Dez Reis,[31] Vasiṣṭhas! Indra ajudou Sudās através das suas devoções.
4. Eu alegremente, homens! com prece rezei por nossos pais que consertaram seu eixo; vocês não serão feridos, uma vez que, quando cantaram em voz alta os versos Śakvarī,[32] Vasiṣṭhas! vocês revigoraram Indra.

---

[19] É dito que Māna é um nome de Agastya, com referência a ele ter a extensão de um palmo no seu nascimento, conforme o texto: Daí surgiu o grande asceta Agastya da extensão de um palmo, como medido por um padrão, (māna); por isso ele é chamado de Mānya sobre a terra. [Veja a nota 53]. Agastya não é contado entre os Prajāpatis, de acordo com uma lenda ele foi, em um nascimento anterior, o filho de Pulastya; mas ele é, evidentemente, a criação de uma data posterior a Vasiṣṭha e aos outros Ṛṣis originais, ainda que de celebridade notável e antiga, como registrado no *Rāmāyaṇa* e no *Mahābhārata*.

[20] ['Os deuses Mitra e Varuṇa veem a muito atrativa Apsaras Urvaśī e não podem se impedir de ejacular em um vaso. O vaso age como um útero substituto, e dele os dois bebês Vasiṣṭha e Māna Agastya nascem. Urvaśī é sua mãe porque eles 'são nascidos da mente dela' (RV 7.33.11b). "Eles derramaram seu sêmen misturado no vaso; do meio dele Māna surgiu, dele eles dizem que o ṛṣi Vasiṣṭha nasceu". (RV 7.33.13b-d). ... Vasiṣṭha e Māna Agastya são filhos de Mitra e Varuṇa, e surpreendentemente eles não são considerados como gêmeos nem como irmãos!' – Henry J. Walker, *The Twin Horse Gods,* cap. 1].

[21] [Pratṛts]. Os mesmos que os Tṛtsus.

*["Agastya encontra uma família para Vasiṣṭha, por tê-lo adotado pelos Tṛtsus, a família dos reis Bharata a quem os iniciantes Vasiṣṭhas servirão como sacerdotes reais (purohitas): 'Agastya o traz para o povo *(viś)'*, RV 7.33.10d; 'respeitem-no benevolentemente, Vasiṣṭha está vindo a vocês, Pratṛds', RV 7.33.14cd. Os Pratṛds são os Tṛtsus (os Vasiṣṭhas são chamados de Tṛtsus em RV 7.83.8). Os Vasiṣṭhas precisavam ser apresentados a essa família porque eles eram imigrantes recentes do Irã Oriental. Veja Witzel, Michael, 'Rgvedic History, Poets, Chieftains and Polities', em Erdosy, George, *The Indo-Aryans of Ancient South Asia. Language, Material Culture and Ethnicity* (Berlim: Walter de Gruyter, 1995), p. 334 e 335, e nota 80 na p. 335. Em uma obra posterior, Witzel sugere que os Vasiṣṭhas podem ter pertencido ou sido adotados pela família de Agastya, o que mais uma vez indica uma posição subordinada a Agastya e sua família. Veja Witzel, Michael, 'The Development of the Vedic Canon and its Schools: The Social and Political Milieus', em Witzel, Michael (editor), *Inside the Texts, Beyond the Texts* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997), p. 289 nota 145". – Henry J. Walker, *The Twin Horse Gods,* cap. 1, nota 28].

[22] *Agre*, na frente, isto é, como seu Purohita.

[23] O hino é uma glorificação de Vasiṣtha e sua família, a última parte relativa ao seu nascimento e os primeiros versos referentes à sua ligação com o rei Sudās.

[24] [Veja a nota 4].

[25] De cor branca, segundo Sāyaṇa.

[26] Vasiṣṭha, que é o orador das estrofes 1-6. 'Von Roth (sob a palavra *av*) considera Indra como o orador. Não poderia ser Sudās?' – Muir, *O. S. Texts,* I. 319-320, onde as estrofes 1-13 são traduzidas [veja essa tradução abaixo].

[27] A grama sagrada colocada no chão da câmara sacrifical.

[28] Provavelmente o nome de um rio.

[29] Outro rei que estava sacrificando para Indra ao mesmo tempo em que Sudās.

[30] Yamunā. Veja 7.18.19.

[31] Das tribos confederadas que combatiam Sudās. Veja 7.18.

[32] Hinos de louvor na métrica Śakvarī (14x4).

5. Como homens sedentos eles olharam para o céu, na batalha com os Dez Reis, cercados e suplicantes. Então Indra ouviu Vasiṣṭha quando ele o louvou, e deu aos Tṛtsus amplo espaço e liberdade.
6. Como varas e bastões com os quais eles conduzem o gado, despojados, os Bharatas[33] foram encontrados indefesos; Vasiṣṭha então se tornou seu chefe e líder; então os clãs dos Tṛtsus[34] se estenderam amplamente.
7. Três fertilizam os mundos com umidade genial; três nobres criaturas lançam uma luz diante delas. Três que dão calor a todos acompanham a Manhã. Todos esses eles descobriram, estes Vasiṣṭhas.[35]
8. Como a glória crescente do Sol é seu esplendor, e como a do mar é sua grandeza insondável. Seu curso é como o do vento. Seu louvor, Vasiṣṭhas, nunca pode ser alcançado por nenhum outro.
9. Eles com percepções do coração em segredo recorrem àquele que espalha mil ramos.[36] As Apsaras trouxeram para cá os Vasiṣṭhas usando o traje[37] fiado para elas por Yama.
10. Uma forma de brilho brotando do relâmpago tu eras, quando Varuṇa e Mitra te viram. O teu primeiro e único nascimento foi então, Vasiṣṭha, quando da tua origem Agastya te trouxe para cá.[38]
11. Nascido do amor deles por Urvaśī,[39] Vasiṣṭha, tu, sacerdote, és filho de Varuṇa e Mitra; e como uma gota caída, em fervor celeste, todos os Deuses te colocaram em uma flor de lótus.[40]
12. Ele, pensador, conhecedor da terra e do céu, dotado de muitas dádivas, concedendo milhares, destinado a vestir o manto fiado por Yama, surgiu da Apsaras[41] para a vida, Vasiṣṭha.
13. Nascidos no sacrifício, incitados pelas adorações, ambos com um fluxo comum borrifaram o jarro. Então do meio dele ergueu-se Māna,[42] e daí eles dizem que nasceu o sábio Vasiṣṭha.
14. Ele traz a portadora do louvor e Sāman;[43] primeiro ele deve falar trazendo a pedra para espremer. Com corações gratos em reverência aproximem-se dele; a vocês, ó Pratṛdas,[44] Vasiṣṭha vem.

---

[33] Aparentemente os mesmos que os Tṛtsus.
[34] A tribo da qual Sudās era rei.
[35] [Veja a nota 52]. Indra é o orador do resto do hino.
[36] Segundo a tradução de Ludwig, o Deus do Sol é aludido; segundo a sua opinião posterior, a referência é à árvore mística sustentada por Varuṇa na região sem base (1.24.7).
[37] O corpo. A estrofe é muito obscura, e a explicação de Sāyaṇa, que ultrapassa a gramática, não é satisfatória. [Veja a tradução do verso por Wilson].
[38] Vasiṣṭha aparece aqui como a encarnação do relâmpago, luz, ou fogo, e como tendo sido trazido para os homens por Agastya que nasceu do mesmo modo que Vasiṣṭha. [Veja abaixo a versão desse verso por Muir].
[39] A mais famosa das Apsarases ou ninfas do céu.
["Urvaśī era originalmente uma denominação, e significava aurora. ... Mas há outras indicações, além do mero nome de Urvaśī, que nos levam a supor que ela era originalmente a deusa do amanhecer. 'Vasiṣṭha', embora mais conhecido como o nome de um dos principais poetas do Veda, é o superlativo de 'vasu', brilhante; e como tal também um nome do Sol. Assim ocorre que expressões que se aplicam propriamente apenas ao sol foram transferidas para o poeta antigo. Ele é chamado de filho de Mitra e Varuṇa, dia e noite, uma expressão que tem um significado apenas em relação a Vasiṣṭha, o sol; e como o sol é frequentemente chamado de filho da aurora, é dito que Vasiṣṭha, o poeta, deve seu nascimento a Urvaśī (RV. 7.33.11)". – Max Müller, *Chips from a German Workshop,* II, p. 99; veja a página 98 em diante].
Para um relato completo dessa produção de Vasiṣṭha, o leitor curioso é encaminhado a Muir, O*. S. Texts,* I, 321 [veja abaixo a nota 53]. Veja [também] M. Müller, *Chips*, IV. 108, 109; e Hillebrandt, *Varuṇa und Mitra,* 148, 149.
[40] Ou, segundo outros, 'no vaso sagrado', ou jarro de água usado em sacrifício. 'No lago'. – Wilson.
[41] Urvaśī.
[42] Dito ser outro nome de Agastya. [Veja as notas 19 e 20].
[43] A pedra de espremer, que era posta em movimento durante a recitação dos versos sagrados.
[44] Um nome usado aqui para designar os Tṛtsus.

549 – Hino 33. Vasiṣṭha e Seus Filhos (Muir)[45]

1. Os (sacerdotes) vestidos de branco com nós de cabelo à direita, estimulando a devoção, me encheram de alegria. Levantando-me da grama sacrificial, eu apelo aos homens, 'Não deixem os Vasiṣṭhas (ficarem muito) longe para socorrer (ou alegrar) a mim.[46]
2. Por sua libação eles trouxeram Indra para cá de longe através do Vaiśanta para longe da dose poderosa.[47] Indra preferiu os Vasiṣṭhas ao *soma* oferecido por Pāśadyumna,[48] filho de Vayata.
3. Assim também com eles ele atravessou o rio; assim também com eles ele matou Bheda; assim também na batalha dos dez reis[49] Indra salvou Sudās através da sua prece, ó Vasiṣṭhas.
4. Através da gratificação causada pela prece dos seus pais, ó homens, não obstruam o eixo imperecível (?), já que pela (recitação dos) versos Śakvarī[50] com uma voz alta vocês infundiram energia em Indra, ó Vasiṣṭhas.
5. Aflitos, quando cercados na luta dos dez reis, eles olharam para cima, como homens sedentos, para o céu. Indra ouviu Vasiṣṭha quando ele proferiu louvor, e abriu um amplo espaço para os Tṛtsus.[51]
6. Como varas para guiar o gado, os desprezíveis Bharatas foram completamente podados. Vasiṣṭha marchava na frente, e em seguida as tribos dos Tṛtsus estavam distribuídas.
7. Três deuses criam um fluido fertilizante nos mundos. Três são as criaturas nobres das quais a luz provém. Três fogos acompanham a aurora.[52] Os Vasiṣṭhas conhecem todos esses.
8. Seu brilho é como o esplendor pleno do sol; sua grandeza é como a profundidade do oceano; como a rapidez do vento, seu hino, ó Vasiṣṭhas, não pode ser seguido por ninguém mais.
9. Pelas intuições do seu coração eles procuram o mistério de mil ramos. Tecendo o envoltório esticado por Yama, os Vasiṣṭhas se sentaram perto das Apsaras.

Esse hino difícil e obscuro foi traduzido e discutido minuciosamente por Geldner, (*Vedische Studien,* II. P. 129-155, criticado pelo professor Ludwig, *Ueber die neuesten Arbeit auf dem Gebiete der Ṛgveda-forschung [O mais recente trabalho no campo da pesquisa do Ṛgveda]*, p. 163-167).

[45] [Muir, *Original Sanskrit Texts,* I, p. 319-322]. Grande parte deste hino é muito obscura.

[46] Sāyaṇa acha que Vasiṣṭha é o orador, e se refere aqui aos seus próprios filhos. O professor Roth (sob a palavra *av*) considera Indra como o orador. Não poderia ser Sudās?

[47] Essa é a interpretação dessa oração sugerida pelo professor Aufrecht, que acha que Vaiśanta é provavelmente o nome de um rio.

[48] Segundo Sāyaṇa, outro rei que estava sacrificando na mesma hora que Sudās.

[49] Veja 7.83.6-8, a serem citados em seguida.

[50] Veja 10.71.11.

[51] Esse é, evidentemente, o nome da tribo que os Vasiṣṭhas favoreciam, e à qual eles próprios devem ter pertencido. Veja 7.83.4. Os Bharatas no verso seguinte parecem ser a tribo hostil.

[52] Em explicação disso Sāyaṇa cita uma passagem do *Sāṭyāyana Brāhmaṇa*, como segue: (1) "Agni produz um líquido fertilizante na terra, Vāyu no ar, o Sol no céu. (2) As 'três criaturas nobres' são os Vasus, os Rudras, e os Ādityas. O Sol é sua luz. (3) Agni, Vāyu, e o Sol acompanham a Aurora".

10. Quando Mitra e Varuṇa te viram deixando a chama do relâmpago, aquele foi teu nascimento; e tu tiveste um (outro nascimento), ó Vasiṣṭha, quando Agastya te trouxe para o povo.
11. E tu és também um filho de Mitra e Varuṇa, ó Vasiṣṭha, nascido, ó sacerdote, da alma de Urvaśī. Todos os deuses te colocaram – uma gota que caiu através da contemplação divina – no vaso.
12. Ele, o inteligente, conhecendo ambos (os mundos?), com mil presentes, ou com presentes – ele que era para tecer o envoltório estendido por Yama – ele, Vasiṣṭha, nasceu da Apsaras.
13. Eles dois (Mitra e Varuṇa?), nascidos no sacrifício, e impelidos por adorações, derramaram no vaso a mesma quantidade de semente. Do meio dele surgiu Māna (Agastya?); e dele eles dizem que o ṛṣi Vasiṣṭha nasceu.[53]
14. [Verso omitido, considerado tradicionalmente como as palavras de Agastya apresentando Vasiṣṭha ao seu clã adotivo].

Índice◄►Hino 46 (Muir)

---

[53] Qualquer que seja o sentido dos versos 11 e 13, o *Nirukta* afirma bastante claramente v. 13; "Ao vê-la (Urvaśī) a semente da Mitra e Varuṇa caiu deles. A isso o verso seguinte (RV 7.33.11) se refere". E Sāyaṇa no mesmo verso cita uma passagem da *Bṛhaddevatā,* [II, p. 204-205 da tradução por Macdonell, 1904]: "Quando esses dois Ādityas (Mitra e Varuṇa) viram a Apsaras Urvaśī em um sacrifício a sua semente caiu deles dentro do jarro sacrificial chamado *vāsatīvara*. Naquele exato momento os dois ṛṣis enérgicos e austeros Agastya e Vasiṣṭha foram produzidos lá. A semente caiu em muitos lugares, dentro do jarro, na água e no solo. O *muni* Vasiṣṭha, o mais excelente dos ṛṣis, foi produzido no solo; enquanto Agastya nasceu no jarro, um peixe de grande brilho. O austero Agastya saltou dali do tamanho de uma *śamyā* (ou seja, o pino de uma canga). Já que ele foi medido por um determinado padrão (*māna*), ele é chamado de 'mensurável' (*mānya*). Ou, o ṛṣi, tendo surgido de um jarro (*kumbha*), também é medido por um jarro, porque a palavra *kumbha* também é designada como o nome de uma unidade de medida. Então, quando as águas foram tiradas, Vasiṣṭha permaneceu no vaso [ou no lótus] (*Puṣkara*); pois todos os deuses o seguraram nele por todos os lados [ou 'seguraram o lótus']". Em seu *Illustrations of the Nirukta*, p. 64, o professor Roth fala das estrofes do hino que se relacionam com a origem de Vasiṣṭha como sendo uma adição mais moderna a uma composição mais antiga, e como descrevendo o nascimento milagroso do sábio no gosto e estilo da mitologia épica. O professor Max Müller (*Oxford Essays* de 1856, p. 61 e seguintes) diz que Vasiṣṭha é um nome do Sol; e que o antigo poeta é também "chamado de filho de Mitra e Varuṇa, dia e noite, uma expressão que tem um significado apenas em relação a Vasiṣṭha, o sol; e como o sol é frequentemente chamado de filho da aurora, é dito que Vasiṣṭha, o poeta, deve seu nascimento a Urvaśī" (a quem Müller identifica com Uṣas). Para a opinião do Sr. Langlois sobre a passagem, veja a sua versão francesa do RV vol. III. p. 79 e seguintes e sua nota, p. 234.

550 - Hino 34. Viśvadevas (Wilson)

(Anuvāka 3. Sūkta I)

Os deuses são os Viśvadevas[1]; o Ṛṣi, como sempre, Vasiṣṭha; a métrica das primeiras vinte e uma estrofes é Virāj de um hemistíquio apenas; a das últimas quatro estrofes é Triṣṭubh.

Varga 25. **1**. Que o louvor puro e divino vá de nós (até os deuses) como uma carruagem veloz, bem construída.
2. As águas correntes sabem a origem da terra e do céu;[2] que elas ouçam agora (os nossos louvores).
3. As vastas águas oferecem alimento para Indra; guerreiros ferozes, (lutando) com inimigos, o glorificam.
4. Atrelem para ele os cavalos do seu carro, pois Indra é o manejador do raio, o de braços dourados.[3]
5. Vão para o sacrifício como alguém que segue ao longo da estrada; prossigam por vontade própria.
6. Vão por iniciativa própria para a batalha, celebrem o sacrifício significante e expiatório para (o bem da) humanidade.
7. Por causa da força deste (sacrifício) o sol nasce; ele sustenta a carga (do mundo) como (a terra) suporta (muitos seres).
8. Eu invoco os deuses, Agni, conciliando-os por um rito inofensivo, eu celebro um ato piedoso.[4]
9. Ofereçam, (adoradores), o seu culto divino; dirijam fervorosamente os seus louvores aos deuses.
10. O feroz Varuṇa, o de mil olhos, contempla as águas desses rios.
Varga 26. **11**. Ele é o rei dos reis, a beleza dos rios; sua força que permeia tudo é irresistível.
12. Protejam-nos, deuses, entre todos os povos; tornem extinta a calúnia do malevolente.
13. Que as (armas) ardentes dos inimigos passem inócuas; separem, (deuses), universalmente (de nós) o pecado dos nossos corpos.
14. Que Agni, o que se alimenta de oblações, propiciado pela nossa homenagem, nos proteja; a ele o nosso louvor é dirigido.
15. Glorifiquem junto com os deuses nosso amigo, o neto das águas; que ele seja propício para nós.
16. Eu glorifico com hinos o dispersor das nuvens no firmamento,[5] o nascido das águas, situado entre as águas dos rios.

---

[1] [Ahi e Ahirbudhnya são louvados em 16 e 17a: "Os quatro (hinos) seguintes 'adiante' (*pra:* 7.34-37) são dirigidos aos Todo-Deuses. Lá, no entanto, a estrofe 'Nascido nas águas' (*abjām:* 7.34.16) louva o Dragão *(ahi)*, e lá 'Que nós não' (*mā naḥ:* 7.34.17) (louva) o Dragão das Profundezas *(ahi hudhnya).* O Dragão *(ahi)* golpeia *(āhanti)* as nuvens, ou ele anda no meio delas. O Dragão é do abismo [ou das profundezas] *(budhnya)* porque ele nasce no fundo *(budhna)*, o ar". – *Bṛhaddevatā*, II, tradução por Macdonell, 1904, p. 207].
[2] Uma alusão, talvez, à cosmogonia posteriormente admitida, como em *Manu*, que a água foi a primeira das coisas criadas.
[3] [Savitar. – Griffith].
[4] Querendo dizer talvez um sem vítimas animais. [Veja a versão por Griffith].
[5] *Ahiṃ gṛṇīṣe budhne,* dividindo duas palavras geralmente juntas, *Ahirbudhna;* Sāyaṇa explica a primeira, *meghānām āhantāram*, a última, sob a autoridade da Yāska, o firmamento, ou a região na qual as águas ou chuvas são limitadas ou retidas; *Nir.* x.44; na estrofe seguinte as palavras são reunidas como um nome de Agni.

17. Que Ahirbudhnya não esteja disposto a nos causar dano; que o sacrifício do adorador não seja desconsiderado.
18. Que (os deuses) deem alimento ao nosso povo; que os inimigos que lutam pelas nossas riquezas pereçam.
19. Líderes de grandes exércitos, pelo poder desses[6] (deuses), consomem seus inimigos como o sol (queima) as regiões.
20. Quando as esposas (dos deuses)[7] chegarem diante de nós, que o hábil Tvaṣṭṛ nos conceda descendência masculina.
Varga 27. **21**. Que Tvaṣṭṛ seja propiciado por esse nosso louvor; que ele que tem compreensão abrangente esteja disposto a nos dar prosperidade.
22. Que eles que são os concessores de dádivas nos deem os tesouros (que desejamos); que Rodasī e Varuṇānī ouçam (as nossas súplicas); que o generoso Tvaṣṭṛ, junto com essas (nossas) protetoras,[8] sejam nosso refúgio seguro; que ele nos dê riquezas.
23. Que as montanhas, as águas, as generosas[9] (esposas dos deuses), as plantas, também o céu e a terra, concordantes com os senhores das florestas e com o céu e a terra, preservem para nós aquelas riquezas (cobiçadas).
24. Que os vastos céu e terra concordem; que o brilhante Varuṇa, de quem Indra é o amigo, concorde; que todos os vitoriosos Maruts concordem que nós sejamos um receptáculo para a retenção de riquezas.
25. Que Indra, Varuṇa, Mitra, Agni, as águas, as ervas, as árvores, sejam satisfeitos pelo nosso (louvor); que nós, (repousando) no colo dos Maruts, desfrutemos de felicidade; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.[10]

Índice◄►Hino 35 (Wilson)

---

550 - Hino 34. Viśvedevas (Griffith)

1. Que o nosso hino divino e brilhante vá adiante, como um carro rápido bem forjado e bem formado.[11]
2. As águas ouvem enquanto elas fluem avante; elas sabem a origem do céu e da terra.[12]
3. De fato, as águas vastas aumentam seu fluxo por ele;[13] nele heróis fortes pensam em meio aos seus inimigos.
4. Ajustem para ele os corcéis à lança; como Indra o Trovejante é Aquele de Braços Dourados.[14]
5. Despertem, como os dias, para o sacrifício; acelerem alegremente como um viajante no caminho.

---

[6] *Eṣām*, desses; o escoliasta supre *devānām* ou *marutām*, desses Maruts.
[7] A adição do comentário, *devānām*, parece um tanto desnecessária: esposas humanas estariam mais de acordo com a prece.
[8] [Varūtrīs].
[9] As esposas dos deuses, segundo Sāyaṇa.
[10] O refrão de muitos Sūktas anteriores.
[11] ['Que a prece, brilhante e divina, provenha de nós, como uma carruagem bem fabricada puxada por corcéis'. – Muir, *O. S. Texts,* III, p. 255].
[12] [Veja a nota 2].
[13] Indra.
[14] Savitar.

6. Vão rapidamente para as batalhas, para o sacrifício; levantem uma bandeira, um herói[15] para o povo.
7. Para cima sua força ergueu-se como se fosse uma luz; ela suporta a carga como a terra suporta as coisas vivas.
8. Agni, sem demônios[16] eu invoco os Deuses; pela lei completando-o, eu formo um hino.
9. Atentamente em volta estendam a sua música celestial, e enviem a sua voz para onde os Deuses habitam.[17]
10. Varuṇa, Poderoso, com mil olhos, contempla os caminhos pelos quais esses rios correm.
11. Ele, o Rei dos reis, a glória das águas, sobre tudo o que vive tem domínio irresistível.
12. Que ele nos ajude entre todas as tribos, e torne desprovido de luz o louvor do invejoso.
13. Que a flecha ameaçadora dos inimigos passe por nós; que ele afaste de nós o pecado dos nossos corpos.
14. Agni, comedor de oblações, nos ajuda através das nossas preces; para ele o nosso louvor mais precioso é trazido.
15. Concordantes com os Deuses escolham como nosso amigo o Filho das Águas; que ele seja bom para nós.
16. Com louvores eu celebro em versos o Dragão nascido das águas;[18] ele repousa abaixo das correntes no meio do ar.
17. Que o Dragão das Profundezas nunca nos prejudique; que esse sacrifício do servo fiel nunca falhe.
18. Para esses nossos heróis que eles[19] concedam renome; que os homens piedosos marchem corajosamente em direção à riqueza.
19. Liderando grandes hostes, com ataques ferozes desses,[20] eles queimam seus inimigos como o sol queima a terra.
20. Quando as nossas esposas se aproximarem de nós, que ele, Tvaṣṭar de mãos hábeis, nos dê filhos heróis.
21. Que Tvaṣṭar ache o nosso hino aceitável, e que Aramati,[21] buscando riqueza, seja nossa.
22. Que elas que esbanjam presentes concedam esses tesouros; que Rodasī e Varuṇānī ouçam. Que ele, com as Varūtrīs,[22] seja o nosso amparo, que o benevolente Tvaṣṭar nos dê fartura de riquezas.
23. Então que as ricas Montanhas e as Águas generosas, então que todas as Ervas que crescem no solo, e o Céu e a Terra concordantes com os Soberanos das Florestas,[23] e ambas as Metades do Mundo em volta nos protejam.

---

[15] Um tipo de personificação do sacrifício. Um 'sacrifício significante e expiatório para (o bem da) humanidade'. – Wilson.
[16] [Isto é, sem feitiçaria].
[17] ['Recebam para vocês o hino divino; proclamem a canção por si mesmos entre os deuses'. – Muir].
[18] Ahibudhnya, o Dragão das Profundezas da estrofe seguinte; o regente do oceano de ar.
[19] Os Deuses.
[20] Deuses, ou Maruts, segundo o comentador.
[21] O Gênio da Devoção e da piedade ativa. ["Essa palavra ocorre em diferentes partes do RV, onde é interpretada de maneiras variadas por Sāyaṇa; em 7.34.21 como denotando um 'ser de inteligência perfeita, ou cuja inteligência alcança a todos os objetos', falado de Tvaṣṭṛ. Böhtlingk e Roth consideram Aramati em todas essas passagens exceto em uma como designando 'prontidão para o serviço, obediência, devoção', ou 'como uma personificação do culto religioso, ou piedade ativa'". – Muir, *O. S. Texts*, 4, p. 317, *trechos* da nota 30].
[22] Deusas protetoras.
[23] Altas árvores madeireiras.

24. Para isso que ambos os vastos Mundos deem aprovação, e Varuṇa no céu, cujo amigo é Indra. Que todos os Maruts deem o seu consentimento, os Vitoriosos, para que nós possuamos grande riqueza em posse firme.
25. Que Indra, Varuṇa, Mitra, e Agni, Águas, Ervas, Árvores aceitem o louvor que oferecemos. Que possamos encontrar refúgio no seio dos Maruts. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 35 (Griffith)

---

551 - Hino 35. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta II)

Os deuses como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 28. **1**. Que Indra e Agni estejam (conosco) com suas proteções para nossa felicidade;[1] que Indra e Varuṇa, a quem oblações são oferecidas, (estejam conosco) para nossa felicidade; que Indra e Soma estejam (conosco) para nossa felicidade, nossa prosperidade, nosso bem; que Indra e Pūṣan estejam (conosco) no campo de batalha para nosso triunfo.[2]
2. Que Bhaga (promova) a nossa felicidade; que Śaṃsa[3] seja a nossa felicidade; que Purandhi[4] esteja (conosco para) nossa felicidade; que as riquezas sejam (uma fonte de) felicidade; que a bênção do verdadeiro e virtuoso nos dê felicidade; que Aryaman que se manifesta de muitas formas esteja (conosco) para nossa felicidade.
3. Que o criador seja por nós para a felicidade; que o discriminador (entre virtude e vício, Varuṇa), esteja (conosco) para nossa felicidade; que a ampla terra (contribua) com sustento para nossa felicidade; que os vastos céu e terra sejam (por nós para a) felicidade; que as montanhas nos (deem) felicidade; que as nossas invocações piedosas dos deuses nos garantam felicidade.
4. Que Agni, cuja face é luz, esteja (conosco) para nossa felicidade; que Mitra e Varuṇa, que os Aśvins estejam (presentes) para nossa felicidade; que os virtuosos sejam (promotores da) nossa felicidade; que o vento inquieto sopre para nossa felicidade.
5. Que céu e terra, os invocados primeiro, (promovam) nossa felicidade; que o firmamento seja felicidade para a nossa visão; que as ervas, as árvores, nos (deem) felicidade; que o vitorioso senhor do mundo, (Indra), seja (favorável à) nossa felicidade.
Varga 29. **6**. Que o divino (Indra), com os Vasus, nos conceda felicidade; que Varuṇa o justamente louvado, com os Ādityas, seja (favorável à) nossa felicidade; que Rudra o que alivia a aflição, com os Rudras seja (a favor da) nossa felicidade; que Tvaṣṭṛ, com as esposas dos deuses, esteja (conosco) para nossa felicidade, e nos ouça nesta solenidade.
7. Que o Soma seja (oferecido para) nossa felicidade; que a prece seja (proferida para) nossa felicidade; que as pedras (espremam o Soma), o sacrifício seja (solenizado para) nossa felicidade; que as extensões medidas dos postes sacrificais sejam (conducentes

---

[1] A construção da frase principal em treze estrofes é a mesma, *śaṃ na bhavatām*, às vezes levemente diferente, literalmente: que eles dois sejam a nossa felicidade; o comentador explica *śaṃ* como *śāntyai*, para a nossa paz ou felicidade; mas a expressão mais ousada provavelmente é a mais correta.
[2] *Yajur-Veda [Branco],* 36.11. [O hino inteiro se encontra no *Atharva*, até o verso 10 em 19.10.1-10 e do verso 11-15 em 19.11.1-5].
[3] Em vez de Narāśaṃsa.
[4] O possuidor de muita inteligência; veja 5.42.5.

à) nossa felicidade; que a erva sagrada seja (espalhada) para nossa felicidade; que o altar seja (erguido para) nossa felicidade.
8. Que o sol de visão ampla nasça (para) nossa felicidade; que os quatro quadrantes do horizonte (existam para) nossa felicidade; que as montanhas firmes sejam (a favor da) nossa felicidade; que os rios, que as águas, sejam (propagados) para nossa felicidade.
9. Que Aditi, com observâncias sagradas, seja (em prol da) nossa felicidade; que os Maruts glorificados sejam (favoráveis à) nossa felicidade; que Viṣṇu, que Pūṣan, sejam (promotores da) nossa felicidade; que o firmamento seja propício para nós; que Vāyu (sopre para) nossa felicidade.
10. Que o divino e preservador Savitṛ seja (radiante para) nossa felicidade; que as auroras que se iniciam (raiem para) nossa felicidade; que Parjanya seja (o concessor de felicidade) para nossa posteridade; que Śambhu,[5] o senhor da força, seja (o concessor de) felicidade a nós.
Varga 30. **11**. Que os deuses universais divinos sejam (favoráveis) à nossa felicidade; que Sarasvatī, com ritos sagrados, seja felicidade; que aqueles que ajudam em sacrifícios, os que são generosos em presentes, sejam (conducentes à) nossa felicidade; que coisas celestes, terrestres, e aquáticas sejam (subservientes à) nossa felicidade.
12. Que os senhores da verdade sejam (propícios à) nossa felicidade; que os cavalos, que o gado, (contribuam para a) nossa felicidade; que os virtuosos, os hábeis Ṛbhus, sejam por nós (para a) felicidade; que os progenitores sejam (promotores da) nossa felicidade nas épocas de adoração.
13. Que o divino Aja-Ekapād seja (favorável à) nossa felicidade; que Ahirbudhnya, que o firmamento, sejam (promotores da) nossa felicidade; que o neto das águas, o protetor, seja (o garantidor da) nossa felicidade; que Pṛśni, de quem os deuses são os guardiões, seja para nós (a concessora de) felicidade.
14. Que os Ādityas, os Rudras, os Vasus, sejam satisfeitos por esse louvor novo e agora repetido; que (seres) celestes e terrestres, a progênie da vaca, (Pṛśni), e aqueles que tiveram direito a culto, ouçam as nossas (invocações).
15. Que aqueles que são os mais adoráveis dos deuses adoráveis, aqueles que eram os adorados de Manu, aqueles que são imortais, os cumpridores da verdade, concedam a nós neste dia (um filho) de fama amplamente difundida; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.[6]

Índice◄►Hino 36 (Wilson)

---

551 - Hino 35. Viśvedevas (Griffith)

1. Favoreçam-nos[7] com seus auxílios Indra e Agni, Indra e Varuṇa que recebem oblações! Indra e Soma deem saúde, força e conforto, Indra e Pūṣan sejam nosso auxílio em batalha.
2. Amigos auspiciosos para nós sejam Bhaga, Śaṃsa,[8] auspiciosos sejam Purandhi[9] e todas as Riquezas; a bênção do verdadeiro e bem conduzido, e Aryaman visível em muitas formas.

[5] É dito que Śambhu aqui significa o causador da condição de prazer; esse é comumente um nome Śiva.
[6] Diz-se que esse Sūkta deve ser recitado inaudivelmente em uma solenidade chamada *Mahānāmni*.
[7] *Śaṃ na bhavatām.* A palavra indeclinável *śaṃ*, significando feliz, auspicioso, aprazível, doce, bondoso, agradável, etc. etc. é usada com ou sem o verbo *bhu*, nas primeiras treze estrofes. Eu variei a expressão aqui e ali.
[8] Prece ou Desejo personificado. Ou pode ser Narāśaṃsa, Agni.

3. Benignos para nós sejam o Criador e Mantenedor e o Par extenso[10] com naturezas divinas. Auspiciosos para nós sejam a Terra e o Céu, a Montanha, e as corteses invocações dos Deuses.
4. Favorece-nos Agni com sua face de esplendor, e Varuṇa e Mitra e os Aśvins. Favoreçam-nos as nobres ações dos piedosos, que o impetuoso Vāta sopre sobre nós com benevolência.
5. Invocados primeiro, que o Céu e a Terra sejam amigáveis, e a região do meio do ar, boa para nós olharmos. Para nós que as Ervas e as Árvores da Floresta sejam bondosas, bondoso o Senhor Vitorioso[11] da região.
6. Seja benévolo o deus Indra com os Vasus, e, com os Ādityas, Varuṇa que abençoa. Bondoso, com os Rudras, seja o Curador Rudra, e, com as Damas, que Tvaṣṭar ouça gentilmente.
7. Abençoado para nós seja o Soma, e as devoções, bendito seja o sacrifício, as Pedras de espremer. Abençoada seja a fixação dos Pilares sagrados, abençoada seja a grama tenra e abençoado o Altar.
8. Que o Sol que vê ao longe se erga para nos abençoar; que os quatro quadrantes do céu sejam auspiciosos. Auspiciosas sejam as Montanhas firmemente instaladas, auspiciosos sejam os Rios e as Águas.
9. Que Aditi através das obras sagradas seja benevolente, e que os Maruts, de canção alta, sejam amigáveis. Que Viṣṇu dê felicidade, e Pūṣan, o Ar que nutre a nossa vida, e Vāyu.
10. Que Savitar nos torne prósperos, o Deus que salva, e que as Manhãs esplendorosas sejam propícias. Auspicioso para todas as criaturas seja Parjanya, auspicioso seja o benigno Protetor do campo.[12]
11. Que toda a companhia dos Deuses nos favoreça, Sarasvatī, com Santos Pensamentos, seja bondosa. Amigáveis sejam eles, os Generosos que nos procuram, de fato, aqueles que vivem no céu, na terra, nas águas.
12. Que os grandes Senhores da Verdade nos protejam e nos ajudem; abençoados para nós sejam os nossos cavalos e o nosso gado. Bondosos sejam os piedosos Ṛbhus de mãos hábeis, bondosos sejam os Pais em nossas invocações.
13. Que Aja-Ekapād,[13] o Deus, seja benevolente, benevolente o Dragão das Profundezas, e o Oceano. Benevolente seja ele, o crescente Filho das Águas, bondosa seja Pṛśni que tem Deuses para protegê-la.
14. Então que os Rudras, Vasus, e Ādityas aceitem o novo hino que estamos fazendo agora. Que todos os Santos da terra e do céu, e a prole da Vaca[14] ouça a nossa invocação.
15. Aqueles que dos Deuses Santos são muito santos, Imortais, conhecedores da Lei, a quem o homem deve adorar – esses hoje nos deem caminhos largos para percorrer.[15] Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 36 (Griffith)

---

[9] Abundância, ou Espírito, a Coragem personificada.
[10] Céu e Terra.
[11] Indra.
[12] Agni ou Rudra. Veja 4.57.1.
[13] O Sol. Veja 6.50.14 [notas 7 e 19].
[14] Os Maruts. De acordo com von Roth aqueles que nascem e vivem no céu radiante.
[15] Talvez, em geral, uma estrada fácil para a prosperidade.

552 - Hino 36. Viśvadevas (Wilson)

(Adhyāya 4. Continuação do Anuvāka 3. Sūkta III)

Os deuses são os Viśvadevas; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 1. **1**. Que a prece proceda do salão de sacrifício, pois Sūrya com seus raios solta as águas; a terra vasta se expande (cravejada) de montanhas, e Agni brilha nas extensas planícies.[1]

2. Poderosos Mitra e Varuṇa, a vocês eu ofereço este novo louvor como se fosse alimento (sacrifical); um de vocês, (Varuṇa), o senhor invencível, é o guia para o caminho (da virtude); Mitra, quando louvado, anima os homens para o esforço.[2]

3. Os movimentos do vento inquieto vibram em volta; as vacas produtoras de leite estão em boas condições; o derramador gerado na casa do sol poderoso clamou alto naquele seu lugar de permanência, (o firmamento).[3]

4. Herói, Indra, (vem para o sacrifício do homem) que, por sua adoração, atrelou (ao teu carro) esses teus cavalos prediletos, graciosos e vigorosos; que eu possa trazer para cá Aryaman, o fazedor de boas ações, que frustra a ira dos malévolos.

5. Que os ofertantes de adoração, dedicando-se (a atos piedosos), adorem (Rudra) em seu próprio salão de sacrifício, (desejosos) de sua amizade; louvados pelos líderes (de ritos), ele (lhes) dá alimentos generosamente; esta adoração aceitabilíssima é dirigida a Rudra.

Varga 2. **6**. Que o sétimo (rio), Sarasvatī, a mãe do Sindhu,[4] e aqueles rios que correm copiosos e fertilizantes, dando abundância de alimentos, e nutrindo (as pessoas) por meio de suas águas, venham juntos imediatamente.

7. Que esses Maruts alegres e rápidos protejam nosso sacrifício e nossa prole; que a imperecível deusa da fala não nos abandone e não fale (gentilmente) aos nossos (adversários); e que ambos (ela e os Maruts) associados aumentem as nossas riquezas.

8. Invoquem, (adoradores), a terra submissa,[5] e o herói adorável, Pūṣan; (invoquem) Bhaga, o protetor desse nosso sacrifício, e Vāja, o sustentador de antigamente, o generoso em presentes para a nossa solenidade.

9. Que esse louvor chegue, Maruts, diante de vocês; (que ele chegue) diante de Viṣṇu, o guardião do embrião, com suas faculdades protetoras; que os dois concedam a (mim), seu adorador, progênie e alimento; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 37 (Wilson)

---

[1] *Pṛthu pratīkam adhyedhe agniḥ;* é dito que *pratīkam* é um membro ou parte da terra.

[2] *Janaṃ ca mitro yatati bruvāṇaḥ;* a frase ocorreu antes, veja 3.59.1.

[3] Como no texto: 'Parjanya bradou no firmamento'.

[4] *Sindhumātṛ* pode significar, de acordo com o comentador, *apām mātṛbhūtā*, sendo a mãe das águas.

[5] [Ou paciente, ou que não oferece oposição ou resistência; Aramati: "Essa palavra ocorre em diferentes partes do RV, onde é interpretada de maneiras variadas por Sāyaṇa; em 7.36.8, similarmente: 'que não tem descanso', como um epíteto de *mahī*, a terra". – Muir. *O. S. Texts*, 4, p. 317, *trecho* da nota 30].

552 - Hino 36. Viśvedevas (Griffith)

1. Que a prece saia da base da Ordem,[6] pois Sūrya com seus raios soltou o gado.[7] Com cumes elevados a terra está amplamente estendida, e a chama de Agni iluminou a superfície espaçosa.
2. Ó Asuras, ó Varuṇa e Mitra, este hino para vocês, como alimento, eu ofereço mais uma vez. Um de vocês é um Líder forte infalível, e Mitra, falando, incita os homens para o trabalho.[8]
3. Os movimentos do vento deslizante chegam aqui; como vacas, as fontes[9] estão transbordando. Nascido no lugar do céu sublime o Touro[10] berrou alto nessa região.[11]
4. Que eu possa trazer para cá com a minha música, ó Indra, o sábio Aryaman que atrela os teus amados Cavalos Baios, vorazes,[12] com teu carro nobre, ó Herói, aquele que vence a ira do mal-intencionado.
5. Em seu próprio lugar de sacrifício os adoradores cultuam para ganhar vida longa e conquistar a amizade dele.[13] Ele derrama alimento sobre os homens quando eles o louvam; que essa, a reverência mais preciosa, seja prestada a Rudra.[14]
6. Vindo juntas, gloriosas, rugindo alto – Sarasvatī, Mãe das Águas, a sétima[15] – com leite abundante, com belas correntezas, fluindo fortemente, avolumando-se totalmente com o volume de suas águas;
7. E que os poderosos Maruts, também, regozijando-se, auxiliem a nossa devoção e protejam nossos filhos. Que a veloz Akṣarā[16] não nos negligencie; eles têm aumentado as nossas próprias riquezas apropriadas,
8. Tragam a grande Aramati[17] diante de vocês, e Pūṣan como o Herói do sínodo, Bhaga que olha para este hino com benevolência, e, como nossa força, o generoso Purandhi.
9. Que este nosso cântico de louvor chegue a vocês, ó Maruts, e a Viṣṇu o guardião do futuro bebê.[18] Que eles concedam ao cantor força para[19] progênie. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 37 (Griffith)

---

[6] 'O salão de sacrifício'. – Wilson.
[7] Raios de luz.
[8] "'Um de vocês (Varuṇa) é o senhor, e guia inatacável, e aquele que é chamado Mitra, (ou seja, o amigo) chama os homens à atividade'. Aqui tanto quanto, pelo menos, é declarado (e a mesma coisa é expressa quase nas mesmas palavras em outros lugares), que a luz do dia, que desperta a vida e traz alegria e atividade ao mundo, é a esfera mais estreita do poder de Mitra; embora, no entanto, Varuṇa não seja assim relegado à noite apenas, pois ele continua a ser o senhor e o primeiro". – Von Roth, citado por Muir, *O. S. Texts,* V, 70. O significado de *inaḥ* traduzido como 'senhor' nesse extrato é, no Veda, mais propriamente 'forte', 'enérgico', e é assim apresentado no *St. Petersburg Lexicon*, o significado 'senhor' pertencendo à literatura posterior. A segunda metade da linha é repetida, com uma variação, de 3.59.1.
[9] As fontes de chuva, as nuvens.
[10] Parjanya, o Deus da nuvem de chuva.
[11] Literalmente, nesse úbere; o firmamento.
[12] Epíteto de cavalos; mas o sentido de *dhāyū* é incerto. Segundo Sāyaṇa, ele significa 'sustentadores', 'vigorosos'; segundo Ludwig, 'que derramam chuva'; segundo Grassmann, 'sedentos'.
[13] De Rudra.
[14] ['Louvado pelos homens, ele tem distribuído alimentos entre eles. Essa reverência é muito estimada por Rudra'. – Muir, *O. S. Texts,* IV, 313].
[15] Com os outros seis rios famosos. Veja 1.32.12.
[16] Vāk, ou Voz; 'a imperecível deusa da fala'. – Wilson. Compare com 7.15.9.
[17] A personificação do culto religioso, ou piedade ativa. Veja 7.34.21. Segundo Sāyaṇa, *aramatiṃ* aqui é um epíteto de *mahīm*, 'a Terra que nunca repousa'. Para os vários significados atribuídos por Sāyaṇa a essa palavra nos vários lugares nos quais ela ocorre, veja Muir, *O. S. Texts*, IV, 317.
[18] ['O preservador de embriões'. – Muir]. Compare com 10.184.1.
[19] *[Produzir]*.

553 - Hino 37. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta IV)

Deuses e métrica (Triṣṭubh) como antes.[1]

Varga 3. **1**. Vājas, possuidores de energia, que a sua carruagem ampla e desimpedida os traga (para cá); fiquem saciados, de belo queixo, com as libações copiosas triplamente combinadas[2] (derramadas) para sua alegria em nossos sacrifícios.
2. Pois vocês, Ṛbhukṣins, observadores do céu, preservam imperturbado o (tesouro) precioso para nós que somos ricos (em oferendas sacrificais); que vocês, que são possuidores de força, bebam plenamente nas (nossas) solenidades, e com mentes (favoráveis) nos concedam riquezas.
3. Tu, Maghavan, decides o que deve ser dado na partilha de muita ou de pouca riqueza, pois ambas as tuas mãos estão cheias de tesouros, e as tuas sinceras (promessas) de riquezas não as retêm.
4. Que tu, Indra, que és Ṛbhukṣin, e de renome especial, que, como alimento, és o realizador (de desejos), venha para a residência do adorador; senhor dos cavalos baios, que nós, Vasiṣṭhas, sejamos hoje os doadores (das oferendas) para ti, os celebrantes do teu louvor.
5. Senhor dos cavalos baios, tu és o doador de (riqueza) descendente ao doador (da oblação), por cujos ritos sagrados tu és glorificado; quando tu nos darás riquezas? Quando ficaremos seguros pelas tuas proteções adequadas?
Varga 4. **6**. Quando, Indra, tu apreciarás o nosso louvor? Agora tu nos estabeleceste (teus) adoradores em nossa residência; que o teu cavalo veloz, (influenciado) pela nossa solenidade prolongada, leve para a nossa casa riquezas, filhos homens, e alimentos.
7. Indra, o sustentador das três regiões,[3] a quem a divina Nirṛti[4] reconhece como soberano, por quem anos abundantes passam, a quem os mortais detêm do seu próprio domicílio, se aproxima para (revigorar) sua força diminuída.
8. Que riquezas dignas de louvor venham, Savitṛ, para nós; riquezas que estejam na doação de Parvata; que o protetor celeste (de todos) sempre nos preserve; e que vocês, (deuses universais), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 38 (Wilson)

---

[1] [Como Indra está aqui associado aos Ṛbhus o momento ritual é a Terceira Espremedura do Soma ou sacrifício noturno (do anoitecer) ou terceira libação, da qual eles compartilham (veja por ex. 4.35.9); e Savitṛ é citado apropriadamente no último verso visto que é associado à noite com frequência (por ex. 1.35.10)].
[2] *Triprṣṭhaiḥ somaiḥ,* com sucos Soma misturados com leite, coalhada e farinha.
[3] [Aqui] a explicação de Sāyaṇa não é muito clara.
[4] É dito que Nirṛti aqui significa terra, *bhūmi*.

553 - Hino 37. Viśvedevas (Griffith)

1. Que o seu melhor carro de transporte que deve ser louvado, nunca prejudicado, traga vocês Vājas e Ṛbhukṣans.[5] Encham-no, de belo elmo![6] com o Soma poderoso, misturado três vezes,[7] em nossas libações para alegrá-los.
2. Vocês que contemplam a luz do céu, Ṛbhukṣans, dão aos nossos ricos patrocinadores riquezas imperturbadas. Bebam, de natureza divina, em nossos sacrifícios, e nos deem recompensas pelos hinos que cantamos para vocês.
3. Porque tu, ó Generoso,[8] estás acostumado a dar, a compartilhar tesouros, sejam grandes ou pequenos. Ambos os teus braços estão totalmente repletos de posses notáveis; a tua bondade não te impede de conceder riquezas.
4. Indra, muito famoso, como Vāja e Ṛbhukṣan, tu segues trabalhando,[9] cantando para a residência. Senhor dos Cavalos Baios, neste dia que nós Vasiṣṭhas possamos oferecer nossas preces e trazer oblações para ti.[10]
5. Tu ganhas progresso rápido para o teu servo, através dos hinos, Senhor dos Cavalos Baios, que favoreces. Por ti com auxílio amigável temos lutado, e quando, ó Indra, tu nos concederás riquezas?
6. Para nós teus sacerdotes um lar, por assim dizer, tu dás; quando, Indra, tu reconhecerás os nossos louvores? Que o teu Corcel forte, através do nosso culto ancestral, traga alimento e riqueza com heróis para a nossa residência.
7. Embora Nirṛti[11] a Deusa reine em volta dele, Outonos com alimento em abundância vêm a Indra. Com três Amigos próximos[12] à vida longa ele chega, ele a quem os homens não deixam descansar em casa em paz.
8. Promete-nos dádivas, ó Savitar; que riquezas venham a nós na recompensa plena de Parvata.[13] Que o Guardião Celeste sempre nos acompanhe. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 38 (Griffith)

---

[5] Isto é, Ṛbhukṣan ou Ṛbhu, Vibhvan, e Vāja, comumente chamados de Ṛbhus por causa do nome do primeiro dos três.
[6] 'De belo queixo'. – Wilson. 'De mandíbula forte'. – Ludwig.
[7] Com leite, coalhada e farinha.
[8] Maghavan; Indra.
[9] 'Realizador (de desejos)'. – Wilson.
[10] ['Deixa-nos oferecer oblações a ti, *fazendo* preces, etc.'. – Muir*, O. S. Texts,* III, 234].
[11] A Deusa da Morte e da Destruição, que não tem poder sobre Indra.
[12] Os Ṛbhus, que representam o ano, o percurso anual de Indra como o Sol. A explicação de Sāyaṇa é diferente, [veja acima a versão por] Wilson, que observa: 'a explicação não é muito clara'.
[13] O Gênio da montanha e da nuvem.

554 - Hino 38. Savitṛ (Wilson)

(Sūkta V)

O deus é Savitṛ;[1] a métrica, Triṣṭubh.

Varga 5. **1**. O divino Savitṛ difundiu o brilho dourado no alto, do qual ele é o refúgio; realmente Bhaga deve ser adorado pelos homens, o qual, abundante em riquezas, distribui tesouros (entre eles).
2. Ergue-te, Savitṛ; ouve (as nossas solicitações) na celebração desta cerimônia, (tu que estás) difundindo luz sobre essa terra vasta, e conferindo prazeres humanos aos homens.
3. Glorificado seja o divino Savitṛ, a quem todos os deuses louvam;[2] que esse (deus) adorável retribua os nossos louvores (com) alimentos; que ele sempre proteja o devoto com todas as suas proteções.
4. A quem a divina Aditi, deleitando-se com o nascimento do divino Savitṛ, glorifica, a quem os soberanos supremos, Varuṇa, Mitra, Aryaman,[3] (e outros deuses), adoram unanimemente.
5. A quem os desejosos de riqueza, aqueles que desfrutam (dela), adoram mutuamente, o benfeitor do céu e da terra; que Ahirbudhnya[4] nos ouça; que a protetora, (a deusa da fala),[5] nos nutra com gado excelente.
6. Que o protetor da progênie, quando solicitado, concorde em nos conceder a (riqueza) preciosa do divino Savitṛ; o ardente (adorador) invoca Bhaga repetidamente em busca de proteção; os menos fervorosos pedem prosperidade a Bhaga.[6]
7.[7] Que os Vājins,[8] com velocidade diminuída, trazendo alimento excelente, estejam (dispostos) para a nossa felicidade, após nossas invocações na adoração dos deuses; destruindo o assassino, o ladrão, os Rākṣasas,[9] e nos protegendo de doenças antigas.
8. Sábios Vājins, imortais, praticantes da verdade, defendam-nos em todos os conflitos, e por causa de riqueza; bebam desta doce (bebida Soma), sejam alegrados (por ela) e satisfeitos; prossigam pelos caminhos percorridos pelos deuses.[10]

Índice◄►Hino 39 (Wilson)

---

[1] [Savitṛ ou Bhaga em 6cd (veja a nota 6); e os Vājins (os Corcéis) em 7-8. "O terceiro verso na quinta (estrofe) aqui (7.38.5c) tem o Dragão como divindade". – *Bṛhaddevatā,* II, 1904, p. 208 da tradução por Macdonell, que observa: 'Não há referência a este pāda na *Sarvānukramaṇī'.* Esse hino se encontra no meio dos hinos aos Viśvedevas, e apesar da predominância de Savitṛ cita uma variedade de deuses, então pode-se pensar que ele originalmente era dirigido aos Todo-Deuses (ou todo-divinos, todos os deuses, deuses universais, Viśvadevas)].
[2] O texto tem *yam viśve vasavo gṛṇanti*, a quem todos os Vasus louvam.
[3] Mitra ocorre no plural *mitrāsaḥ*, significando, de acordo com o comentador, Mitra e outros.
[4] Segundo Sāyaṇa esse é um nome de Agni, da região do meio ou firmamento.
[5] O texto tem apenas *varutrā*, que Sāyaṇa interpreta *vāgdevatā*.
[6] ["O último hemistíquio, bem como o primeiro, é dirigido a Bhaga como uma forma de Savitṛ. De acordo com (a estrofe:) 'Que este Savitṛ produza tesouros' (RV 5.82.3), ele (Savitṛ) pode ser (considerado como) Bhaga". – *Ibid.*].
[7] [Veja outra tradução desses últimos dois versos na nota 19].
[8] Sāyaṇa interpreta o termo como divindades assim denominadas; Mahīdhara como *cavalos*. *Yajur-Veda [Branco]*, 9.16.
[9] *Jambhayanto ahiṃ vṛkaṃ* Mahīdhara interpreta literalmente: 'destruindo a cobra, o lobo'; Sāyaṇa os interpreta: 'quando todo o alimento está próximo'.
[10] *Yajur [Branco],* 9.18.

554 - Hino 38. Savitar (Griffith)

1. No alto Savitar, esse Deus, estendeu o brilho dourado que ele espalha em torno dele. Agora, agora Bhaga deve ser invocado pelos mortais, o Senhor das grandes riquezas que distribui tesouros.
2. Levanta-te, ó Savitar cujas mãos são douradas, e ouve este homem enquanto sacrifício é oferecido, espalhando ao longe o teu esplendor amplo e vasto, e trazendo aos homens mortais a comida que os alimenta.[11]
3. Que Savitar o Deus seja glorificado com louvores, a quem os próprios Vasus,[12] igualmente, todos cantam glória. Que os nossos louvores sejam agradáveis para aquele a quem culto é devido; que ele com toda proteção guarde os nossos príncipes.
4. Ele mesmo a quem Aditi a Deusa louva, regozijando-se no incitamento do Deus Savitar; ele mesmo cujo louvor os grandes Soberanos imperiais, Varuṇa, Mitra, Aryaman, cantam em conjunto.[13]
5. Eles que vêm êmulos para a nossa oblação, distribuindo recompensas, a partir da terra e do céu. Que eles e Ahibudhnya ouçam o nosso chamado; protege-nos, Varūtrī,[14] com as Ekadhenus.[15]
6. Isto que o Senhor da Vida, rogado, nos conceda: a riqueza que Savitar o Deus possui. O poderoso invoca Bhaga em busca de proteção, o fraco invoca Bhaga para dar-lhe riquezas.
7. Abençoem-nos os Vājins[16] quando chamamos, enquanto eles se movem lentamente, Cantores fortes, para a assembleia dos Deuses. Aniquilando o lobo,[17] a serpente,[18] e os demônios,[19] que eles possam banir completamente toda aflição.
8. Profundamente hábeis na Lei Eterna, imortais, Cantores, ó Vājins, ajudem-nos em cada luta por saque. Bebam deste hidromel, fiquem satisfeitos, fiquem alegres; então andem nos caminhos que os Deuses estão acostumados a percorrer.

Índice◄►Hino 39 (Griffith)

---

[11] ["Ergue-te, Savitṛ, ... enviando aos homens o alimento que é adequado para os mortais". – Muir, *O. S. Texts.* V, 167].
[12] Os Deuses em geral, segundo Sāyaṇa.
[13] ["A quem (ou seja, Savitṛ) a deusa Aditi louva, acolhendo o poder vivificante do divino Savitṛ, a quem Varuṇa, Mitra e Aryaman louvam em conjunto". – *Id.*].
[14] 'A protetora, (a deusa da fala)'. – Wilson.
[15] Provavelmente as Águas são aludidas. 'Gado excelente'. – Wilson. ['Vacas únicas ou excelentes'. – Monier-Williams].
[16] Uma classe de divindades assim chamadas, segundo Sāyaṇa; mas, segundo Mahīdhara, cavalos, isto é, as parelhas que puxam as carruagens dos Deuses.
[17] Ou o ladrão.
[18] Ou o assassino.
[19] Ou Rākṣasas. Veja o *Śatapatha Brāhmaṇa*, 5.1.5.21-24, (S. Books of the East, 41. p. 27) para uma versão diferente das estrofes 7 e 8:
["7. Auspiciosos sejam os corcéis para nós nas invocações do serviço divino, percorrendo a sua rota medida, com bela canção; engolindo o dragão, o lobo, os espíritos malignos; que eles sempre mantenham a aflição longe de nós!"].
["8. Em cada corrida, ajudem-nos, ó cavalos de corrida, com os prêmios, ó sábios, conhecedores imortais da lei divina, bebam deste hidromel, alegrem-se, e, satisfeitos, andes nos caminhos percorridos pelos deuses!"].

555 - Hino 39. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta VI)

Os deuses são os Viśvadevas; a métrica é como antes (Triṣṭubh).

Varga 6. **1**. Que Agni, erguido ao alto, aceite o louvor do adorador; ela que envelhece (todas as criaturas),[1] olhando para o oeste, vai para o sacrifício; o par piedoso,[2] como dois passageiros em um carro, segue o caminho (da cerimônia); que o Hotṛ, como ordenado, celebre o rito.
2. A grama sagrada concessora de alimento destes (os adoradores) está espalhada; que os dois senhores dos povos, Vāyu,[3] com os corcéis Niyut, e Pūṣan, invocados antes do amanhecer ao fim da noite,[4] apareçam agora no firmamento para o bem-estar da humanidade.
3. Que os divinos Vasus se divirtam nessa ocasião sobre a terra; os brilhantes (Maruts) no extenso firmamento estão sendo adorados; deuses velozes, dirijam seus caminhos em nossa direção, ouçam (as palavras) desse nosso mensageiro, (Agni), que se aproxima de vocês.
4. Esses adoráveis deuses guardiões universais ocupam uma posição geral em sacrifícios; adora, Agni, esses deuses, merecedores (de oblações) na cerimônia, o veloz Bhaga, os Nāsatyas e Purandhi.[5]
5. Traze, Agni, seja do céu ou da terra, os deuses adoráveis, Mitra, Varuṇa, Indra, e Agni, Aryaman, Aditi e Viṣṇu, (para o bem) desses (adoradores), e que Sarasvatī e os Maruts se deleitem (com as nossas oferendas).
6. A oblação é oferecida junto com louvores aos deuses adoráveis; que (Agni), não contrário ao desejo dos mortais, esteja presente; concedam (a nós, deuses), riquezas que não diminuam, benéficas para todos; e que nós hoje sejamos associados com as divindades reunidas.
7. O céu e a terra são agora glorificados pelos Vasiṣṭhas, como são Varuṇa, o objeto de adoração, e Mitra e Agni; que eles, os concessores de alegria, nos deem alimento excelente; e que vocês (todos) sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 40 (Wilson)

---

[1] A causa da decadência ou envelhecimento de toda progênie, isto é, a aurora, cujas revoluções sucessivas constituem a velhice.
[2] Os dois que reverenciam ou creem, isto é, o *yajamāna* e sua esposa.
[3] *Viśpatīva bīriṭa iyāte,* Sāyaṇa diz que *iva* aqui significa 'agora', mas ele afirma que também pode significar, como de costume, uma comparação, comparando Vāyu e Pūṣan a dois Rājās aparecendo entre uma multidão *[bīriṭa]* de atendentes. Mahīdhara, *Yajur-Veda (VS),* 33.44 e *Nirukta* de Yāska, v. 28, [*bīriṭa* significando 'ar' no *Nir*. 5.27 segundo Monier Williams e Apte].
[4] *Aktor uṣasaḥ pūrvahūtau* é explicado por Sāyaṇa: havendo a invocação que precede a proximidade da aurora em conexão com a noite; Mahīdhara parece entendê-lo de um modo um tanto diferente: Pūṣan, como o sol, aparece após a invocação prévia da aurora após o acendimento do fogo sacrifical; ao passo que por Vāyu deve-se entender Agni, de quem ele é o amigo, e que é o deus do sacrifício noturno.
[5] Indra.

555 - Hino 39. Viśvedevas (Griffith)

1. Agni, ereto, tem concedido graça enriquecedora; a chama se adianta para a assembleia dos Deuses. Como homens levados em carros as pedras[6] escolheram o seu caminho; que o sacerdote, estimulado, celebre a nossa adoração.
2. Macia de pisar, a grama sagrada deles está espalhada; estes vão como reis[7] em meio aos grupos em torno deles, ao primeiro chamado do povo à Noite e de Manhã,[8] – Vāyu, e Pūṣan com sua parelha, para nos abençoar.
3. Aqui em seu caminho os Deuses nobres prosseguem; no vasto firmamento os Belos os enfeitam. Dirijam seu caminho para cá, vocês que viajam bastante; ouçam esse nosso enviado[9] que foi encontrá-los.
4. Porque eles são santos auxiliadores em sacrifícios; todos os Deuses se aproximam do lugar da congregação. Traze estes, desejosos, para o nosso culto, Agni, os velozes Nāsatyas, Bhaga e Purandhi.
5. Agni, para os hinos desses homens,[10] da terra, do céu, traze Mitra, Varuṇa, Indra e Agni,[11] e Aryaman, e Aditi, e Viṣṇu. Que Sarasvatī se alegre, e os Maruts.
6. Assim como os santos desejam, o presente é oferecido; que ele, insaciável,[12] venha quando os homens o desejam. Dá riquezas infalíveis e sempre vencedoras; com Deuses como nossos aliados que sejamos vitoriosos.
7. Agora ambos os Mundos foram louvados pelos Vasiṣṭhas; e os santos Mitra, Varuṇa e Agni. Que eles, Divindades brilhantes, tornem nossa canção a mais suprema. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 40 (Griffith)

---

[6] As pedras de espremer que começaram sua rota.
[7] Segundo Sāyaṇa, 'Que os dois senhores dos povos (Vāyu e Pūṣan) ... apareçam agora'.
[8] [Veja a nota 4].
[9] Agni.
[10] ["Böhtlingk e Roth, sob a palavra *eṣa*, conjecturam que nesse verso a leitura correta é *eṣaṃ*, 'o rápido', como um epíteto de Viṣṇu, e não *eṣāṃ* [deles]"]. – Muir.
[11] Em sua própria forma como um Deus celeste, não na do fogo terrestre.
[12] Agni.

556 - Hino 40. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta VII)

Deuses e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 7. **1**. Que a satisfação derivada de ritos piedosos venha a nós enquanto contemplamos a glorificação dos (deuses) velozes; que possamos ser incluídos na partilha por aquele deus (das riquezas) concessor da prosperidade que o divino Savitṛ distribui hoje.[1]

2. Que Mitra e Varuṇa, o céu e a terra, Indra e Aryaman, nos deem aquela (riqueza), que é merecida por (louvores) brilhantes; que a divina Aditi esteja disposta a nos dar riquezas, que Vāyu e Bhaga possam sempre preservar em nossa guarda.

3. Maruts, cujos corcéis são os cervos pintalgados, que o mortal a quem vocês protegem seja resoluto, seja forte, pois a ele Agni e Sarasvatī também defendem, e não há espoliador de suas riquezas.

4. Esse Varuṇa, o líder do rito, e os nobres Mitra e Aryaman, apoiam os meus atos, e a divina Aditi incontestada, invocada fervorosamente; que eles nos levem seguros para além do mal.

5. Eu propicio com oblações as ramificações[2] daquele divino Viṣṇu inatingível, o derramador de benefícios; Rudra, dá-nos a magnificência da natureza dele; os Aśvins vieram à nossa residência repleta de alimento (sacrifical).

6. Resplandecente Pūṣan, não ponhas (impedimento) nesta ocasião; que a protetora, (Sarasvatī), e as generosas (esposas dos deuses), nos deem riqueza; que as divindades em constante movimento, as fontes de felicidade, nos protejam; que o circundante Vāta nos envie chuva.

7. O céu e a terra são agora glorificados pelos Vasiṣṭhas, como são Varuṇa, o objeto de culto, e Mitra e Agni; que eles, os concessores de alegria, nos deem alimento excelente, e que (todos) vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 41 (Wilson)

---

[1] ["Que nós participemos da distribuição (de riqueza) que o opulento deus Savitṛ enviará hoje". – Muir, *O. S. Texts*, V, p. 167].

[2] *Vayāḥ*, ramos: todos os outros deuses são, por assim dizer, ramos de Viṣṇu, conforme um texto citado pelo comentador: Viṣṇu é todas as divindades.

556 - Hino 40. Viśvedevas (Griffith)

1. Seja reunida toda a audiência do sínodo; vamos começar o seu louvor[3] cujo curso é rápido. O que quer que o Deus Savitar produza hoje, que possamos estar onde o Opulento distribui.
2. Isto, dado do céu,[4] que ambos os mundos nos concedam, e Varuṇa, Indra, Aryaman e Mitra. Que deusa Aditi nos atribua riquezas, e Vāyu e Bhaga as tornem nossas para sempre.
3. Que seja forte o homem e cheio de energia, ó Maruts, a quem vocês, conduzidos por corcéis pintados, favorecem. A ele, também, Sarasvatī e Agni promovam, e não haja ninguém para roubá-lo de suas riquezas.
4. Esse Varuṇa é guia da Lei, ele, Mitra, e Aryaman, os reis, terminaram a nossa obra.[5] Que a divina Aditi sem inimigos ouça rapidamente. Que esses nos livrem ilesos da dificuldade.
5. Com oferendas eu propicio os ramos[6] deste Deus veloz, o generoso Viṣṇu. Daí Rudra ganhou sua força de Rudra; ó Aśvins, vocês procuraram a casa que tem iguarias divinas.[7]
6. Não fiques zangado aqui, ó brilhante Pūṣan, pelo que Varūtrī e as Generosas nos deram. Que os Deuses velozes nos protejam e nos abençoem, e Vāta nos envie chuva, que vagueia à nossa volta.
7. Agora ambos os mundos foram louvados pelos Vasiṣṭhas, e os santos Mitra, Varuṇa e Agni. Que eles, Deuses brilhantes, tornem nossa canção a mais suprema. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 41 (Griffith)

---

[3] O louvor dos Deuses.
[4] Ou, distribuído por Dyu ou Dyaus.
[5] O sacrifício.
[6] [Veja a nota 2]. Isso, Ludwig observa, não dá nenhuma interpretação satisfatória; mas eu sou incapaz de fornecer algo melhor no momento. Grassmann troca *vayāḥ* por *vayāma:* 'nós com nossas oferendas nos aproximamos do banquete desse Deus veloz, o generoso Viṣṇu; isto é, viemos lhe oferecer alimento sacrifical'.
[7] ["Os ramos desse deus prolífico e rápido Viṣṇu [devem ser adorados?] com oblações na oferenda. Pois Rudra possui poder impetuoso. Os Aśvins vieram ao nosso lugar de sacrifício que está suprido com alimento"].
["Sāyaṇa interpreta as primeiras palavras do verso diante de nós desta maneira: 'Outros deuses são, por assim dizer, ramos deste Deus, que é a alma de todos os deuses'. Ele explica *eṣasya* como 'aquele que pode ser trazido por oblações de alimentos'. O mesmo epíteto *eṣa* é aplicado a Viṣṇu nas outras duas passagens seguintes citadas no Léxico de Böhtlingk e Roth sob essa palavra. RV 2.34.11: "Na oferenda do rápido Viṣṇu nós invocamos vocês, os grandiosos, e impetuosos Maruts", etc. RV 8.20.3: "Porque conhecemos o vigor abrasador dos filhos de Rudra, os Maruts impetuosos, do rápido Viṣṇu, [todos] prolíficos". – Muir, *O. S. Texts,* IV, p. 85].

557 - Hino 41. Uṣas[1] (Wilson)

(Sūkta VIII)

A divindade é Uṣas; ou, de acordo com algumas autoridades, os deuses da primeira estrofe são Indra e Agni, das próximas cinco, Bhaga, e da sétima, Uṣas; a métrica do primeiro verso é Jagatī, do resto, Triṣṭubh.

Varga 8. **1**. Nós invocamos ao amanhecer Agni, ao amanhecer Indra; ao amanhecer Mitra e Varuṇa; ao amanhecer os Aśvins; ao amanhecer Bhaga, Pūṣan, Brahmaṇaspati; ao amanhecer Soma e Rudra.[2]

2. Nós invocamos ao amanhecer o vitorioso feroz Bhaga, o filho de Aditi, que é o mantenedor (do mundo), a quem o homem pobre louvando-o pede, dizendo: dá (-me riqueza),[3] a quem o príncipe opulento (dirige a mesma prece).

3. Bhaga, o principal líder de ritos, Bhaga, fiel prometedor de riqueza, Bhaga, realizando (os nossos desejos), frutifica essa cerimônia, nos enriquece com gado e cavalos; que nós, Bhaga, sejamos eminentes com descendentes masculinos e seguidores.

4. Que nós agora tenhamos Bhaga (como nosso senhor),[4] seja de manhã ou ao meio-dia, ou ao nascer do sol;[5] que nós, Maghavan, desfrutemos da graça dos deuses.

5. Que Bhaga,[6] deuses, seja o possuidor de opulência, e, através dele, que nós sejamos possuidores de riqueza; cada um realmente te invoca repetidamente, Bhaga; que tu, Bhaga, sejas nosso predecessor nessa solenidade.[7]

6. Que as Auroras venham ao nosso sacrifício para um lugar adequado;[8] como corcéis rápidos levam uma carruagem, assim que as Auroras tragam Bhaga para nós, de curso descendente, carregado de riquezas.

7. Que as Auroras auspiciosas sempre cheguem, concedendo cavalos e gado e descendentes masculinos, derramando água, e dotadas de todas as coisas boas, e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.[9]

Índice◄►Hino 42 (Wilson)

---

[1] [Vários Deuses (1); Bhaga (2-6); Uṣas (7). "A última (estrofe) é dirigida à Aurora (7.41.7), ou então uma prece aos videntes *(draṣṭṛ)* é aqui (expressa). Alguns, no entanto, proclamam que só Bhaga é (o deus) na (estrofe) 'Ao amanhecer' (*Prātaḥ:* 7.41.1). (Ao passo que, segundo 169 essa estrofe seria dirigida a todos os deuses; compare com a *Sarvānukramaṇī: ādyā liṅgoktadevatā". – Bṛhaddevatā*, tradução por Macdonell, Parte II, 1904, p. 209. Veja também a nota 10].

[2] Todo este Sūkta ocorre no *Yajur [Branco (VS)],* 34.34-40. [E também no *Atharva Veda*, 3.16.1-7].

[3] *Ādhraś cid yam manyamānas, turaścid rājā cid yam bhagam bhakṣīty-āha;* Mahīdhara explica os termos um tanto diferentemente: *ādhra* ele interpreta como insatisfeito, com fome, ou pobre; *tura* ele faz o mesmo que *ātura*, doente, ou pode significar *yama; rājā* é o mesmo.

[4] *Utedānīm bhagavantaḥ syāma,* que possamos ser agora possuidores de Bhaga; ou pode significar: que possamos ser possuidores de riqueza; em qual sentido Mahīdhara entende *bhagavantaḥ*, ou, ele diz também, possuidores de conhecimento: *jñānavantaḥ*.

[5] Pôr do sol, ocaso, segundo Mahīdhara.

[6] *Bhaga eva bhagavāṃ astu, dhanavān*, que tem fartura.

[7] Alguém que vai na frente, pode significar *purohita*, ou sacerdote da família.

[8] Mahīdhara supre: um lugar puro para o recipiente do fogo, como se ele entendesse pelo *dadhikrā* do texto não qualquer cavalo, embora ele o traduza simplesmente como *aśve*, mas aquele destinado ao sacrifício.

[9] [7.80.3].

557 - Hino 41. Bhaga[10] (Griffith)

1. Agni ao amanhecer, e Indra nós invocamos ao amanhecer, e Varuṇa e Mitra, e os dois Aśvins. Bhaga ao amanhecer, Pūṣan, e Brahmaṇaspati, Soma ao amanhecer, Rudra nós invocaremos ao amanhecer.[11]
2. Vamos invocar o forte, antigo conquistador Bhaga, o Filho de Aditi, o grande sustentador; pensando em quem, o pobre, de fato, até o poderoso, o próprio rei diz: Dá-me Bhaga.[12]
3. Bhaga nosso guia, Bhaga cujas dádivas são fiéis, favorece essa canção, e dá-nos riqueza, ó Bhaga. Bhaga, aumenta o nosso estoque de vacas e cavalos, Bhaga, que possamos ser ricos em homens e heróis.
4. Então, que a felicidade possa ser nossa no presente, e quando o dia se aproxima, e ao meio-dia; e que possamos ainda, ó Generoso, ao pôr do sol ser felizes na benevolência das Divindades.
5. Que Bhaga seja realmente o concessor de bem-aventurança, e através dele, Deuses! que a felicidade esteja conosco. Como tal, ó Bhaga, todos com poder te invocam, como tal sê o nosso campeão aqui, ó Bhaga.
6. Para essa nossa adoração que todas as Auroras se inclinem, e venham ao lugar puro[13] como Dadhikrāvan.[14] Como corcéis fortes puxam uma carruagem que elas tragam para cá a nós Bhaga que descobre tesouro.
7. Que as Manhãs abençoadas surjam sobre nós sempre, com fartura de vacas, de cavalos, e de heróis, transbordando com toda abundância, derramando gordura.[15] Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 42 (Griffith)

---

[10] O hino é dirigido principalmente a Bhaga [veja a nota 1] o generoso, cujo nome, levemente alterado, sobrevive nas línguas eslavas como um nome geral para Deus; mas os Deuses mencionados na estrofe 1, e Uṣas, Aurora ou Manhã, também são considerados como os deuses dos versos nos quais seus nomes ocorrem.
[11] ["De manhã nós invocamos Agni, de manhã Indra, de manhã Mitra e Varuṇa, de manhã os Aśvins; de manhã invoquemos Bhaga, Pūṣan, Brahmaṇaspati, Soma e Rudra". – Muir, *O. S. Texts*, IV, p. 314].
[12] Ou riquezas.
[13] A câmara de sacrifício.
[14] Rápidas como Dadhikrāvan, o cavalo famoso, o símbolo e modelo dos cavalos de corrida. Veja 4.39.3; 4.40.1-3.
[15] [Fertilidade, abundância].

558 - Hino 42. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta IX)

Os deuses e a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 9. **1**. Que os Brahmāṇas, os Aṅgirasas, estejam presentes em todos os lugares; que Krandanu[1] esteja ciente da (nossa) adoração; que os rios[2] deslizem, distribuindo água; que o casal piedoso, (o Yajamāna e sua esposa), aprecie em conjunto a beleza do sacrifício.
2. Agradável, Agni, seja o teu caminho há muito tempo familiar, atrela pela libação os cavalos baios, avermelhados, que, brilhantes, são os transportadores de (ti), o herói, ao salão de sacrifício, onde, sentado, eu invoco as companhias dos deuses.
3. Os (adoradores) lhes oferecem, (deuses), este sacrifício, com prostrações; o sacerdote ministrante, que está perto de nós repetindo louvores piedosos, se distingue (de todos os outros); adora bem os deuses; resplandecente (Agni), faze a terra venerável girar.
4. Quando Agni, repousando à vontade na casa do adorador generoso, é bem recebido como um convidado, assim colocado adequadamente no salão de sacrifício, ele dá, bem satisfeito, (riqueza) desejável para as pessoas que se aproximam dele.
5. Sê gratificado, Agni, por esse nosso sacrifício; torna o nosso (culto) renomado entre Indra e os Maruts; que os dias e as noites se sentem na grama sagrada; adora (Agni), nesse rito, Mitra e Varuṇa, que desejam (a oferenda).
6. Assim Vasiṣṭha, desejando riquezas, glorificou o vigoroso Agni por causa de todo tipo de riqueza; que ele nos dê alimento, riquezas, força; e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 43 (Wilson)

---

[1] É dito que Krandanu [rugidor, agitador] é um sinônimo de Parjanya.
[2] *Dhenavaḥ* é aqui explicado *Nadyaḥ*, consistentemente com o que é dito de *udapruto navantaḥ*.

558 - Hino 42. Viśvedevas (Griffith)

1. Que Brahmāṇas e Aṅgirases[3] avancem, e que o rugido do céu nublado nos circunde. Mugem alto as Vacas Leiteiras[4] nadando nas águas; ajustadas sejam as pedras[5] que enfeitam o nosso serviço sagrado.
2. Belo, Agni, é o teu caminho há muito conhecido para viajar; atrela por causa do suco os teus baios, teus cavalos avermelhados,[6] ou corcéis vermelhos,[7] portadores do Herói,[8] para a câmara.[9] Sentado, eu chamo as gerações de divindades.
3. Eles glorificam o seu sacrifício com adoração, mas o Sacerdote alegre perto deles permanece inigualável.[10] Traze os Deuses para cá, tu de muitos aspectos; dirige para cá Aramati a Santa.[11]
4. Quando o Convidado[12] se fez visível, reclinando-se à vontade na habitação do homem rico, Agni, bem satisfeito, bem colocado dentro da câmara dá a uma casa como esta riqueza digna de escolha.
5. Aceita esse nosso sacrifício, ó Agni; o glorifica com Indra e os Maruts. Aqui em nossa grama que a Noite e a Aurora se sentem; traze aqui os ansiosos Varuṇa e Mitra.
6. Assim Vasiṣṭha louvou o vitorioso Agni, ansiando pela riqueza que dá subsistência a todos. Que ele nos conceda alimento, força e riquezas. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 43 (Griffith)

---

[3] Ṛṣis assim chamados, segundo Sāyaṇa.
[4] As nuvens no firmamento aquoso, com alusão também ao leite e água misturados com o suco Soma.
[5] As pedras de espremer. A explicação de Sāyaṇa é diferente: 'que o casal piedoso, (o Yajamāna e sua esposa), aprecie em conjunto a beleza do sacrifício'. – Wilson.
[6] Ou as Harits e as Rohits.
[7] Ou Aruṣas.
[8] Que carregam o Herói Agni.
[9] O salão de sacrifício; 'em teu estábulo'. – Müller *[Chips*, vol. II, p.132].
[10] Os sacerdotes humanos não podem se igualar a Agni em eficiência.
[11] O Gênio da Devoção. Veja 7.36.8. [Muir (em *O. S. Texts,* IV. 317, nota) diz que Aramati aqui significa a terra *(bhūmi)*].
[12] Agni.

559 - Hino 43. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta X)

Deuses e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 10. **1**. Os adoradores devotos procuram alcançar vocês, deuses, por louvores em sacrifícios; eles (adoram) o céu e a terra, aqueles de quem as adorações diversificadas se espalham por toda parte como os galhos das árvores.

2. Que o sacrifício proceda como um corcel rápido (para os deuses); elevem, (sacerdotes), de comum acordo, as suas conchas, carregadas de manteiga; espalhem para a solenidade a grama sagrada; que as chamas (da oferenda queimada) aos deuses subam para o alto.

3. Que os deuses se sentem no topo da erva sagrada, como crianças nutridas no (colo da) mãe; que a concha cheia, Agni, derrame (a oferenda) sobre a chama do sacrifício; não nos abandonem aos nossos adversários em batalha.

4. Que os deuses adoráveis, que são os concessores de água, os derramadores de chuvas, sejam totalmente propiciados (pelos nossos louvores); que os mais preciosos e louváveis dos seus tesouros (sejam nossos) hoje; e que vocês de comum acordo venham aqui.[1]

5. Sê glorificado, Agni; concede-nos (riqueza) entre o povo; que nós, vigoroso Agni, jamais sejamos abandonados por ti, mas sempre sejamos regozijantes e imperturbados na posse de riquezas; e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 44 (Wilson)

---

[1] *Āgantana samanasaḥ* são seguidas por *yati ṣṭha*, que são deixadas sem explicação, aparentemente devido a um hiato nos manuscritos; *ṣṭha* pode ser a segunda pessoa do plural do presente de *as*, ser, mas é difícil atribuir um significado a *yati*, a menos que ela signifique, ou um erro, *yadi*, se, quando a sentença pode ser traduzida: se vocês são concordantes.

559 - Hino 43. Viśvedevas (Griffith)

1. Cantem os piedosos em seus sacrifícios para mover com adorações o Céu e a Terra – os Cantores Santos, cujas devoções inigualáveis, como galhos de uma árvore, partem em todas as direções.
2. Que o sacrifício prossiga como um corcel veloz; de comum acordo ergam as conchas no alto. Espalhem grama sagrada apropriada para o serviço solene; chamas brilhantes que amam os Deuses subiram para o alto.
3. Como bebês de colo repousando em sua mãe, que os Deuses se sentem no topo da grama. Que o fogo geral[2] torne brilhante a chama do culto; não nos desprezes, Agni, na assembleia dos Deuses.
4. Alegremente os Deuses se deixaram ser honrados, ordenhando as correntes copiosas[3] da Ordem Sagrada. O maior poder hoje é seu, o dos Vasus; venham, tantos quantos sejam, concordantes.
5. Então, Agni, envia-nos riqueza entre os povos; que estejamos intimamente unidos a ti, ó Vitorioso, ilesos e ricos, e nos alegrando juntos. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 44 (Griffith)

---

[2] Ou, segundo Sāyaṇa: 'Que a concha cheia unte o fogo do culto'. O sentido exato é incerto porque tanto o sujeito quanto o objeto são adjetivos sem substantivos.
[3] Desfrutando das libações do sacrifício ordenado pela lei. 'Que são os concessores de água, os derramadores de chuvas'. – Wilson.

560 - Hino 44. Dadhikrā (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus é Dadhikrā;[1] a métrica da primeira estrofe é Jagatī, do resto Triṣṭubh.

Varga 11. **1**. Para a sua preservação, (adoradores), eu invoco, em primeiro lugar, Dadhikrā, em seguida, os Aśvins, a Aurora, o aceso Agni, Bhaga, Indra, Viṣṇu, Pūṣan, Brahmaṇaspati, os Ādityas, o céu e a terra, as águas, o sol.

2. Despertando e animando Dadhikrā, prosseguindo diligentemente com o sacrifício, instalando a divina Iḷā na grama sagrada, invoquemos os inteligentes e dignamente invocados Aśvins.

3. Propiciando Dadhikrāvan, eu glorifico Agni, Uṣas, o sol, a terra, o grande cavalo marrom de Varuṇa, que está atento aos seus adoradores; que eles afastem de nós todas as iniquidades.

4. Dadhikrāvan, o cavalo veloz, o primeiro (dos cavalos), conhecendo (o seu ofício), está na frente das carruagens (dos deuses), concordante com Uṣas, com Sūrya, com os Ādityas, com os Vasus, com os Aṅgirasas.

5. Que Dadhikrā borrife o nosso caminho (com água), para que possamos seguir o caminho do sacrifício; que Agni, a força dos deuses, ouça a nossa (invocação); que os deuses universais poderosos, não confundidos, a ouçam.

Índice◄►Hino 45 (Wilson)

---

[1] ['Mas os deuses proclamados como pertencentes à primeira (estrofe) do (hino) dirigido a Dadhikrā (7.44.1) podem ser reconhecidos. (Isto é, pelos seus nomes que se encontram na estrofe; compare com a *Sarvānukramaṇī: ādyā liṅgoktadevatā'.* – *Bṛhaddevatā*, tradução por Macdonell, Parte II, 1904, p. 210. Veja 4.38-40 para outros hinos dedicados a Dadhikrā].

560 - Hino 44. Dadhikrās (Griffith)

1. Eu invoco Dadhikrās,[2] o primeiro, para ajudá-los, os Aśvins, Bhaga, Aurora, e Agni bem aceso, Indra, e Viṣṇu, Pūṣan, Brahmaṇaspati, Ādityas, Céu e Terra, as Águas, e a Luz.
2. Quando, levantando-nos, para o sacrifício nos apressamos, despertando Dadhikrās com adorações, instalando sobre a grama sagrada a Deusa Iḷā, vamos invocar os sábios Aśvins prontos a ouvir.[3]
3. Enquanto estou assim despertando Dadhikrāvan[4] eu falo para Agni, Terra, e Aurora, e Sūrya, o vermelho, o marrom[5] de Varuṇa sempre atento;[6] que eles afastem de nós toda tristeza e angústia.
4. O primeiro é Dadhikrāvan, corcel vigoroso; na frente dos carros,[7] o seu caminho ele conhece, intimamente ligado a Sūrya e à Manhã, Ādityas, e Aṅgirases, e Vasus.
5. Que Dadhikrās prepare o caminho que percorremos para que possamos passar pela estrada da Ordem. Que Agni nos ouça, e o Exército Celeste; ouçam-nos todos os Poderosos a quem ninguém engana.

Índice◄►Hino 45 (Griffith)

---

[2] Veja 4.38.1.
[3] [Ou, fáceis de chamar].
[4] Uma forma estendida de Dadhikrās. Veja 4.39.2, e 40.
[5] Aparentemente o cavalo de Varuṇa, isto é, o Sol, é aludido.
[6] 'Que está atento aos seus adoradores'. – Wilson. O significado da palavra *maṃścatoḥ*, ou *māṃścatoḥ*, é incerto. Von Roth acha que significa uma cor, parda ou amarela. Ludwig a explicaria como 'cordas ou laços que amarram'. Grassmann a traduz como 'des Mondverscheuchers', 'que espanta a Lua'.
[7] Segundo Sāyaṇa, as carruagens dos Deuses são aludidas. Mas, como Pischel observa, (*Vedische Studien* I. 24), Dadhikrāvan, o famoso cavalo de corrida, era para 'os senhores da relva' na época do rei Trasadasyu o que o incomparável cavalo inglês Eclipse era nos tempos recentes. Parece provável que Dadhikrāvan possa ter sido originalmente apenas um cavalo de corridas muito notável, glorificado e deificado pelos louvores exagerados dos bardos de um povo que era apaixonadamente ligado à corrida de carruagens.

561 - Hino 45. Savitṛ (Wilson)

(Sūkta XII)

O deus é Savitṛ; a métrica Triṣṭubh.

Varga 12. **1**. Levado por seus corcéis, que o divino Savitṛ, que é possuidor de tesouro precioso, e que enche (de brilho) o firmamento, venha para cá, trazendo em suas mãos muitas coisas boas para o homem, e tranquilizando e animando os seres vivos.[1]
2. Que os braços estendidos, vastos e dourados de Savitṛ se expandam até os confins do céu; realmente a grandeza dele é glorificada (por nós); que o sol dê energia a ele.[2]
3. Que o divino Savitṛ, que é dotado de energia, o senhor do tesouro, conceda tesouros a nós concentrando brilho infinito; que ele nos dê riqueza, a fonte da satisfação dos mortais.
4. Esses louvores glorificam o de língua eloquente, de mãos hábeis, cujas mãos estão cheias (de riquezas); que ele nos conceda alimento variado e abundante; e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 46 (Wilson)

---

561 - Hino 45. Savitar (Griffith)

1. Que o Deus Savitar, rico em tesouros preciosos, enchendo a região, levado por corcéis, venha aqui, segurando em sua mão muito do que faz os homens felizes, aquietando para dormir e despertando as criaturas.[3]
2. Dourados, sublimes, e leves em seu movimento, seus braços se estendem até os limites do céu. Agora aquela potência dele será louvada; até Sūra[4] se rende a ele em força ativa.
3. Que esse Deus Savitar, o Forte e Poderoso, o Senhor da riqueza preciosa, nos conceda tesouros. Que ele, desenvolvendo o seu brilho extenso, nos conceda o alimento que nutre os mortais.
4. Essas canções louvam Savitar cuja língua é agradável, louvam aquele cujos braços estão cheios, cujas mãos são adoráveis. Grande força vital, e multiforme, que ele nos conceda. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 46 (Griffith)

---

[1] Colocando os seres à noite em seus próprios lugares e incitando-os de dia.
[2] Que Sūrya subsequentemente dê àquele Savitṛ o desejo por atos.
[3] ['Que o Deus Savitṛ se aproxime, rico em tesouros, enchendo a atmosfera, levado por cavalos, segurando em sua mão muitos presentes adequados para os homens, estabelecendo e vivificando o mundo'. – Muir, *O. S. Texts,* V, 167-168].
[4] O Sol como distinto de, ou uma forma diferente de, Savitar, que Sāyaṇa diz ser o Sol antes do seu surgimento.

562 - Hino 46. Rudra (Wilson)

(Sūkta XIII)

O deus é Rudra; a métrica dos três primeiros versos é Jagatī, do último, Triṣṭubh.

Varga 13. **1**. Ofereçam esses louvores ao divino Rudra, armado com o arco forte e flechas de voo rápido, o concessor de alimento, o invencível, o conquistador, o criador, o manejador de armas afiadas; que ele ouça (os nossos louvores).

2. Ele é conhecido por seu domínio sobre aqueles de nascimento terrestre, por sua soberania sobre os de (origem) celeste; protege a nossa progênie, Rudra, propiciando-te (por louvor), vem às nossas residências, e sê para elas um guardião contra a doença.

3. Que a tua (arma) fulgurante, que, disparada do céu, percorre a terra, nos evite; teus, apaziguador do vento,[1] são mil medicamentos; não faças mal aos nossos filhos e netos.

4. Não nos prejudiques, Rudra; não nos abandones; não nos deixes cair sob o teu jugo quando desagradado; nos torna participantes do sacrifício de promotor de vida; e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos,

Índice◄►Hino 47 (Wilson)

---

562 - Hino 46. Rudra (Griffith)

1. Para Rudra tragam essas canções, cujo arco é firme e forte, o Deus autodependente com flechas de voo rápido, o Sábio, o Conquistador a quem ninguém pode superar, armado com armas de pontas afiadas; que ele ouça o nosso chamado.

2. Ele através do seu domínio pensa nos seres da terra, nos seres celestes através do seu grande domínio imperial. Vem prontamente às nossas portas que te acolhem alegremente, e cura todas as doenças, Rudra, em nossas famílias.

3. Que a tua flecha brilhante que, disparada por ti do céu, voa sobre a terra, passe por nós incólume. Tu, Deus muito bondoso,[2] tens mil medicamentos; não inflijas nenhum mal aos nossos filhos ou descendentes.

4. Não nos mates, nem nos abandones, ó Rudra; que o teu laço, quando tu estás zangado, não nos apanhe. Dá-nos grama cortada[3] e fama entre os vivos.[4] Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 47 (Griffith)

---

[1] *Svapivāta*, que é deixada sem tradução pelo escoliasta; é um pouco difícil atribuir-lhe um significado: *svapi* pode ser derivada de *svap*, dormir, e *vāta* geralmente é o vento; ou pode significar transtornos decorrentes do humor ventoso que se pode supor que Rudra, como o deus dos remédios, alivia, isso, no entanto, seria uma antiga indicação da patologia humoral.

[2] *Svapivāta.* 'Essa palavra não é explicada no texto impresso por Sāyaṇa, embora no "Varietas Lectionis", anexo ao seu prefácio, o professor Müller note que em um manuscrito. B. 4, *svapivāta* é traduzida por *jitaprāṇa*, 'aquele por quem a vida (ou respiração) é conquistada. No *Nirukta*, X. 7, ela é explicada como *svāpta-vacana*, "tu cujas palavras são muito adequadas ou autoritárias"'. – Muir, *O. S. Texts*, IV, 314, onde uma nota exaustiva sobre a palavra será encontrada. Wilson interpreta *svapivāta* como 'apaziguador do vento', e Grassmann como 'vielbegehrter', 'muito desejado'.

[3] Deixa-nos tomar parte em sacrifício.

[4] O *St. Petersburg Lexicon* considera que *jīvaśaṃse* significa governo sobre os vivos. Outros tomam a palavra como qualificando *barhiṣi*, grama cortada, isto é, sacrifício, e significando 'desejado pelos vivos', 'a ser louvado entre os homens', 'que promete vida (longa)'. Veja *Vedic Hymns,* Parte I, p. 439.

562 - Hino 46. Rudra (Müller)

MAṆḌALA 7, HINO 46.
AṢṬAKA 5, ADHYĀYA 4, VARGA 13.

1. Ofereçam essas canções a Rudra cujo arco é forte, cuja setas são velozes, ao deus autodependente, o conquistador invicto, o inteligente, cujas armas são afiadas – que ele nos ouça![5]
2. Pois, sendo o senhor,[6] ele cuida do que é nascido na terra; sendo o governante universal, ele cuida do que nasce no céu. Protegendo-nos, vem às nossas portas que protegem, fica sem doença entre o nosso povo, ó Rudra!
3. Que aquele teu raio que, enviado do céu, percorre a terra, passe por nós! Mil medicamentos são teus, ó tu que és livremente acessível; não nos prejudiques em nossos amigos e parentes!
4. Não nos atinjas, ó Rudra, não nos abandones! Que não estejamos no teu caminho quando tu avançares furiosamente. Deixa-nos ter o nosso altar e uma boa reputação entre os homens – protejam-nos sempre com suas graças!

Índice◄►Hino 56 (Müller)

562 - Hino 46. Rudra (Muir)[7]

1. Apresentem essas músicas para Rudra com o arco forte, e flechas velozes, o deus autodependente, inatacável, o atacante, o distribuidor, armado com armas afiadas; que ele nos ouça.
2. Através do seu poder ele percebe a raça terrestre, e através do seu domínio universal (ele percebe) a divina. Protegendo-nos, aproxima-te das nossas portas que protegem; Rudra, remove a doença da nossa descendência.
3. Que aquela tua flecha que é disparada do céu, e atravessa a terra, nos evite. Tu, que és de fácil acesso, tens mil remédios. Não nos firas em nossos filhos e descendentes.
4. Não nos mates, Rudra; não nos abandones; não nos deixes cair na tua rede quando tu estiveres enfurecido. Dá-nos uma parte no sacrifício desejado pelos vivos. Que vocês sempre nos socorram com suas bênçãos.

Índice◄

[5] *Taittirīya Brāhmaṇa*, 2.8.6.8.
[6] Geldner traduz *kṣayeṇa* como 'do seu trono'.
[7] [*Original Sanskrit Texts,* IV, 315].

563 - Hino 47. Águas (Wilson)

(Sūkta XIV)

As divindades são as Águas; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 14. **1**. Nós pedimos de vocês, Águas, hoje, aquela pura, impecável, derramadora de chuva, doce essência da terra,[1] que os devotos consagraram primeiramente como a bebida de Indra.
2. Que o veloz neto das águas proteja, Águas, a sua essência mais doce, com a qual Indra e os Vasus possam ser satisfeitos; e que nós, devotados aos deuses, compartilhemos (dela).
3. As Águas divinas, as purificadoras de muitos, gratificando os homens com alimentos, seguem os caminhos dos deuses; elas não impedem os ritos sagrados de Indra; ofereçam, (sacerdotes), a oblação carregada de manteiga aos deuses.
4. Águas, a quem o sol evaporou com seus raios, para quem Indra abriu um caminho pelo qual escapar,[2] concedam-nos riqueza; e que vocês (também) sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 48 (Wilson)

563 - Hino 47. Águas (Griffith)

1. Que possamos obter de vocês neste dia, ó Águas, aquela onda de puro frescor,[3] que os piedosos fizeram primeiramente a bebida especial de Indra, brilhante, imaculada, rica em doces e derramando gordura.
2. Que o Filho das Águas, ele cujo curso é rápido, proteja essa onda riquíssima em doces, ó Águas, que alegrará Indra e os Vasus. Que ganhemos isso de vocês hoje, nós piedosos.
3. Todo-purificadoras,[4] alegres em sua natureza, para os caminhos dos Deuses as Deusas[5] seguem em frente. Elas nunca violam as leis de Indra. Apresentem a oferenda rica em óleo aos Rios.
4. A quem Sūrya com seus raios brilhantes atraiu, e Indra cavou o caminho para elas percorrerem, que esses Rios nos deem amplo espaço e liberdade. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 48 (Griffith)

---

[1] *Prathamaṃ ūrmim akṛṇvata iḷaḥ:* é dito que *ūrmi* aqui significa o suco Soma, *bhūmyāḥ sambhūtam*, produzido a partir da terra.
[2] O sol tendo transformado as águas da terra em nuvens, Indra, com seu raio, parte as últimas, e a água condensada cai como chuva.
[3] 'Doce essência da terra'. – Wilson. [Veja a nota 1].
[4] *Śatapavitrāḥ;* literalmente, com cem, isto é, incontáveis, meios de purificação.
[5] As Águas divinas.

564 - Hino 48. Ṛbhus (Wilson)

(Sūkta XV)

Os deuses são os Ṛbhus;[1] a métrica como antes (Triṣṭubh).

Varga 15. **1**. Ṛbhu, (Vibhu), e Vāja,[2] líderes de ritos, possuidores de opulência, fiquem alegres com a nossa (libação) derramada; que os seus (cavalos) ativos e poderosos tragam à nossa presença a sua carruagem, benéfica para a humanidade.
2. Poderosos com os Ṛbhus, opulentos com os Vibhus,[3] que vençamos pela força a força (dos nossos inimigos); que Vāja nos defenda em batalha; com Indra, nosso aliado, que possamos destruir o inimigo.
3. De fato, eles, (Indra e os Ṛbhus), derrotam multidões por sua bravura; eles superam todos os inimigos no conflito de mísseis;[4] que Indra, Vibhvan, Ṛbhukṣin e Vāja, os subjugadores de inimigos, aniquilem com sua ira a força do inimigo.
4. Concedam-nos, deuses, opulência neste dia; que vocês todos, igualmente bem satisfeitos, estejam (prontos) para nos proteger; que os exaltados (Ṛbhus)[5] nos deem alimento; e que vocês (todos) sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 49 (Wilson)

---

564 - Hino 48. Ṛbhus (Griffith)

1. Ó Heróis generosos, Vājas e Ṛbhukṣans,[6] venham e se deleitem com o nosso Soma que flui. Que a sua força, Vibhus, quando vocês vêm nos encontrar, vire para cá o seu carro que traz lucro aos homens.
2. Que nós como Ṛbhu com seus Ṛbhus conquistemos força com nossa força, como Vibhus[7] com os Vibhus.[8] Que Vāja nos ajude na luta por saque,[9] e ajudados por Indra que possamos subjugar o inimigo.
3. Porque eles governam muitas tribos com grande domínio, e conquistam todos os seus inimigos em combate de perto. Que Indra, Vibhvan, Vāja e Ṛbhukṣan destruam alternadamente a bravura do inimigo perverso.
4. Agora, deuses, deem-nos amplo espaço e liberdade; sejam todos vocês, unânimes, nossa proteção. Então que os Vasus[10] nos concedam força e vigor. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

---

[1] ["O primeiro terceto é dirigido aos Ṛbhus (7.48.1-3). A última (estrofe: 7.48.4) é declarada ser dirigida aos Todo-deuses ou aos Ṛbhus. É por isso que todo esse (hino) dirigido aos Ṛbhus é cantado no décimo dia na litania aos Todo-deuses. (Veja *Āśvalāyana Śrauta Sūtra*, 8.12.24, citado por Sāyaṇa em RV. 7.48.4)". – *Bṛhaddevatā*, tradução por Macdonell, Parte II, 1904, p. 210].
[2] O texto tem *Ṛbhukṣaṇo Vājā*, o uso dos plurais implicando, de acordo com o escoliasta, que os três irmãos são aludidos.
[3] *Ṛbhur ṛbhubhir vibhvo vibhubhiḥ* são frases um tanto ininteligíveis; o comentador explica *ṛbhu* por *uru*, notável, e *vibhu, vibhavaḥ*, rico ou poderoso; mas ele deixa inexplicado por que o primeiro deve estar no singular e o segundo no plural; esse é um evidente jogo de palavras, como é o seguinte, *vājo vājasātāu*.
[4] *Uparatāti: upara* é explicado *upala*, uma pedra; a guerra que é travada com armas como pedras é *uparatāti*.
[5] O texto tem *vasavaḥ*, que podem ser Vasus; mas Sāyaṇa o explica *praśasyaḥ*, um epíteto de *Ṛbhavaḥ* subentendido.
[6] Vocês três, Ṛbhu, Vibhvan e Vāja.
[7] [Vibhvan].
[8] O significado é, que possamos ser tão poderosos quanto Ṛbhu, tão poderosos quanto a companhia dos Vibhus, (outro nome dos Ṛbhus). [Veja a nota 3].
[9] *Vājasātāu,* um trocadilho com a palavra [prêmio] e nome *vāja.*
[10] [Veja a nota 5]. 'Os exaltados (Ṛbhus)'. – Wilson.

Índice◄►Hino 49 (Griffith)

565 - Hino 49. Águas (Wilson)

(Sūkta XVI)

As Águas são as divindades; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 16. **1**. As águas, com o seu mar-chefe, provêm do meio do firmamento,[1] purificando (todas as coisas), fluindo incessantemente; que as águas divinas, a quem Indra o portador do trovão, o derramador, enviou, me protejam aqui (na terra).
2. Que as águas que estão no céu, ou aquelas que correm (sobre a terra), aquelas (cujos canais) foram escavados,[2] ou aquelas que brotaram espontaneamente, e aquelas que buscam o oceano, todas puras e purificadoras, que essas águas divinas me protejam aqui (na terra).
3. Aquelas cujo soberano, Varuṇa, passa na esfera do meio, discriminando a verdade e a falsidade da humanidade; aquelas que derramam chuva doce, puras e purificadoras; que aquelas águas divinas me protejam aqui (na terra).
4. Que elas nas quais seu rei, Varuṇa, nas quais Soma, reside, nas quais os deuses se deleitam (em receber) o alimento sacrifical, nas quais Agni Vaiśvānara entrou, que aquelas águas divinas me protejam aqui (na terra).

Índice◄►Hino 50 (Wilson)

565 - Hino 49. Águas (Griffith)

1. Adiante a partir do meio da torrente[3] as Águas – seu chefe o Oceano – fluem sem cessar, nunca dormindo. Indra, o Touro, o Trovejante, cavou seus canais; aqui que aquelas Águas, Deusas, me protejam.
2. Águas que vêm do céu, ou aquelas que vagueiam escavadas da terra,[4] ou que fluem livres por natureza,[5] brilhantes, purificadoras, acelerando para o Oceano, aqui que aquelas águas, Deusas, me protejam.
3. Aquelas em meio às quais segue Varuṇa o Soberano, ele que discrimina veracidade e falsidade dos homens – destilando hidromel, as brilhantes, as purificadoras, aqui que aquelas Águas, Deusas, me protejam.
4. Elas de quem Varuṇa o Rei, e Soma, e todas as divindades bebem força e vigor, elas em quem Agni Vaiśvānara entrou, aqui que aquelas Águas, Deusas, me protejam.

Índice◄►Hino 50 (Griffith)

[1] *Samudrajyeṣṭhāḥ salilasya madhyāt;* é dito que *salila* aqui significa *antarikṣa*.
[2] Formadas, ou talvez paradas pela escavação de canais e reservatórios; em ambos os casos uma prova da prática da irrigação.
[3] O oceano de ar, o firmamento.
[4] [‘Para as quais canais são escavados’. – Muir, *O. S. Texts,* V, 72].
[5] [‘Que são autoproduzidas’. – *Id.*].

565 – Hino 49. Águas (Peterson)

1. Com o oceano em sua cabeça elas vêm do meio do mar celeste, puras, nunca repousando; Indra com seu raio arou um caminho para elas – que essas águas divinas me protejam.
2. As águas do céu, as águas dos rios, as águas dos poços; as águas brilhantes e limpadoras, cuja meta é o mar – que essas águas divinas me protejam.
3. No meio das quais anda Varuṇa o Rei, notando a sinceridade e a falsidade dos homens, elas, tão puras e brilhantes, derramando mel – que essas águas divinas me protejam.
4. Lá está Varuṇa o Rei, lá está Soma, lá todos os deuses encontram força; Agni, o amigo do homem, desce nelas – que essas águas divinas me protejam.

Índice◄►Hino 54 (Peterson)

---

565 – Hino 49. Āpas (Macdonell)[6]

1. Com o oceano como seu chefe elas fluem irrequietas;
Da torrente aérea elas correm purificando;
Para quem o poderoso raio de Indra cortou canais,
Aqui que aquelas águas, deusas, me preservem.[7]

2. Águas que vêm do céu ou correm em canais
Escavados, ou fluem[8] espontaneamente por natureza,
Que, límpidas e puras, têm como meta o oceano;
Aqui que aquelas águas, deusas, me preservem.

3. No meio dos quais o rei Varuṇa está se movendo,
E olhando para baixo examina a verdade e a falsidade dos homens:
Que, claras e purificadoras, gotejam com doçura;[9]
Aqui que aquelas águas, deusas, me preservem.

4. Em quem o rei Varuṇa, em quem, também, Soma,
Em quem os Todo-deuses bebem vigor elevado;[10]
Em quem Agni, amigo de todos, entrou;
Aqui que aquelas águas, deusas, me preservem.

Índice◄►Hino 61 (Macdonell)

---

[6] [*Hymns from the Rigveda,* Selected and Metrically Translated, 1922].
[7] ['Me ajudem aqui'. – Macdonell, *A Vedic Reader,* 1917, p.116-118].
[8] ['Surgem'. – *Id.*].
[9] ['Que destilam doçura'. – *Id.*].
[10] ['Força entusiasmante'. – *Id.*].

566 - Hino 50. Vários Deuses (Wilson)[1]

(Sūkta XVII)

As divindades são Mitra e Varuṇa, Agni Vaiśvānara, Viśvadevas, Gaṅgā e outros rios, separadamente para cada verso; a métrica das três primeiras estrofes é Jagatī é, da última, Atijagatī ou Śakvarī.

Varga 17. **1**. Mitra e Varuṇa, protejam-me aqui (neste mundo); não deixem que a (peçonha) insidiosa e que se espalha chegue a mim;[2] que o (veneno) igualmente maligno e indiscernível[3] desapareça; não deixem que a (cobra) tortuosa[4] me reconheça pelo som dos meus passos.

2. Que o brilhante Agni neutralize o veneno que é gerado nos múltiplos nós (das árvores) e semelhantes,[5] ou que está espalhado sobre os joelhos ou tornozelos;[6] não deixes que a cobra tortuosa me reconheça pelo som dos meus passos.

3. O veneno que há na árvore Śālmali, em rios, ou que é gerado das plantas, que os deuses universais o removam daqui; não deixem que a (cobra) tortuosa me reconheça pelo som dos meus passos.

4. Que os rios divinos, seja descendo declives, em locais ocos, ou para cima, sejam cheios com água ou secos, nutrindo a todos com sua água, sejam auspiciosos para nós, não transmitindo doença;[7] que todos os rios não sejam produtivos de dano.[8]

Índice◄►Hino 51 (Wilson)

---

[1] [Esse é um dos poucos hinos de cura do Ṛgveda ('cada verso deste Sūkta deve ser repetido como um antídoto'), e está incluído entre os hinos às Águas porque o último verso pede a ajuda dos rios].

[2] *Kulāyayad viśvayan mā na ā gan;* o primeiro termo é explicado: que faz um lugar ou um ninho; o segundo: que aumenta especialmente; o comentador supre o substantivo *viṣam* [peçonha, veneno].

[3] Aqui, novamente, temos apenas epítetos, *ajakāvaṃ durdṛśīkaṃ;* o primeiro é explicado: *ajakā* é o nome de uma doença como essa, um veneno maligno, segundo Sāyaṇa; o segundo é interpretado: difícil ou desagradável de ser visto; cada verso deste Sūkta deve ser repetido como um antídoto.

[4] *Tsaru* significa aquele que segue furtivamente ou tortuosamente, ou seja, uma serpente.

[5] *Yad vijāman paruṣi vandanam* é assim explicado; *vandana* é um veneno assim chamado, que pode ter origem nas juntas diferentemente surgidas de árvores e outros.

[6] *Aṣṭhīvantau parikulphau ca dehat;* os substantivos são de uso comum para joelho e tornozelo; *paridehat* é explicado: que ele manche, mas não parece haver nominativo.

[7] *Aśipadā bhavantu;* é dito que *śipadā* o nome de uma doença, que elas não produzam a enfermidade *śipadā;* talvez essa seja a forma vêdica de *ślīpada*, a elefantíase.

[8] *Aśimidā bhavantu; śimi,* diz-se, significa *bādha*, ferida, com o prefixo negativo [*a*], e *dā;* o que dá: *ahiṃsā pradā,* que não causem mal ou lesão.

566 - Hino 50. Vários Deuses (Griffith)[9]

1. Ó Mitra-Varuṇa, me guardem e protejam aqui; não deixem que chegue a mim aquele que se aninha dentro e cresce.[10] Eu afugento o escorpião[11] odioso para a visão; não deixem que o verme sinuoso me toque e fira o meu pé.
2. A erupção que aparece nas juntas duplas,[12] e a que cobre os tornozelos e os joelhos, que o refulgente Agni expulse para longe; não deixes que o verme sinuoso me toque e fira o meu pé.
3. O veneno que é formado na Śālmali,[13] que é encontrado em rios, aquele que as plantas produzem, tudo isso que todos os Deuses[14] expulsem e afugentem; não deixem que o verme sinuoso me toque e fira o meu pé.
4. Os declives íngremes, os vales, e as alturas, os canais cheios de água, e os sem água – que aqueles que se enchem de água, Deusas benevolentes, nunca nos aflijam com a doença Śipadā,[15] que todos os Rios nos mantenham livres da Śimidā.[16]

Índice◄►Hino 51 (Griffith)

---

[9] Cada estrofe do hino deve ser repetida como um antídoto para o veneno ou a doença que ela especifica.
[10] 'A (peçonha) insidiosa e que se espalha'. – Wilson. Sāyaṇa supre o substantivo *viṣam* [peçonha, veneno].
[11] *Ajakāvaṃ;* o sentido exato é incerto.
[12] Dos braços e pernas. A interpretação de Sāyaṇa é diferente: 'o veneno que é gerado nos múltiplos nós (de árvores) e semelhantes'. – Wilson.
[13] Árvore-de-paina.
[14] Ou, os Todo-Deuses ou Viśvedevas.
[15] [Veja a nota 7].
[16] Aparentemente um demônio fêmea, ou uma doença atribuída à sua malevolência. [O mesmo poderia ser o caso de Śipadā].

567 - Hino 51. Ādityas (Wilson)

(Sūkta XVIII)

Os deuses são os Ādityas; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 18. **1**. Que nós, através da proteção dos Ādityas, estejamos desfrutando de uma habitação nova e confortável; que os velozes Ādityas, ouvindo os nossos louvores, preservem este seu adorador em impecabilidade e independência.
2. Que os Ādityas e Aditi, e os justos Mitra, Aryaman, e Varuṇa, sejam alegrados (pela libação); que os guardiões do mundo sejam nossos também; que eles bebam o Soma hoje para a nossa preservação.
3. Todos os Ādityas, todos os Maruts, todos os deuses, todos os Ṛbhus, Indra, Agni, e os Aśvins, (foram) glorificados (por nós); que vocês todos sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 52 (Wilson)

---

567 - Hino 51. Ādityas (Griffith)

1. Através dos Ādityas, através do seu auxílio mais recente, que conquistemos o abrigo mais auspicioso. Que eles, os Poderosos, escutando, estabeleçam esse sacrifício, para nos tornarem livres e sem pecado.
2. Que Aditi se regozije e os Ādityas, Varuṇa, Mitra, Aryaman, os mais justos. Que eles, os Guardiões do mundo, nos protejam e, para mostrar benevolência, bebam neste dia o nosso Soma.
3. Todos os Deuses universais,[1] os Maruts, todos os Ādityas, de fato, e todos os Ṛbhus, Indra e Agni, e os Aśvins, louvados.[2] Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 52 (Griffith)

---

1 *Viśve devāḥ,* os Todo-Deuses.
2 A frase está incompleta, os substantivos no caso nominativo não tendo verbo.

568 - Hino 52. Ādityas (Wilson)

(Sūkta XIX)

Deuses e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 19. **1**. Ādityas, que possamos ser independentes; Vasus, (residindo) entre os deuses, que a sua proteção (se estenda) aos mortais; oferecendo (oblações a vocês), Mitra e Varuṇa, que possamos compartilhar (da sua recompensa); que possamos, céu e terra, existir (pela sua graça).
2. Que Mitra e Varuṇa nos concedam felicidade; (que eles), os guardiões (de todos os homens, concedam felicidade) aos nossos filhos e netos; não nos deixem sofrer (deuses), por ofensas cometidas por outro; não nos deixem, Vasus, fazer qualquer ato pelo qual vocês possam ser ofendidos.
3. Os Aṅgirasas, ativos (em adoração), pedindo a ele, obtêm (riqueza) preciosa de Savitṛ; que o poderoso pai adorável,[1] e o deus universal, similarmente dispostos favoravelmente, aprovem (a doação).

Índice◄►Hino 53 (Wilson)

---

568 - Hino 52. Ādityas (Griffith)

1. Que possamos ser livres de todo vínculo, Ādityas! um castelo entre os Deuses e os homens, ó Vasus. Ganhando, que possamos ganhar, Varuṇa e Mitra, e, sendo,[2] que possamos ser, ó Céu e Terra.
2. Que Varuṇa e Mitra concedam esta bênção, nossos Guardiões: abrigo para nossa semente e prole. Não nos deixem sofrer pela transgressão de outro, nem fazer a coisa que vocês, ó Vasus, punem.
3. Os sempre ativos Aṅgirases, implorando riquezas de Savitar o Deus, as obtiveram. Então, que o nosso Pai[3] que é grandioso e santo, e todos os Deuses, concordantes, concedam essa graça.

Índice◄►Hino 53 (Griffith)

---

[1] *Pitā* pode ser Varuṇa, o pai de Vasiṣṭha [7.33.11], ou Prajāpati, o pai de todos.
[2] Realmente e verdadeiramente sendo ricos, poderosos e eminentes.
[3] Varuṇa, o pai de Vasiṣṭha, ou Savitar, ou Prajāpati, podem ser aludidos.

569 - Hino 53. Céu e Terra (Wilson)

(Sūkta XX)

Os deuses são Céu e Terra; a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 20. **1**. Acompanhado por uma multidão (de sacerdotes), eu cultuo os adoráveis e poderosos Céu e Terra com sacrifícios e louvores, aqueles dois grandiosos de quem os deuses são os filhos, a quem os sábios antigos glorificando detiveram anteriormente.
2. Coloquem diante (de nós) no salão de sacrifício, com novas canções, os antigos pais (de todos os seres); venham a nós, Céu e Terra, com o povo celeste, pois vasta é a sua (riqueza) protetora.
3. Muitos, Céu e Terra, são os tesouros adequados para serem dados ao doador piedoso (da oblação); deem a nós aquela riqueza que é ilimitada; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 54 (Wilson)

---

569 - Hino 53. Céu e Terra (Griffith)

1. Como sacerdote com ritos solenes e adorações eu cultuo o Céu e a Terra, os Sublimes e Divinos. A eles, os grandes Pais dos Deuses, os sábios dos tempos antigos, cantando, atribuíram precedência.
2. Com os mais novos hinos coloquem no lugar da Ordem aqueles, os Dois Pais, nascidos antes de todos os outros;[1] venham, Céu e Terra, com o Povo Celeste, aqui até nós, porque a sua proteção é forte.
3. De fato, Céu e Terra, vocês têm em sua plena posse muitos tesouros para o doador generoso.[2] Concedam-nos aquela riqueza que vem em abundância desimpedida. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 54 (Griffith)

---

[1] ['No lugar de sacrifício propiciem com novos hinos os antigos, os pais (isto é, o Céu e a Terra), etc.'. Muir, *O. S. Texts,* III, 228].
[2] Ou, para Sudās.

570 - Hino 54. Vāstoṣpati (Wilson)

(Sūkta XXI)

O deus é Vāstoṣpati;[1] a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 21. **1**. Protetor da residência,[2] reconhece-nos; sê para nós uma morada excelente, a que não provoca doenças; tem a bondade de conceder tudo o que te pedimos; sê o concessor de felicidade aos nossos bípedes e quadrúpedes.
2. Protetor da residência, sê nosso preservador e o aumentador da nossa riqueza; possuidores de gado e cavalos, Indra, que possamos, pela tua amizade, ser livres da decadência; sê favorável a nós, como um pai para com seus filhos.
3. Protetor da residência, que possamos ser donos de uma casa confortável, agradável e opulenta, outorgada por ti; protege a nossa riqueza, seja na posse ou expectativa; e que vocês,[3] (deuses), sempre cuidem de nós bênçãos.

Índice◄►Hino 55 (Wilson)

---

570 - Hino 54. Vāstoṣpati[4] (Griffith)

1. Reconhece-nos, ó Guardião do Lar; não tragas nenhuma doença, e dá-nos entrada feliz.[5] O que quer que peçamos tem a bondade de concedê-lo, e torna prósperos os nossos quadrúpedes e bípedes.
2. Protetor da Casa, sê nosso fomentador; aumenta a nossa riqueza em vacas e cavalos, ó Indu. Que possamos ser sempre jovens em tua amizade; fica satisfeito conosco como um pai com seus filhos.
3. Pela tua preciosa companhia que traz bem-estar, que possamos ser vitoriosos, Guardião da Residência! Protege a nossa felicidade em repouso e trabalho. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 55 (Griffith)

---

[1] ["Há (então) quatro (estrofes: 7.54.1-3, 55.1) dirigidas a Vāstoṣpati; as sete (seguintes: 7.55.2-8) são tradicionalmente consideradas estrofes de ninar". – *Bṛhaddevatā*, tradução por Macdonell, Parte II, 1904, p. 211].
[2] Vāstoṣpati: *pati*, senhor ou protetor da *vāstu*, a fundação de uma casa, representando a própria casa; este Sūkta foi traduzido pelo Sr. Colebrooke em *Asiatic Researches*, vol. VIII, p. 401. [Traduzido abaixo:]
["Guardião deste lar! Familiariza-te conosco; sê para nós uma habitação saudável; nos fornece o que te pedimos; e concede felicidade aos nossos bípedes e quadrúpedes. Guardião dessa casa! reforça a nós e a nossa riqueza. Lua!* visto que tu és amigável, que nós, com nossas vacas e nossos cavalos, fiquemos livres da decrepitude; guarda-nos como um pai protege sua prole. Guardião dessa residência! que estejamos unidos com um lar feliz, agradável e harmonioso proporcionado por ti; protege a nossa riqueza agora sob a tua proteção, ou ainda na expectativa; e nos defende"].
[3] Ou 'Que *tu*, Vāstoṣpati, etc.'.
[4] Vāstoṣpati é o Gênio ou Deus tutelar da casa. *Nesse hino ele é abordado como Indu, outro nome de Soma o Deus da Lua.
[5] [No ritual posterior esse hino é recitado para a entrada em uma casa nova].

570 - Hino 54. Vāstoṣpati (Peterson)

1. Senhor da casa, reconhece-nos como teus, abençoa a nossa entrada, nos livra da doença; concede aquelas coisas que te pedimos, nos protege, homem e animal.
2. Senhor da casa, sê um promotor para nós, fazendo aumentar nosso gado e nossos cavalos; que não envelheçamos em tua amizade, nos aprecia como um pai aprecia seus filhos.
3. Senhor da casa, que nós nos regozijemos em tua amizade agradável; nos protege quando trabalhamos e quando descansamos – e que vocês sempre nos protejam com suas bênçãos.

Índice◄►Hino 68 (Peterson)

---

571 - Hino 55. Vāstoṣpati e Indra (Wilson)

(Sūkta XXII)

O deus do primeiro verso é Vāstoṣpati, do resto Indra;[1] a métrica da primeira estrofe é Gāyatrī, das três seguintes, [Upariṣṭād-] Bṛhatī, das quatro últimas, Anuṣṭubh.

Varga 22. **1**. Protetor da residência,[2] removedor de doenças, assumindo todos os tipos (de) formas, sê para nós um amigo, o concessor de felicidade.
2.[3] Prole branca de Saramā,[4] com membros fulvos, embora latindo tu mostres os teus dentes contra mim, eriçados como lanças em tuas gengivas, vai dormir calmamente.
3. Prole de Saramā, voltando (à carga), ataca o gatuno ou o ladrão;[5] por que tu atacas os adoradores de Indra? Por que tu nos intimidas? Vai dormir calmamente.
4. Que tu rasgues o porco; que o porco te rasgue; por que tu atacas os adoradores de Indra? Porque tu nos intimidas? Vai dormir calmamente.
5. Que a mãe durma, que o pai durma, que o cão durma, que o genro[6] durma, que todos os parentes durmam, que as pessoas (que estão posicionadas) em volta durmam.
6. O homem que está sentado, ou que está andando, ou aquele que nos vê, desses nós fechamos os olhos, para que eles possam ser tão inconscientes quanto a mansão.
7. Nós colocamos os homens para dormir através do poder irresistível do touro de mil chifres,[7] que se ergue do oceano.

---

[1] [Vāstoṣpati (1), Encantamentos para dormir ou Feitiço de sono (2-8): "Segundo a *Anukramaṇī* e a leitura da *Bṛhaddevatā* 6.2 adotada por Macdonell [veja na nota seguinte], só as estrofes 7.55.2-8 são tradicionalmente consideradas canções de ninar. Dois grupos de versos devem ser distinguidos: em 2-4 o cão de Yama Sārameya é abordado e conjurado a ir dormir ... e as estrofes 5-8, que estão incluídas no *Atharva Veda* 4.5 [vv. 6,5,1,3], formam um encantamento para pôr para dormir". – *Ṛgvidhāna*, 2.26.5].
[2] A ocasião desse Sūkta é narrada da *Bṛhaddevatā* [veja a tradução por Macdonell, Parte II, 1904, p. 213]: Vasiṣṭha chegando [em sonho] à noite à casa de Varuṇa pretendia dormir lá, o cão de guarda, latindo, estava prestes a agarrá-lo, quando ele apaziguou o animal por meio [das estrofes 2 e 3] deste hino [e então ele fez Varuṇa e seus atendentes dormirem, daí Varuṇa o amarrou e ele se libertou por recitar quatro hinos (7.86-89), e logo que a estrofe 7.88.7 foi recitada as correntes caíram dele]. Segundo outra história contada brevemente por Sāyaṇa, e encontrada na *Nīti-mañjarī*, Vasiṣṭha tinha passado três dias sem ser capaz de obter nenhum alimento; na quarta noite ele entrou na casa de Varuṇa para roubar algo para comer, e tinha chegado à despensa quando o cão o atacou, mas foi posto para dormir por estes versos, portanto eles devem ser recitados em ocasiões semelhantes por ladrões e assaltantes.
[3] [Veja a nota 11].
[4] Sārameya, progênie de Saramā, a cadela da Indra; ele é chamado de *arjuna*, branco, bem como *piṅgala*, fulvo; esse último, de acordo com Sāyaṇa, em alguns membros.
[5] O primeiro é aquele que rouba secretamente ou a propriedade escondida, o último a rouba abertamente.
[6] *Sastu viśpatiḥ;* o último é explicado como *jāmātṛ*, ou, literalmente, o mestre de todos: *gṛhī*, o dono da casa.
[7] O sol de mil raios; através da adoração do sol, em uma data posterior, Kumāra foi o patrono dos chefes de família.

8. Nós colocamos para dormir todas as mulheres que estão deitadas no pátio em liteiras, em camas, as mulheres que estão enfeitadas com perfumes de dias de festa.[8]

Índice◄►Hino 56 (Wilson)

---

571 - Hino 55. Vāstoṣpati (Griffith)[9]

1. Vāstoṣpati, que matas todas as doenças e usas todas as formas,[10] sê um Amigo auspicioso para nós.
2. Quando, ó Filho brilhante de Saramā,[11] tu mostras, ó de cor fulva! os teus dentes, eles brilham como pontas de lanças dentro da tua boca quando tu queres morder; vai dormir.
3. Filho de Saramā, refaze o teu caminho; late para o ladrão e o assaltante. Tu lates para os cantores de Indra? Por que tu procuras nos aterrorizar? Vai dormir.
4. Fica em guarda contra o javali, e que o javali tome cuidado contigo.[12] Tu lates para os cantores de Indra? Por que tu procuras nos aterrorizar? Vai dormir.
5.[13] Que a mãe durma, que o pai durma, durma o cão e o dono da casa. Que todos os parentes durmam, durmam todas as pessoas que estão em volta.
6. O homem que está sentado, o homem que caminha, e todo aquele que olha para nós, desses nós fechamos os olhos firmemente, assim como fechamos firmemente esta casa.
7. O Touro que tem mil chifres,[14] que se ergue do mar – por ele[15] o Forte e Poderoso, nós aquietamos e fazemos as pessoas dormirem.
8. As mulheres que dormem no pátio, deitadas sem, ou esticadas em, camas, as matronas com seus doces odoríferos,[16] – essas, todas juntas, nós acalmamos para dormir.

Índice◄►Hino 56 (Griffith)

---

[8] Usando guirlandas de flores perfumadas em ocasiões festivas, como em casamentos e similares.
[9] O hino parece ser composto de três peças correspondentes [às três métricas: Gāyatrī (1), Upariṣṭādbṛhatī (2-4) e Anuṣṭubh (5-8)] sem ligação por seus temas.
[Os versos 5-8 se encontram no *Atharva*, 4.5, versos 6,5,1,3].
[10] ['E permeias todas as formas'. – Deepak Sarma, *Hinduism: A Reader*].
[11] Saramā, a cadela de Indra, é mãe dos dois Sārameyas, os cães de guarda listrados de Yama, o Deus dos Mortos. Essa estrofe e as duas seguintes parecem ser dirigidas pelos espíritos dos adoradores de Indra a um dos dois cães que queria impedi-los de entrar no lar dos piedosos.
[12] ['Fere o javali selvagem, porque ele te feriria'. – *Id.*].
[13] Esta e as três estrofes seguintes formam uma canção de ninar ou música para dormir, provavelmente cantada como um feitiço por um amante em uma visita secreta ao seu amor.
[14] O Sol, cujo ocaso traz a hora do descanso e do sono; ou talvez o céu estrelado seja aludido.
[15] ['Com a ajuda dele'. – *Id.*].
[16] ['As mulheres deitadas em bancos, ou deitadas em cadeiras ou deitadas em camas, as esposas que cheiram bem'. – *Id.*]. Veja a nota 8 [e também a nota 2]. O hino foi discutido por Aufrecht, *Indische Studien*, IV, 337 e seg., e por Lanman, *Sanskrit Reader*, p. 370.

572 - Hino 56. Maruts (Wilson)

(Anuvāka 4. Sūkta I)

Os deuses são os Maruts; a métrica dos primeiros onze versos é Virāj em dois pādas (Dvipadā), dos quatorze restantes, Triṣṭubh.

Varga 23. **1**. Quem são esses chefes resplandecentes, os ocupantes de uma residência, os filhos de Rudra, amigos do homem, no momento bem montados?[1]
2. Ninguém realmente sabe a sua origem, só eles respectivamente conhecem o seu nascimento.
3. Eles andam juntos pelos seus próprios caminhos puros; rugindo como o vento, e velozes como falcões, eles rivalizam uns com os outros.
4. O sábio pode conhecer aqueles seres de cor branca, (os Maruts), a quem a vasta Pṛśni carregou em seu úbere.[2]
5. Que os povos, através (das graças) dos Maruts, sejam sempre vitoriosos, possuidores de posteridade masculina, e desfrutem de riqueza.
6. Os Maruts se dirigem rapidamente para o local (de seu destino), ricamente decorados com ornamentos, investidos de beleza, terríveis por sua força.
7. Terrível seja a sua força, firmes as suas energias, que seja próspera a companhia dos Maruts.
8. Glorioso é seu vigor, implacáveis são suas mentes; (o esforço) da sua força irresistível, a agitadora (das árvores), é como (o tom múltiplo das preces de) um muni.[3]
9. Afastem de nós a sua antiga (arma) fulgurante; não deixem o seu desagrado descer sobre nós neste sacrifício.
10. Eu invoco os seus nomes amados, Maruts, destruidores (de inimigos), para que os que estão desejosos da oferenda possam ser satisfeitos.
Varga 24. **11**. (Os Maruts) são portadores de armas brilhantes, rápidos eles são em movimento, utentes de enfeites brilhantes, e autoirradiadores de seus corpos.

12. Oblações puras sejam oferecidas, Maruts, a vocês que são puros; os derramadores de água procedem pela verdade para a verdade, puros, purificadores, de nascimento puro.
13. Ornamentos brilhantes,[4] Maruts, estão em seus ombros, (colares) reluzentes[5] pendem em seus peitos, resplandecendo com chuva, como relâmpagos, vocês estão distribuindo as águas com suas armas.
14. Os seus esplendores celestes, Maruts, se propagam amplamente; objetos de adoração, vocês enviam para baixo (as águas) que abatem (a poeira); aceitem, Maruts, esta sua porção do culto doméstico da família multiplicada por mil.[6]

---

[1] *Sāma-Veda*, I.433 [1.5.1.5.7].
[2] *Udhas* pode significar o firmamento ou o útero, de acordo com Sāyaṇa.
[3] O texto tem *dhuni muniriva*, a agitação como um *muni;* os sons produzidos pela agitação das árvores são como as entonações variadas de um recitador de louvores, é a explicação de Sāyaṇa.
[4] *Khadi* ocorre antes como uma proteção para a mão, 1.168.3; é mais usual descrever os Maruts como carregando lanças sobre os ombros.
[5] O texto tem apenas *rukmā*, *rocamāna*, brilhantes, o comentador supre 'colares'; em outro lugar é dito que os Maruts têm couraças douradas sobre o peito, e talvez *rukmā* aqui signifique o mesmo.
[6] Como pode uma porção se tornar mil? pergunta o comentador; e ele responde citando um texto expresso muito obscuramente, que implica que a quantidade de uma oferenda é calculada, não por seu número real, mas por aquele que lhe é atribuído pela divindade a quem é oferecida.

15. Se, Maruts, vocês apreciam justamente o louvor do devoto ofertante de alimento (sacrifical), unido com oblações, então concedam prontamente riquezas (a nós), abrangendo posteridade masculina excelente, tais que nenhum homem hostil possa tirar.
Varga 25. **16**. Os Maruts velozes são rápidos como cavalos, brilhantes como homens olhando para um festival; inocentes como filhos na mansão (paterna), brincalhões como bezerros, eles são os distribuidores de água.
17. Que os magnânimos Maruts, enchendo os belos céu e terra com sua glória, nos façam felizes; que a sua arma fatal, a que despedaça as nuvens, a destruidora de homens, fique longe de nós; curvem-se a nós, Vasus, com bênçãos.
18. Louvando a sua generosidade universal, Maruts, o sacerdote ministrante os adora repetidamente, sentado (na câmara sacrifical); ele, derramadores (de benefícios), que é o guardião do (adorador) zeloso, ele, (o sacerdote), que é desprovido de insinceridade, os glorifica com hinos.
19. Esses Maruts dão prazer ao (adorador) zeloso; esses humilham a força do homem forte; esses protegem seus adoradores do maligno; eles nutrem grave desagrado para com aquele que nega oferendas.
20. Esses Maruts encorajam o homem próspero; eles encorajam o andarilho (pobre); eles, como Vasus, estão satisfeitos (com vocês); derramadores (de benefícios), dissipem a escuridão; concedam-nos muitos filhos e netos.
Varga 26. **21**. Maruts, que nunca sejamos excluídos da sua recompensa; não nos deixem, senhores dos carros, sermos os últimos na distribuição dela; nos tornem compartilhadores daquela opulência desejável que, derramadores (de benefícios), nasce de vocês.
22. Quando homens heroicos, cheios de ira, se reunirem (para conquistar) muitas plantas[7] e povos, então, Maruts, filhos de Rudra, sejam nossos defensores nas batalhas contra os nossos inimigos.
23. Vocês concederam, Maruts, muitos (benefícios) aos nossos antepassados, quais (benefícios) louváveis foram celebrados nos tempos antigos; pela (graça dos) Maruts o (guerreiro) feroz é vitorioso em combates; pela (graça dos) Maruts o adorador sempre obtém alimentos.[8]
24. Que a nossa progênie masculina, Maruts, seja vigorosa, alguém que seja inteligente, o dispersador de homens (hostis), por quem possamos atravessar a água (da inimizade) para uma habitação segura; que nós, seus (servos), moremos em nossa própria residência.
25. Que Indra, Varuṇa, Mitra, Agni, as águas, as plantas, as árvores, estejam satisfeitos conosco; que possamos repousar em felicidade sobre o colo dos Maruts; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 57 (Wilson)

[7] Por plantas ou vegetais, *oṣadhī*, talvez possamos entender terras cultivadas.
[8] *Marudbhir, it, sanitā vājam arvā;* a última palavra é explicada: aquele que vence por louvores; ou ela pode ter o seu sentido usual de cavalo, quando a frase pode ser traduzida: através dos Maruts um cavalo é o obtentor (de sucesso) na guerra.

572 - Hino 56. Maruts (Griffith)

1. Quem são estes homens radiantes em fileiras cerradas, jovens heróis de Rudra transportados por cavalos nobres?[9]
2. Realmente ninguém sabe de onde eles surgiram; eles, e somente eles, conhecem o nascimento um dos outros.
3. Eles cobrem uns aos outros com suas rajadas,[10] esses Falcões; eles lutaram entre si, rugindo como o vento.
4. Um sábio era aquele que conhecia esses mistérios, que em seu úbere a poderosa Pṛśni carregou.[11]
5. Sempre vitorioso, através dos Maruts, seja esse bando de Heróis, nutrindo força viril,
6. Os mais brilhantes em esplendor, os mais velozes em seu caminho, unidos à glória, com forte poder variado.
7. Sim, imenso é o seu poder e firme a sua força; então, potente, com os Maruts, seja o bando.
8. Brilhante é seu espírito, coléricas são suas mentes; o menestrel da sua tropa ousada[12] é como alguém inspirado.[13]
9. Sempre desviem a sua flecha brilhante de nós, e que o seu descontentamento não nos alcance aqui.
10. Os seus queridos nomes, Maruts conquistadores, nós invocamos, chamando em voz alta até que estejamos satisfeitos.
11. Bem armados, impetuosos em sua pressa, eles se enfeitam, suas formas, com ornamentos de ouro.

12. Puras, Maruts, vocês próprios puros, são as suas oblações; para vocês, os puros, sacrifício puro ofereço. Pela Lei eles chegaram à verdade, os cumpridores da Lei, brilhantes por seu nascimento, e puros, e santificadores.
13. Os seus anéis, ó Maruts, repousam sobre os seus ombros, e correntes de ouro estão enroladas sobre os seus peitos. Brilhando com gotas de chuva, como lampejos de relâmpago, segundo o seu costume vocês giram suas armas.
14. Amplamente nas profundezas do ar se expandem as suas glórias, ao longe, adorabilíssimos, vocês levam seus títulos.[14] Maruts, aceitem esta porção multiplicada por mil do sacrifício doméstico e do tesouro doméstico.
15. Se, Maruts, vocês consideram o louvor recitado aqui nesta invocação do cantor poderoso, concedam-nos rapidamente riqueza com heróis nobres, riqueza que nenhum homem que nos odeia possa danificar.

---

[9] [‘Quem são esses heróis brilhantes, filhos de Rudra, ocupando a mesma morada, montados em cavalos excelentes?’. – Muir, *O. S. Texts,* V, 315].
[10] O significado de *svapūbhiḥ* é incerto. ‘Eles andam juntos pelos seus próprios caminhos puros’. – Wilson. ‘Eles depenaram uns aos outros com seus bicos’. – Müller [veja a nota 20]. ‘Eles espalham uns aos outros com luz’. Grassmann. ‘Eles espalham poeira uns sobre os outros com vassouras’. – Roth. Eu sigo o professor Ludwig. O significado parece ser que os Falcões ou Maruts velozes estão tão aglomerados em seu impulso para frente que aqueles da frente sentem a respiração rápida daqueles que vêm atrás. Similarmente (em 8.20.21) os Maruts aglomerados são comparados a bovinos que lambem as cabeças ou corcovas uns dos outros.
[11] Segundo Sāyaṇa, aqueles seres (Maruts, etc.) que a poderosa Pṛśni carregou em seu úbere ou no firmamento.
[12] O líder do salmo-trovão dos Maruts.
[13] *Muniriva*, como um Muni ou santo inspirado. ‘Os sons produzidos pela agitação das árvores são como as entonações variadas de um recitador de louvores, é a explicação de Sāyaṇa’. – Wilson. Lanman traduz de modo diferente: ‘Claro é o seu assobio. Os seus corações são coléricos como o avanço selvagem de uma tropa vigorosa’.
[14] Vocês se tornam conhecidos. ‘Vocês enviam para baixo (as águas) que abatem (a poeira)’. – Wilson. *Nāmāni*, nomes, segundo Sāyaṇa, significa águas, porque elas abaixam a poeira.

16 Os Maruts, velozes como corcéis, enquanto eles se enfeitam como jovens espectadores de uma reunião festiva, se demoram, como belos potros, em volta da residência, como bezerros galhofeiros, aqueles que derramam a água.
17. Então que os Maruts nos ajudem e sejam benevolentes, trazendo espaço livre para os adoráveis Céu e Terra. Que fique longe o seu raio que mata homens e animais. Ó Vasus, se dirijam a nós com bênçãos.
18. O sacerdote, quando sentado, os chama em voz alta, Maruts, louvando em canção a sua generosidade universal. Aquele, Touros! que tem tanto em sua posse, livre de duplicidade, com hinos invoca vocês.
19. Esses Maruts trazem o homem veloz a uma parada, e a força eles quebram e humilham com uma força mais poderosa. Esses protegem o cantor do homem que o odeia e depositam seu grave descontentamento sobre os perversos.
20. Esses Maruts instigam até mesmo o pobre e necessitado, os Vasus o amam como um campeão ativo. Afastem para longe, ó Touros, a escuridão; deem-nos plena abundância de filhos e descendentes.
21. Que nós nunca, ó Maruts, percamos a sua recompensa, nem, senhores conduzidos em carros! sejamos os últimos quando vocês a distribuem. Deem-nos uma parte daquele tesouro encantador, a riqueza genuína que, Touros! é sua propriedade.
22. Quando os homens em fúria lutam entre si por rios correntes, por pastagens e por casas, então, ó Maruts, vocês que brotam de Rudra, sejam nossos protetores na luta com os inimigos.
23. Muitos atos vocês fizeram pelos nossos antepassados dignos dos louvores que, desde antigamente, eles cantavam para vocês.[15] O homem forte, com os Maruts, ganha em batalha; o cavalo de guerra, com os Maruts, ganha o prêmio.
24. Nosso, ó Maruts, seja o herói vigoroso, o Senhor Divino[16] dos homens, o forte Mantenedor, com quem para terras formosas possamos cruzar as águas,[17] e viver em nossa própria casa com vocês ao nosso lado.[18]
25. Que Indra, Mitra, Varuṇa e Agni, Águas e Plantas e Árvores aceitem os nossos louvores. Que possamos encontrar proteção no seio dos Maruts. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 57 (Griffith)

---

[15] ['Vocês fizeram grandes coisas, ó Maruts, quando os hinos dos nossos pais foram recitados antigamente em sua honra'. – Muir, *O. S. Texts*. III, 228].
[16] Literalmente, o Asura.
[17] Pede-se aos Maruts que favoreçam uma expedição para a aquisição de novos assentamentos na outra margem do rio. [Veja a nota seguinte].
[18] ["Mesmo a ideia, tão frequente na literatura posterior dos brâmanes, que a imortalidade é assegurada por um filho, parece implícita, a menos que a nossa tradução nos engane, em uma passagem do Veda (7.56.24): 'Ó Maruts, que haja para nós um filho forte, que seja um governante vivo de homens; através de quem possamos atravessar as águas em nosso caminho para a morada feliz; então poderemos chegar à sua própria casa'". – Max Müller, *Chips*, vol. I, p. 45-46].

572 - Hino 56. Aos Maruts, os Deuses da Tempestade (Müller)

MAṆḌALA 7, HINO 56.
AṢṬAKA 5, ADHYĀYA 4, VARGA 23-26.[19]

1. Quem são esses homens resplandecentes, residindo juntos, os meninos de Rudra, também com bons cavalos?
2. Ninguém realmente conhece os seus nascimentos, só eles conhecem o lugar de origem uns dos outros.
3. Eles depenaram uns aos outros com seus bicos;[20] os falcões, correndo como o vento, brigaram entre si.
4. Um homem sábio entende esses segredos, que Pṛśni, a grandiosa, teve um úbere.
5. Que esse clã seja rico em heróis pelos Maruts, sempre vitoriosos, ricos em coragem!
6. Eles são os mais rápidos a irem, os mais esplêndidos com esplendor, dotados de beleza, fortes com força.
7. Forte é a sua força, constantes os seus poderes, e assim pelos Maruts este clã é poderoso.
8. Resplandecente é a sua respiração, furiosas são as mentes da hoste selvagem, como um maníaco gritando.[21]
9. Protejam-nos totalmente da sua chama, que o seu ódio não nos alcance aqui.
10. Eu invoco os caros nomes dos seus velozes, de modo que os gananciosos sejam satisfeitos, ó Maruts,
11. Os bem armados, os ligeiros, adornados com belas correntes, que enfeitam seus próprios corpos.

12. Brilhantes são as libações para vocês, os brilhantes, ó Maruts, um sacrifício brilhante eu preparo para os brilhantes. Em ordem correta vieram aqueles que realmente seguem a ordem, os nascidos brilhantes, os brilhantes, os puros.
13. Em seus ombros, ó Maruts, estão os anéis, em seus peitos as correntes douradas estão presas; resplandecentes como relâmpagos com chuvas, vocês empunham as suas armas, de acordo com o seu costume.
14. Os seus esplendores ocultos surgem; espalhem seus poderes (nomes), ó corredores! Aceitem, ó Maruts, esta porção doméstica multiplicada por mil, como uma oferenda para os deuses da casa.[22]
15. Se vocês assim ouvirem, ó Maruts, este louvor, na invocação do sábio poderoso, deem a ele rapidamente uma parte da riqueza em prole abundante, que nenhum inimigo egoísta seja capaz de prejudicar.
16. Os Maruts, que são velozes como cavalos de corrida, os jovens viris, brilhavam como Yakṣas;[23] eles são belos como meninos em volta da lareira, eles brincam em volta como bezerros que ainda estão mamando.

---

[19] O verso 1 ocorre no *Sāma-Veda*, I.433 [1.5.1.5.7]; o verso 10 na *Taittirīya Saṃhitā* (TS), 2.1.11.1.g e *Maitrāyaṇī-Saṃhitā* (MS), IV.11.2; o verso 12 no *Taittirīya Brāhmaṇa* (TB), II.8.5.5 e MS. IV.14.18; o verso 13 no TB. II.8.5.5 e MS. IV.14.18; o verso 14 na TS. 4.3.13.6.t e MS. IV.10.5; o verso 16 na TS. IV.3.13.7.x e MS. IV.10.5; o verso 19 no TB. II.8.5.6 e MS. IV.14.18.
[20] *Svapū* é explicada por Roth como, possivelmente, uma vassoura, que ergue a poeira. Grassmann a traduz como luz; Ludwig, sopro. Eu sugiro tomá-la por *vapū*, no sentido de bico ou garras, de *vap*, que segue imediatamente. Eu não vejo como os outros significados atribuídos a *svapū* fazem algum sentido.
[21] Geldner traduz: 'O menestrel do exército selvagem é como um Muni', e acrescenta: 'Mas o que é um Muni no Veda?'
[22] *Gṛhamedhīya* pode se referir aos Maruts como *gṛhamedhās* ou *gṛhamedhinas;* veja RV. 7.59.10 [nota 26]; *Vājasaneyi Saṃhitā,* 25.16. A *Gṛhamedhīya iṣṭi* no *Śatapatha Brāhmaṇa,* 11.5.2.4, é para os Maruts.
[23] *Yakṣadṛśaḥ* é explicado como desejando ver um sacrifício ou banquete. Ludwig mantém esse significado. Grassmann traduz, 'como lampejos brilhantes de fogo'. *Yakṣa* pode significar uma estrela cadente ou algum meteoro, literalmente o que dispara ou acelera. Se seguirmos o sânscrito posterior, *Yakṣa* significaria uma classe de espíritos, seguidores de Kuvera, também fantasmas em geral. Se essa não for uma concepção muito moderna para o Ṛg-Veda nós poderíamos

17. Que os generosos Maruts sejam bondosos para conosco, abrindo para nós os firmes céu e terra. Que aquele seu raio que mata o gado e os homens fique longe de nós! Inclinem-se a nós, ó Vasus, com suas graças.
18. O sacerdote Hotṛ os chama repetidamente, sentando-se e louvando a sua dádiva universal, ó Maruts. Ó fortes, aquele que é o guardião de tanta riqueza, ele os invoca com louvores, livre de malícia.
19. Esses Maruts param o veloz, eles dobram a força pela força, eles afastam a maldição do conspirador, e voltam o seu ódio forte sobre o inimigo.
20. Esses Maruts incitam até o preguiçoso, até o vadio,[24] como os deuses[25] quiserem. Ó fortes, afastem a escuridão, e concedam-nos todos os nossos amigos e parentes.
21. Que não percamos a sua recompensa, ó Maruts, que não fiquemos para trás, ó aurigas, na distribuição das suas dádivas. Deixem-nos compartilhar da riqueza brilhante, da bem-adquirida, que pertence a vocês, ó fortes.
22. Quando os homens valentes lutam entre si ferozmente, por rios, plantas e casas, então, ó Maruts, filhos de Rudra, sejam em batalhas os nossos protetores contra o inimigo.
23. Ó Maruts, vocês valorizaram os louvores que os nossos antepassados recitaram antigamente para vocês; com os Maruts o vencedor é terrível em batalha, só com os Maruts o corredor ganha o prêmio.
24. Ó Maruts, que possamos ter um filho forte, que seja o senhor entre os homens, um governante, por meio do qual possamos atravessar as águas para viver em segurança, e então obtenhamos o nosso próprio lar por vocês.[26]
25. Então que Indra, Varuṇa, Mitra, Agni, as águas, as plantas e as árvores da floresta estejam satisfeitos conosco. Que estejamos aos cuidados, no colo dos Maruts; protejam-nos sempre com suas graças.

Índice◄►Hino 57 (Müller)

---

traduzir *yakṣadṛś*, 'aparecendo como fantasmas' ou, considerando a expressão *atyo na yaṃsad yakṣabhṛd vicetāḥ*, 1.190.4, tomá-la como um nome de cavalos.

[24] *Bhṛmi* é incerto, mas como está ao lado de *radhra* parece ter um significado ruim, como um vagabundo, instável.

[25] Os Vasus são frequentemente mencionados com os Ādityas e os Rudras, veja 3.8.8; 10.66.12; 10.128.9. Por si só eles se tornaram quase sinônimo de Devas. Assim, em 7.11.4 lemos que Agni tornou-se o mestre de todos os sacrifícios 'porque os Vasus gostaram da sua sabedoria, portanto, os Devas fizeram dele o portador de ofertas'. Veja também 5.3.10. Em uma passagem, 6.50.4, *vasavaḥ* significa os Maruts. Em nossa passagem parece melhor tomá-la no sentido de deuses, mas também se pode aplicá-la aos Maruts.

[26] Este verso foi bem explicado pelo Dr. v. Brake, *Dyaus Asura*, p. 66. *Svam okaḥ*, nosso próprio lar, ocorre em 4.50.8; 5.33.4; 6.41.1; 8.72.14. *Abhyas* geralmente significa obter o que não é o nosso. Veja também 7.48.2. *Vaḥ*, que eu traduzi 'por vocês', também pode significar 'de vocês'.

573 - Hino 57. Maruts (Wilson)

(Sūkta II)

Os deuses como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 27. **1**. Adoráveis (Maruts), os adoradores celebram vigorosamente em sacrifícios o seu título de companhia de Maruts, os que fazem os vastos céu e terra tremerem, as nuvens derramarem chuva, e se movem terríveis por todos os lugares.
2. Os Maruts realmente são os benfeitores daquele que os louva, os realizadores dos desejos do instituidor da solenidade; que vocês, estando satisfeitos, se sentem hoje sobre a grama em nossa cerimônia, para compartilhar (do alimento sacrifical).
3. Nenhuma outra (divindade dá) tais (coisas boas) como os Maruts, visto que eles resplandecem com (ornamentos) brilhantes, armas e corpos; iluminando o céu e a terra, amplamente fulgurantes, eles aumentam o seu brilho geral para o (nosso) bem.
4. Que aquela (arma) ardente de vocês, Maruts, fique longe de nós, mesmo que, devido a fraquezas humanas, nós os ofendamos; não nos deixem, adoráveis Maruts, sermos expostos à sua (flecha); que a sua benevolência, a fonte de abundância, sempre seja mostrada para conosco.
5. Que os Maruts, que são irrepreensíveis, puros e purificadores, se deleitem nessa nossa cerimônia; protejam-nos, adoráveis Maruts, com pensamentos favoráveis; estejam sempre ansiosos para nos sustentar com alimentos.
6. Que os Maruts glorificados compartilhem das oblações, eles que, acompanhados pelas águas que se curvam, são os líderes de ritos; deem água, Maruts, à nossa progênie, retornem opulência adequada pela (doação de) riquezas (sacrificais).
7. Glorificados Maruts, que vocês todos venham na hora do sacrifício à presença dos adoradores junto com as suas proteções, pois vocês são os que, pela sua própria vontade, multiplicam as nossas centenas;[1] que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 58 (Wilson)

---

573 - Hino 57. Maruts (Griffith)[2]

1. De fato, através do poder do seu suco doce, ó Santos![3] a hoste Marut[4] fica alegre em sacrifícios. Eles fazem até os vastos céu e terra tremerem, eles fazem a fonte manar quando eles vêm, os Poderosos.
2. Os Maruts observam o homem que canta os seus louvores, promotores do pensamento daquele que adora. Sentem-se na grama sagrada na nossa assembleia, hoje, com mentes amigáveis, para compartilhar do banquete.
3. Ninguém mais resplandece tão brilhantemente quanto esses Maruts com suas próprias formas, seus enfeites dourados, suas armas. Com todos os adornos, decorando a terra e o céu, eles aumentam, para o espetáculo brilhante, o seu esplendor geral.

[1] Que nos aumentam, para que com filhos, netos e semelhantes, nós possamos nos tornar centenas.
[2] Este hino e todos os hinos aos Maruts foram traduzidos e explicados em *Vedic Hymns,* I por Max Müller. (Sacred Books of the East, Vol. 32).
[3] Segundo Sāyaṇa, os Maruts são abordados.
[4] *Nāma mārutaṃ,* o nome Marut, isto é, aqueles que são chamados de Maruts.

4. Que o seu dardo ardente fique longe de nós, ó Maruts, quando nós, por fragilidade humana, pecarmos contra vocês. Não nos deixem sermos expostos a ele, ó Santos! Que a sua graça mais amorosa nos acompanhe continuamente.
5. Que exatamente o que temos feito deleite os Maruts, os Imaculados, os brilhantes, os purificadores. Favoreçam-nos, ó Santos, com sua bondade; nos auxiliem poderosamente para que possamos prosperar.
6. E que os Maruts, louvados por todos os seus títulos, Heróis, apreciem o sabor das nossas oblações. Deem-nos da Amṛta[5] por causa de prole; despertem os excelentes estoques belos de riquezas.
7. Para cá, ó Maruts, louvados, com todos os seus auxílios, com toda felicidade venham aos nossos príncipes, que, por si próprios, nos aumentam cem vezes. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 58 (Griffith)

573 - Hino 57. Aos Maruts, os Deuses da Tempestade (Müller)

MAṆḌALA 7, HINO 57.
AṢṬAKA 5, ADHYĀYA 4, VARGA 27.

1. Ó veneráveis, a sua companhia de Maruts é apreciadora de mel,[6] eles que se deleitam com sua força nos sacrifícios, os Maruts, que agitam até os vastos céu e terra, e enchem o poço, quando eles se movem por toda parte, os terríveis.
2. Realmente os Maruts encontram o homem que os louva, e guiam os pensamentos do sacrificador. Sentem-se então para se alegrarem hoje, sobre o altar[7], bem satisfeitos em nossas assembleias.
3. Outros não brilham tanto quanto esses Maruts com suas correntes douradas, suas armas e seus próprios corpos; os todo-adornados, adornando o céu e a terra, se iluminam com o mesmo brilho, quando partem para o triunfo.
4. Que o seu raio brilhante fique longe de nós, ó Maruts, qualquer que seja o pecado que cometamos contra vocês, homens que somos; ó adoráveis, não nos deixem cair sob o poder dele, que a sua melhor graça repouse sobre nós.
5. Que os Maruts fiquem satisfeitos com o pouco que temos feito aqui, eles os impecáveis, os brilhantes, os puros. Protejam-nos, ó adoráveis, com suas graças, nos levem à prosperidade através dos despojos.
6. E que os Maruts vigorosos, quando eles foram louvados, sob quaisquer nomes, desfrutem dessas oferendas! Façam com que os nossos filhos não possam morrer,[8] levantem para nós riquezas, glória e bem-estar.

---

[5] A essência secreta que permeia o mundo e nutre e sustenta a todos deve naturalmente também ser o elemento que promove a reprodução. – Ludwig. Von Roth explica a passagem de modo diferente: 'Nos adicionem (ao número das) pessoas da eternidade, isto é, aos abençoados'. 'Concedam vida longa aos nossos filhos'. – Grassmann. 'Deem água à nossa progênie'. – Wilson.
[6] O primeiro verso é o mais difícil. Oldenburg sugere, "'Os doces' é o seu nome de Maruts, ó veneráveis, os que se alegram com sua força nos sacrifícios". Aqui a dificuldade seria que *mārutaṃ nāma* é o termo reconhecido para o nome, isto é, a família dos Maruts. Ainda assim, a menos que nos aventuremos em uma conjectura, essa parece ser a melhor interpretação. Será que podemos trocar *madhvaḥ vaḥ nāma mārutaṃ* por *madhvád vaḥ nāma mārutaṃ*? O significado então, seria: 'A sua família Marut come mel, gosta de mel'.
[7] *Barhis*, que eu traduzo como altar, é a forma mais simples de um altar, a mera relva ou grama *kuśa*, na qual são colocadas as oferendas.
[8] *Amṛta* não pode ser interpretada como imortalidade no sentido que damos, ela simplesmente significa não morrer.

7. Ó Maruts, quando vocês foram assim louvados, venham todos juntos com auxílio para os nossos senhores que com sua riqueza centuplicada nos favorecem livremente; – protejam-nos sempre com suas graças!

Índice◄►Hino 58 (Müller)

574 - Hino 58. Maruts (Wilson)

(Sūkta **III**)

Os deuses e a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 28. **1**. Ofereçam culto à companhia (de Maruts), os distribuidores associados de umidade, que é poderosa sobre a região celeste; os Maruts, pela sua grandeza, oprimem o céu e a terra; eles se espalham da terra e do firmamento para o céu.[1]
2. Formidáveis, intrépidos, velozes Maruts, o seu nascimento é proveniente do ilustre Rudra; todo aquele que olha para o sol[2] fica alarmado com o curso de vocês que são preeminentes em brilho e força.
3. Concedam, Maruts, a nós, que somos afluentes (em oferendas sacrificais) alimento abundante; aceitem complacentemente o nosso louvor sincero; o caminho que vocês seguem não é prejudicial para os seres vivos; que ele[3] aumente a nossa (prosperidade) por meio das (suas) proteções desejáveis.
4. O homem piedoso protegido, ó Maruts, por vocês, é o possuidor de centenas; o atacante, o vencedor (de seus inimigos), protegido por vocês, é o possuidor de milhares; protegido por vocês, o Imperador mata o seu inimigo; que a riqueza que é dada, agitadores, por vocês, sempre seja abundante.
5. Eu adoro esses filhos do derramador, Rudra; que os Maruts, invocados repetidamente, venham a nós novamente; que possamos expiar (por meio de louvor) o que quer que tenhamos cometido secretamente ou abertamente contra os velozes Maruts, pelo qual eles estão descontentes.
6. O louvor piedoso dos Maruts opulentos foi recitado; que os Maruts sejam gratificados por este hino; afastem de nós, derramadores (de benefícios), aqueles que nos odeiam; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 59 (Wilson)

574 - Hino 58. Maruts (Griffith)

1. Cantem para a tropa que unida derrama chuva, a Companhia Poderosa de natureza celeste. Eles fazem as metades do mundo tremerem com sua grandeza; das profundezas da terra e do firmamento[4] eles chegam ao céu.

[1] É dito que *nirṛti* aqui é um sinônimo de *bhūmi* (terra), e *avaṃśa* (o sem suporte) do *antarikṣa* (firmamento).
[2] *Viśvaḥ svardṛk*, isto é, todas as criaturas vivas, ou pode significar também, de acordo com Sāyaṇa, que olha para o céu, ou seja, uma árvore, as árvores ficando naturalmente alarmadas com a aproximação do vento.
[3] ['O caminho'].
[4] [Veja a nota 1]. Mas *nirṛti*, Morte, Destruição, como identificada com *bhūmi,* pode ser a Pṛthivī da atmosfera (veja 5.84), que deve ter sido considerada originalmente como o lugar dos espíritos dos mortos.

2. De fato, o seu nascimento, Maruts, foi com comoção selvagem, vocês que se movem rapidamente, ferozes em ira, terríveis. Ó insuperáveis em seu poder e vigor, todo espectador da luz[5] teme a sua chegada.
3. Deem um amplo poder vital aos nossos príncipes; que os nossos belos louvores satisfaçam aos Maruts. Como o caminho percorrido ajuda as pessoas a irem adiante, assim nos favoreçam com seus auxílios agradáveis.
4. O seu cantor preferido conta a sua riqueza por centenas; o cavalo forte o qual vocês favorecem ganha milhares. O Soberano a quem vocês auxiliam destrói o inimigo. Que essa sua dádiva, ó Agitadores, seja notável.
5. Eu chamo, como tais, os filhos do generoso Rudra; os Maruts não se dirigirão a nós novamente? Daquele pecado secreto ou exposto que incita a sua raiva, daquele nós imploramos que os Velozes nos perdoem.
6. Esse louvor aos Generosos foi falado; aceitem, ó Maruts, esse nosso hino de louvor. Ó Touros, mantenham longe aqueles que nos odeiam. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 59 (Griffith)

---

574 - Hino 58. Aos Maruts, os Deuses da Tempestade (Müller)

MAṆḌALA 7, HINO 58.
AṢṬAKA 5, ADHYĀYA 4, VARGA 28.

1. Cantem com a companhia (de Maruts), crescendo juntos, os fortes entre a hoste divina; eles agitam o céu e a terra por seu poder, eles sobem ao firmamento a partir do abismo de Nirṛti.
2. Até o seu nascimento foi com fogo e fúria, ó Maruts! Vocês, terríveis, coléricos, incansáveis! Vocês que se sobressaem com poder e força; todo aquele que vê o sol teme a sua chegada.
3. Concedam força poderosa aos nossos senhores, se os Maruts estiverem satisfeitos com o nosso louvor. Como um caminho trilhado favorece um homem, que eles nos favoreçam; nos ajudem com seus benefícios brilhantes.
4. Favorecido por vocês, ó Maruts, um homem sábio ganha cem, favorecido por vocês um corredor forte ganha mil, favorecido por vocês um rei também mata o seu inimigo; que essa sua dádiva prevaleça, ó agitadores.
5. Eu convido esses generosos filhos de Rudra, será que esses Maruts voltarão para nós? O que quer que eles tenham odiado secretamente ou abertamente, aquele pecado nós rogamos para os velozes perdoarem.
6. Esse louvor dos nossos senhores foi falado; que os Maruts estejam satisfeitos com esse hino. Mantenham longe de nós, ó fortes, todo ódio, protejam-nos sempre com suas graças!

Índice◄►Hino 59 (Müller)

---

[5] [Veja a nota 2].

575 - Hino 59. Maruts (Wilson)[1]

(Sūkta IV)

Os deuses são os Maruts, exceto no último verso, que é dedicado a Rudra;[2] a métrica da primeira, terceira e quinta estrofes é Bṛhatī, da segunda, quarta e sexta, Satobṛhatī [três pares de pragāthas[3]], da sétima e oitava, Triṣṭubh, das três seguintes, Gāyatrī, e da décima segunda, Anuṣṭubh.

Varga 29. **1**. Agni, Varuṇa, Mitra, Maruts, concedam felicidade, deuses, àquele a quem vocês protegem d(os perigos de) este (mundo), a quem vocês guiam aqui (para os caminhos da virtude).
2. Através da sua proteção, deuses, o homem que adora em um dia auspicioso derrota os seus adversários; aquele que oferece alimento (sacrifical) abundante a vocês para detê-los (em seu rito) amplia a sua habitação.

3. Vasiṣṭha não omite nem mesmo o menor entre vocês; Maruts, que estão desejosos (da libação), que vocês todos bebam juntos hoje dos nossos sucos Soma derramados.[4]
4. A sua proteção, líderes (de ritos), não causa prejuízo àquele a quem vocês defendem em batalhas; que o seu favor mais recente retorne para nós; venham rapidamente, ávidos para beber o Soma.

5. Que vocês cujas riquezas estão ligadas entre si venham compartilhar das iguarias (sacrificais), pois, Maruts, eu ofereço a vocês estas oblações, portanto, não vão embora para nenhum outro (sacrifício).
6. Sentem-se na nossa grama sagrada; venham nos conceder riquezas desejáveis; não causando danos, Maruts, se deleitem com a libação de Soma doce oferecida nesse período.

Varga 30. **7**. Que os Maruts ainda não revelados, enfeitando seus corpos, desçam como cisnes de costas pretas; que toda a companhia se reúna à minha volta como homens felizes regozijando-se juntos em um rito solene.
8. O homem, Maruts, que fere os nossos sentimentos, aquele que, repreendido por todos, ainda procura, Vasus, nos matar, aquele que nos amarraria nos laços de (Varuṇa), o vingador (da iniquidade), que vocês destruam aquele homem com uma arma fatal destruidora.[5]

9. Maruts, destruidores de inimigos, esta oblação está destinada a vocês; que vocês, que são os devoradores de inimigos, (vindo) com suas proteções, a aceitem bondosamente.[6]
10. Objetos de culto doméstico, magnânimos Maruts, venham com suas proteções; não vão embora.

---

[1] ["Todos os estudiosos parecem concordar que este hino é um hino composto, e que ele quebra a lei da diminuição do número de versos. Ele começa com três Pragāthas, versos 1 e 2, 3 e 4, 5 e 6, que podem estar em seu lugar certo. Em seguida vêm dois Triṣṭubhs, 7 e 8, que podem formar um hino por si próprios. Os três seguintes, Gāyatrīs, que claramente formam um conjunto, são uma adição posterior; assim é o último verso, que deveria estar no Atharva em vez de no Ṛg-Veda. O texto Pada não divide esse último verso. Veja, sobre esse assunto, Oldenberg, Z. D. M. G. (*Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* (Jornal da Sociedade Oriental Alemã), XXXVIII, 449 e seg., *Prolegomena*, 200, 511; Bergaigne, *Recherches sur l'histoire de la saṁhitā*, II, 10". – Müller].

[2] ["A última estrofe dessas (7.59.12) louva Tryambaka, o pai divino. (Não há menção de Tryambaka na *Sarvānukramaṇī*, que descreve essa estrofe como *raudrī mṛtyuvimocanī*). – *Bṛhaddevatā*, II, tradução por Macdonell, p. 211].

[3] [Sobre *pragāthas*, veja a nota 1 do Hino 16].

[4] *Sāma-Veda*, I.241, [1.3.1.5.9].

[5] [*Atharva*, 7.77.2].

[6] [*Atharva*, 7.77.1].

11. Maruts, de força independente, que são perspicazes, gloriosos como o sol,[7] venham aqui, venham aqui, eu os invoco para o sacrifício.

12.[8] Nós adoramos Tryambaka,[9] cuja fama é fragrante,[10] o aumentador de crescimento;[11] que eu fique livre da morte,[12] como o Urvāruka[13] do seu caule, mas não da imortalidade;[14] vamos adorar Tryambaka, cuja fama é fragrante, o aumentador de crescimento; que eu fique livre da morte como o Urvāruka do seu caule, mas não da imortalidade.

Índice◄►Hino 60 (Wilson)

---

[7] O texto tem *Sūrya tvacas*, literalmente, de pele de sol.

[8] [Este (repetido duas vezes na versão de Wilson) é o Mahāmṛtyuñjaya mantra. Veja mais em *O Grande Mantra Conquistador Da Morte*].

[9] De acordo com o comentador o termo significa o pai, *ambuka*, dos três deuses, Brahmā, Viṣṇu e Rudra; o *Ṛgvidhāna* o identifica com Mahādeva, mas a autoridade não tem grande peso.

[10] *Sugandhim* é explicado: cuja fama de virtude se espalha; ou, como ilustrado por outro texto citado no comentário, do mesmo modo que a fragrância de uma árvore em plena floração emite doçura, assim se espalha a fragrância das ações sagradas; a memória dos justos, cheiros doces e flores na poeira.

[11] *Puṣṭi vardhanam*, o aumentador de nutrição, é interpretado como *jagad-vījam*, a semente do mundo; mas é preferível o significado simples de multiplicador de coisas boas úteis para os objetos de prazer corpóreo, como riqueza.

[12] *Mṛtyor mukṣīya* pode significar também, que eu possa me libertar do mundo, ou das revoluções de vida e morte; que eu possa alcançar *mokṣa*.

[13] O *urvāruka* é também chamado de *karkaṭī*, uma espécie de pepino.

[14] *Māmṛtāt, mā ā amṛta*, não para ou até o imortal ou imortalidade, entendendo por isso ou a vida longa dos deuses ou *svarga*, paraíso, o desejo expresso sendo pela emancipação final; essa noção, e a denominação Tryambaka, são, em minha opinião, conclusivas da ilegitimidade dessa estrofe; a repetição da meia estrofe para a composição de um todo é algo incomum; o verso ocorre no *Yajur-Veda [VS],* 3.60 [e no *Atharva*, 14.1.17], e é, em alguns casos, interpretado de modo diferente; Tryambaka é chamado de Rudra de três olhos; *sugandhim*, de fragrância celeste; é dito que *urvāruka* significa a *karkandhu* [jujuba] que, quando madura, cai do caule.

575 - Hino 59. Maruts (Griffith)

1. Quem quer que vocês resgatem aqui e ali, quem quer que vocês guiem, ó Deuses, a ele deem abrigo, Agni, Mitra, Varuṇa, vocês Maruts, e tu Aryaman.
2. Por meio do seu favor amável, Deuses, em algum dia auspicioso, o adorador subjuga seus inimigos. O homem que lhes traz oferendas como vocês desejam aumenta o lar e [aumenta o] alimento abundante fortalecedor.

3. Vasiṣṭha não omitirá o mais humilde entre vocês todos. Ó Maruts, todos vocês bebam com pressa ansiosa do nosso suco Soma derramado hoje.
4. O seu auxílio na batalha não prejudica[15] o homem a quem vocês, Heróis, concedem suas dádivas. Que o seu favor mais recente se volte para nós novamente. Venham rapidamente, vocês que anseiam beber.

5. Venham aqui para beber o suco, ó vocês cujas recompensas lhes dão alegria.[16] Estas oferendas são para vocês, estas, Maruts, que eu ofereço. Não vão para lugar nenhum além deste.
6. Sentem-se na nossa grama sagrada, estejam dispostos benevolentemente a dar a riqueza pela qual ansiamos, para se deleitarem, ó Maruts, Amigos de todos, com Svāhā,[17] com o suco Soma doce.

7. Enfeitando a beleza das suas formas em segredo os Cisnes de costas purpúreas[18] desceram aqui. Em torno de mim toda a Companhia pousou, como Heróis jubilosos alegres em nossa libação.
8. Maruts, o homem cuja ira é difícil de dominar, aquele que nos mataria antes de nós pensarmos, ó Vasus, que ele seja enredado nas malhas do prejuízo;[19] derrubem-no com a sua arma mais flamejante.

9. Ó Maruts, ó Deuses consumidores, desfrutem desta oferenda trazida para vocês, para nos ajudar, vocês que matam o inimigo.
10. Compartilhadores do sacrifício doméstico, venham, Maruts, não fiquem muito longe, para que vocês possam nos ajudar, ó Generosos.
11. Aqui, Autofortes Maruts, sim, aqui mesmo, ó Sábios com suas peles brilhantes de sol, eu dedico o seu sacrifício.

12. Nós adoramos Tryambaka,[20] o doce[21] aumentador de prosperidade. Como o pepino do seu caule,[22] que eu fique livre da morte, não privado de imortalidade.

Índice◄►Hino 60 (Griffith)

---

15 *Não prejudica* é uma litotes de 'é da maior vantagem para'.
16 Ou se sucedem de perto, e estão sempre frescas e prontas.
17 Uma exclamação como Ave! ou Salve! usada ao fazer oblações para os Deuses.
18 *Nīlapṛṣṭhāḥ;* compare com os 'cisnes purpúreos' de Horácio.
19 Ou de um dos espíritos malignos chamados Druhs.
20 Um nome de Rudra.
21 Segundo Sāyaṇa, *sugandhim*, de cheiro doce, aqui significa 'cuja fama é fragrante'.
22 ['Que eu, como um pepino (cortado) do seu caule, ...'. – Muir, *O. S. Texts,* IV, 321].

575 - Hino 59. Aos Maruts e Rudra (Müller)[23]

MAṆḌALA 7, HINO 59.
AṢṬAKA 5, ADHYĀYA 4, VARGA 29-30.[24]

1. Aquele a quem vocês protegem repetidamente, ó deuses, e que vocês guiam, a ele, ó Agni, Varuṇa, Mitra, Aryaman, e Maruts, deem a sua proteção.
2. Aquele que sacrifica, ó deuses, derrota seus inimigos por sua proteção em um dia feliz. Aquele que dá para o seu deleite expande a sua residência, e distribui muitos alimentos.

3. Este Vasiṣṭha não desprezará nem mesmo o último entre vocês, ó Maruts; bebam, todos vocês, hoje, na minha libação aqui, cheios de desejo.
4. O seu auxílio de fato não falta em batalha para aquele homem a quem vocês o concederam, ó homens! O seu mais novo favor se voltou para cá, venham rápido, então, vocês que desejam beber.

5. Ó vocês cujas dádivas são animadoras, venham beber (o suco d)as flores (de Soma); estas são as suas libações, ó Maruts, pois eu as dei a vocês, não vão para outro lugar!
6. Sentem-se no nosso altar e nos protejam, para nos dar riquezas brilhantes. Ó Maruts, que nunca perdem o hidromel de Soma, saudações a vocês aqui para se divertirem.

7. Tendo adornado seus corpos, os cisnes de dorso azul escuro vieram voando em segredo – todo o bando sentou-se ao meu redor, como homens alegres, deleitando-se com a oferenda de Soma.
8. Ó Maruts, aquele homem odioso que além dos nossos pensamentos tenta nos ferir, ó Vasus, que as armadilhas de Drub[25] o capturem, matem-no com o seu raio mais quente!

9. Ó Maruts, cheios de calor, aqui está a libação; tenham a bondade aceitá-la, ó vocês que destroem os inimigos, por seu auxílio.
10. Ó vocês que aceitam os sacrifícios domésticos,[26] venham para cá, ó Maruts, não se mantenham afastados, vocês que são generosos, por seu auxílio.
11. Ó Maruts, fortes e sábios, com peles de sol brilhante, eu escolho o sacrifício para vocês ocasionalmente.[27]

12. Nós sacrificamos para Tryambaka,[28] o de aroma doce, (Rudra) que aumenta riqueza. Que eu seja separado da morte, como uma cabaça do seu caule, mas não do imortal.[29]

---

[23] [Veja a nota 1].
[24] O verso 3 ocorre no *Sāma-Veda,* I.241 [1.3.1.5.9]; o verso 8 no *Atharva-Veda* (AV), 7.77.2, *Taittirīya Saṃhitā* (TS), 4.3.13.3.l e *Maitrāyaṇī-Saṃhitā* (MS), IV.10.5; o verso 9 no AV. 7.77.1, TS. 4.3.13.3.k e MS. IV.10.5; o verso 10 na TS. 4.3.13.5.r, MS. IV.10.5; o verso 11 no *Taittirīya Āraṇyaka,* (TA), I.4.3, MS. IV.10.3; o verso 12 na *Vājasaneyi Saṃhitā*, 3.60, AV. 14.1.17, TS. 1.8.6.2.i, MS. I.10.4, TA. X.56; *Śatapatha Brāhmaṇa*, 2.6.2.12.
[25] [Veja a nota 19].
[26] Sobre os Maruts *gṛhamedhinaḥ*, veja o *Śatapatha Brāhmaṇa,* 11.5.2.4 [em cuja nota lemos: "O Sākamedha ou terceiro sacrifício sazonal consiste nas seguintes oblações, 1: um bolo em oito peças de cerâmica para Agni Anīkavat; 2 e 3: mingaus aos Maruts Sāṃtapanas e Maruts Gṛhamedhinas; 4: um bolo em sete peças de cerâmica aos Maruts Krīḍinas; 5: um mingau para Aditi". No verso 9 os Maruts são chamados de 'quentes' (sāṃtapana), e no verso 10 de 'compartilhadores da oferenda da casa' (gṛhamedha). O Sākamedha termina com uma oblação a Rudra Tryambaka]. Talvez os Maruts possam ser chamados de *gṛhamedhas*, ou seja, *gṛhasthas*, que realizam os sacrifícios *Gṛhya*. Veja sobre esses nomes a *Taittirīya Saṃhitā*, 1.8.4.1.a,d.
[27] Isto é, repetidamente.
[28] Tryambaka é um nome de Rudra, mas o seu significado original é duvidoso. Alguns comentadores o explicam como 'de três olhos', mas seu significado natural seria 'que tem três mães'. O *Śatapatha Brāhmaṇa,* 2.6.2.9 o deriva de Strī-Ambikā, porque Ambikā, a irmã de Rudra, compartilha do sacrifício com ele.
[29] Que *amṛtāt* é o certo, não, como Grassmann sugere, *amṛta*, é óbvio a partir das formas paralelas, *preto muñcāmi nā mutaḥ,* ou *ito mukṣīya mā mutaḥ.* Pischel em Z. D. M. G. XL, 121, exige muita precisão lógica de um poeta; veja AV. 14.1.17; VS. 3.60.

Índice◄►Hino 77 (Müller)

576 - Hino 60. Mitra e Varuṇa (Wilson)

(Adhyāya 5. Continuação do Anuvāka 4. Sūkta V)

Os deuses são Mitra e Varuṇa, exceto no primeiro verso, no qual Sūrya é o deus; o Ṛṣi é, como do começo ao fim, Vasiṣṭha; a métrica Triṣṭubh.

Varga 1. **1**. Sūrya, quando surgires hoje, declara a verdade para Mitra e Varuṇa: que nós somos desprovidos de pecado; que nós, Aditi, sejamos (aprovados) entre os deuses; louvando-te, Aryaman, que sejamos estimados por ti.
2. Este Sūrya, o observador do homem, se ergue, Mitra e Varuṇa, sobre ambos (o céu e a terra), movendo-se (no céu), ele que é o preservador de tudo o que é fixo ou móvel, testemunhando os atos corretos ou os pecados dos mortais.
3. Ele atrelou os seus sete cavalos baios, Mitra e Varuṇa, (para vir) da sua morada comum, (o firmamento); os cavalos que, derramando água, transportam aquele Sūrya que, amigável para ambos, (contempla todas) as regiões, e observa cuidadosamente as criaturas como (um pastor) o rebanho.
4. Para vocês, (Mitra e Varuṇa), as iguarias de sabor doce foram preparadas; o sol subiu ao firmamento brilhante, para quem os Ādityas e os concordantes Mitra, Varuṇa, Aryaman preparam os caminhos.
5. Estes (deuses), Mitra, Aryaman, Varuṇa, são os detectores de muita inverdade; esses filhos inconquistados de Aditi, dispensadores de felicidade, são glorificados no salão de sacrifício.
6. Estes, os invictos Mitra, Varuṇa, e Aryaman, animam com energias os (que dormem) inconscientes; dirigindo-se ao inteligente realizador (de atos piedosos), eles (o) levam por caminhos seguros (para o céu), removendo toda iniquidade.
Varga 2. **7**. (Observando) com olhos que não fecham, e cientes (das coisas) do céu e da terra, eles conduzem o homem ignorante (ao dever); na menor profundidade do rio, (por causa deles), há um fundo; que eles nos levem para a margem oposta da vasta extensão.
8. Incluindo os nossos filhos e netos naquela felicidade preservadora e auspiciosa que Aditi, Mitra e Varuṇa conferem ao doador liberal (da oblação), que nós nunca, agindo precipitadamente, caiamos no desagrado dos deuses.
9. Que o meu adversário profane o altar por louvores (mal expressos); repelido por Varuṇa, que ele (passe por) vários sofrimentos; que Aryaman nos defenda daqueles que nos odeiam; concedam, derramadores (de benefícios), uma vasta região ao doador generoso (de oblações).
10. A associação desses (três deuses) é de brilho misterioso; por sua força secreta eles vencem (todos os inimigos); derramadores (de benefícios), por medo (de vocês os nossos adversários) estão tremendo; tenham piedade de nós na potência de sua força.
11. Esses (deuses) magnânimos aceitam conjuntamente o louvor do adorador, e dão uma mansão espaçosa como uma moradia para aquele que, por causa de alimentos e riquezas excelentes, dedica sua mente à sua glorificação.
12. Excelentes Mitra e Varuṇa, a vocês essa adoração é dirigida em sacrifícios; afastem de nós todas as dificuldades, e sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 61 (Wilson)

576 - Hino 60. Mitra-Varuṇa (Griffith)

1. Quando tu, ó Sol, neste dia, surgindo impecável,[1] falares a verdade para Varuṇa e Mitra, ó Aditi, que todos os Deuses nos amem, e tu, ó Aryaman, enquanto estamos cantando.
2. Olhando para o homem, ó Varuṇa e Mitra, este Sol sobe por ambos os caminhos,[2] Guardião de todas as coisas fixas, de tudo o que se move, vendo os atos bons e maus dos mortais.
3. Ele a partir do lar deles atrelou os Sete Corcéis de ouro que, derramando óleo e gordura, carregam Sūrya. Seu, Varuṇa e Mitra, ele examina os mundos e os seres vivos como um pastor.
4. Os seus corcéis ricos em fartura de doces subiram; para o oceano brilhante Sūrya ascendeu, para quem os Ādityas preparam seu caminho, Aryaman, Mitra, Varuṇa, concordantes.
5. Pois estes, os próprios Aryaman, Varuṇa e Mitra, são os que castigam toda fraude e falsidade. Estes, os Filhos de Aditi, infalíveis e poderosos, cresceram no lar da Lei Eterna.
6. Estes, Mitra, Varuṇa,[3] a quem ninguém engana, com grande poder estimulam até mesmo o tolo à sabedoria, e, despertando, além disso, a introspecção pensativa, a conduzem por caminhos fáceis acima da tristeza e dificuldade.
7. Eles, sempre vigilantes, com olhos que não fecham, que cuidam do céu e da terra, guiam adiante o irrefletido. Mesmo no leito do rio há um lugar raso; através dessa vasta extensão que eles possam nos conduzir.
8. Visto que Aditi e Varuṇa e Mitra, como guardiões, dão a Sudās a sua proteção amigável, concedendo-lhe filhos e sucessão linear, não vamos, corajosos![4] causar a ira dos Deuses.
9. Que ele[5] com oferendas purifique o altar de todas as máculas do caluniador de Varuṇa.[6] Aryaman nos salve de todos aqueles que nos odeiam; deem espaço e liberdade para Sudās, ó Poderosos.
10. Oculta dos nossos olhos é a sua reunião resplandecente;[7] por seu poder misterioso eles têm domínio. Heróis! nós gritamos tremendo de medo diante de vocês, mesmo na grandeza do seu poder tenham misericórdia.
11. Aquele que obtém graça por sua prece pela adoração, para que ele possa ganhar força e as maiores riquezas, a mente daquele homem bom os Poderosos seguirão; eles trouxeram conforto à sua residência espaçosa.
12. Essa tarefa sacerdotal, Deuses! Varuṇa e Mitra! foi realizada para vocês em sacrifícios. Levem-nos com segurança sobre todos os perigos. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 61 (Griffith)

---

[1] Sāyaṇa faz de *anāgāḥ = anāgasaḥ:* 'declara a verdade ... que nós somos desprovidos de pecado'. – Wilson. Mas isso parece forçado, e o significado implícito do poeta é claro o bastante se a palavra for tomada em sua significação usual.
[2] Perto da terra e alto no firmamento.
[3] E Aryaman, subentendido; os verbos estão no plural.
[4] O aviso é dirigido ao povo de Sudās, que foi mencionado frequentemente em hinos anteriores.
[5] Agni pode ser aludido.
[6] Daqueles que falam mal dos príncipes como Sudās, Varuṇa sendo o protótipo do rei. – Ludwig.
[7] A de Mitra, Varuṇa e Aryaman.

577 - Hino 61. Mitra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta VI)

Deuses e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 3. **1**. Espalhando em volta a bela luz, Mitra e Varuṇa, de vocês dois, deuses, Sūrya surge; ele que contempla todos os seres existentes compreende os atos dos mortais.
2. O sábio, o solenizador de sacrifício, o antigo ouvinte (de prece sagrada),[1] repete fervorosamente, Mitra e Varuṇa, os seus louvores, aquele cujas preces, fazedores de boas ações, vocês favorecem, cujos atos (de culto) vocês não recompensam por anos.[2]
3. Vocês são mais vastos, Mitra e Varuṇa, do que a ampla terra, mais vastos, doadores generosos, do que o céu glorioso e extenso; vocês mantêm a beleza nas plantas e nas pessoas, diligentes cumpridores da verdade, e (nos) protegendo vigilantemente.
4. Louva o esplendor da Mitra e Varuṇa, cuja força, pela sua potência, mantém o céu e a terra separados; que os dias daqueles que não oferecem adoração passem sem descendentes masculinos; que aquele que se deleita em sacrifício cresça em prosperidade.
5. Não confundidos, onipenetrantes derramadores (de benefícios), estes (louvores) são para vocês, nos quais nada surpreendente, nenhuma adoração (digna de vocês), é vista; os elogios insinceros dos homens servem como ofensas; os louvores a vocês, embora oferecidos em segredo, não são desconsiderados.
6. Eu ofereço sacrifício a vocês dois com louvores, eu os invoco, Mitra e Varuṇa, quando em dificuldades; que os presentes hinos sejam capazes de lhes satisfazer; que essas (minhas) preces sejam aceitáveis para ambos.
7. A vocês, divinos Mitra e Varuṇa, a vocês essa adoração é dirigida em sacrifício; afastem de nós todas as dificuldades, e sempre cuidem de nós com bênçãos.[3]

Índice◄►Hino 62 (Wilson)

---

[1] Um epíteto de Vasiṣṭha, mas em qual sentido é um pouco incerto.
[2] *Ā yat kratvā na śaradaḥ pṛṇaithe* é explicado: cujo ato vocês preenchem ou cumprem por muitos anos; o escoliasta ignora *na*, que pode ser a conjunção *e*, bem como o negativo *não;* em todo caso o sentido é obscuro; isso pode significar que o mérito da adoração é tão grande que ele não pode ser recompensado adequadamente exceto depois de um longo período.
[3] [Igual ao último verso do último hino].

577 - Hino 61. Mitra-Varuṇa (Griffith)

1. Ó Varuṇa e Mitra, Sūrya surge espalhando a luz bela de vocês dois Deuses. Ele que contempla todas as criaturas existentes observa bem o zelo que há nos mortais.
2. O sábio santo, muito famoso, dirige seus hinos a vocês, ó Varuṇa e Mitra, – aquele cujas devoções, Deuses sapientes, vocês favorecem de modo que vocês enchem, por assim dizer, de poder os seus outonos.[4]
3. Da vasta terra, ó Varuṇa e Mitra, do grande céu elevado, vocês, Dadores Generosos, estabeleceram nos campos e casas as suas sentinelas, que visitam cada ponto e vigiam incessantemente.
4. Eu louvo a força de Varuṇa e Mitra; aquela força, por potência, mantém separados os dois mundos. Sem heróis passam os meses dos ímpios; aquele que ama o sacrifício torna o seu lar duradouro.
5. Touros, totalmente infalíveis são esses seus povos em quem nenhuma coisa surpreendente é vista, nenhuma adoração. A fraude[5] segue de perto os homens que são mentirosos; nenhum segredo pode ser escondido do seu conhecimento.[6]
6. Eu exaltarei o seu sacrifício com homenagem; como sacerdote, eu os invoco, Mitra-Varuṇa. Que esses novos hinos e preces que eu moldei os agradem para o bem do cantor.[7]
7. Essa tarefa sacerdotal, Deuses! Varuṇa e Mitra! foi realizada para vocês em sacrifícios. Levem-nos com segurança sobre todos os perigos. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 62 (Griffith)

---

[4] Os anos da sua vida.
[Muir traduz: "O sábio devoto, ouvido de longe, envia seus hinos a vocês, ó Mitra e Varuṇa. Que vocês, deuses poderosos, recebam suas preces com benevolência, de modo que por (muitos) outonos vocês não possam ficar saciados com o fervor dele". – *O. S. Texts*, III, 240].
[5] [Ou a decepção. 'Seus espíritos vingadores', segundo a versão dos *Setenta Hinos,* (veja o segundo parágrafo da nota abaixo)].
[6] [Muir diz que esse trecho final *(na vāṃ niṇyāny acite abhūvan)*, quer dizer que "Seus segredos [de Varuṇa] e os de Mitra não devem ser revelados aos tolos". – *O. S. Texts*, V, 63].
Essa estrofe é difícil. [Veja a versão por Wilson]. A versão dos *Setenta Hinos* é algo como o seguinte: "Todos os seus espíritos vingadores, ó Poderosos, seguem infalivelmente os rastos dos pecadores. Eles não têm sinal que os homens possam notar, nenhuma imagem. Nada é tão secreto que vocês não conheçam". Essa última envolve uma leve alteração no texto. Eu prefiro a interpretação de Ludwig, embora ela não seja absolutamente convincente.
[7] Veja *Vedische Studien,* I.43.

577 - Hino 61. Mitra-Varuṇa (Macdonell)

1. O belo olho de Varuṇa e Mitra,
O Sol, agora se ergue, expandindo a sua luz.
Que, com seu olhar olha para todas as criaturas;
Ele sempre nota o zelo ardente dos mortais.[8]

2. Este sacerdote piedoso, ouvido ao longe, aqui profere[9]
O seu hino para vocês, ó Varuṇa e Mitra
Que vocês, ó sábios, tratem as suas preces com predileção.
E que os outonos dele sejam repletos de sabedoria.

3. A partir da terra extensa, ó Varuṇa e Mitra,
Ó deuses generosos, e do céu elevado,
Vocês têm distribuído os seus espiões errantes em residências
E plantas, vocês que nos protegem com olhar atento.[10]

4. Louva tu[11] a lei de Varuṇa e Mitra;
Sua força mantém separados os dois mundos com poder.
Os meses dos homens ímpios passarão sem filhos;
Que aqueles empenhados em culto aumentem a sua herdade.[12]

5. Vocês dois são sábios, ó poderosos, para vocês dois
Estes louvores são cantados sem fraude ou magia.[13]
Espiões vingadores seguem de perto as falsidades dos homens;
Não há segredos que vocês não possam sondar.

6. Com reverência eu consagrarei a sua oferenda;
Com zelo eu os chamo, Varuṇa e Mitra.
Estes novos pensamentos se destinam a louvá-los;
Que estas, as preces que eu ofereci, agradem a vocês.

7. Para vocês, ó deuses, esse serviço[14] tem sido prestado
Em sacrifícios, Varuṇa e Mitra,
Levem-nos com segurança através de todos os perigos.
Ó deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 63 (Macdonell)

---

8 [As duas últimas linhas o próprio Macdonell, em seu *Vedic Reader for Students*, 1917, lê: 'ele que considera todos os seres observa a intenção deles entre os mortais'].
9 ['*Envia* seus hinos'. – *Id.*].
10 ['Com olho que não pisca'. – *Id.*].
11 ['Eu louvarei'. – *Id.*].
12 ['Que aquele cujo coração está colocado no sacrifício aumente o seu círculo'. – *Id.*].
13 ['Ó sábios poderosos, todos esses (louvores) são para vocês, nos quais nenhuma maravilha é vista nem mistério. – *Id.*].
14 *[Sacerdotal. – Id.*].

578 - Hino 62. Mitra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus dos três primeiros versos é Sūrya, dos outros três os deuses são Mitra e Varuṇa; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 4. **1**. Sūrya espalha os seus raios vastos e numerosos sobre todas as multidões de homens; resplandecente de dia, ele é visto (por todos como) o mesmo, o criador, o criado,[1] ele é glorificado por seus adoradores.
2. Ergue-te diante de nós, Sūrya, com os teus gloriosos cavalos brancos; declara-nos livres do pecado para Mitra, Varuṇa, Aryaman e Agni.
3. Que Varuṇa, Mitra e Agni, os que aliviam a dor, os observadores da verdade, concedam-nos milhares (de riquezas); que eles, os que dão alegria, nos deem (alimento) excelente; glorificados por nós, que eles realizem os nossos desejos.
4. Indivisíveis e poderosos céu e terra protejam a nós que, de nascimento afortunado, temos conhecimento de vocês dois; não nos deixem incorrer no desagrado de Varuṇa, ou de Vāyu, ou de Mitra, o mais amado pelos homens.
5. Estiquem os seus braços para o prolongamento da nossa existência, orvalhem com água os pastos do nosso gado, nos tornem honrados entre os homens; sempre jovens Mitra e Varuṇa, ouçam essas minhas invocações.[2]
6. Que Mitra, Varuṇa e Aryaman concedam afluência a nós e à nossa posteridade; que todos os caminhos sejam de fácil acesso para nós, e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 63 (Wilson)

---

578 - Hino 62. Mitra-Varuṇa (Griffith)

1. Sūrya enviou para o alto os seus raios de esplendor sobre todas as tribos de homens em inúmeros locais. Junto com o céu ele brilha visível, bem formado por seus Criadores com poder e sabedoria.
2. Assim tu subiste diante de nós, Sūrya, através desses nossos louvores, com velozes cavalos malhados. Declara-nos livres de todo pecado para Mitra e Varuṇa, e Aryaman, e Agni.
3. Que os santos Agni, Varuṇa e Mitra enviem suas riquezas para nós aos milhares. Que eles, os Brilhantes, tornem perfeita a nossa canção de louvor, e, quando nós os louvarmos, realizem todos os nossos desejos.
4. Ó indivisos Céu e Terra, preservem-nos; a nós, Sublimes! seus descendentes de nascimento nobre. Não nos deixem enfurecer Varuṇa, nem Vāyu, nem a ele, o Amigo mais querido dos mortais, Mitra.
5. Estendam os seus braços e deixem as nossas vidas serem prolongadas; com fertilidade[3] orvalhem os pastos do nosso gado. Ó Jovens, nos tornem famosos entre os povos; ouçam, Mitra-Varuṇa, essas minhas invocações.

---

[1] *Kratvā kṛtaḥ* são explicados: o criador de tudo produzido por Prajāpati.
[2] *Yajurveda (VS),* 21.9. A interpretação de Mahīdhara é no mesmo sentido que a de Sāyaṇa, com leves variações.
[3] [Literalmente, gordura].

6. Agora, Mitra, Varuṇa e Aryaman, nos concedam liberdade e espaço, para nós e para nossos filhos. Que encontremos caminhos todos belos e bons para percorrer. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 63 (Griffith)

---

579 - Hino 63. Mitra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus das primeiras quatro estrofes e de metade da quinta é Sūrya, e os deuses do restante são Mitra e Varuṇa; a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 5. **1**. O auspicioso Sūrya se ergue, o olho de todos, o (pai) comum dos homens; o olho divino de Mitra e de Varuṇa, que rompe as trevas como a pele (que envolve).
2. O animador dos homens surge, a grande bandeira derramadora de chuva de Sūrya[1] girando a roda universal, que o corcel branco[2] atrelado ao seu carro arrasta junto.
3. Encantado com os louvores (dos seus adoradores), o sol radiante se ergue do colo das auroras; aquele sol divino realiza os meus desejos, que não limita o brilho que é comum (para todos).
4. O sol brilhante e glorioso sobe do firmamento indo longe, atravessando (os céus), difundindo luz; realmente todos os seres animados por Sūrya prosseguem e cumprem as suas tarefas atribuídas.
5. Ele percorre o caminho que os imortais prepararam para sua trajetória, lançando-se para frente como um falcão; nós os adoramos, Mitra e Varuṇa, quando o sol nasce, com louvores e oblações.
6. Que Mitra, Varuṇa e Aryaman concedam afluência a nós e à nossa posteridade; que todos os caminhos sejam de fácil acesso para nós, e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.[3]

Índice◄►Hino 64 (Wilson)

---

579 - Hino 63. Mitra-Varuṇa (Griffith)

1. Comum a toda a humanidade, auspicioso Sūrya, aquele que vê tudo, está subindo; o Deus, o olho de Varuṇa e Mitra, que enrolou a escuridão como um pedaço de couro.
2. O grande emblema de Sūrya, inquieto como o vagalhão, que incita os homens à ação, está avançando; para a frente ele rolaria a roda bem-redonda, que Etaśa,[4] atrelado à lança do carro, move.
3. Refulgente do seio das Manhãs aquele com quem os cantores se deleitam ascende. Esse Savitar, Deus, é minha principal alegria e prazer, que não viola[5] o estatuto universal.

---

[1] A bandeira ou o emblema de Sūrya é Sūrya, o que é provavelmente tudo o que Sāyaṇa quer dizer quando afirma que temos aqui uma mudança arbitrária de caso, e que em vez de *sūryasya* devemos ter *sūryah* no nominativo.
[2] ['Sūrya é descrito como movendo-se em um carro, que é às vezes é dito ser puxado por um e às vezes por vários, ou sete, cavalos ou éguas avermelhadas'. – Muir, *O. S. Texts*, V, 156].
[3] [Igual ao último verso do hino anterior].
[4] Ou, o corcel brilhante ou malhado; um dos cavalos do Sol.
[5] Cumpre e mantém fielmente.

4. Dourado, que enxerga longe, do céu ele se ergue; distante está sua meta, ele se apressa adiante resplandecente. Os homens, de fato, inspirados por Sūrya correm para seus objetivos e fazem o trabalho atribuído a eles.
5. Onde os Imortais preparam seu caminho ele voa pela região como um falcão. Com homenagem e oblações vamos servi-los, ó Mitra-Varuṇa, quando o Sol nascer.
6. Agora, Mitra, Varuṇa e Aryaman, nos concedam liberdade e espaço, para nós e para nossos filhos. Que encontremos caminhos todos belos e bons para percorrer. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 64 (Griffith)

---

579 - Hino 63. Mitra-Varuṇa (Macdonell)[6]

1. Para o alto se ergue o genial Sol onividente, comum a todos os homens, o olho de Mitra e Varuṇa, o deus que enrolou a escuridão como uma pele.[7]
2. Para o alto se ergue o incitador das pessoas, a grande bandeira ondeante do Sol, desejando girar para cá a roda[8] universal, que Etaśa,[9] atrelado à lança, puxa.
3. Resplandecente ele se levanta do colo das auroras, recebido com alegria pelos cantores. Ele me pareceu o deus Savitṛ que não viola a lei uniforme.
4. A joia dourada do céu que vê longe se ergue, cuja meta é distante,[10] correndo adiante, brilhando. Agora que os homens, despertados pelo Sol, cheguem às suas metas e realizem os seus trabalhos.
5. Visto que os imortais fizeram um caminho para ele,[11] como uma águia voando ele segue seu caminho. Para vocês dois, quando o sol nasce, nós prestamos culto com adorações, ó Mitra e Varuṇa, e com oferendas.
6. Agora que Varuṇa, Mitra e Aryaman concedam amplo espaço para nós e para nossa prole. Que todos os nossos caminhos sejam belos e fáceis de percorrer. Protejam-nos sempre com suas bênçãos.[12]

Índice◄►Hino 71 (Macdonell)

---

[6] [*A Vedic Reader for Students*, 1917].
[7] [Isto é, fez recuar].
[8] A única roda do sol, sem dúvida, com referência à forma do luminar.
[9] O nome do corcel do sol; mas também é dito frequentemente que Sūrya é puxado por sete cavalos.
[10] Sūrya tem muito a percorrer antes de ele chegar ao pôr do sol.
[11] É dito que vários deuses, como Varuṇa, Mitra e Aryaman, fizeram caminhos para o sol (7.60.4).
[12] Essa estrofe final é uma repetição da última estrofe do hino anterior.

580 - Hino 64. Mitra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta IX)

Mitra e Varuṇa são os deuses; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 6. **1**. Governando as águas que estão no céu e na terra, impelidas por vocês, (as nuvens) assumem a forma de chuva;[1] que o manifestado auspiciosamente, Mitra, o nobre Aryaman, o poderoso Varuṇa, aceitem a nossa oblação.

2. Soberanos, poderosos preservadores da água, poderosos senhores dos rios, venham à nossa presença; enviem para nós, magnânimos Mitra e Varuṇa, do firmamento, sustento e chuva.

3. Que Mitra, Varuṇa e o divino Aryaman nos conduzam pelos caminhos mais viáveis, então, (quando desejarmos a sua orientação), conforme Aryaman promete ao doador generoso (de oblações), que nós, desfrutando da proteção dos deuses, nos regozijemos em abundância, junto com posteridade.[2]

4. Mitra e Varuṇa, orvalhem com água aquele que fabrica a sua carruagem em sua mente, oferecendo grande louvor, e confirmando-o (por sacrifício); tornem, (deuses) soberanos, as pessoas bem-dispostas para com ele.

5. Varuṇa e Mitra, esse louvor, puro como a libação de Soma, foi oferecido a vocês, e também, Aryaman, (a ti);[3] protejam nossos ritos; estejam cientes dos nossos louvores, e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 65 (Wilson)

---

[1] Compelidas por vocês as nuvens dão as formas de água; ou, de acordo com outra explicação, *ghṛta* mantém seu sentido comum, as formas de manteiga, isto é, oblações, são dadas a vocês.

[2] Com alimentos nos regozijemos, junto com posteridade, subentendida.

[3] O texto tem *vāyave;* é dito que Vāyu é um sinônimo de Aryaman.

580 - Hino 64. Mitra-Varuṇa (Griffith)

1. Vocês dois que governam, no céu e na terra, a região, que as suas nuvens estejam vestidas[4] em mantos de óleo e gordura. Que o imperial Varuṇa, e Mitra, e o bem-nascido Aryaman aceitem os nossos presentes.
2. Reis, guardas da Ordem eterna poderosa, venham para cá, ó Príncipes, Senhores dos Rios. Enviem-nos do céu, ó Varuṇa e Mitra, chuva e alimento doce, vocês que derramam suas bênçãos.[5]
3. Que o Deus querido e Varuṇa e Mitra nos conduzam pelos caminhos mais eficazes, para que os inimigos possam dizer para Sudās nosso comandante: Que nós possamos, também, nos alegrar com alimentos com Deuses para nos guardarem.[6]
4. Àquele que fez para vocês este carro[7] em espírito, que faz a canção se erguer para o alto e a sustenta,[8] orvalhem com gordura,[9] Varuṇa e Mitra; ó Reis, alegrem as residências agradáveis.
5. Para vocês esse louvor, ó Varuṇa e Mitra, é oferecido como suco Soma brilhante para Vāyu.[10] Favoreçam os nossos cânticos de louvor, despertem o pensamento e o espírito. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 65 (Griffith)

---

[4] 'Um cobertora nuvem de óleo sagrado os acompanha'. (5.62.4). 'Impelidas por vocês, (as nuvens) assumem a forma de chuva'. – Wilson.
[5] ["'Mitra e Varuṇa, ó dois reis, protetores do grande cerimonial, fortes senhores do mar (ou dos rios) venham aqui; enviem-nos alimentos e chuva do céu', etc. A *Taittirīya Saṃhitā,* 6.4.3.3, diz: 'Mitra e Varuṇa são os líderes das águas". – Muir, *O. S. Texts,* V, 73].
[6] A segunda metade da estrofe é obscura. O significado parece ser que até os nossos inimigos, os ímpios que não oferecem sacrifícios, terão inveja da prosperidade que nós desfrutamos pela generosidade de Sudās, e desejarão seguir o nosso exemplo, sacrificar aos Deuses e desfrutar da proteção deles e das bênçãos que eles enviam.
[7] Este hino formado cuidadosamente que vai, como uma carruagem, até os Deuses.
[8] ['Que aquele que com sua mente moldou para vocês (Mitra e Varuṇa) este carro, faça e mantenha o hino grandioso'. – Muir, *O. S. Texts*, III, 236].
[9] [Fartura, abundância].
[10] Que recebe a primeira dose de suco Soma na libação da manhã.

581 - Hino 65. Mitra e Varuṇa (Wilson)[1]

(Sūkta X)

Deuses e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 7. **1**. Quando o sol nasceu, eu invoco Mitra e você, Varuṇa, de vigor puro, cujo poder imperecível e superior é triunfante no conflito abarrotado sobre todos os inimigos.
2. Eles são realmente os poderosos entre os deuses; eles são soberanos; eles concedem a nós uma posteridade numerosa; que possamos obter vocês, Mitra e Varuṇa, seja na terra ou no céu, e onde quer que os dias (passantes) possam nos preservar.
3. Vocês são portadores de muitos grilhões, barreiras contra os irreligiosos, invencíveis por mortais hostis; que possamos atravessar todos os perigos, Mitra e Varuṇa, pelo caminho do sacrifício, até vocês, como (atravessamos) a água por meio de um barco.
4. Venham, Mitra e Varuṇa, para a nossa oblação oferecida; polvilhem o nosso lugar de sacrifício com água e com iguarias; (quem) neste mundo (pode) oferecer a vocês (tais doações) excelentes para que vocês possam (assim ser induzidos a) satisfazer a humanidade com água celeste e bela?[2]
5. Varuṇa e Mitra, este louvor, puro como a libação de Soma, foi oferecido a vocês, e também, Aryaman, (a ti); protejam nossos ritos; estejam cientes dos nossos louvores, e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.[3]

Índice◄►Hino 66 (Wilson)

---

581 - Hino 65. Mitra-Varuṇa (Griffith)[4]

1. Com hinos eu os chamo, quando o Sol surgiu, Mitra e Varuṇa, cujos pensamentos são santos, cujo[5] Poder Divino,[6] supremo e eterno, vem com boa atenção à súplica de cada homem.
2. Pois eles são Asuras dos Deuses,[7] os amigáveis; tornem, vocês dois, as nossas terras extremamente produtivas. Que possamos obtê-los, Varuṇa e Mitra, onde quer que o Céu e a Terra e os dias nos abençoem.
3. Grilhões[8] do pecador, eles carregam muitos laços;[9] o mortal perverso dificilmente pode escapar deles. Varuṇa-Mitra, que o seu caminho da Ordem nos leve sobre as dificuldades como um barco sobre as águas.
4. Venham provar a nossa oferenda, Varuṇa e Mitra; orvalhem o nosso pasto com alimento doce e gordura. Derramam em abundância aqui sobre as pessoas a mais seleta da sua bela água celeste.

---

[1] ['O hino parece ser composto de fragmentos de outros hinos com poucas adições originais. Compare com 7.63.5; 7.66.7,12; 6.68.8; 7.62.5, 3.61.16. Veja von Brake, *Dyaus Asura*, 3-5'. – Griffith].
[2] Essa passagem é expressa de forma muito obscura, embora o sentido possa ser adivinhado com a ajuda do escoliasta.
[3] [Igual ao último verso do hino anterior].
[4] [Veja a nota 1].
[5] Isso se refere a Mitra e Varuṇa.
[6] *Asuryam:* condição de Asura.
[7] Os Deuses supremos ou soberanos de todas as divindades.
[8] Amarradores.
[9] 'Suas artimanhas, ó Santos, para suprimir os opressores, suas armadilhas se espalham contra o inimigo, Ādityas', (2.27.16).

5. Para vocês este louvor, ó Varuṇa e Mitra, é oferecido, como suco Soma brilhante para Vāyu. Favoreçam os nossos cânticos de louvor, despertem o pensamento e o espírito. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 66 (Griffith)

---

582 - Hino 66. Mitra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XI)

Os deuses das três primeiras estrofes são Mitra e Varuṇa, da quarta até a décima terceira, os Ādityas,[1] Sūrya é o deus das três próximas,[2] e Mitra e Varuṇa são novamente os deuses dos últimos três versos; a métrica das primeiras nove estrofes é Gāyatrī [organizadas em tṛcas], da décima, décima segunda e décima quarta Bṛhatī, da décima primeira, décima terceira e décima quinta Satobṛhatī [três pragāthas], da décima sexta Purauṣṇih, e Gāyatrī do restante.

Varga 8. **1**. Que este nosso louvor propiciatório, acompanhado por oblações, vá até vocês, Mitra e Varuṇa, de manifestações reiteradas.[3]
2. Vocês a quem os deuses mantêm para o fortalecimento deles, ambos poderosos, senhores da força e esplendor extenso.
3. Protetores das nossas casas, protetores dos nossos corpos, Mitra e Varuṇa, aperfeiçoem os ritos dos seus adoradores.

4. Que Mitra, o destruidor do pecado, Aryaman, Savitṛ, Bhaga, concedam (a nós) hoje ao nascer do sol aquilo (pelo qual rezamos).[4]
5. Que a nossa residência seja bem protegida, deuses generosos, em sua partida, vocês que nos purificam do pecado;
Varga 9. **6**. E que são soberanos sobre todos, e, com Aditi, presidem essa cerimônia desobstruída e notável.[5]

7. Eu os glorifico, Mitra e Varuṇa, e Aryaman, o consumidor de inimigos quando o sol nasce.
8. Que esse louvor (seja eficaz) para força desimpedida, junto com tesouro de ouro; que ele (seja eficaz), sábios, para a realização d(os objetivos d)o sacrifício.
9. Que nós sejamos teus, divino Varuṇa; que nós, juntamente com adoradores piedosos, sejamos, Mitra, teus; que possamos obter alimentos e água.[6]

10. Diversos, radiantes como o sol, de língua de Agni, aumentadores de sacrifício, vocês que limitaram os três sacrifícios universais com ritos abrangentes;[7]

---

[1] ['Ou então Savitṛ, Aditi, Mitra, Varuṇa, Aryaman, Bhaga'. – *Bṛhaddevatā].*
[2] ["(Em) 'Aquele olho' (*tac cakṣuḥ;* 7.66.16) o olho (do sol) é cantado como a divindade". – *Bṛhaddevatā].*
[3] Nascidos repetidamente, como presidindo o dia e a noite pode-se dizer que eles se manifestam repetidamente em sucessão diária.
[4] *Sāma-Veda,* II.701 [2.6.1.2.1]; *Yajur-Veda [VS],* 33.20.
[5] [Esse e o anterior ocorrem no *Sāma*, 2.6.1.2.2-3].
Uta svarājo aditir adabdhasya vratasya ye, maho rājāna īśate; o lugar de Aditi, é bastante duvidoso, porque o texto não tem copulativo; o comentador propõe, como uma leitura: *Aditis teṣām mātā*, deles Aditi é a mãe, ou a que se segue, *Mitrādayo aditisca*, Mitra e o resto e Aditi.
[6] Que possamos manter água e comida; esse e os dois versos precedentes formam um *tṛca* [terceto], para ser repetido no sacrifício matinal; eles ocorrem também no *Sāma-Veda,* II.417-419 [2.4.1.8.1-3].
[7] *Trīṇi ye yemur vidathāni dhītibhir viśvāni paribhūtibhiḥ* é explicado: que dão os três lugares espalhados, a terra e o resto, com atos de superação; não é muito claro o que se pretende, talvez simplesmente dizer que Mitra e o resto são adorados como os objetos de três ritos, com cerimônias definidas ou em épocas definidas.

Varga 10. **11**. Que estabeleceram o ano, e então o mês e o dia, o sacrifício, a noite, e o texto sagrado,[8] eles, os deuses régios, Varuṇa, Mitra, Aryaman, desfrutam de poder inigualável.

12. Portanto, hoje ao nascer do sol nós lhes pedimos com hinos pela (riqueza), que, Varuṇa, Mitra, Aryaman, portadores de água, vocês carregam.
13. Aceitantes de ritos, gerados por ritos, aumentadores de ritos, inimigos ferozes dos que negligenciam os ritos, que nós, bem como aqueles homens que são seus adoradores, estejamos n(o gozo d)a maior felicidade, todos confirmados por vocês.[9]

14. Aquele belo orbe (do sol) se ergue na margem próxima do céu conforme o (corcel) veloz, divino e branco o leva adiante para que todos os homens o vejam.
15. Os sete corcéis deslizantes transportam o sol, o senhor de cada coisa individual móvel ou fixa,[10] percorrendo o mundo inteiro em sua carruagem para o bem (de todos).

Varga 11. **16**. Aquele olho puro (do universo), benéfico para os deuses, se ergue; que nós o vejamos por cem anos, que possamos viver cem anos.[11]

17. Invencíveis, resplandecentes Varuṇa e Mitra, (induzidos) pelos nossos louvores, venham beber o suco Soma.
18. Bondosos Mitra e Varuṇa, destruidores de inimigos, venham do céu com suas glórias, e bebam o suco Soma.
19. Venham, Mitra e Varuṇa, líderes de ritos, propiciados pela oblação, e bebam o Soma, aumentadores do rito sagrado.

Índice◄►Hino 67 (Wilson)

582 - Hino 66. Mitra-Varuṇa (Griffith)

1. Que o nosso forte hino de louvor vá, o louvor de Mitra-Varuṇa,
Com homenagem àquele par de nascimento nobre;
2. Os Dois extremamente sábios, os Filhos de Dakṣa,[12] a quem os Deuses ordenaram
Para domínio,[13] excelentemente grandiosos.[14]
3. Assim, Guardiões dos nossos lares e de nós, ó Mitra-Varuṇa, realizem
Os pensamentos daqueles que cantam o seu louvor.

4. Então, quando o Sol surgir hoje, que os impecáveis[15] Mitra, Aryaman,
Bhaga, e Savitar nos incitem adiante.

---

[8] ['O Ṛc'. Veja a nota 19].
[9] Daqueles de vocês na opulência mais bem-aventurada, ou em alegria, unidos com uma residência muitíssimo encantadora.
[10] *Śīrṣṇaḥ-śīrṣṇo jagatas tasthuṣaspatiṃ*, o senhor de cabeça por cabeça fixa e móvel; o comentador aparentemente conectaria *śiras* com os cavalos do sol, o ablativo ou genitivo sendo colocado em lugar do instrumental: eles carregam o sol pela própria cabeça dele; ou a cabeça, diz ele, pode significar o ser com uma cabeça, isto é, o conjunto de tais objetos, ou o melhor de todos; ele parece um tanto confuso; isso provavelmente significa apenas cada um ou individual.
[11] *Yajur-Veda [VS],* 36.24, que acrescenta: que possamos ouvir, que possamos falar, que sejamos independentes por cem anos ou mais.
['O professor Śaunaka declarou que a estrofe 7.66.16 é uma oração'. – *Bṛhaddevatā].*
[12] [Ou 'possuidores de poderes']. Veja 6.50.2.
[13] Literalmente, para a posição de Asuras.
[14] ['Os deuses estabeleceram para exercer governo divino'. – Muir, *O. S. Texts*, V, 51].
[15] Sāyaṇa aqui, como em 7.60.1, faz de *anāgāḥ* = *anāgasaḥ*, de modo que, de acordo com a sua interpretação, a tradução seria: que Savitar, Mitra, Aryaman e Bhaga nos incitem impecáveis adiante.

5. Que essa nossa casa seja bem protegida; incentivem, ó Generosos, no caminho,
Que nos leva com segurança para além do infortúnio.
6. E aqueles Autorreinantes, Aditi,[16] cujo estatuto é inviolável,
Os Reis que governam um vasto domínio.

7. Logo que o sol surge, para vocês, para Mitra-Varuṇa, eu canto,
E Aryaman que mata o inimigo.
8. Com riqueza de ouro que essa minha canção traga força e poder imperturbados,
E, Brahmans, ganhe o sacrifício.[17]
9. Que sejamos teus, Deus Varuṇa, e, com os nossos príncipes, Mitra, teus.
Alimentos e a luz do céu nós obteremos.

10. Muitos são aqueles que fortalecem a Lei, de olhos de Sol, com Agni como sua língua, eles que dirigem as três grandes reuniões[18] com seus pensamentos, de fato, todas as coisas com poder insuperável.
11. Eles que estabeleceram o ano e o mês e então o dia, a noite, o sacrifício e o verso sagrado, Varuṇa, Mitra, Aryaman, os reis, ganharam o domínio que ninguém mais pode ganhar.[19]

12. Então ao nascer do Sol nós pensamos em vocês com hinos hoje,
Assim como Varuṇa, Mitra e Aryaman merecem; vocês são os aurigas da Lei.
13. Fieis à Lei, nascidos na Lei, os fortalecedores da Lei, terríveis, os que odeiam os falsos, em sua felicidade que dá a melhor defesa que nós homens e nossos príncipes vivamos.

14. Ascende, na encosta do céu, aquele prodígio que atrai a vista,
Conforme o veloz celeste Etaśa o carrega, preparado para todos os olhos verem.
15. Senhor de cada cabeça individual, das coisas fixas e móveis, igualmente por todo o espaço, as Sete Baias irmãs[20] levam Sūrya em seu carro, para nos trazer riqueza e felicidade.

16. Por cem outonos que vejamos aquele Olho brilhante, ordenado pelos Deuses, surgir; que vivamos por cem outonos.

17. Infalíveis por sua sabedoria, venham aqui, resplandecentes Varuṇa
E Mitra, para a dose de Soma.
18. Venham como as leis do Céu ordenam,[21] Varuṇa, Mitra, livres de engano;
Aproximem-se e bebam o suco Soma.
19. Venham, Mitra, Varuṇa, aceitem, Heróis, o nosso presente sacrifical:
Bebam Soma, vocês que fortalecem a Lei.

Índice◄►Hino 67 (Griffith)

---

[16] Aditi está fora de lugar aqui, porque não há copulativo no texto; 'cuja mãe é Aditi' parece ser pretendido.
[17] O sentido exato é incerto. [Veja a versão por Wilson].
[18] Ou três assembleias. O sentido não está claro. Ludwig crê que as três castas são aludidas. [Mas isso pode se referir também às três divisões do ritual, ou três espremeduras de Soma, ou às três divisões do mundo (terra, ar e céu)].
[19] O significado das estrofes 10 e 11 é que, embora haja muitos deuses, Varuṇa, Mitra e Aryaman são supremos.
[Muir traduz: 'Os reis, Varuṇa, Mitra e Aryaman, que fizeram o outono, o mês, e então o dia, o sacrifício, a noite, e então o Ṛc, possuem um poder inigualável'. – *O. S. Texts*, III, 266].
[20] As Harits. Veja 4.6.9; 4.13.3.
[21] 'Venham com suas glórias do céu'. – Sāyaṇa. 'Venham aqui com as hostes do céu'. – Grassmann.

583 - Hino 67. Aśvins (Wilson)

(Sūkta XII)

Os deuses são os Aśvins; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 12. **1**. Senhores dos homens, (eu me aproximo) para adorar a sua carruagem com louvor devotado e oblação, eu me dirijo a ela como se ela fosse um mensageiro para despertá-los, deuses adoráveis, como um filho (se dirige) aos pais.
2. Aceso por nós, Agni resplandece, as extremidades da escuridão são vistas bem perto, a bandeira (do sol)[1] é vista erguendo-se com glória[2] ao leste da aurora, a filha do céu.
3. De fato, Aśvins, o sacerdote piedoso repetindo (seus louvores) os glorifica, Nāsatyas, com hinos; venham, portanto, por caminhos anteriormente trilhados à nossa presença com sua carruagem, familiarizada com o céu, carregada de tesouros.
4. Confiando em vocês, Aśvins, como protetores, desejosos de riqueza, Mādhvīs,[3] eu os invoco quando o Soma é derramado; que os seus cavalos fortes tragam vocês (aqui); bebam os sucos doces derramados por nós.
5. Divinos Aśvins, tornem a minha adoração sincera e imperturbada, oferecida por causa de riquezas, (eficaz) para a sua aquisição; preservem todas as minhas faculdades na (hora da batalha); protetores dos atos piedosos, (influenciados) pelos nossos atos, concedam-nos (riqueza).
Varga 13. **6**. Protejam-nos, Aśvins, nesses atos piedosos, que o nosso poder de procriação não falhe; mas (pela sua graça) possuindo filhos e netos, distribuindo riquezas desejadas e desfrutando de grande prosperidade, que possamos realizar a adoração dos deuses.
7. Este tesouro dado por nós foi colocado, Mādhvīs, diante de vocês, como (um enviado) que chegou à presença (de um príncipe) para (conquistar a sua) amizade; venham à nossa presença com pensamentos benevolentes, aceitando as oblações oferecidas entre os seres humanos.[4]
8. Nutridores de todos, o carro de vocês dois, que estão associados em um propósito em comum, percorre os sete (rios) correntes; os cavalos excelentes atrelados pelos deuses, que os levam rapidamente, correndo no carro,[5] nunca se cansam.
9. Sejam propícios àqueles que são afluentes (em oblações), que oferecem a riqueza que deve ser oferecida por causa de riquezas; aqueles que incentivam um parente[6] com elogios amáveis, distribuindo abundância de gado e de cavalos.
10. Aśvins sempre jovens, ouçam hoje a minha invocação; venham, Aśvins, para a residência onde a oblação é preparada; concedam riqueza (ao ofertante); elevem o adorador; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

---

[1] "O texto tem *ketu*, que Sāyaṇa interpreta como 'o sol', literalmente, 'aquele que revela tudo'". – Goldstücker.
[Daqui até o hino 76 estão incluídas algumas notas que o Dr. Goldstücker escreveu a pedido do Dr. Ballantyne. Veja o Prefácio].
[2] "*Śriye;* talvez, 'por causa de glória'". – Id.
[3] ["'Os dois doces', nome dos Aśvins". – Monier-Williams; Griffith traduz: 'Amantes de Doçura'. 'Amantes de mel' (7.71.2). – Macdonell].
[4] "Sāyaṇa explica: 'Este (Soma) aqui, dado por nós, foi colocado, Mādhvīs, diante de vocês, na sala do (isto é, como se fosse um) tesouro, como (um enviado) que antecede (o seu mestre), para obter a amizade (de seu anfitrião)'". – Goldstücker.
[5] "Sāyaṇa entende que 'atrelados pelos deuses' significa 'atrelados por vocês, os seres divinos'; e *ye vām dhūḥsu taraṇayo vahanti,* traduzido pelo professor Wilson como 'que os levam rapidamente, correndo no carro', ele traduz literalmente: 'que os levam rapidamente nas lanças do carro'". – Goldstücker.
[6] É dito que *bandhu* também significa o Adhvaryu, ou sacerdote ministrante, a quem alguém vincula por uma recompensa.

Índice◄►Hino 68 (Wilson)

---

583 - Hino 67. Aśvins (Griffith)

1. Eu com um coração santo que traz oblação cantarei louvores para encontrar o seu carro, ó Príncipes, que, desejados por muitos![7] despertou como seu enviado. Eu os chamo aqui como um filho [chama] os pais.
2. Brilhantemente Agni resplandeceu aceso por nós; os limites da própria escuridão eram visíveis. Ao Leste é vista a Bandeira da Manhã, a bandeira nascida para dar a glória da Filha do Céu.[8]
3. Com hinos o sacerdote hábil está perto de vocês, Aśvins, o sacerdote eloquente os acompanha agora, Nāsatyas.[9] Venham pelos caminhos que vocês estão acostumados a percorrer, no carro que encontra a luz, carregado com tesouros.
4. Quando, suplicante por seu auxílio, Amantes de Doçura! eu buscando riqueza os chamo para a nossa libação, para cá que os seus cavalos vigorosos os tragam; bebam conosco os sucos Soma bem espremidos.
5. Promovam, Aśvins, Deuses, para a sua realização a minha prece incansável que pede por riquezas. Concedam a todos nós espírito forte no combate, e com os seus poderes, ó Senhores do Poder, nos ajudem.
6. Favoreçam-nos nessas nossas preces, ó Aśvins. Que tenhamos vigor procriador, [que] nunca nos falte. Então que nós, fortes em filhos e descendentes, sigamos, ricos, para o banquete que espera por vocês.
7. Amantes de Doçura, nós trouxemos este tesouro para vocês como se fosse um emissário enviado em busca de amizade. Venham a nós com espíritos livres de raiva, desfrutando da nossa oblação nos lares dos homens.
8. Com uma única intenção, ó movedores velozes, sobre os Sete Rios o seu carro viajou. Atrelados à lança pelos Deuses, os seus corcéis fortes nunca se cansam enquanto acelerando adiante eles os transportam.
9. Que seja inesgotável a sua recompensa para os nossos príncipes, que com sua riqueza incitam a doação de riquezas,[10] que promovem amizade[11] com suas naturezas nobres, combinando abundância em vacas com abundância em cavalos.
10. Agora ouve, ó Par Jovem, a minha invocação; venham, Aśvins, para a casa onde há alimento em abundância. Concedam-nos riqueza, honrem aos nossos nobres. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 68 (Griffith)

---

[7] 'Adoráveis'. – Wilson.
[8] ['Agni, sendo aceso, brilhou sobre nós; mesmo as mais remotas extremidades da escuridão foram vistas; a luz na frente de Uṣas, a filha do céu, foi percebida, surgindo para a iluminação (de todas as coisas)'. – Muir, *O. S. Texts,* V, 238].
[9] ['Agora, Aśvins, o sacerdote os invoca com seus hinos', etc. – *Id.*].
[10] Incitam os Deuses a darem riquezas em retribuição.
[11] Ou, um parente, significando, aparentemente, o sacerdote.

584 - Hino 68. Aśvins (Wilson)

(Sūkta XIII)

Os deuses como antes; a métrica das primeiras sete estrofes é Virāj, e das duas últimas é Triṣṭubh.

Varga 14. **1**. Aśvins ilustres, senhores de belos cavalos, venham para cá, propiciados, Dasras, pelos louvores do seu adorador, e compartilhem das nossas oferendas consagradas.
2. As iguarias estimulantes foram preparadas para vocês; venham rapidamente compartilhar da minha oblação; desconsiderando as invocações de um adversário, ouçam a nossa.
3. A sua carruagem, Aśvins, na qual vocês viajam com Sūryā, se apressa em direção a nós por nossa solicitação, atravessando as regiões tão rápida quanto o pensamento, e carregada com cem bênçãos.
4. Quando a pedra, visando propiciar vocês dois deuses, é erguida no alto, e ressoa ruidosamente, espremendo para vocês o suco Soma, então o devoto piedoso os traz de volta, belos deuses, por meio de suas oblações.
5. Maravilhosa, realmente, é a riqueza que é sua; vocês libertaram Atri da caverna,[1] que é querido para vocês, e desfruta da sua proteção.
Varga 15. **6**. Tal era a sua benevolência, Aśvins, para com Cyavāna, que louvava e oferecia oblações, que em retribuição vocês salvaram o seu corpo da morte.[2]
7. Quando amigos infiéis tinham abandonado Bhujyu[3] no meio do oceano, vocês o levaram para a costa, [que era] devotado a [vocês] e confiava em vocês.
8. Vocês realizaram (os desejos) de Vṛka,[4] exausto por suas devoções; quando chamados vocês ouviram Śayu; vocês são os que encheram (de leite) a vaca estéril como (um rio) com água; vocês (a dotaram) de força, Aśvins, por suas ações.
9. Este seu adorador devotado, acordando antes do amanhecer, os louva com hinos; o alimentem com comida, e que a vaca (o nutra) com seu leite; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 69 (Wilson)

---

[1] *Nyatraye mahiṣvantaṃ yuyotam*, vocês separaram o *mahiṣvat* de Atri; a escoliasta considera *mahiṣvat* como um sinônimo de *ṛbīsa* [abismo, fenda (na terra da qual vapores se erguem)], que ocorreu antes; essa está entre as 134 palavras no final do *Nighaṇṭu* do *Nirukta* dais quais não há explicação; mas em 1.116.8 *ṛbīse* é explicada como uma casa sombria de instrumentos de tortura. Sāyaṇa em outro lugar a considera equivalente a *agni*, ou melhor, *tuṣāgni*, ou fogo de palha, como ele explica no Sūkta seguinte, 7.71.5. Embora a palavra não ocorra, o incidente é mencionado mais de uma vez no primeiro *Maṇḍala*, 112.7, onde o comentário diz que Atri foi jogado em uma sala de máquinas de cem portas, onde ele foi assado; e novamente, em 1.118.7, a mesma explicação ocorre: vocês extinguiram com água fria o fogo de palha pelo qual Atri foi queimado quando jogado na casa de máquinas de tortura com cem portas. Uma referência é feita ao *Maṇḍala* 10.39.9.

[2] "Sāyaṇa parece entender esse verso obscuro de modo um pouco diferente: 'Cyavāna, louvando-os, Aśvins, e oferecendo oblações (a vocês), voltou (para recuperar seu corpo, isto é, sua juventude), que vocês lhe concederam, para que ele pudesse escapar daqui (ou seja, da morte)'". – Goldstücker.

[3] Veja 1.112.6,20 e 1.116.3 [e 1.119.8].

[4] O comentador parece bastante incerto quanto a Vṛka, que geralmente significa maligno ou ímpio; pode significar, ele diz, uma pessoa.

584 - Hino 68. Aśvins (Griffith)

1. Venham, Aśvins radiantes, com seus cavalos nobres; aceitem os hinos do seu servo, ó Taumaturgos; desfrutem das oblações que trazemos para saudá-los.
2. Os sucos que alegram se encontram preparados diante de vocês; venham rapidamente e compartilhem da minha oblação. Ignorem o chamado do nosso inimigo e nos ouçam.
3. A sua carruagem com cem auxílios, ó Aśvins, os conduz rápida como o pensamento por todas as regiões, acelerando em direção a nós, ó vocês cuja riqueza é Sūryā.[5]
4. Quando esta sua pedra, adoradora dos Deuses,[6] erguida, ressoa para vocês como espremedora de Soma, que o sacerdote[7] os traga, Formosos, através de oblações.
5. A nutrição que vocês têm é, realmente, extraordinária; vocês deram dela um estoque vivificante[8] para Atri, que, sendo estimado por vocês, recebe a sua graça.
6. Aquele presente, que todos podem ganhar,[9] vocês deram a Cyavāna, quando ele envelheceu, que lhes oferecia oblações, quando vocês lhe concederam beleza duradoura.
7. Quando seus[10] amigos perversos abandonaram Bhujyu,[11] ó Aśvins, no meio do oceano, seu cavalo[12] libertou a ele, seu servo fiel.
8. Vocês deram sua ajuda a Vṛka[13] quando exausto, e ouviram quando invocados o chamado de Śayu.[14] Vocês fizeram a vaca derramar seu leite como água, e, Aśvins, fortaleceram a estéril com sua força.
9. Com seus belos hinos este cantor,[15] também, os glorifica, acordando com pensamentos alegres no começo da manhã. Que a vaca[16] o nutra com leite para alimentá-lo. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 69 (Griffith)

---

[5] Que têm Sūryā como sua posse ou tesouro, Sūryā, a filha do Sol, é a consorte dos Aśvins. Veja 1.116.17.
[6] *Devayāḥ*, literalmente, que se volta ou vai para os Deuses, visto que ela é usada para preparar o suco Soma.
[7] Aqui, talvez, a pedra de espremer.
[8] O significado de *mahiṣvantaṃ*, que não ocorre em outro lugar, é incerto. Segundo Sāyaṇa significa cova ou caverna: vocês libertaram Atri da caverna, ou, literalmente, vocês separaram a caverna de Atri. Para a lenda, veja 1.116.12.
[9] Que vocês Aśvins estão dispostos a conceder a todo adorador que precise. Para a história de Cyavāna veja 1.116.10; 117.13; 118.6.
[10] [De Bhujyu].
[11] [Os 'companheiros traiçoeiros' de Bhujyu incluíam seu pai, Tugra, que o deixou para trás (1.116.3, 119.8), mas que acabou ajudando a salvá-lo].
[12] Esse significado é sugerido por von Roth para a palavra incerta *arāvā*, que geralmente parece significar hostil ou mesquinho, mas pode talvez nessa passagem significar *arvā*, uma palavra comum que quer dizer cavalo. Veja 1.117.14: 'com cavalos marrons que voavam com asas rápidas vocês trouxeram de volta Bhujyu do mar de ondas'. Veja também 7.69.7.
[13] Literalmente lobo, ou ladrão. Algum homem assim chamado pode ser aludido.
[14] Veja 1.118.8; 6.13.5.
[15] O Ṛṣi Vasiṣṭha.
[16] Que é trazida para fornecer o leite necessário para libações.

584 - Hino 68. Aśvins (Peterson)

1. Ó Dois Cavaleiros[17] brilhantes, venham aqui em seus belos corcéis, recebam, ó extraordinários, a prece do seu servo, e comam a oblação que nós trouxemos.
2. A planta que enlouquece[18] está pronta para vocês; levantem-se e venham comer da minha oblação; através dos gritos do inimigo ouçam o nosso.
3. A sua carruagem está avançando como o vento; através dos mundos, ó Cavaleiros, trazendo-nos auxílio centuplicado; vindo até nós, ó noivos de Sūryā.[19]
4. Quando a pedra sagrada ergue sua voz, e os chama, quando ela espreme Soma para vocês, então, ó belos Cavaleiros, que o sacerdote os atraia para cá por meio de suas oferendas.
5. Há rica nutrição com vocês, da qual vocês dão livremente para Atri que desfruta da sua proteção sendo querido para vocês.
6. Este também foi seu feito, ó Cavaleiros, quando vocês voltaram ao idoso Cyavāna e lhe deram um corpo para servi-lo daquele tempo em diante.
7. Seu cavalo libertou Bhujyu quando seus companheiros traiçoeiros o tinham abandonado em meio ao mar.
8. Vocês deram força para Vṛka quando ele estava cansado, vocês ouviram Śayu quando ele os chamou; vocês encheram de leite a vaca como um rio, e deram força à estéril, ó Aśvins.
9. Acordando de manhã cedo eu também os louvo com canções seletas, profundamente alegre; que a vaca me dê alimento e bebida – e que vocês deuses sempre nos protejam com sua bênção.

Índice◄►Hino 75 (Peterson)

---

[17] Os Aśvins.
[18] A planta Soma.
[19] A deusa do Sol.

585 - Hino 69. Aśvins (Wilson)

(Sūkta XIV)

Os deuses como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 16. **1**. Que a sua carruagem dourada, puxada por seus cavalos vigorosos, bloqueando o céu e a terra, venha a nós, seguindo a trilha das águas, radiante com rodas (brilhantes), carregada de iguarias, a protetora dos homens, o recipiente de alimentos.
2. Famosa entre as cinco ordens de seres, equipada com três bancos,[1] atrelada pela vontade,[2] que ela venha para cá; aquele (veículo) com o qual vocês se dirigem até os devotos mortais, direcionando o seu curso, Aśvins, para onde quer que [seja].
3. De bons cavalos e célebres, venham, Aśvins, à nossa presença; bebam, Dasras, o penhor doce; o seu carro, transportando-os, com sua esposa, sulcam com suas duas rodas[3] as extremidades do céu.
4. A filha de Sūrya escolheu a sua carruagem na aproximação da noite; vocês defendem o adorador devoto por seus atos, quando o alimento (sacrifical) resplandecente vai para vocês para garantir a sua proteção.
5. Viajantes na carruagem, Aśvins, venham para a nossa purificação e bem-estar para este nosso sacrifício, ao amanhecer do dia, com esse carro que está vestido de esplendor, e que, quando atrelado, percorre a sua estrada (designada).
6. Líderes de ritos, como gado (sedento), sequiosos pelo radiante (Soma), se apressem hoje para o nosso sacrifício; em muitas cerimônias os piedosos os propiciam com louvores; não deixem que outros adoradores devotados os detenham.
7. Vocês ergueram Bhujyu, Aśvins, das águas, quando lançado ao mar, levando-o para a margem por seus esforços com seus cavalos imperecíveis, incansáveis, imperturbados.
8. Aśvins sempre jovens, ouçam hoje essa minha invocação; venham, Aśvins, para a casa onde a oblação é preparada, concedam riqueza (ao ofertante), elevem o adorador, e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 70 (Wilson)

---

[1] *Trivandhuraḥ;* compare também com 1.47.2, e 1.183.1.
[2] ["Atrelada pelo pensamento']. "Segundo Sāyaṇa, 'unida pelo nosso louvor'". – Goldstücker.
[3] *Vartanibhyām; vartani* é geralmente traduzida como estrada; aqui ela é explicada como *cakrābhyām*.

585 - Hino 69. Aśvins (Griffith)

1. Que a sua carruagem dourada, puxada por cavalos vigorosos, venha até nós, bloqueando a terra e o céu, brilhante com suas pinas enquanto seu caminho espalha gordura, carregada de alimentos, rica em corcéis, protetora do homem.
2. Que ela se aproxime, atrelada pela vontade, de três assentos, que se estende amplamente sobre os seres quíntuplos,[4] na qual vocês visitam os povos que adoram os Deuses, dirigindo o seu curso para onde vocês quiserem, ó Aśvins.
3. Renomados, com cavalos nobres, venham para cá; bebe, Par Extraordinário, da taça que contém sucos doces. O seu carro no qual sua Esposa[5] está acostumada a viajar marca com seu sulco os confins do céu.
4. Quando a noite estava se transformando no cinza da manhã, a Donzela, filha de Sūrya, escolheu o seu esplendor.[6] Quando com seu poder e força vocês ajudam o piedoso[7] ele sobrevive ao calor por seu auxílio.
5. Ó Conduzidos em Carruagem, este seu carro envolvido em raios de luz vem atrelado à nossa residência. Com ele, ó Aśvins, enquanto a aurora está surgindo, para este nosso sacrifício tragam paz e bênção.
6. Como o gado selvagem sedento pelo relâmpago,[8] Heróis, se aproximem hoje das nossas libações. Os homens os invocam com hinos em muitos lugares, mas não deixem que outros adoradores os detenham.
7. Bhujyu, abandonado no meio do oceano, vocês ergueram da água com seus cavalos,[9] ilesos, alados, que não enfraquecem, destemidos, salvando-o com atos prodigiosos, ó Aśvins.
8. Agora ouve, ó Par Jovem, a minha invocação; venham, Aśvins, para a casa onde a comida é abundante. Concedam-nos riqueza, honrem aos nossos nobres. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 70 (Griffith)

---

[4] *Sarvaprāṇinaḥ*, todos os seres vivos, diz Sāyaṇa.
[5] Sūryā, a filha do Sol.
[6] 1.116.17.
[7] [Atri].
[8] Que precede imediatamente, ou acompanha, a chuva pela qual eles anseiam.
[9] Não no texto, mas supridos por Sāyaṇa e obviamente subentendidos. Veja o hino anterior, nota 12.

586 - Hino 70. Aśvins (Wilson)

(Sūkta XV)

Os deuses e a métrica (Triṣṭubh) [ou Jagatī[1]] como antes.

Varga 17. **1**. Aśvins adorados por todos, venham ao nosso (sacrifício), para aquele local na terra que foi designado como seu, que, como um cavalo veloz de costas largas,[2] os espera, e no qual vocês estão sentados tão firmemente quanto em uma residência.[3]
2. Este louvor excelente, cheirando à comida, os propicia; o jarro foi aquecido na casa do adorador,[4] que, chegando a vocês, enche o mar e os rios (através da chuva que ele obtém), associando-os (no rito), como dois cavalos bem-combinados em uma carruagem.
3. Para quaisquer lugares que vocês possam descer, Aśvins, do céu, seja em meio às plantas propagadas, ou entre os homens, ou repousando no topo das nuvens, sejam os portadores de alimentos para o homem, o doador (da oblação).
4. Visto que, divinos Aśvins, vocês aceitam aquilo que é o mais aceitável nas plantas e nas águas,[5] e aquelas (coisas) que são as mais adequadas para vocês, (as oferendas) dos Ṛṣis, portanto, concedendo a nós amplas riquezas (nos favoreçam) como vocês favoreceram os antigos casais.[6]
5. Aśvins, ouvindo as muitas preces dos Ṛṣis, vocês olham (favoravelmente) para (nós); venham ao sacrifício deste homem, e que a sua graça desejada seja (concedida a) ele.
6. Venham, Nāsatyas, até o excelente Vasiṣṭha, o adorador que, acompanhado dos sacerdotes, está presente, oferecendo oblações e repetindo louvores; essas preces são recitadas para (trazer) vocês (aqui).
7. Essa adoração, Aśvins, esse louvor (é para vocês); sejam satisfeitos, derramadores (de benefícios), por essa louvação; que esses encômios, endereçados a vocês, cheguem até vocês; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 71 (Wilson)

---

[1] [Segundo Gary Holland e alguns tradutores].
[2] *Śuna-pṛṣṭhaḥ* é, diz o comentador, agradável, aprazível, por causa da sua largura.
[3] A comparação é explicada: como um lugar para um solo durável.
[4] *Gharma;* veja 5.30.15, nota. O comentador o conecta com *pravarga, gharma pravargasca*.
[5] Significando, de acordo com o comentador, os bolos de farinha e o suco Soma oferecidos em sacrifício.
[6] Sacrificadores ou instituidores de sacrifícios, os *yajamānas* e suas esposas.

586 - Hino 70. Aśvins (Griffith)

1. Ricos em todas as bênçãos, Aśvins, venham para cá; este lugar[7] na terra é chamado de sua propriedade; como um cavalo forte de costas formosas ele está colocado, sobre o qual, como em um colo, vocês se sentam firmemente.
2. Este louvor muito agradável espera por vocês; na casa do homem a oferenda de bebida[8] foi aquecida, que os traz sobre os mares e os rios, unindo por assim dizer dois cavalos brilhantes bem combinados.
3. Quaisquer que sejam as residências que vocês possuam, ó Aśvins, nos campos dos homens ou nos rios do céu, repousando sobre o cume da montanha, ou trazendo alimento para ele que dá oblação,
4. Deleitem-se, ó Deuses, com plantas e águas quando os Ṛṣis as dão e vocês as acham adequadas para vocês. Enriquecendo-nos com tesouros em abundância vocês têm rememorado gerações anteriores.[9]
5. Aśvins, embora vocês as tenham ouvido muitas vezes antigamente, considerem as muitas preces que os Ṛṣis oferecem. Venham ao homem[10] assim como o coração dele deseja; que nós desfrutemos do seu favor mais agradável.
6. Venham ao sacrifício oferecido a vocês, Nāsatyas, com homens, oblações, e prece devidamente proferida. Venham até Vasiṣṭha como o coração dele deseja, pois para vocês esses hinos sagrados são cantados.
7. Esse é o pensamento, essa é a canção, ó Aśvins; aceitem esse nosso hino, ó Touros, com benevolência. Que essas nossas preces dirigidas a vocês cheguem até vocês. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 71 (Griffith)

---

[7] O altar.
[8] *Gharma*, a libação de leite quente; ou o caldeirão no qual ela é preparada.
[9] Sāyaṇa explica *yugāni* de modo diferente: '(nos favoreçam) como vocês favoreceram os antigos casais (ou seja, os sacrificadores e suas esposas)'. – Wilson.
[10] O instituidor do sacrifício.

587 - Hino 71. Aśvins (Wilson)

(Anuvāka 5. Continuação do Adhyāya 5. Sūkta I)

Os deuses e a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 18. **1**. A noite se retira diante da aurora, a irmã (dos Aśvins); a noite escura deixa o caminho livre para o (sol) radiante; a vocês, que são ricos em cavalos, ricos em gado, nós chamamos dia e noite; mantenham longe de nós os malévolos.
2. Venham até o mortal, o doador (de oblações), trazendo riqueza desejável em seu carro; mantenham longe de nós a fome e a doença; dia e noite, Mādhvīs, nos protejam.
3. Que os seus (cavalos) dóceis e vigorosos tragam aqui a sua carruagem na aurora que se aproxima; conduzam para cá, Aśvins, a sua carruagem brilhante, carregada de riquezas, com seus corcéis concessores de chuva.
4. Com aquele carro, senhores dos homens, que é o seu veículo, que tem três bancos,[1] é carregado de riquezas, e é o precursor do dia, venham, Nāsatyas, até nós; com aquele carro que atravessa (o céu) como sua forma onipenetrante.[2]
5. Vocês libertaram Cyavāna da decadência;[3] vocês montaram Pedu[4] sobre um veloz cavalo de batalha; vocês livraram Atri[5] da tortura e da escuridão; vocês recolocaram Jāhuṣa[6] em seu reino rebelde.
6. Essa adoração, Aśvins, esse louvor (é para vocês); sejam satisfeitos, derramadores (de benefícios), por essa louvação; que esses encômios, endereçados a vocês, cheguem a vocês; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 72 (Wilson)

---

587 - Hino 71. Aśvins (Griffith)

1. A Noite se afastou da Aurora sua irmã; a Escura cedeu seu caminho para o Vermelho.[7] Vamos invocar vocês ricos em cavalos e gado; de dia e de noite mantenham a seta[8] longe de nós.
2. Trazendo rico tesouro em seu carro, ó Aśvins, venham até o mortal que oferece oblação. Mantenham longe a penúria e a doença; Amantes de Doçura, nos preservem dia e noite.
3. Que os seus cavalos fortes, buscando felicidade,[9] tragam aqui o seu carro no primeiro rubor da manhã. Com corcéis atrelados pela Lei dirijam para cá, Aśvins, o seu carro cujas rédeas são luz,[10] carregado com tesouro.

---

[1] Veja em 7.69.2, nota 1.
[2] *Abhi yad vāṃ viśvapsnyo jigāti* é explicado [como no texto], ou pode significar: visto que Vasiṣṭha os louva, *viśvapsnyaḥ* sendo um nome de Vasiṣtha.
"A leitura no comentário parece duvidosa, provavelmente deve ser: 'pois a sua carruagem se aproxima (do mundo) em todas as formas'. Compare com 7.75.6". – Goldstücker.
[3] 1.116.10, "e veja acima, 7.68.6". – Id.
[4] [Veja a nota 18 e também] 1.116.6.
[5] [Veja 7.68.5, nota 1].
[6] Veja 1.116.20.
[7] O Sol. ['A Noite se afasta de sua irmã, a Aurora; a escura abre o caminho para Aruṣa'. – Müller, *Chips,* II, 134].
[8] Da doença e da morte.
[9] Para os homens.
[10] [Ou leves].

4. A carruagem, Príncipes, que os transporta, movendo-se à luz do dia, de assento triplo, cheia de riquezas, com ela mesma venham a nós, Nāsatyas, que carregada com todos os alimentos ela se aproxime de nós.
5. Vocês livraram Cyavāna da velhice e da fraqueza; vocês levaram o corcel de pés velozes para Pedu. Vocês salvaram Atri do perigo e da escuridão, e soltaram para Jāhuṣa os grilhões que o prendiam.[11]
6. Esse é o pensamento, essa é a canção, ó Aśvins; aceitem esse nosso hino, ó Touros, com benevolência. Que essas nossas preces dirigidas a vocês cheguem a vocês. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 72 (Griffith)

---

587 - Hino 71. Aśvins (Macdonell)[12]

1. A Noite corre para longe da Aurora, sua irmã;[13]
A Preta cede um caminho ao deus vermelho.
Nós chamamos vocês dois ricos em vacas e cavalos;
De dia e de noite afastem de nós a seta.[14]

2. Venham ao mortal piedoso trazendo recompensa,
O Aśvins, acelerando para cá com seu carro.
Afastem de nós a doença e a fraqueza.
De dia e de noite, amantes de doçura, nos guardem.[15]

3. Que os seus corcéis auspiciosos girem o seu carro
Em nossa direção agora na aurora que resplandece sobre nós.
Tragam-no, puxado por tirantes[16] e repleto de riquezas.
Para cá com cavalos atrelados pela Ordem,[17] Aśvins.

4. Aquele carro, de três assentos, senhores de homens, que os conduz
Bem carregado com riquezas, sai ao raiar do dia;
Nele, ó Nāsatyas, avancem até nós.
Para que, repleto com toda nutrição, ele possa se aproximar de nós.

5. Uma vez vocês dois livraram Cyavāna da velhice;
Vocês presentearam Pedu[18] com um corcel veloz;
Vocês resgataram Atri da angústia e da escuridão;
O agrilhoado Jāhuṣa vocês colocaram em liberdade.

6. Para vocês esse pensamento, essa canção é oferecida, Aśvins,
Desfrutem desse hino de louvor, ó heróis poderosos.
De nós, essas preces partiram, dirigidas a vocês.

---

[11] O reaparecimento, anunciado pelos Aśvins ou Deuses do Crepúsculo, do Sol falecido parece ser representado em todas essas lendas.
[12] [As notas abaixo provêm de *A Vedic Reader for Students,* p. 130-133].
[13] Noite e Aurora são frequentemente chamadas de irmãs, por ex. '(uma) irmã cedeu seu lugar para a irmã maior' (1.124.8), e os seus nomes são muitas vezes unidos como uma divindade dupla, Naktoṣāsā. O hino começa assim porque os Aśvins são deuses do início da manhã.
[14] A seta da morte e da doença, pois os Aśvins são caracteristicamente curadores e salvadores.
[15] 'Venham ajudar o mortal piedoso, trazendo riquezas em seu carro, ó Aśvins; afastem de nós o langor e a doença, dia e noite, ó amantes de mel, que vocês nos protejam'.
[16] *Correias*.
[17] *Atrelados na devida hora*.
[18] Pedu é mencionado várias vezes como tendo recebido dos Aśvins um corcel veloz, branco e matador de serpentes.

Ó deuses, nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 86 (Macdonell)

---

588 - Hino 72. Aśvins (Wilson)

(Sūkta II)

Os deuses e a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 19. **1**. Venham, Nāsatyas, com sua carruagem doadora de gado, concessora de cavalos, que produz riqueza; todos os louvores[1] se reúnem em volta de vocês, que são resplandecentes com admirável beleza de corpo.
2. Compartilhando em satisfação com os deuses, venham à nossa presença, Nāsatyas, com sua carruagem, pois a amizade (que prevalece) entre vocês e nós vem dos nossos antepassados; um ancestral comum[2] (é nosso); reconheçam sua afinidade.
3. Louvores despertam os Aśvins, adorações relacionadas (os estimulam) e as auroras celestes; o sábio, dirigindo estas louvações aos adoráveis céu e terra, glorifica os Nāsatyas na presença deles.
4. Quando surgem as auroras, seus adoradores, Aśvins, lhes oferecem louvores; o divino Savitṛ lança seus esplendores no alto; os fogos, com seu combustível (aceso), os glorificam muito.
5. Venham, Nāsatyas, do oeste, do leste; (venham), Aśvins, do sul, do norte, venham de todos os lados com riquezas benéficas para as cinco classes de homens; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 73 (Wilson)

---

588 - Hino 72. Aśvins (Griffith)

1. Venham, ó Nāsatyas, em seu carro resplandecente, rico em fartura abundante de vacas e cavalos. Como cavalos arreados, todos os nossos louvores seguem vocês cujas formas brilham com a beleza mais encantadora.
2. Venham com os Deuses associados, venham aqui até nós, Nāsatyas, com seu carro, concordantes. Entre vocês e nós existe amizade ancestral e parentes em comum: recordem e considerem isso.
3. Despertas são as canções que louvam os Aśvins, as preces afins e as Manhãs Celestes. Convidando aqueles que almejamos, Terra e Céu, o cantor chamou esses Nāsatyas para cá.
4. Quando as Auroras irrompem em luz, ó Aśvins, a vocês os poetas oferecem suas devoções. O Deus Savitar enviou seu esplendor para o alto, e os fogos cantam louvores com o combustível aceso.
5. Venham do oeste, venham do leste, Nāsatyas, venham, Aśvins, de baixo e de cima de nós. Tragam riqueza de todos os lados para o Povo Quíntuplo.[3] Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 73 (Griffith)

---

[1] *Viśvā niyutaḥ;* é dito que *niyut* aqui significa *stuti*, louvor.
[2] Vivasvat e Varuṇa eram ambos filhos de Kaśyapa e Aditi; os Ādityas são filhos do primeiro, Vasiṣṭha do último, consequentemente eles são primos de primeiro grau.
[3] As cinco tribos arianas. Veja 1.7.9.

589 - Hino 73. Aśvins (Wilson)

(Sūkta III)

Os deuses e a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 20. **1**. Devotados aos deuses, e cantando o seu louvor, nós cruzamos para a margem oposta desse (estado de) escuridão; o adorador invoca os Aśvins, os fazedores de muitas façanhas, os mais poderosos, os primogênitos, os imortais.
2. O homem que estimado por vocês, Nāsatyas, o invocador dos deuses, tomou seu lugar, ele que oferece culto e repete louvor; aproximem-se, Aśvins, e compartilhem da libação; provido de alimentos, eu me dirijo a vocês em sacrifícios.
3. Louvando (os deuses), nós preparamos o sacrifício para a sua chegada; derramadores (de benefícios), sejam propiciados por este louvor piedoso; despachado como um mensageiro veloz, Vasiṣṭha os desperta, glorificando-os com hinos.
4. Que aqueles dois, os portadores (de oblações), se aproximem do nosso povo, destruidores de Rākṣasas, bem nutridos, de mãos fortes; aceitem as nossas iguarias (sacrificais) estimulantes; não nos prejudiquem, mas venham com boa sorte.
5. Venham, Nāsatyas, do oeste, do leste; (venham), Aśvins, do sul, do norte, venham de todos os lados com riquezas benéficas para as cinco classes de homens; e que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 74 (Wilson)

589 - Hino 73. Aśvins (Griffith)

1. Nós ultrapassamos o limite dessa escuridão[1] enquanto, adorando os Deuses, nós cantamos seus louvores. A canção invoca ambos os Imortais Aśvins, vastos, nascidos antigamente, grandes Fazedores de Milagres.
2. E, ó Nāsatyas, o Sacerdote mais querido[2] do homem está sentado, que traz o sacrifício e oferece culto. Fiquem perto e saboreiem o suco agradável, ó Aśvins; com alimentos eu os chamo para os sacrifícios.
3. Nós, escolhendo-os, deixamos a nossa adoração seguir seu curso;[3] ó Touros, aceitem este hino com benevolência. Obedecendo a vocês como seu servo nomeado, Vasiṣṭha cantando os despertou com louvores.
4. E esses Dois Sacerdotes[4] se aproximam do nosso povo, unidos, matadores de demônios,[5] de mãos poderosas. Os sucos que alegram estão misturados. Não nos prejudiquem, mas venham com boa fortuna.
5. Venham do oeste, venham do leste, Nāsatyas, venham, Aśvins, de baixo e de cima de nós. Tragam riquezas de todos os lados para o Povo Quíntuplo.[6] Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 74 (Griffith)

[1] Essa primeira meia-linha já ocorreu em 1.92.6 e 1.183.6.
[2] Agni.
[3] ['Vamos acelerar o sacrifício, como mantenedores dos antigos costumes!'. – Müller, *Chips*, II, 174].
[4] Os Aśvins.
[5] Matadores de Rākṣasas e maus espíritos da noite que desaparecem com a chegada dos arautos do dia.
[6] As cinco tribos arianas. Veja 1.7.9.

590 - Hino 74. Aśvins (Wilson)

(Sūkta IV)

Os deuses como antes; a métrica é Bṛhatī e Satobṛhatī alternadamente.[1]

Varga 21. **1**. Estes louvores piedosos[2] os glorificam, Aśvins radiantes; eu invoco vocês, que são ricos, em atos de preservação, pois vocês se dirigem a cada indivíduo.[3]

2. Vocês possuem, líderes (de ritos), riqueza maravilhosa; concedam-na àquele que os louva sinceramente; igualmente dispostos favoravelmente, direcionem o seu carro à nossa presença; bebam o doce bebida Soma.[4]

3. Venham, Aśvins, demorem-se perto de nós,[5] bebam da libação doce; derramadores (de benefícios), por quem as riquezas são obtidas, ordenhem a chuva (do firmamento); não nos prejudiquem; venham aqui.

4. Seus são os cavalos que, transportando-os, os trazem para a residência do doador (da oblação); divinos líderes (de ritos), dispostos favoravelmente em relação a nós, venham com seus corcéis velozes.

5. Os adoradores piedosos que agora se aproximam de vocês se unem para oferecer alimento (sacrifical a vocês); que vocês dois, Nāsatyas, concedam a nós que somos afluentes (em oferendas) fama e residência duradouras.

6. Aqueles adoradores, os benfeitores dos homens, sem prejudicar ninguém se dirigem a vocês, como carroças[6] (para a fazenda), ou prosperam por sua própria força, ou vivem em uma casa excelente.

Índice◄►Hino 75 (Wilson)

---

1 *[Prāgathas* (veja a nota 1 do Hino 16)].
2 "Literalmente, de acordo com Sāyaṇa: 'estas pessoas em busca do céu, ou seja, estes sacerdotes'". – Goldstücker.
3 *Sāma-Veda*, I.304 [1.4.1.2.2] e II.103 [2.1.2.15.1]; todo esse Sūkta é chamado de *Prāgatha*.
4 *[Sāma-Veda*, 2.1.2.15.2].
5 *Yajur-Veda [VS]*, 33.88.
6 O texto tem apenas *rathā iva*, como carruagens; o comentador acrescenta: carregadas com arroz e similares, chegam à casa do dono.

590 - Hino 74. Aśvins (Griffith)

1. Estes sacrifícios matinais os chamam, Aśvins, ao raiar do dia. Em busca de auxílio eu invoquei vocês ricos em força e poder; pois, casa por casa, vocês visitam a todos.
2. Ó Heróis, vocês concedem nutrição extraordinária, a enviem para aquele cujas canções são doces. Concordantes, vocês dois, conduzam seu carro até nós, e bebam o suco Soma saboroso.

3. Aproximem-se e fiquem perto de nós; bebam, ó Aśvins, do hidromel. Tirem o leite,[7] ó Poderosos, ricos em riqueza genuína; não nos machuquem, e venham até nós.
4. Os cavalos que os transportam em seu voo rápido descem até a casa do devoto, com esses seus corcéis velozes, Heróis, Aśvins, venham, ó Deuses, venham bem-intencionados em relação a nós.

5. De fato, realmente, os nossos príncipes procuram os Aśvins em busca de alimentos. Esses darão glória duradoura aos nossos senhores generosos, e ambos os Nāsatyas nos protegerão.
6. Aqueles que abriram o caminho,[8] como carros, não ofendendo ninguém, aqueles que são os guardiões dos homens – também através do seu próprio poder os heróis se tornaram fortes, e vivem em casas seguras e felizes.

Índice◄►Hino 75 (Griffith)

---

[7] Ordenhem a chuva doce do firmamento.
[8] Nobres ricos ou príncipes, 'os heróis' da segunda linha.

591 - Hino 75. Uṣas[1] (Wilson)

(Sūkta V)

A divindade é a Aurora; o Ṛṣi, como antes, Vasiṣṭha; a métrica é Triṣṭubh. Esse é um dos Sūktas que o Ṛgvidhāna manda o adorador repetir ao se levantar ao fim da noite, calmo e puro, e aguardando o aparecimento da Aurora com as mãos erguidas até a testa, pois por fazer isso ele obterá vários tipos de riquezas, ouro, gado, cavalos, grãos, roupas, cabras, ovelhas, filhos homens e esposas.

Varga 22. **1**. A Aurora, a filha do céu, surgiu; ela vem, manifestando a sua magnificência em luz; ela dispersa os nossos inimigos, assim como a escuridão odiosa, ilumina novamente os caminhos que devem ser trilhados (pelos seres vivos).[2]

2. Sê para nós hoje a causa de grande felicidade; concede, Uṣas, (o que promove) grande prosperidade; dá-nos riquezas e reputação esplêndidas; concede, benfeitora divina dos homens, para os mortais posteridade masculina próspera.

3. Esses raios maravilhosos, imortais da bela Aurora aparecem, dando origem aos ritos piedosos do culto divino, e, enchendo firmamento, eles se espalham em volta.

4. Esforçando-se, ela se aproxima rapidamente de longe (para dar luz) para as cinco classes de homens, testemunhando os pensamentos dos homens, a filha do céu, a benfeitora dos seres vivos.

5. A noiva de Sūrya, a distribuidora (de alimentos), a possuidora de riqueza extraordinária, ela governa tesouros (de todo tipo) de riquezas; louvada com hinos pelos Ṛṣis, a que consome a vida,[3] a amante de opulência, ela surge, glorificada pelos ofertantes (de oblações).

6. Os cavalos brilhantes e magníficos, transportando a resplandecente Uṣas, são visíveis; ela avança, radiante em seu carro que se move de todas as maneiras;[4] ela dá prosperidade ao homem que pratica ritos sagrados.

7. Verdadeira com os verdadeiros, grandiosa com os grandiosos, divina com os deuses, adorável com os adoráveis,[5] ela dispersa as (trevas) sólidas, ela revela (as pastagens) do gado; todas as criaturas, especialmente o gado, estão ansiando pela Aurora.

8. Concede a nós, Uṣas, riqueza, abrangendo gado e cavalos, alimento abundante, e prole masculina; não deixes que o nosso sacrifício incorra em reprovação entre os homens; e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 76 (Wilson)

---

[1] [‘Agora a Aurora (é louvada) com os sete (hinos)’ (7.75-81), sendo a maior sequência de hinos dedicados a essa Deusa no Ṛgveda].

[2] *Aṅgirastamā pathyā ajīgaḥ* é explicado: ela revela os caminhos que estão para ser os mais percorridos, ou seja, ela dá luz para as transações dos seres vivos. [Veja a nota 6 deste hino e a nota 3 do hino 79].

[3] “’Porque a Aurora, por sua repetição diária, torna as pessoas mais velhas’. Sāyaṇa”. – Goldstücker.

[4] “Sāyaṇa explica ‘com seu carro, que assume todas as formas (isto é, muitas)’. Compare com a nota 2 do hino 71”. – Id.

[5] *Satyā satyebhir mahatī mahadbhir devī devebhir yajatā yajatraiḥ* também pode ser entendido, segundo o comentador, como se aplicando a *kiraṇaiḥ*, raios – os raios da manhã – ou a *anyair devaiḥ*, com outras divindades, associada com as quais a Aurora é verdadeira, poderosa e adorável.

591 - Hino 75. Aurora (Griffith)

1. Nascida nos céus a Aurora resplandeceu, e, mostrando a sua majestade, chegou como a Lei ordena. Ela descobriu demônios e a escuridão odiosa; a melhor dos Aṅgirases,[6] despertou os caminhos.[7]
2. Incita-nos neste dia para fortuna elevada e feliz; à grande felicidade, ó Aurora, nos promove. Concede-nos riquezas múltiplas e esplêndidas, famosas entre os mortais, Deusa que favorece o homem!
3. Vejam, os adoráveis esplendores eternos da Manhã, brilhantes com suas cores variadas, se aproximaram de nós. Enchendo a região do ar, produzindo os ritos de culto sagrado, eles ascenderam.
4. Ela atrela a sua carruagem longe, e visita rapidamente as terras onde as Cinco Tribos estão estabelecidas, olhando para as obras e caminhos dos mortais, Filha do Céu, a Dama Imperial do mundo.
5. Ela, que é rica em despojos, a Esposa de Sūrya, maravilhosamente opulenta, governa todas as riquezas e tesouros. Consumidora da nossa juventude, os videntes a glorificam; louvada por sacerdotes a rica Aurora brilha refulgente.
6. Visíveis são os corcéis de cor variada, os cavalos vermelhos que transportam a Manhã resplandecente. Em seu carro todo-adorável ela vem, a Formosa, e traz rico tesouro para o seu servo fiel.
7. Verdadeira com os verdadeiros e poderosa com os Poderosos, com Deuses uma Deusa, Santa com os Santos, ela derrubou cercas fortes e deu o gado;[8] as vacas estavam mugindo quando elas cumprimentaram a Manhã.
8. Ó Aurora, agora nos dá fartura de vacas e heróis, e cavalos, repleta de múltiplas alegrias. Protege a nossa grama sagrada das censuras do homem. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 76 (Griffith)

---

[6] Dotada das características mais nobres dos santos Aṅgirases.
[7] Os iluminou para os homens usarem.
[8] Restaurou os raios de luz que tinham sido aprisionados pelos demônios da escuridão.

591 - Hino 75. Aurora (Peterson)

1. A Aurora, nascida no céu, se estendeu na hora marcada, e vem em direção a nós, revelando sua majestade; ela repeliu diante dela os espíritos da noite e a escuridão odiosa; chefe dos Aṅgirases, ela despertou os caminhos para a vida.
2. Acorda-nos hoje para o bem, ó Aurora, nos promove para grande boa sorte; ó Deusa, amiga do homem; traze para nós riqueza múltipla e gloriosa entre os homens, riqueza a respeito da qual se ouvirá falar.
3. Vejam como os raios brilhantes e imortais da Aurora admirada avançam; eles se espalham em todas as direções, gerando as obras divinas, e enchendo os mundos intermediários.
4. Enquanto ela atrela a sua carruagem de longe, e atravessa diretamente as cinco tribos, olhando para os caminhos dos homens, Filha do Céu, Rainha do Mundo,
5. A Noiva do Sol, com suas éguas velozes, trazendo presentes para os homens, distribui bens e riquezas; os nossos videntes louvam a ela que tira a nossa juventude; a Aurora benéfica brilha, louvada pelos nossos cantores.
6. Os cavalos vermelhos e belos aparecem trazendo a Aurora brilhante; ela vem, luminosa, em sua carruagem radiante, e traz uma joia para o seu adorador fiel.
7. Verdadeira com os verdadeiros, grandiosa com os grandes, Deusa com Deuses, santa com os santos, ela derruba lugares fortes, e nos dá vacas; o nosso gado mugindo saúda a Aurora.
8. Agora dá-nos, ó Aurora, tesouro de gado, tesouro de homens, tesouro de cavalos, tesouro de alimentos, não tornes o nosso altar uma vergonha entre os homens – e que vocês Deuses sempre nos protejam com sua bênção.

Índice◄►Hino 83 (Peterson)

592 - Hino 76. Uṣas (Wilson)

(Sūkta VI)

Divindade e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 23. **1**.[1] O divino Savitṛ, o líder de todos, envia para cima a luz imortal, benéfica[o] para todos; o olho dos deuses se manifestou para (a celebração dos) ritos religiosos; a Aurora tornou visíveis todas as criaturas.

2. Os caminhos que levam aos deuses são vistos por mim, inócuos e gloriosos com luz; a bandeira de Uṣas é desdobrada no leste, ela vem para o oeste,[2] elevando-se acima dos lugares altos.[3]

3. Muitos são os dias que amanheceram antes do nascer do sol, nos quais tu, Uṣas, tens sido vista como uma esposa que se dirige a um marido inconstante, e não como uma que o abandona.

4. Os sábios antigos, nossos antepassados, observadores da verdade, regozijando-se junto com os deuses, descobriram a luz escondida, e, recitadores de preces sinceras, eles geraram a Aurora.

5. Quando o rebanho comum (de gado tinha sido roubado), então, associando-se, eles concordaram, não competiram entre si; eles não obstruíram os sacrifícios dos deuses, mas, inofensivos, prosseguiram com a luz (que eles tinham recuperado).[4]

6. Auspiciosa Uṣas, os Vasiṣṭhas, acordando ao amanhecer, e louvando-te, te glorificam com hinos; Uṣas, que és a condutora do gado[5] (para o pasto), a concessora de alimentos, aparece sobre nós; Uṣas bem-nascida, a primeira (dos deuses).

7. Uṣas, o objeto[6] dos louvores sinceros do adorador, é glorificada quando surge pelos Vasiṣṭhas concedendo-nos riquezas muito afamadas; que vocês (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 77 (Wilson)

---

[1] ['No hemistíquio 'No alto a luz' (*ud u jyotiḥ:* 7.76.1) o (Agni) do meio é louvado. – *Bṛhaddevatā]*.
[2] "Mas Sāyaṇa parece tomar essa palavra em seu sentido etimológico: 'Ela vem ao encontro, ou seja, a nós'". – Goldstücker.
[3] ['Os topos das casas'. – Griffith].
[4] "Como as três últimas palavras não são supridas por Sāyaṇa, esta última pode ter significado '.... mas, inofensivos, prosseguiram por meio da luz das Auroras', isto é, eles seguiram seu caminho em consequência da ajuda que as Auroras sucessivas lhes tinham proporcionado na recuperação do seu gado roubado". – Goldstücker.
O que isso significa não é muito óbvio; literalmente: na vasta assembleia geral eles concordam, nem eles lutam entre si; eles não prejudicam as observâncias dos deuses, não danificando, seguindo com tesouros, ou com os Vasus.
[5] "Essas palavras também podem significar 'a condutora dos raios solares', ou 'a condutora dos sons articulados'. Veja a nota 2 do hino seguinte". – Goldstücker.
[6] "O texto tem *netrī*, que, como no verso anterior, também pode significar aqui 'a condutora', isto é, 'que suscita os louvores'". – Id.

592 - Hino 76. Aurora (Griffith)

1. Savitar o Deus de todos os homens enviou sua luz para cima, projetado para toda a humanidade, imortal. Através do poder dos Deuses aquele Olho foi criado inicialmente. A Aurora tornou visível todo o universo.
2. Eu vejo os caminhos que os Deuses estão acostumados a percorrer, caminhos inócuos preparados pelos Vasus. Ao leste a bandeira da Aurora foi erguida; ela vem para cá sobre os topos das casas.
3. Grande é, de fato, o número de Manhãs que houve outrora ao nascer do Sol. Visto que tu, Aurora, és vista te dirigindo como para o teu amor,[7] como alguém que não mais o deixará.
4. Eles eram os companheiros dos Deuses no banquete, os antigos sábios fiéis à Lei Eterna. Os Pais[8] encontraram a luz que jazia nas trevas, e com palavras eficazes geraram a Manhã.
5. Reunindo-se no mesmo recinto,[9] eles não lutam entre si, concordantes uns com os outros. Eles nunca violam os estatutos eternos dos Deuses, e não ferem ninguém, em rivalidade com os Vasus.
6. Exaltando-te, Deusa Bem-aventurada, os Vasiṣṭhas, acordados de manhã cedo, com louvores te suplicam. Líder das vacas e Rainha de tudo o que fortalece, brilha, vem como a primeira a nós, ó Manhã bem-nascida.
7. Ela traz recompensas e o doce encanto das vozes. A Aurora resplandecente é cantada pelos Vasiṣṭhas, dando-nos riquezas famosas em lugares distantes. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 77 (Griffith)

---

[7] Para o Sol, que às vezes é chamado de amante e às vezes marido de Uṣas ou Aurora.
[8] Os ancestrais dos Ṛṣis no mundo espiritual estão associados com os Deuses como companheiros, amigos e assistentes. Veja M. Müller, *India, What can it Teach us?* p. 223-224.
[9] O vasto salão aéreo no qual os Deuses se reúnem.

593 - Hino 77. Uṣas (Wilson)[1]

(Sūkta VII)

Divindade, Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 24. **1**. Uṣas brilha radiante nas proximidades (do sol), como uma mulher jovem (na presença de seu marido), animando toda a existência à atividade; Agni deve ser aceso para o bem dos homens; a luz dissipa a escuridão obstrutora.
2. Avançando em direção a todos, e se espalhando amplamente, a Aurora surgiu; vestida em traje puro e brilhante, ela se expande; de cor dourada e esplendor adorável, ela brilha, a mãe dos sons,[2] a líder dos dias.
3. A auspiciosa Uṣas, portando o olho dos deuses (a luz), guiando seu corcel branco e belo (o sol),[3] é vista, manifestada por seus raios, distribuidora de riqueza extraordinária, poderosa sobre todos.[4]
4. Aurora, Uṣas, que és a portadora para nós de (riqueza) desejável, e manténs nosso adversário longe de nós;[5] tornes a vasta terra livre de perigos; afasta aqueles que nos odeiam; traze para nós tesouros; concede, deusa opulenta, prosperidade àquele que te louva.
5. Divina Uṣas, nos ilumina com os teus raios mais brilhantes, prolongando a nossa existência, dando-nos alimento, (e concedendo-nos), tu que és adorada por todos, afluência, abrangendo gado, cavalos e carros.
6. Uṣas bem-manifestada, filha do céu, que tu, a quem os Vasiṣṭhas glorificam com louvores, nos concedas riqueza brilhante e infinita; e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós bênçãos.

Índice◄►Hino 78 (Wilson)

---

593 - Hino 77. Aurora (Griffith)

1. Ela brilhou como uma mulher jovem, incitando ao movimento cada criatura viva. Agni veio se alimentar do combustível do mortal.[6] Ela fez a luz e afugentou as trevas.
2. Voltada para isso Tudo, espalhando-se amplamente, ela surgiu e resplandeceu em brilho com vestes brancas em volta dela. Ela brilhou adorável com cores douradas, Mãe das vacas,[7] Guia dos dias que ela traz.
3. Trazendo o próprio Olho dos Deuses, Dama auspiciosa, guiando seu Corcel branco[8] e belo de ver, distinta por seus raios a Aurora brilha visível, surge para todo o mundo com tesouro maravilhoso.

---

[1] [A partir daqui as notas serão de Wilson e E. B. Cowell].
[2] *Gavām mātā; go* aqui pode significar discurso ou som articulado, que ao amanhecer é proferido por homens e aves; ou, em seu sentido usual de 'vaca', pode se referir à saída ao amanhecer do gado para o pasto. Sāyaṇa acrescenta que *gavām mātā* também pode significar 'a produtora de raios solares'. Veja a nota 5 do hino anterior.
[3] Ou seja, 'tornando o sol visível'.
[4] 'Poderosa sobre todos', ou, talvez, 'surgida por causa do (mundo) inteiro (ou seja, para o bem das operações do mundo).
[5] 'De modo a manter nosso adversário longe de nós'. – Sāyaṇa.
[6] [Veja a versão por Wilson].
[7] Raios de luz.

4. Aproxima-te com fartura e afasta o inimigo; prepara para nós amplo pasto livre de perigo. Afugenta aqueles que nos odeiam, nos traze riquezas; derrama recompensas, Dama opulenta, sobre o cantor.
5. Envia os teus raios mais excelentes para brilhar e nos iluminar, dando-nos dias prolongados, ó Aurora, ó Deusa, concedendo-nos comida, tu que tens todas as coisas preciosas, e recompensa rica em carros, vacas e cavalos.
6. Ó Uṣas, de nascimento nobre, Filha do Céu, a quem os Vasiṣṭhas com seus hinos tornam poderosa, dá-nos riquezas vastas e gloriosas. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 78 (Griffith)

---

593 - Hino 77. Aurora (Müller)

1. Ela brilha sobre nós, como uma esposa jovem, despertando cada ser vivo para ir para o seu trabalho. O fogo teve que ser aceso pelos homens;[9] ela trouxe luz[10] por derrubar a escuridão.
2. Ela se ergueu, espalhando-se amplamente, e movendo-se em direção a todos.[11] Ela cresceu em brilho, usando seu traje brilhante. A mãe das vacas[12] (das nuvens da manhã), a líder dos dias, ela brilhou dourada, linda de se ver.
3. Ela, a afortunada, que traz o olho dos deuses, que conduz o corcel branco e adorável (do Sol), a Aurora foi vista, revelada por seus raios, com tesouros brilhantes ela segue cada um.
4. Tu que és uma bênção onde estás perto, afasta os hostis, torna extensas as pastagens, dá-nos segurança! Dispersa os inimigos, traze tesouros! Fomenta riqueza para o adorador, ó Aurora poderosa.
5. Brilha para nós com os teus melhores raios, tu Aurora brilhante, tu que prolongas nossa vida, tu o amor de todos, que nos dás alimento, que nos dás fartura de vacas, cavalos, e carros.
6. Tu, filha do céu, tu Aurora de nascimento nobre, a quem os Vasiṣṭhas glorificam com canções, dá-nos riquezas grandes e vastas; todos vocês deuses, nos protejam sempre com suas bênçãos!

Índice◄►Hino 103 (Müller)

---

8 'O próprio Olho dos Deuses' e o 'Corcel branco' da Aurora são o Sol.
9 O fogo do altar para as preces matutinas.
10 [Fez a luz].
11 [Por todos os lugares].
12 [Isto é, das manhãs].

594 - Hino 78. Uṣas (Wilson)

(Sūkta VIII)

Divindade, Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 25. **1**. Os primeiros sinais da aurora são visíveis, seus raios estão se espalhando no alto; tu nos trazes, Uṣas, (riquezas) desejáveis em tua carruagem vasta, descendente e resplandecente.
2. O fogo aceso aumenta em todos os lugares, (e) os sacerdotes, glorificando (a aurora) com hinos; a divina Uṣas vem, afastando todas as trevas más por seu brilho.
3. Esses (raios) luminosos (da) aurora são vistos no leste difundindo luz, (a aurora), gerando o sol, o sacrifício, o fogo; as trevas odiosas, descendentes, desaparecem.
4. A filha afluente do céu é percebida; todas as criaturas veem a aurora luminosa; ela sobe em sua carruagem carregada de sustento, com seus cavalos movidos facilmente.
5. Ricos (em oferendas sacrificais), influenciados pelo mesmo intento,[1] nós e os nossos te despertamos (Uṣas), hoje; Auroras luminosas, suavizem (a terra) com (orvalho) untuoso;[2] e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós bênçãos.

Índice◄►Hino 79 (Wilson)

---

594 - Hino 78. Aurora (Griffith)

1. Nós vemos as primeiras luzes dela se aproximando; as suas muitas glórias se dividem no alto. No carro sublime, refulgente, dirigindo-te para cá, ó Uṣas, traze a riqueza que nos faz felizes.
2. O fogo bem-aceso canta alto para cumprimentá-la, e com seus hinos os sacerdotes estão cantando as boas-vindas. Uṣas se aproxima em seu esplendor, afastando toda a escuridão má para longe, a Deusa.
3. Visíveis ao leste são aquelas luzes da Manhã, enviando esplendor, conforme elas surgem, em torno delas. Ela gerou o Sol, o sacrifício e Agni, e a escuridão detestada fugiu para bem longe.
4. Rica Filha do Céu, todos nós a vemos, de fato, todos os homens olham para a Aurora quando ela está irrompendo. Ela subiu no seu carro que se move autoatrelado, o carro puxado adiante por seus cavalos bem-atrelados.
5. Inspirados com pensamentos amáveis neste dia para te saudar, nós e os nossos nobres ricos despertamos. Mostrem-se produtivas, Auroras, quando vocês estão surgindo. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 79 (Griffith)

---

[1] De acordo com Sāyaṇa: 'tendo (isto é, oferecendo,) excelentes louvores (e hinos)'.
[2] O texto tem apenas *tilvilāyadhvam*, um verbo nominal de um substantivo composto, *tilv*, do gergelim *tila*, ou seu óleo, e *ilā*, terra: untem ou tornem o mundo dotado de solo suave ou untuoso.

595 - Hino 79. Uṣas (Wilson)

(Sūkta IX)

Divindade, Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 26. **1**. Uṣas raiou sobre os caminhos dos homens,[1] despertando as cinco classes de seres humanos; ela tem derramado luz[2] com seus bois brilhantes; o sol manifesta o céu e a terra com esplendor.
2. As auroras enviam seus raios para as extremidades do céu; elas avançam como pessoas dispostas (em ordem marcial); os teus raios, Uṣas, aniquilam a escuridão; eles difundem luz conforme Savitṛ (estende) seus braços.
3. A soberana suprema, a opulenta Uṣas, surgiu; ela tem gerado alimento para o nosso bem-estar; a filha divina do céu, a mais rápida em movimento,[3] confere tesouros ao adorador devotado.
4. Concede-nos, Uṣas, tanta riqueza quanto tu concedeste aos teus adoradores quando (antigamente) louvada por eles; tu a quem (os teus adoradores) receberam com clamor (alto como os berros) de um touro, quando tu abriste as portas das montanhas (onde o gado roubado estava confinado).
5. Inspirando cada (adorador) devotado com um desejo de riqueza, dirigindo a nós as palavras da verdade,[4] difundindo a luz da manhã, dá-nos intelectos (adequados) para a aquisição de riquezas; e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 80 (Wilson)

---

[1] 'Uṣas raiou, benéfica sobre o caminho dos homens, ou para o bem-estar dos homens'. – Sāyaṇa.
[2] *Bhānum aśret:* ela recorreu ao sol.
[3] *Aṅgirastamā* é explicada como no verso 1 do hino 75, ou, segundo o escoliasta, pode se referir aos Aṅgirasas, de cuja linhagem os Bhāradvājas, um ramo, são ditos serem parentes da noite; por isso em outro lugar a noite é denominada Bhāradvājī, Maṇḍala 10, hino 127 [que louva a noite personificada, e cujo vidente é o filho de Rātrī (ou Rātri, a Noite), a filha de Bharadvāja]. O epíteto *Aṅgirastama*, [isto é, que tem a qualidade luminosa dos Aṅgirasas no grau mais elevado], é dito ser aplicável à Aurora, porque é a mesma coisa que o fim da noite, aqui, no entanto, bem como no primeiro caso, é provável que seja dito que a aurora é preeminentemente pertencente a, ou dotada de, *aṅgiras*, porque esse é um período especial de culto do fogo, do qual os Aṅgirasas foram os instituidores.
[4] *Asmadryak sūnṛtāḥ īrayantī*, que Sāyaṇa explica: 'incitando a fala, (isto é, louvores) em relação a nós', ou seja, despertando os nossos louvores. Em outras passagens *sūnṛtā* é explicada pelo escoliasta como fala amável e verdadeira; e *sūnṛtāvat* [feliz] aquele que possui fala amável e verdadeira, ou *stutivat* ou *stotrī*, que louva os deuses com hinos. Compare com 7.81.6, nota 5.

595 - Hino 79. Aurora (Griffith)

1. Despertando as terras onde as Cinco Tribos[5] de homens estão instaladas, a Aurora revelou os caminhos[6] das pessoas. Ela enviou seu brilho com belos bois. O Sol com luz abriu a terra e o céu.
2. Elas[7] pintam seus raios brilhantes nos limites distantes do céu. As Auroras vêm como tribos dispostas para a batalha.[8] O teu gado, encerrando a escuridão, quando Savitar abre os braços, emite o seu esplendor.
3. Rica, muito semelhante a Indra, a Aurora surgiu, e gerou louvores que promoverão o nosso bem-estar. Filha do Céu, uma Deusa, ela distribui, a melhor dos Aṅgirases,[9] tesouros para os piedosos.
4. Dá-nos, ó Aurora, aquela ampla recompensa que enviaste para aqueles que cantaram teus louvores; tu, a quem com berros de touro eles estimularam, tu abriste os portais[10] firmemente fixos da montanha.[11]
5. Impelindo cada Deus a conceder sua graça, enviando para nós o charme de vozes agradáveis, concede-nos pensamentos, para o lucro, enquanto tu irrompes. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 80 (Griffith)

---

[5] De arianos.
[6] *Pathyā* aparentemente tem aqui o mesmo significado que em 7.75.1.
[7] As Auroras.
[8] 'Para a batalha', suprido por Sāyaṇa.
[9] Veja 7.75.1 [nota 6].
[10] As portas da montanha ou nuvem na qual as vacas ou raios de luz foram aprisionados. Uṣas é implicitamente rogada a abrir essas portas agora para o cantor do hino.
[11] A segunda linha é traduzida pelo professor Wilson: 'tu a quem (os teus adoradores) receberam com clamor (alto como os berros) de um touro'.

596 - Hino 80. Uṣas (Wilson)

(Sūkta X)

Divindade, Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 27. **1**. Os piedosos Vasiṣṭhas, os primeiros (de todos os adoradores), despertam com preces e louvores (cada) Aurora (sucessiva), espalhando-se sobre a terra e o céu igualmente delimitados, manifestando todas as regiões.
2. Concedendo nova existência, dissipando a densa escuridão por seu esplendor, a Aurora está desperta, e, como uma donzela imodesta, chega diante (do sol), e torna manifestos Sūrya, o sacrifício e Agni.
3. Que as Auroras auspiciosas sempre irrompam sobre nós ricas em cavalos e gado e descendentes masculinos, derramando umidade, e produzindo abundância em toda parte; e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 81 (Wilson)

---

596 - Hino 80. Aurora (Griffith)

1. Os sacerdotes, Vasiṣṭhas, são os primeiros acordados para receber Uṣas com suas canções e louvores, que faz as regiões circundantes se dividirem, e torna visíveis todas as criaturas existentes.
2. Dando nova vida ao esconder a escuridão, esta Aurora despertou lá com brilho recém-nascido. Jovem e incontida ela avança; ela dirigiu pensamentos[1] ao Sol e ao fogo e ao culto.
3. Que as Manhãs abençoadas brilhem sobre nós sempre, com fartura de vacas, de cavalos, e de heróis, transbordando com toda abundância, derramando gordura.[2] Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.[3]

Índice◄►Hino 81 (Griffith)

---

[1] ['Trouxe à luz'], ou, com Sāyaṇa: 'ela manifestou o sacrifício, o Sol, e Agni'. Compare com 7.78.3.
[2] [Fertilidade, abundância].
[3] Essa estrofe é repetida de 7.41.7.

597 - Hino 81. Uṣas (Wilson)

(Adhyāya 6. Continuação do Anuvāka 5. Sūkta XI)

A divindade é a Aurora; o Ṛṣi é Vasiṣṭha; a métrica dos versos ímpares é Bṛhatī, dos versos pares, Satobṛhatī.[1]

Varga 1. **1**. A filha do céu é vista em todos os lugares avançando e derramando luz; ela afasta a escuridão profunda para que os objetos possam encontrar os olhos; a amável guia do homem, ela difunde luz.[2]
2. Ao mesmo tempo, o sol envia os seus raios, e, nascendo, torna os planetas luminosos;[3] assim, Uṣas, após a tua manifestação, e a de Sūrya, que nós nos tornemos possuidores de sustento.[4]

3. Que nós, adoradores ativos, te despertemos, Uṣas, filha do céu, divindade beneficente, que trazes (prosperidade) vasta e desejável e felicidade, como riquezas, para o doador (da oblação).
4. Deusa poderosa, que, dispersando a escuridão, és dotada do poder de despertar o mundo e torná-lo visível, nós rezamos para que possamos ser queridos para ti, a distribuidora de riqueza, como filhos são para uma mãe.

5. Traze, Uṣas, riqueza tão extraordinária que possa ser famosa por muito tempo; concede, filha do céu, aquele alimento que é adequado para os mortais, tal que nós possamos desfrutar.
6. Concede ao piedoso fama imortal, junto com afluência; dá-nos alimento e gado, e que Uṣas, a incentivadora do (sacrificador) rico, a que fala a verdade,[5] afaste os nossos inimigos.

Índice◄►Hino 82 (Wilson)

---

[1] [Sobre *pragāthas* veja a nota 1 do hino 16. Este hino, além de ter mais versos do que os anteriores, (quebrando assim o padrão decrescente de versos das séries de hinos para divindades específicas), tem métrica diferente e não tem o refrão do clã de Vasiṣṭha, o que leva a supor que ele é uma adição à coleção original].
[2] *[Sāma-Veda*, 1.4.1.2.1 e 2.1.2.14.1].
[3] Pois, diz-se, a lua e os planetas brilham à noite com luz derivada do raio solar.
[4] *[Sāma-Veda*, 2.1.2.14.2].
[5] [Isso] também pode significar 'dotada de fala amável e sincera', isto é, possuidora de hinos, ou louvada com hinos, ou seja, pelos piedosos. Compare com 7.79.5, nota 4.

597 - Hino 81. Aurora (Griffith)

1. Avançando, emitindo seus raios, a Filha do Céu é vista. Descobrindo, para que possamos ver, a escuridão poderosa, a Dama amigável faz a luz.
2. O Sol ascendente, a Estrela refulgente, derrama seus raios junto com a Aurora. Ó Aurora, no teu surgimento, e no do Sol, que possamos obter a parte destinada a nós.

3. Prontamente nós acordamos para receber-te, ó Uṣas, Filha do Céu, a ti, ó Generosa, que trazes tudo o que nós desejamos ter, e saúde e riqueza para o ofertante.
4. Tu, amanhecendo, trabalhas ávida para iluminar o grande mundo, sim, o céu, Deusa! para que ele possa ser visto. Nós almejamos ser teus, Distribuidora de Riquezas; que sejamos como filhos para essa Mãe.

5. Traze-nos aquela recompensa maravilhosa, Aurora, que será famosa bem longe. O que, Filha do Céu, tu tens de nutrição para o homem, concede a nós para desfrutarmos.
6. Dá aos nossos príncipes opulência e fama imortal, e força em rebanhos de vacas para nós. Que ela que instiga os ricos, Senhora dos acordes doces,[6] que Uṣas afaste os nossos inimigos para longe.

Índice◄►Hino 82 (Griffith)

---

[6] *Sūnṛtāvatī*, segundo Sāyaṇa, 'a que fala a verdade'. 'Possuidora de tudo o que é excelente'. – Ludwig.

598 - Hino 82. Indra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XII)

Os deuses são Indra e Varuṇa; o Ṛṣi é Vasiṣṭha; a métrica é Jagatī.

Varga 2. **1**. Indra e Varuṇa, concedam a este homem, nosso empregador, uma câmara espaçosa[1] para (a celebração de) sacrifício, e que nós subjuguemos em conflitos as pessoas mal-intencionadas que possam procurar ferir aquele que está envolvido há muito tempo (em sua adoração).

2. Um de vocês é intitulado monarca supremo, assim é o outro;[2] poderosos e muito opulentos são vocês, Indra e Varuṇa; todos os deuses no céu mais alto, derramadores (de benefícios), combinaram sua força unida, (seu) vigor unido.

3. Indra e Varuṇa, vocês abriram por sua força as barreiras das águas; vocês estabeleceram Sūrya como o Senhor nos céus; na alegria do (Soma) inspirador vocês reabasteceram os (leitos) secos (dos rios); que vocês também realizem os objetivos dos nossos ritos sagrados.

4. Os portadores (de oferendas) invocam vocês, Indra e Varuṇa, em guerras, em batalhas;[3] de joelhos (os Aṅgirasas os invocam) para a geração de prosperidade; e nós, seus adoradores, chamamos vocês, que têm direito à homenagem respeitosa,[4] os senhores dos tesouros celestes e terrestres.

5. Indra e Varuṇa, visto que vocês criaram por seu poder todos esses seres do mundo, portanto Mitra adora Varuṇa por prosperidade, enquanto o outro, o feroz Indra, associado com os Maruts, adquire glória.[5]

Varga 3. **6**. Em honra de (Indra e Varuṇa) o sacrificador e sua esposa, para (a obtenção de) grande riqueza, concedem (por seus louvores) aquela força que é peculiar a cada um deles, e sempre duradoura; um deles, (Varuṇa), destrói o homem hostil que negligencia (o seu culto); o outro, (Indra), com (meios) escassos, derrota muitos (inimigos).[6]

7. O pecado não contamina, as dificuldades não atacam, nem a angústia em momento algum aflige o mortal, Indra e Varuṇa, para cujos sacrifícios vocês, deuses, se dirigem, e que vocês aprovam; tal homem a ruína jamais destrói.[7]

8. Líderes de ritos, venham à nossa presença com proteção divina; se vocês têm alguma consideração por mim, ouçam a minha invocação; realmente a sua amizade, a sua afinidade, é a fonte da felicidade; concedam-nas, Indra e Varuṇa, (a nós).

9. Indra e Varuṇa, de força irresistível, sejam os que nos antecedem em cada conflito, pois ambos os adoradores (passados e presentes) os invocam para defendê-los em guerra, ou para a obtenção de filhos e netos.

---

[1] Ou, 'grande felicidade'.

[2] O texto diz que Indra e Varuṇa são chamados *samrāj* e *svarāj,* o primeiro título ['rei soberano'] pertencente a Varuṇa, como Sāyaṇa deduz de 2.41.6 ['que esses dois monarcas universais' ou 'reis soberanos' (Mitra e Varuṇa)], e o último ['rei independente'] a Indra, como ele deduz de 1.61.9 ['Indra, o autoirradiante' ou autorresplandecente]. *Samrāj* é explicado por ele como completamente reluzente e *samrāj*, autorreluzente, ou não dependente de ninguém mais para seu brilho.

[3] 'Entre exércitos hostis'. – Sāyaṇa.

[4] 'Facilmente acessíveis à invocação, facilmente invocados'. – Sāyaṇa.

[5] O sentido da passagem é obscuro, não há nada muito embaraçoso nas palavras, que são representadas literalmente no texto. A última parte de frase também pode ser interpretada, segundo Sāyaṇa: 'junto com os Maruts o poderoso Indra envia chuva'.

[6] *Pravṛṇoti bhūyasaḥ;* a expressão é ambígua, e pode significar, de acordo com o escoliasta: 'ele exalta muitos adoradores'.

[7] 'Contamina', 'atacam', 'aflige' e 'destrói' são amplificações – necessárias na tradução para o inglês – da palavra *naśate*, que, conforme Sāyaṇa, significa *vyāpnoti*, abrange, toma conta de.

10. Que Indra, Varuṇa, Mitra e Aryaman nos concedam prosperidade e uma residência grande e espaçosa; que o brilho de Aditi, a que aumenta o sacrifício, seja inócuo para nós; nós recitamos o louvor do divino Savitṛ.

Índice◄►Hino 83 (Wilson)

---

598 - Hino 82. Indra-Varuṇa (Griffith)

1. Concedam a sua proteção forte, Indra-Varuṇa, a nós, nosso povo e nossa família, por sacrifício. Que possamos subjugar em luta os nossos inimigos maldosos, aquele que ataca o homem firme em ritos prolongados.
2. Ó Indra-Varuṇa, poderosos e muito ricos! um de vocês[8] é chamado de Monarca e um de Autocrata. Todos os Deuses na região mais elevada do ar, ó Touros, combinaram toda força e poder em vocês.
3. Vocês com sua força perfuraram as fontes das torrentes; o Sol vocês trouxeram para frente como o Senhor no céu. Alegrados por essa dose mágica vocês, Indra-Varuṇa, fizeram os lugares secos transbordarem, fizeram os cânticos de louvor fluírem.
4. Em batalhas e em lutas nós, sacerdotes ministrantes, nos ajoelhando em busca do fomento do nosso bem-estar, invocamos vocês, só vocês, os Senhores da riqueza dupla,[9] vocês dispostos a ouvir, nós bardos, ó Indra-Varuṇa.
5. Ó Indra-Varuṇa, já que vocês criaram todas essas criaturas do mundo por seu poder insuperável, em paz e sossego Mitra serve a Varuṇa, o Outro, terrível, com os Maruts busca fama.
6. Para que o alto valor de Varuṇa pudesse brilhar preeminente, cada um desses Dois mediu seu próprio poder e força. Um[10] subjuga o inimigo destrutivo; o Outro com poucos favorece muitos homens.
7. Nenhum problema, nenhum infortúnio, Indra-Varuṇa, nenhuma aflição de nenhum lado ataca o homem mortal cujo sacrifício, ó Deuses, vocês visitam e desfrutam; nunca o engano astucioso dos mortais o prejudica.
8. Com sua proteção divina, Heróis, venham a nós; ouçam a minha invocação, se vocês estiverem satisfeitos com ela. Concedam a nós, ó Indra-Varuṇa, sua amizade e sua afinidade e sua graça favorecedora.
9. Em batalha após batalha, Indra-Varuṇa, sejam nossos Campeões, vocês que são a força dos povos, quando ambos os grupos opostos os invocarem para a luta, e os homens para poderem ganhar prole e descendência.
10. Que Indra, Varuṇa, Mitra e Aryaman nos concedam glória e grande abrigo que se estenda ao longe. Nós pensamos na luz benéfica de Aditi, e na canção de louvor de Savitar, o Deus que fortalece a Lei.

Índice◄►Hino 83 (Griffith)

---

[8] Varuṇa é chamado de *samrāj* ou soberano universal (totalmente resplandecente segundo Sāyaṇa) e Indra *svarāj,* soberano independente, ou, conforme Sāyaṇa, autorresplandecente.
[9] Celeste e terrestre.
[10] Varuṇa.

599 - Hino 83. Indra e Varuṇa (Wilson)[1]

(Sūkta XIII)

Deuses, Ṛṣi e métrica (Jagatī) como antes.

Varga 4. **1**. Indra e Varuṇa, líderes (de ritos), contemplando sua afinidade, e desejosos de gado, os adoradores, armados com grandes foices,[2] foram para o leste (para cortar a grama sagrada); destruam, Indra e Varuṇa, os seus inimigos, sejam Dāsas ou Āryas, e defendam Sudās com sua proteção.
2. Onde os homens se reúnem com bandeiras erguidas, seja qual for o conflito, há algo desfavorável,[3] onde os seres vivos, olhando para o céu, estão com medo, lá, Indra e Varuṇa, falem (encorajamentos) para nós.
3. Os confins da terra são vistos devastados; o clamor subiu, Indra e Varuṇa, ao céu; os adversários do meu povo se aproximam de mim; tendo ouvido a minha invocação, venham em minha defesa.
4. Indra e Varuṇa, vocês protegeram Sudās, subjugando o até então inatingível Bheda com suas armas fatais; ouçam as preces desses Tṛtsus na hora da batalha, para que o meu sacerdócio possa dar resultados para eles.
5. Indra e Varuṇa, as (armas) assassinas do meu inimigo me afligem; inimigos entre os malignos (me atacam); vocês dois são soberanos sobre ambas as riquezas (celestes e terrestres); protejam-nos, portanto, no dia da batalha.
Varga 5. **6**. Ambos (Sudās e os Tṛtsus) chamam vocês dois, (Indra e Varuṇa), em combates para a aquisição de bens, quando vocês defendem Sudās, junto com os Tṛtsus, quando atacado pelos dez reis.
7. Os dez reis irreligiosos confederados não prevaleceram, Indra e Varuṇa, contra Sudās; o louvor dos líderes (de ritos), os ofertantes de alimento sacrifical, foi produtivo; os deuses estavam presentes em seus sacrifícios.
8. Vocês deram vigor, Indra e Varuṇa, a Sudās quando cercado por todos os lados pelos dez reis (na região) onde os piedosos Tṛtsus, andando em brancura,[4] e usando cabelo trançado, adoraram com oblações e louvor.
9. Um de vocês destrói inimigos na batalha, o outro sempre protege as práticas religiosas; nós os invocamos, derramadores (de benefícios), com louvores; nos concedam, Indra e Varuṇa, felicidade.
10. Que Indra, Varuṇa, Mitra e Aryaman nos concedam prosperidade e uma mansão grande e espaçosa; que o esplendor de Aditi, a que aumenta o sacrifício, seja inócuo para nós; nós recitamos o louvor do divino Savitṛ.

Índice◄►Hino 84 (Wilson)

---

[1] [Veja a nota 5 e a versão por Peterson abaixo].
[2] *Pṛthuparśavaḥ* [veja a opinião de Ludwig na nota 7] é explicado: segurando grandes costelas de cavalos; o *aśvaparśu* é um instrumento para cortar a grama Kuśa, ou a costela de um cavalo, ou um instrumento semelhante a ele; ele é citado frequentemente nos *Brāhmaṇas* e *Sūtras;* na *Taittirīya Saṃhitā*, Kāṇḍa 1, Prapāṭhaka 1, Anuvāka 2, é dito que o mantra *ghoṣad asi*, por Baudhāyana, é dirigido ao Aśvaparśu, 'tu és o instrumento', o sacerdote tendo-o pegado na mão. Sāyaṇa, comentando sobre o termo, o compreende literalmente: o osso da costela de um cavalo, cuja borda é tão afiada quanto uma espada, e própria para cortar.
[3] Sāyaṇa acrescenta: 'Tudo é mau'. A última parte desse verso é traduzida por ele de modo um pouco diferente: 'em toda (batalha) que os seres vivos e aqueles que veem o céu (isto é, que foram para o céu, falecidos) temem, lá, Indra e Varuṇa, defendam a nossa causa'. [Veja as outras versões abaixo].
[4] *Śvityañcaḥ, kapardinaḥ, tṛtsavaḥ;* os epítetos são explicados: seguindo em, ou para, brancura, ou liberdade de sujeira; e tendo cabelo trançado. Os Tṛtsus são chamados por Sāyaṇa de *sacerdotes*, os pupilos de Vasiṣṭha.

599 - Hino 83. Indra-Varuṇa (Griffith)[5]

1. Confiando em vocês e sua aliança, ó Homens,[6] armados com machados largos[7] eles foram em frente, ávidos por despojos. Vocês derrotaram e mataram seus[8] inimigos Dāsa e seus inimigos árias, e ajudaram Sudās com benevolência, Indra-Varuṇa.
2. Onde heróis se reúnem com suas bandeiras erguidas, no confronto onde não há nada para nós amarmos,[9] onde todas as coisas que veem a luz estão aterrorizadas, lá vocês nos confortaram,[10] ó Indra-Varuṇa.
3. Os limites da terra foram vistos todos escuros com poeira; ó Indra-Varuṇa, o grito subiu ao céu. As inimizades das pessoas me cercavam. Vocês ouviram o meu chamado e vocês vieram a mim com ajuda.
4. Com suas armas irresistíveis,[11] Indra-Varuṇa, vocês venceram Bheda[12] e deram seu auxílio a Sudās. Vocês ouviram as preces desses entre os gritos de guerra; foi eficaz o serviço do sacerdote dos Tṛtsus.[13]
5. Ó Indra-Varuṇa, a maldade dos inimigos e o ódio dos meus atacantes me perturba extremamente. Vocês Dois são senhores das riquezas tanto da terra quanto do céu;[14] então nos concedam sua ajuda no dia decisivo.[15]
6. Os homens de ambas as tropas[16] os invocaram na luta, Indra e Varuṇa, para que eles pudessem ganhar a riqueza, quando vocês ajudaram Sudās, com todo o povo Tṛtsu, quando os Dez Reis o tinham oprimido em seu ataque.
7. Dez Reis que não adoravam, ó Indra-Varuṇa, aliados, na guerra não levaram a melhor sobre Sudās. Verdadeiro era o motivo de orgulho dos heróis sentados no banquete, portanto às suas invocações os Deuses estavam ao seu lado.[17]
8. Ó Indra-Varuṇa, vocês deram a Sudās o seu auxílio quando os Dez Reis na batalha o cercaram por todos os lados, lá onde os Tṛtsus vestidos de branco com seu cabelo trançado,[18] habilidosos em música, os adoraram com homenagem e com hino.
9. Um de vocês Dois destrói os Vṛtras na luta,[19] o Outro sempre mantém suas Leis sagradas. Nós os invocamos, ó Poderosos, com nossos hinos de louvor. Concedam-nos a sua proteção, Indra-Varuṇa.

---

[5] Indra e Varuṇa são louvados pelos Vasiṣṭhas, os sacerdotes da família de Sudās, rei dos Tṛtsus, por terem lhe dado a vitória sobre os dez reis aliados. Veja 7.33.3.
[6] Ou Heróis, Indra e Varuṇa.
[7] 'Armados com grandes foices'. – Wilson, [veja a nota 2]. Ludwig afirma que o significado anterior é totalmente impossível, e argumenta que *pṛthuparśavaḥ* deve significar 'os Pṛthus e os Parśus'.
[8] [De Sudās].
[9] O professor Grassmann, a quem o professor Peterson segue, explica de modo diferente: 'onde tudo o que é estimado está em jogo'. [Muir traduz: 'onde algo que nós desejamos pode ser encontrado', e observa: 'Sāyaṇa divide a *kincana* do texto-Pada em *kinca na*, o que dá o sentido: 'onde nada é desejado, mas tudo é difícil'. – *O. S. Texts*, I, 323].
[10] ['Lá, tomem o nosso partido'. – *Id.*].
[11] ['Inigualáveis com suas armas'. – *Id.*].
[12] Veja 7.18.19.
[13] ["Sāyaṇa traduz de modo diferente: 'O ato dos Tṛtsus para quem eu sacrifiquei, e que me apresentaram como seu sacerdote, foi eficaz; o meu ofício sacerdotal em seu nome foi bem-sucedido'". – *Id.*].
[14] Ou, talvez, pertencente a ambos os lados.
[15] ['Protejam-nos, portanto, (onde vocês vivem) nos céus distantes'. – *Id.*].
[16] ['De acordo com Sāyaṇa os dois partidos eram Sudās e os seus aliados Tṛtsus. Poder-se-ia supor que um dos partidos significasse os reis hostis, mas é dito no verso seguinte que eles eram 'pessoas que não sacrificavam aos deuses'. – *Id.*].
[17] [Essa última frase Muir traduz: 'Os louvores dos homens que oficializaram no sacrifício foram eficazes; os deuses estavam presentes em suas invocações'. – *Id.*].
[18] Veja 7.33.1.
[19] ['Um (Indra) gosta de matar inimigos nas batalhas'. – Muir, *O. S. T.* V, 123].

10. Que Indra, Varuṇa, Mitra e Aryaman nos concedam glória e grande abrigo que se estenda ao longe. Nós pensamos na luz benéfica de Aditi, e na canção de louvor de Savitar, o Deus que fortalece a Lei.[20]

Índice◄►Hino 84 (Griffith)

599 - Hino 83. Indra-Varuṇa (Peterson)

Um hino histórico no qual a vitória de Sudās, rei dos Tṛtsus, sobre dez reis aliados é, pelos Vasiṣṭhas, os sacerdotes da família de Sudās, atribuída à interferência de Indra e Varuṇa. O rei e seus sacerdotes falam alternadamente.

Os Vasiṣṭhas:

1. Eles confiaram em vocês, ó Homens, e na sua amizade, e foram em frente, os nossos guerreiros com seus machados largos;[21] vocês mataram para nós os nossos inimigos bárbaros e os nossos inimigos arianos, vocês, ó Indra e Varuṇa, ampararam Sudās com auxílio.
2. Onde os homens se reúnem com estandartes erguidos, na luta da qual depende tudo o que é precioso, onde a Terra e aqueles que vivem nela tremem de medo, lá, ó Indra e Varuṇa, vocês nos confortaram.[22]

Sudās:

3. Os limites da terra estavam escurecidos com poeira; um grito, ó Indra e Varuṇa, foi para o céu; aqueles que eram meus inimigos entre os povos tinham me encurralado por todos os lados, vocês ouviram o meu chamado e avançaram para me ajudar.

Os Vasiṣṭhas:

4. Ó Indra e Varuṇa, com seus dardos vocês atingiram Bheda, e ele não pode resistir, então vocês resgataram Sudās; vocês ouviram as preces desses homens, quando eles os chamaram; a intercessão dos Tṛtsus teve eficácia com vocês.[23]

Sudās:

5. Ó Indra e Varuṇa, eu era atormentado por todos os lados pelos ardis do meu inimigo e pela inimizade daqueles que me odiavam, mas vocês dispõem da riqueza de ambos os lados, e vocês me ajudaram naquele dia grandioso.

Os Vasiṣṭhas:

6. Ambos os exércitos os chamavam no dia da batalha, para que, com o auxílio de Indra, e o de Varuṇa, eles pudessem obter prosperidade; lá Sudās estava cercado por dez reis; então vocês o ajudaram com os Tṛtsus.

---

[20] Essa estrofe é repetida do hino anterior.
[21] [‘Eles armados com sabres largos e ansiosos pela batalha marcharam’. – Macdonell, que traduziu esse hino em seu *Hymns from the Rigveda.* As notas abaixo vêm dessa mesma fonte].
[22] [‘Onde os homens com bandeiras levantadas na luta avançam juntos, no conflito da batalha onde não há nada agradável, onde as criaturas temem o deus que vê a luz celeste, ó Indra-Varuṇa, sejam lá os nossos defensores’].
[23] [‘O serviço sacerdotal dos Tṛtsus foi justificado’].

7. Os dez reis aliados, os ímpios, não puderam, ó Indra e Varuṇa, lutar com Sudās; a intercessão dos sacerdotes foi útil,[24] pois os deuses ouviram seu chamado e vieram.
8. Na batalha dos dez reis Sudās estava cercado por todos os lados, e vocês, ó Indra e Varuṇa, o ajudaram; pois lá os piedosos[25] Tṛtsus, vestidos de branco, e com o cabelo trançado, os adoraram com preces.
9. Um derrota os nossos inimigos[26] em batalha, o outro sempre guarda a lei; nós invocamos vocês dois, ó poderosos, nesse nosso hino;[27] a nós, ó Indra e Varuṇa, deem sua proteção.
10. A nós que Indra e Varuṇa, Mitra e Aryaman concedam glória, concedam sua proteção poderosa e notável; porque nós ansiamos pela luz eterna de Aditi, e a palavra do deus Savitṛ.[28]

Índice◄►Hino 86 (Peterson)

---

[24] ['Os louvores dos heróis sentados no banquete se tornaram realidade'].
[25] ['Cheios de consideração'].
[26] ['Mata os demônios inimigos'].
[27] ['Com hinos bem dirigidos'].
[28] ['Nós pensamos na luz infalível de Aditi, que ama a lei, e no chamado de Savitar'].

600 - Hino 84. Indra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XIV)

Deuses e Ṛṣi como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 6. **1**. Régios Indra e Varuṇa, eu os convido para o sacrifício com oblações e com louvor; a (concha) derramando óleo, segura em nossas mãos, oferece espontaneamente (a oblação) a vocês que são de muitas formas.
2. O seu vasto reino dos céus gratifica (o mundo com chuva), vocês que amarram (o pecador) com laços não feitos de corda; que a ira de Varuṇa passe longe de nós; que Indra prepare para nós uma região espaçosa.
3. Tornem produtivo o sacrifício oferecido em nossa residência, bem-sucedidas as preces proferidas pelos adoradores; que riquezas venham a nós enviadas pelos deuses; que vocês dois nos deem crescimento por meio de suas proteções desejáveis.
4. Concedam a nós, Indra e Varuṇa, riquezas desejáveis para todos, junto com uma casa e alimento farto, pois o herói, Āditya,[1] que pune os seres desprovidos de sinceridade, dá tesouros ilimitados (aos devotos).
5. Que esse meu louvor chegue a Indra e Varuṇa, e, oferecido zelosamente (por mim), preserve filhos e netos; que nós, possuidores de afluência, ofereçamos aos deuses o (seu) alimento; e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 85 (Wilson)

---

600 - Hino 84. Indra-Varuṇa (Griffith)

1. Reis, Indra-Varuṇa, eu quero voltá-los para cá para este nosso sacrifício com presentes e homenagem. A concha, segura em ambos os braços, deixando cair gordura, vai por si própria até vocês cujas formas são variadas.
2. Dyaus[2] acelera e promove o seu alto domínio que amarra com laços não feitos de corda ou cordame.[3] Longe de nós ainda esteja o desagrado de Varuṇa; que Indra nos dê amplo espaço para morarmos.
3. Tornem o nosso sacrifício justo em meio às assembleias; tornem as nossas preces [bem] aceitas entre os nossos príncipes. Que riquezas enviadas pelos Deuses venham à nossa posse; nos favoreçam com seus auxílios encantadores.
4. Ó Indra-Varuṇa, nos concedam riquezas com fartura de tesouros, alimentos e todas as bênçãos; pois o Āditya[4] que bane a falsidade, o Herói, distribui prosperidade em abundância ilimitada.
5. Que essa minha canção chegue a Varuṇa e Indra, e, exortando, obtenha para mim filhos e descendentes. Ao banquete dos Deuses que possamos ir com riquezas. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 85 (Griffith)

---

[1] Āditya, o filho de Aditi, aqui significa Varuṇa.
[2] Compare com 4.62.9.
[3] Morais ou figurados, não materiais.
[4] Varuṇa.

601 - Hino 85. Indra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XV)

Deuses, Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 7. **1**. Eu ofereço adoração a vocês dois, não interrompida por Rākṣasas, oferecendo o Soma para Indra e Varuṇa, – (adoração), da qual os membros são radiantes como a aurora celeste; que eles dois nos protejam na hora de irmos para a batalha.
2. No conflito onde (os combatentes) lutam contra nós, naquelas (disputas) nas quais (armas) brilhantes caem sobre as bandeiras, que vocês dois, Indra e Varuṇa, matem com sua seta aqueles inimigos que foram desbaratados, e que estão espalhados em várias direções.
3. Os Divinos (sucos) Soma, fluindo como água, autorrenomados, (oferecidos) em assembleias religiosas, sustentam Indra e Varuṇa;[1] de quem um regula a humanidade, distinta (como boa ou ruim), e o outro mata inimigos irresistíveis.
4. Que o adorador devoto obtenha benefício do sacrifício ao oferecer adoração a vocês dois, filhos de Aditi, (dotados) de força; aquele que, de oblações generosas, os convida para a sua satisfação, que ele, possuindo fartura, esteja desfrutando de felicidade.
5. Que esse meu louvor chegue a Indra e Varuṇa, e, oferecido sinceramente (por mim), preserve filhos e netos; que nós, possuidores de riqueza, ofereçamos aos deuses (o seu) alimento; e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 86 (Wilson)

---

601 - Hino 85. Indra-Varuṇa (Griffith)

1. Para vocês eu enfeito um hino inofensivo, oferecendo o suco Soma para Varuṇa e Indra – um hino que brilha como a Aurora divina com abundância.[2] Que eles estejam perto de nós na marcha[3] e nos protejam.
2. Aqui, onde as setas caem em meio aos estandartes ambas as tropas invocam os deuses em emulação. Ó Indra-Varuṇa, atinjam de volta aqueles nossos inimigos, sim, os atinjam com sua seta em todos os quadrantes.
3. Autolúcidas em seus lugares, até as Águas celestes dotaram de Divindade[4] Varuṇa e Indra. Um desses mantém o povo distinto e separado,[5] o Outro golpeia e mata inimigos irresistíveis.
4. Sábio seja o sacerdote[6] e perito na Lei Eterna, que com seus presentes sagrados e adoração traz vocês para nos ajudarem com seu poder, Ādityas; que ele[7] tenha iguarias[8] para promover o seu bem-estar.

---

[1] Conforme o comentário: 'alimentados pelo Soma, os deuses permanecerem em seus próprios respectivos lugares'.
[2] ['Com gordura', ou 'de face de ghee' (ghṛta). Muir traduz: 'Oferecendo Soma para Indra e Varuṇa, eu preparo para vocês dois o hino sincero, como a deusa Uṣas, de face brilhante'. – *O. S. Texts*, III, 243].
[3] O Ṛṣi reza por ajuda em uma batalha esperada.
[4] As libações de suco Soma, com as quais água é misturada, sustentam os Deuses em suas respectivas posições.
[5] Tratados de modo diferente, recompensados ou punidos de acordo com os seus merecimentos. 'O outro sustenta as criaturas separadas'. – Muir. 'Um protege as tribos que estão amplamente espalhadas'. – Grassmann.
[6] Ou, o sacerdote deve ser sábio, hábil, etc.
[7] O instituidor do sacrifício.
[8] Alimento sacrifical para ser oferecido aos Deuses.

5. Que essa minha canção chegue a Varuṇa e Indra, e, exortando, obtenha para mim filhos e descendentes. Ao banquete dos Deuses que possamos ir com riquezas. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 86 (Griffith)

---

602 - Hino 86. Varuṇa (Wilson)[1]

(Sūkta XVI)

O deus é Varuṇa; o Ṛṣi e a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 8. **1**. Permanentes em grandeza são os nascimentos daquele Varuṇa que sustentou os vastos céu e terra, que nomeou para (sua tarefa) dupla[2] o glorioso sol e as belas constelações, e que expande a terra.
2. Quando eu poderei conversar pessoalmente com aquele deus? Quando eu poderei (ser aceito) no coração de Varuṇa? Através de quais meios ele pode, sem desagrado, aceitar a minha oferenda? Quando eu poderei, regozijando-me em mente, ver aquele concessor de felicidade?
3. Desejoso de te ver, Varuṇa, eu pergunto qual é a minha ofensa; eu fui questionar os sábios; os sábios realmente me disseram a mesma coisa: este Varuṇa está insatisfeito contigo.
4. Qual foi a grande maldade, Varuṇa, pela qual tu procuras destruir o adorador, teu amigo? Insuperável, resplandecente Varuṇa, a declare para mim, de modo que, livre do pecado, eu possa me aproximar rapidamente de ti com veneração.
5. Afrouxa (as amarras) impostas pelas más ações dos nossos antepassados, e as incorridas (pelos pecados) que cometemos em nossos corpos; liberta, régio Varuṇa, como um bezerro da sua corda, Vasiṣṭha, como um ladrão nutrindo o animal (que ele roubou).[3]
6. Não é a nossa própria escolha, Varuṇa, mas a nossa condição, (que é a causa do nosso pecado);[4] é aquilo que é intoxicação,[5] ira, jogos de azar,[6] ignorância; há um mais velho perto do mais novo;[7] até um sonho é um provocador de pecado.[8]

---

[1] [Neste hino Vasiṣṭha está sofrendo de algum modo, (de hidropisia, segundo Martin Haug; veja a nota 23), como resultado de alguma ofensa ou transgressão, e pede que Varuṇa o liberte: 'Varuṇa o amarrou e ele se libertou por recitar quatro hinos (7.86-89)'. – *Bṛhaddevatā*. Veja a nota 2 em 7.55].

[Muir observa: 'O RV 7.86 é um tipo de hino penitencial no qual Vasiṣṭha se refere à ira de Varuṇa contra o seu velho amigo (v. 4) e suplica o perdão dos seus pecados. Este hino parece ser uma efusão sincera e genuína de sentimento natural'. – *O. S. Texts*, I, 236].

[2] De fornecer luz de dia e à noite.

[3] Sāyaṇa supre 'e' às duas comparações: 'liberta Vasiṣṭha (ou seja, a mim) como (é libertado) um ladrão que, (tendo feito penitência pelo roubo que cometeu, ao seu término) alimenta os animais (com comida), e (isto é, ou) como um bezerro da sua corda'.

[4] O texto tem apenas *na sa svo dakṣo dhrutiḥ;* o último é explicado: a condição fixada pelo destino na hora do nascimento é a causa do cometimento de pecado, não o nosso próprio poder ou vontade; isso tornaria o *Veda* a autoridade para a noção popular de destino e consequente transmigração.

[5] *Surā*, literalmente, vinho.

[6] *Vibhīdaka*, dados, um material de jogo.

[7] *Asti jyāyān kanīyasaḥ upāre;* pelo mais novo, de acordo com o comentador, é para ser entendido o homem, pequeno e indefeso; pelo mais velho, Deus, seu superior, exercendo bem de perto a faculdade de restrição, mas que, de acordo com Sāyaṇa, um tanto inconsistentemente, impele o homem à maldade; nesse sentido um texto é citado: aquele a quem ele deseja levar para baixo ele faz com que faça más ações.

[8] *Anṛtasya prayotā*, promotor do falso; se assim for, diz Sāyaṇa, quanto mais é provável que cometamos pecado quando acordados?

7. Livre do pecado, eu posso prestar serviço diligente, como um escravo, ao divino derramador (de benefícios), o mantenedor do mundo; que ele, o senhor divino, dê inteligência a nós que somos desprovidos de entendimento; que ele que é o mais sábio guie o adorador para a riqueza.
8. Que esse louvor, Varuṇa concessor de alimento, seja levado a sério por ti; que o sucesso seja nosso em preservar o que temos, e em adquirir mais; e que vocês, (deuses), cuidem sempre de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 87 (Wilson)

602 - Hino 86. Varuṇa (Griffith)

1. Sábias, realmente, são as criaturas dele que através da sua grandeza manteve igualmente os vastos céu e terra separados; que incitou ao movimento o céu alto e poderoso, a Estrela[9] antigamente, e expandiu a terra diante dele.[10]
2. Com o meu próprio coração eu converso sobre a questão de como Varuṇa e eu podemos ser unidos. Que presente meu ele aceitará não enfurecido? Quando eu poderei olhar calmamente e encontrá-lo benevolente?
3. Ansioso para saber esse meu pecado eu questiono outros; eu busco os sábios, ó Varuṇa, e os questiono. Esta mesma resposta até os sábios me deram: 'Certamente Varuṇa está zangado contigo'.
4. Qual, Varuṇa, foi a minha principal transgressão, que tu queres matar o amigo que canta os teus louvores? Dize-me, Senhor Invencível,[11] e rapidamente sem pecado eu me aproximarei de ti com a minha homenagem.
5. Livra-nos dos pecados cometidos por nossos pais,[12] daqueles nos quais nós mesmos ofendemos. Ó Rei, solta, como um ladrão que alimenta o gado,[13] como da corda um bezerro, liberta Vasiṣṭha.
6. Não [foi a] nossa própria vontade [que] nos traiu, mas a Sedução,[14] a negligência, o vinho,[15] Varuṇa, os dados, ou a raiva.[16] O velho está perto[17] para desencaminhar o mais jovem; nem o sono remove todas as más ações.[18]
7. Como escravo que eu preste serviço ao Generoso, sirva, livre do pecado, ao Deus inclinado à raiva. Esse Senhor bondoso dá sabedoria aos simples; o Deus mais sábio leva os sábios às riquezas.
8. Ó Senhor, ó Varuṇa, que esse louvor chegue perto de ti e se encontre dentro do teu espírito. Que tudo esteja bem conosco em repouso e trabalho. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

---

[9] O Sol.
[10] ['E expandiu separadamente as estrelas e a terra'. – Muir].
[11] ['E autodependente'. – Muir].
[12] ["Compare com o *Atharva-Veda,* 5.30.4: 'Se tu estás jazendo aqui por causa do pecado da mãe ou do pai...', e o *Taittirīya Brāhmaṇa,* 3.7.12.3.4: 'Que Agni me (livre) do pecado que minha mãe ou pai cometeu, quando eu estava no útero...' – Muir].
[13] Que fez penitência por seu roubo, e, no término do serviço, ofereceu forragem para o animal roubado; 'que se banqueteou com gado roubado'. – M. Müller. ['Como um ladrão que se alimentou de gado'. – Muir]. Mas veja Pischel, *Vedische Studien*, I, p. 106.
[14] Ou, como Sāyaṇa explica, 'o curso estabelecido do destino'.
[15] ['Daí vemos que vinho era bebido pelos ṛsis vêdicos. Compare com 8.2.12 e 10.107.9, onde é dito que o homem generoso ganha para si próprio, entre outras coisas desejáveis, uma dose de vinho'. – Muir].
[16] ['Irreflexão'. – Muir].
[17] 'O mais forte perverte o mais fraco'. – Muir. 'Há um mais velho (Deus) perto do mais novo (homem)'. – Wilson.
[18] ['Até o sono ocasiona o pecado'. – Muir].

Índice◄►Hino 87 (Griffith)

602 - Hino 86. Varuṇa (Macdonell)

1. Inteligentes de fato são as gerações[19] pelo poder daquele que sustentou à parte até os dois mundos vastos.[20] Ele afastou o firmamento elevado e grandioso e a estrela do dia também; e ele expandiu a terra.
2. E eu converso assim comigo mesmo: quando, por favor, eu estarei em comunhão com Varuṇa? Qual oblação minha ele, livre de ira, desfrutaria? Quando eu, de bom ânimo, perceberei sua clemência?
3. Eu pergunto sobre aquele pecado, ó Varuṇa, com o desejo de descobrir; eu me aproximo dos sábios para perguntar; os sábios me dizem só uma coisa: 'este Varuṇa está furioso contigo'.
4. Qual foi aquele pecado importante,[21] ó Varuṇa, que tu desejas matar teu adorador, um amigo? O declara para mim, tu que és difícil de enganar, autodependente; a ti eu irei, livre do pecado, apaziguar avidamente com adoração.
5. Liberta-nos dos delitos dos nossos pais, daqueles que nós cometemos por nós mesmos. Liberta Vasiṣṭha, ó Rei, como um ladrão que rouba gado,[22] como um bezerro de uma corda.[23]
6. Não foi a minha própria intenção, ó Varuṇa, foi tentação,[24] licor, raiva, dados, negligência; o mais velho está na ofensa do mais jovem; nem mesmo o sono afasta o pecado.
7. Eu irei, como um escravo, prestar serviço ao generoso deus furioso. O deus nobre fez os irrefletidos pensarem; ele, o mais sábio, acelera o homem experiente para a riqueza.[25]
8. Que esse louvor seja bem gravado em teu coração, ó autodependente Varuṇa. Que tenhamos prosperidade na posse, prosperidade também na aquisição. Que vocês nos protejam sempre com bênçãos.

Índice◄►Hino 88 (Macdonell)

---

[19] ['Obras'. – Müller, que traduziu este hino em seu *History of Sanskrit Literature*, p. 541].
[20] É dito várias vezes que Varuṇa (bem como outros deuses) mantém distantes o céu e a terra (ex. 6.70.1), que supostamente eram originalmente unidos.
[21] ['Foi um pecado antigo?' – Müller].
[22] Como alguém liberta (após ele ter expiado seu crime) um ladrão que foi preso.
[23] [Martin Haug traduz: 'Absolve-nos das consequências dos (malfeitos) cometidos pelos nossos pais, e daqueles que nós mesmos cometemos. Liberta Vasiṣṭha, ó Rei (Varuṇa)! (dos grilhões com os quais tu o amarraste) como (escapa) um ladrão que se banqueteou com gado roubado; o liberta como um bezerro da corta'. E observa: 'Pelos grilhões com os quais o poeta está amarrado e dos quais ele reza a Varuṇa por libertação deve-se entender a *hidropisia.* [Veja a nota 4 do hino 89]. Pois supunha-se que Varuṇa visita com essa doença específica todos aqueles que, intencionalmente ou não, violam suas leis, as leis da natureza'. – *A Contribution Towards a Right Understanding of the Rigveda*].
[24] ['Necessidade'. – Müller].
[25] Até mesmo o homem pensativo Varuṇa incita com sua grande sabedoria.

602 - Hino 86. Varuṇa (Peterson)

1. As nossas tribos duram pela força dele que fixou separadamente os dois grandes firmamentos, que desenrolou o amplo e alto céu com suas estrelas, e estendeu a terra.
2. Eu digo ao meu próprio coração: quando eu chegarei à presença de Varuṇa? Ele não estará zangado comigo? Ele receberá a minha prece? Quando eu verei sua misericórdia e me regozijarei?
3. Eu me pergunto qual foi o meu pecado, e tento descobri-lo; eu vou até aqueles que sabem; só os sábios me dão uma resposta, e dizem: é Varuṇa que está zangado contigo.
4. Qual foi o grande mal que eu fiz, ó Varuṇa, que tu te aproximas para matar teu adorador e amigo? O declara para mim, poderoso e glorioso; então eu, sem pecado, irei rapidamente a ti com adoração.
5. Desprende de mim os pecados dos meus pais, e aqueles que eu mesmo fiz; me solta, ó Rei, como um ladrão que fez reparação; me solta como um bezerro do laço do pecado.
6. Não foi a minha própria força, ó Varuṇa; foi destino, vinho, ira, dados, falta de raciocínio; -- -- -- --; até o sono me faz pecar.
7. Livre do pecado eu adorarei, como servo dele, um Deus clemente e glorioso; esse Deus benevolente torna sábio o simples, e, mais sábio do que os homens sábios, o ajuda para todo o bem.
8. Ó glorioso Varuṇa, que essa minha canção entre no teu coração; me abençoa descansando, me abençoa trabalhando; e que vocês, deuses, sempre nos protejam com suas bênçãos.

Índice◄

603 - Hino 87. Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XVII)

Deus, Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 9. **1**. Varuṇa preparou um caminho para o sol; ele libertou as águas dos rios geradas no firmamento; acelerando (para sua tarefa), como um cavalo à solta corre para (um grupo de) éguas, ele dividiu as grandes noites dos dias.[1]

2. Teu espírito é o vento;[2] ele envia as águas amplamente; ele, o nutridor do mundo, é o que se alimenta de comida (sacrifical), como um animal de forragem; todas as tuas glórias, Varuṇa, manifestadas entre os vastos e espaçosos céu e terra, dão alegria (para todos).

3. Os excelentes espiões[3] de Varuṇa contemplam os belos céu e terra, bem como aqueles (homens) que, os celebradores de ritos, constantes no sacrifício, sábios e inteligentes, dirigem (a ele o seu) louvor.

4. Varuṇa falou assim para mim, possuidor de entendimento: a vaca[4] (a fala) tem três vezes sete nomes; o sábio e inteligente Varuṇa, dando instrução a mim, seu discípulo digno, declarou os mistérios do lugar (de Brahma).

5. Nele estão depositados os três céus, as três terras[5] com suas seis estações estão semeadas nele; o adorabilíssimo, o régio Varuṇa fez esse Sol dourado ondulante no céu, ele o fez difundir luz.[6]

6. (Radiante) como o sol, Varuṇa colocou o oceano (em seu leito), branco como uma gota (de água), vigoroso como um antílope, objeto de louvor profundo, distribuidor[7] de água, o poderoso transportador para além do pecado, o governante deste (mundo) existente.

7. Que fiquemos livres do pecado contra esse Varuṇa, que tem compaixão por aquele que comete delito, nós que estamos praticando devidamente os ritos do filho de Aditi;[8] e que vocês, (deuses), sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 88 (Wilson)

---

[1] É dito que Varuṇa aqui significa o pôr do sol, por cuja partida o dia termina e a noite começa.

[2] *Ātmā te vātaḥ;* o comentador explica: o vento sendo enviado amplamente por ti é o sustento de todos os seres vivos, na forma de respiração.

[3] *Spaśaḥ smatiṣṭāḥ;* o primeiro é interpretado como *caraḥ*, espiões; o epíteto é diferentemente explicado: de movimento excelente, ou despachados juntos; em uma passagem anterior, 6.67.5, *spaśaḥ* é explicado como *raśmayaḥ*, raios ou rédeas.

[4] Entende-se que *aghnyā* aqui quer dizer *vāc*, fala; uma aplicação bastante incomum, embora *gauh*, o sinônimo de *aghnyā*, tenha esse significado; é dito que os vinte e um títulos são as sete métricas do Veda, como correspondentes ao peito, garganta ou cabeça; ou 'fala' pode significar o Veda, e como tal implicar os nomes dos vinte e um sacrifícios vêdicos. [Compare com 1.72.6]. Alguns explicam aqui *gauh* como *pṛthivī*, terra, tendo também de vinte e um sinônimos.

[5] Melhor, mediana, pior; veja 2.27.8.

[6] Veja 5.85.2.

[7] 'Criador', segundo Sāyaṇa.

[8] Sāyaṇa toma *Aditer* aqui como significando *adīnasya,* 'do poderoso (Varuṇa)'.

603 - Hino 87. Varuṇa (Griffith)

1. Varuṇa recortou um caminho para Sūrya, e levou as torrentes aquosas dos rios adiante. As Éguas,[9] como em uma corrida, aceleram para frente em ordem. Ele fez grandes canais para os dias seguirem.
2. O vento, a tua respiração, tem soado através da região como um animal selvagem que procura seu alimento em pastagens. Dentro desses dois, dos exaltados Céu e Terra, ó Varuṇa, estão todas as formas que tu amas.[10]
3. Os espiões de Varuṇa,[11] enviados em sua missão, inspecionam as duas metades do mundo bem formadas e moldadas. Sábios são aqueles santos, hábeis em sacrifícios, os promotores das canções de louvor dos prudentes.
4. Para mim que entendo o que Varuṇa falou,[12] os nomes tidos pela Vaca[13] são três vezes sete. O Deus sapiente,[14] conhecendo o segredo do lugar, falará por assim dizer para ensinar a raça vindoura.
5. Sobre ele três céus repousam e são sustentados, e as três terras estão lá em ordem sêxtupla.[15] O sábio Rei Varuṇa fez no céu aquele Balanço Dourado[16] para cobri-lo de glória.
6. Como Varuṇa do céu ele[16] desce no Sindhu,[17] como uma centelha branca brilhante, uma forte criatura selvagem. Governando nas profundezas[18] e medindo a região,[19] ele tem grande poder salvador, Controlador deste mundo.
7. Que estejamos sem pecado diante desse Varuṇa – ele que é misericordioso mesmo para com o pecador – enquanto estamos cumprindo as leis de Aditi.[20] Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 88 (Griffith)

---

[9] Os rios velozes. A meia-linha é difícil. [Veja a versão por Wilson]. 'Como uma tropa (de cavalos) solta, seguindo as éguas, ele fez grandes canais para os dias'. – Muir.
[10] [A última linha Muir traduz: 'Dentro (de ti?) estão esses dois mundos grandes e vastos; todos os teus reinos, Varuṇa, são amados'].
[11] Os outros Ādityas, ou talvez os Pais.
[12] ['Varuṇa disse a mim, o inteligente'. – Muir].
[13] Segundo Sāyaṇa, Vāk ou Fala na forma de uma vaca tendo vinte e uma métricas dos Vedas ligadas ao seu peito, garganta e cabeça, ou tendo o nome dos vinte e um tipos de sacrifícios. Aditi pode ser aludida, ou Pṛśni com os três vezes sete Maruts.
[14] 'O deus sábio, embora ele os conheça, não revelou os mistérios do lugar (dela) [ou os mistérios da *palavra*], que ele deseja conceder a uma geração futura'. – Muir. Segundo Sāyaṇa, *na* nessa linha não é negativo.
[15] Talvez se referindo aos céus e terras, ou então às três terras duplicadas arbitrariamente. 'As três terras com suas seis estações'. – Wilson.
[16] O Sol.
[17] Ou o oceano.
[18] Referindo-se a Varuṇa cujo domínio, seguindo o sol poente, chega às profundezas do oceano.
[19] Ou, que mediu o firmamento. A interpretação de Sāyaṇa dessa estrofe é diferente, [veja a versão por Wilson].
[20] De acordo com Sāyaṇa Aditi aqui significa 'o Poderoso', ou seja, Varuṇa.

604 - Hino 88. Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XVIII)

Deus, Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 10. **1**. Oferece louvor puro e aceitável, Vasiṣṭha,[1] ao derramador, Varuṇa, o que faz com que o adorável (sol), o doador de milhares, o derramador (de benefícios), o vasto, se manifeste diante (de nós).
2. Acelerando para sua visão, que eu glorifique (dignamente) o brilho reunido de Varuṇa, quando ele for o bebedor da bebida estimulante (espremida) pelas pedras; que ele torne o meu corpo de aspecto agradável.
3. Quando (eu, Vasiṣṭha) e Varuṇa, subirmos no navio juntos, quando o enviarmos para o meio do oceano, quando prosseguirmos sobre as águas com velozes (veleiros), então que nós dois flutuemos alegremente no balanço próspero.[2]
4. Assim Varuṇa colocou Vasiṣṭha no navio, e por sua poderosa proteção fez do Ṛṣi um fazedor de boas obras; o sábio Varuṇa colocou seu adorador em um venturoso dia decisivo,[3] ele prolongou os dias que passavam, as noites que passavam.[4]
5. O que aconteceu com aquelas nossas amizades antigas? Vamos preservá-las intactas como antigamente; Varuṇa concessor de alimento, que eu possa ir à tua grande vasta residência abrangente de mil portas.
6. Que aquele teu parente invariável,[5] que foi sempre querido, embora cometendo delitos contra ti, ainda seja teu amigo; adorável Varuṇa, ofendendo-te, que nós não desfrutemos (de felicidade);[6] mas que tu, que és sábio, concedas ao teu adorador uma casa segura.
7. Embora habitando esses mundos duráveis, que Varuṇa solte as nossas amarras; que possamos ser desfrutadores da proteção (que foi dada por ele) do colo de Aditi,[7] e que vocês (deuses) sempre cuidem de nós com bênçãos.[8]

Índice◄►Hino 89 (Wilson)

---

[1] [O poeta se dirige a si próprio].
[2] O comentador explica: vamos nos divertir, sendo jogados aqui e ali pelo subir e descer das ondas, como se fosse em um balanço, na forma de um navio. [Veja a nota 11].
[3] *Sudinatve* é antes o estado ou propriedade de um dia de sorte por ele ser proveitoso.
[4] Varuṇa é aqui identificado com o sol; *uṣasaḥ*, o comentador afirma, aqui quer dizer *rātrīḥ*, noites.
[5] Segundo uma lenda [7.33.11] Vasiṣṭha é filho de Varuṇa.
[6] Que nós, te ofendendo, não desfrutemos; não é dito do que; o comentador liga o proibitivo ao verbo, mas dá um rumo diferente à frase: 'sendo libertos do pecado através da tua graça, vamos desfrutar de prazeres'.
[7] Aditi é aqui explicada como *Pṛthivī,* terra.
[8] ['Logo que a estrofe 7.88.7 foi recitada as correntes caíram dele'. – *Bṛhaddevatā*. Veja a nota 2 em 7.55].

604 - Hino 88. Varuṇa (Griffith)

1. Oferece para Varuṇa o teu hino, Vasiṣṭha, brilhante, muito agradável para o Doador Generoso, que traz para nós o Touro,[9] o sublime, o Santo, carregado com mil tesouros.
2. E agora, visto que eu estou diante dele, eu tomo o rosto de Varuṇa pelo de Agni.[10] Então que ele possa trazer – Senhor também da escuridão – a luz no céu para que eu veja a sua beleza!
3. Quando Varuṇa e eu embarcarmos juntos e impulsionarmos o nosso barco no meio do oceano, nós, quando flutuarmos sobre os cumes das águas, oscilaremos dentro desse balanço e lá seremos felizes.[11]
4. Varuṇa colocou Vasiṣṭha no navio, e habilmente com seu poder fez dele um Ṛṣi. Quando os dias brilhavam o Sábio fez dele um cantor, [12]enquanto os céus se estendiam e as Auroras eram prolongadas.
5. O que aconteceu com aquelas nossas amizades antigas, quando, sem inimizade, nós caminhávamos juntos? Eu, Varuṇa, ó Senhor glorioso, entrei no teu lar majestoso, na tua casa com mil portais.
6. Se ele, o teu verdadeiro aliado, pecou contra ti, ainda assim, Varuṇa, ele é o amigo que tu amas. Não nos deixes, Vivente, como pecadores te conhecer; dá amparo, como um Sábio, para aquele que te louva.[13]
7. Enquanto permanecermos nessas habitações fixas e do colo de Aditi[14] ganharmos proteção, que Varuṇa desate a corda que nos prende. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 89 (Griffith)

---

[9] O Sol.
[10] Isto é, ele me parece estar flamejando de raiva.
['Quando eu obtive uma visão de Varuṇa, eu considerei seu esplendor como semelhante ao de Agni'. – Muir].
[11] 'A parte mais importante do hino se encontra nos versos 3-6. O cantor acredita que ele foi abandonado pelo seu auxiliador Varuṇa; com angústia ele relembra a sua comunhão com o Deus nos tempos passados. Em uma visão ele se vê transladado para o reino de Varuṇa, ele segue velejando com o Deus, ele é chamado para ser o Ṛṣi ou cantor sagrado para o Deus, e está em seu palácio com ele. Agora, Varuṇa retirou sua proteção, porém, que ele tenha piedade do seu cantor, e não o puna tão dolorosamente por seu pecado. Talvez o hino originalmente terminasse com o verso 6'. Nota do professor von Roth em *Siebenzig Lieder* [*Setenta Hinos*], traduzida pelo professor Peterson. Mas veja Hillebrandt, *Varuṇa und Mitra*, p. 25-26.
['Balançaremos sobre o elemento ondulante até nos tornarmos brilhantes'. – Muir, *O. S. Texts*, I, 326].
[12] ["'Em uma hora auspiciosa, para que os seus dias e auroras pudessem ser prolongados'. O professor Aufrecht interpreta a última frase: 'Enquanto os dias e as auroras continuarem'". – *Id.*].
[13] ['Qualquer amigo teu, sendo um parente constante e amado, pode cometer ofensas contra ti; que nós, embora pecadores, não soframos (castigo), ó ser adorável; que tu, ó Deus sábio, nos concedas proteção'. – *Id.*].
[14] É dito que Aditi aqui significa terra.

604 - Hino 88. Varuṇa (Macdonell)

1. Oferece a Varuṇa, o dador benevolente,
Um hino, Vasiṣṭha, brilhante e muito agradável,
Para que ele possa trazer para nós o sublime, santo
E poderoso corcel que concede mil bênçãos.

2. Agora, tendo chegado ao pleno aspecto de Varuṇa,
Eu acho o seu rosto semelhante ao de Agni;
Que ele, o senhor, me leve a ver a maravilha:
A luz e a escuridão escondidas na caverna.

3. Quando Varuṇa e eu subirmos no barco
E o impulsionarmos para o meio do oceano,
Quando nós nos movermos através dos cumes das águas
Nós oscilaremos no balanço para aumentar seu brilho.

4. Varuṇa colocou Vasiṣṭha na embarcação;
O sábio benigno por seu poder imenso
Estabeleceu seu adorador em prosperidade,[15]
Enquanto os dias, enquanto as manhãs durassem.

5. O que aconteceu com aquelas nossas antigas amizades,
Quando nós dois mantínhamos outrora uma conversa ininterrupta?[16]
Ó soberano Varuṇa, na tua mansão majestosa,
No teu lar, eu entrei, com seus mil portais.

6. Aquele que é, ó Varuṇa, teu parente constante,
Uma vez querido, embora pecador agora, ele reclama as tuas amizades.
Como culpados, ó mago, que nós não soframos;
Que tu, ó sábio, concedas abrigo ao teu louvador.[17]

7. Ó, que nós, vivendo nessas moradas fixas.
Agora encontremos proteção do colo de Aditi.
Que do seu laço o rei Varuṇa nos liberte.
Ó deuses, nos protejam sempre com bênçãos.[18]

Índice◄

---

[15] [‘Varuṇa como um artífice habilidoso por sua força fez de Vasiṣṭha um profeta’. – Peterson, que também traduziu esse hino, exceto o verso 2. As notas abaixo provêm da sua tradução].
[16] [‘Onde estão aquelas nossas antigas amabilidades, quando nós andávamos juntos sem ódio?’].
[17] [‘Eu era teu parente próximo, Varuṇa, estimado por ti, teu amigo; mas eu fiz mal contra ti; eu pequei contra ti; não me deixes sofrer, ó Deus vingador, defende-me, porque eu recorro a ti’].
[18] [‘Ó Varuṇa, desprende os meus grilhões de mim, e traze-me para viver naquela cidade duradoura; me envia ajuda do céu interno – e que vocês deuses sempre me protejam com sua bênção’].

605 - Hino 89. Varuṇa (Wilson)[1]

(Sūkta XIX)

Deus e Ṛṣi como antes; a métrica da última estrofe é Jagatī, do resto Gāyatrī.

Varga 11. **1**. Que eu nunca vá, régio Varuṇa, para uma casa feita de barro;[2] concede-me felicidade, possuidor de riqueza, concede-me felicidade.[3]

2. Quando, Varuṇa,[4] eu estou pulsando como se (de pavor) como uma pele inflada, concede-me felicidade, possuidor de riqueza, concede felicidade.

3. Opulento e puro (Varuṇa), se por causa da enfermidade eu fiz o que é contrário (à lei), ainda me concede felicidade, possuidor de riqueza, concede felicidade.

4. A sede angustia (a mim) teu adorador no meio das águas;[5] concede-me felicidade, possuidor de riqueza, concede-me felicidade.

5. Seja qual for a ofensa que nós homens cometamos, Varuṇa, contra os seres divinos, qualquer lei tua que violemos por ignorância, divino Varuṇa, não nos punas por conta dessa iniquidade.[6]

Índice◄►Hino 90 (Wilson)

---

[1] [Oldenberg observa que este hino parece ser uma adição a essa série de hinos para Varuṇa, porque embora não quebre a sequência decrescente do número de versos ele está em outra métrica, e o nome Vasiṣṭha não aparece nele].

[2] [Veja a nota 9]. *Mo su gṛham mṛnmayam gamam;* o comentador adiciona *tvadīyam*, tua, como se um templo de Varuṇa fosse aludido. Ele parece tomar *su* como significando: 'mas para a tua bela casa, isto é, uma feita de ouro'.

[3] Sāyaṇa explica *mṛḷaya* como 'demonstra misericórdia', ['tem piedade'. – Griffith].

[4] O texto acrescenta um epíteto, *adrivas* [*adrivat*], armado com pedras para atirar. [Veja a nota 11]. Após *pulsando* Sāyaṇa acrescenta 'de frio'; e ao invés de 'eu estou' ele tem 'eu sigo amarrado por ti'. O texto parece aludir a Varuṇa-pāśa [o laço de Varuṇa], uma espécie de hidropisia, (veja 4.1.5, nota); compare com o *Aitareya Brāhmaṇa*, 7.15: ['Varuṇa agora pegou Hariścandra, e a barriga dele inchou (ou seja, ele foi atacado por hidropisia)'] e a *Taittirīya Saṃhitā*, 2.3.11.

[5] Continuando, de acordo com o escoliasta, a alusão à viagem de Vasiṣṭha por mar: ele está com sede no meio das águas porque a água do mar é salgada e imprópria para beber.

[6] [*Atharva-Veda*, 6.51.3].

605 - Hino 89. Varuṇa (Griffith)[7]

1. Não me deixes ainda, Rei Varuṇa, entrar na[8] casa de barro;[9]
Tem piedade, perdoa-me,[10] Senhor Poderoso.
2. Quando, Trovejante![11] Eu me movo trêmulo[12] como uma pele soprada pelo vento,[13]
Tem piedade, perdoa-me, Senhor Poderoso.
3. Ó Deus Brilhante e Poderoso, por falta de força[14] eu cometi um erro e me desencaminhei;[15] tem piedade, perdoa-me, Senhor Poderoso.
4. A sede[16] encontrou o teu adorador embora ele estivesse em meio às torrentes de água;[17] tem piedade, perdoa-me, Senhor Poderoso.
5. Ó Varuṇa, qualquer que seja a ofensa que nós como homens cometamos contra a hoste celeste, quando pela nossa falta de raciocínio nós violarmos as tuas leis, não nos punas, ó Deus, por essa iniquidade.

Índice◄►Hino 90 (Griffith)

---

[7] O hino foi traduzido pelo Dr. Muir, *O. S. Texts*, V, 67; pelo professor Max Müller, *Anc. Sansk. Lit*. 540; os autores de *Siebenzig Lieder*, p. 12 e pelo professor Peterson, *Hymns from the Rigveda*, p.287.
[8] ['Descer à'. – Peterson].
[9] A sepultura. Compare com o *Atharva-Veda*, 5.30.14: ['Não o deixes partir daqui, nem viver na casa de barro'].
[10] ['Poupa-me'. – Macdonell].
[11] *Adrivaḥ*, Lançador da Pedra, um epíteto comum de Indra, mas não adequado para Varuṇa.
[12] ['Cambaleando'. – Peterson]. Sāyaṇa acrescenta 'de frio', e o professor Wilson observa que: 'Varuṇa-pāśa, uma espécie de hidropisia, parece ser aludida'. Compare com o *Atharva-Veda,* 4.16.7: ['Varuṇa, capture-o com cem laços! observador do homem! não deixes que aquele que mente escape de ti. Lá que o vilão se encontre com a barriga pendente e enfaixada como um barril cujos arcos estão quebrados'].
[13] ['Se eu sigo tremendo como uma nuvem impelida pelo vento, tem piedade, ó Todo-poderoso, tem piedade'. – Müller].
[14] ['A minha força era mesmo fraqueza e...'. – Peterson].
[15] ['Fui para a margem errada'. – Müller].
[16] Avareza.
[17] Quando cercado por riqueza abundante. Segundo o comentador, a alusão é à viagem marítima de Vasiṣṭha; ou talvez a sede perpétua da hidropisia pode ser aludida.

606 - Hino 90. Vāyu (Wilson)

(Anuvāka 6. Sūkta I)

O deus das quatro primeiras estrofes é Vāyu, os deuses das três últimas são Indra e Vāyu; o Ṛṣi é Vasiṣṭha; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 12. **1**. Os doces e puros sucos Soma são oferecidos a ti, o herói Vāyu,[1] pelos sacerdotes; portanto, atrela os teus corcéis Niyut, vem para cá e bebe do Soma derramado para a tua alegria.

2. Bebedor de suco Soma, Vāyu, tu elevas aquele que entre os mortais oferece a ti, que és o senhor, uma oblação excelente, o Soma puro; nascido repetidamente, ele nasce para a aquisição de riqueza.

3. Os seus próprios cavalos Niyut levam ao local de pobreza o branco distribuidor de riquezas, Vāyu, a quem o céu e a terra produziram por causa de riquezas, a quem a linguagem divina de louvor sustenta como uma divindade por causa de riquezas.[2]

4. As auroras irrepreensíveis (inaugurando) dias claros raiaram, e, brilhando radiantemente, (os Aṅgirasas)[3] obtiveram a luz vasta (o sol); desejosos (de recuperá-la) eles obtiveram a sua riqueza de gado, e as águas antigas brotaram posteriormente para o bem deles.

5. Aqueles (adoradores) ilustres pela adoração sincera, assíduos no exercício das suas próprias funções, trazem para vocês, Indra e Vāyu, uma carruagem portadora de heróis,[4] e oferecem para vocês, dois soberanos, alimento (sacrifical).

6. Que aqueles príncipes magnânimos que nos conferem prosperidade por meio de presentes de gado, cavalos, tesouro, ouro, derrotem, Indra e Vāyu, toda a existência (de seus inimigos) em competições com cavalos e com heróis.

7. Nós, Vasiṣṭhas, (trazendo oblações), como cavalos (carregando cargas), solicitando alimento, desejando força, invocamos com louvores Indra e Vāyu para (a nossa) defesa segura; que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 91 (Wilson)

---

[1] *Yajur [VS]*, 33.70. Mahīdhara explica a primeira linha de modo diferente; *pra vīrayā dadrire vām* adhvaryubhiḥ*. Sāyaṇa considera *vīrayā* como uma licença para *vīrāya* e *vām* para *te*. Mahīdhara faz de *vīrayā* equivalente a *vīrā* e *vām*, de vocês dois, ao sacrificador e sua esposa: as suas libações de Soma, esposa e sacrificador, estão sendo derramadas pelos sacerdotes.

[* 'O primeiro *pāda* de 7.90.1 contém a forma dual *vām*, de modo que julgada por isso toda a estrofe seria dirigida a Indra, bem como a Vāyu'. – *Bṛhaddevatā,* II, tradução por Macdonell, 1904, p. 215, nota].

[2] *Yajur [VS],* 27.24.

[3] Eles não são citados no texto, mas Sāyaṇa atribui o todo a eles: pelo seu louvor de Vāyu a aurora raiou, o gado roubado foi resgatado, e a chuva obstruída posta em liberdade.

[4] *Vīravāham ratham*, a primeira é explicada: para ser transportada pelos seus corcéis, ou para ser obtida pelos adoradores; *ratham* ele interpreta *yajñam*, o sacrifício.

606 - Hino 90. Vāyu (Griffith)

1. Para vocês[5] sucos puros, ricos em hidromel, são oferecidos pelos sacerdotes por anseio pelo Par de Heróis.[6] Dirige, Vāyu, traze os teus cavalos atrelados aqui; bebe o Soma espremido até que ele te deixe alegre.
2. Quem para ti, o Poderoso, traz oblação, Soma puro para ti, Vāyu bebedor do puro, aquele homem tu tornas famoso entre os mortais; para ele filhos fortes nascem em rápida sucessão.
3. O Deus[7] que esses dois mundos produziram por riquezas, a quem a celeste Dhiṣaṇā[8] designa para a nossa riqueza, sua parelha de cavalos atrelados serve a Vāyu, e, primeiramente, ao radiante portador de Tesouros.[9]
4. As Auroras imaculadas com belos dias claros surgiram; eles[10] encontraram a luz vasta quando estavam brilhando. Ansiosamente eles descobriram o estábulo do gado; as águas correram para eles como nos dias de outrora.
5.[11] Estes,[12] com seu espírito verdadeiro, brilhando, avançam providos de sua intuição natural. Iguarias acompanham o carro que carrega Heróis, seu carro, ó Par Soberano, Indra e Vāyu.
6. Que estes que nos dão luz celeste, estes governantes, com presentes de vacas e cavalos, ouro e tesouros, estes príncipes, a vida inteira, Indra e Vāyu! vençam em batalha com seus corcéis e heróis.
7. Como corcéis que buscam fama nós Vasiṣṭhas, Indra-Vāyu, com os nossos belos louvores, aplicando toda a nossa força vamos chamá-los para nos ajudar. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 91 (Griffith)

---

[5] [Veja a nota 1 *].
[6] Indra e Vāyu.
[7] Aparentemente, Indra.
[8] A Deusa da prosperidade e do lucro.
[9] Talvez Soma.
[10] Os Aṅgirases. [Veja a nota 3].
[11] As últimas três estrofes são dirigidas a Indra e Vāyu como um deus duplo.
[12] Os instituidores de sacrifícios.

607 - Hino 91. Vāyu (Wilson)

(Sūkta II)

Deuses,[1] Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 13. **1**. Aqueles adoradores veneráveis, que por (adorarem Vāyu) prontamente e frequentemente com reverência eram antigamente livres de censura, agora iluminaram Uṣas e o sol por sacrificarem para Vāyu e (a preservação d)a humanidade embaraçada.[2]
2. Desejando (adoração), prosseguindo (no céu), preservadores da humanidade, não fiquem dispostos, Indra e Vāyu, a nos fazer mal; protejam-nos através de muitos meses e anos; o nosso louvor sincero, dirigido a vocês dois, pede felicidade e prosperidade excelente.
3. Vāyu de cor branca, Inteligente, glorioso com os cavalos Niyut,[3] favorece aqueles homens que são bem alimentados,[4] cheios de riquezas, pois eles unânimes estão em todos lugares, prontos para (adorar a) ele, e, líderes de ritos, eles realizam todas as cerimônias que são produtivas de prole excelente.
4. Tanto quanto é a sua rapidez de corpo, tanto quanto é o seu vigor, tanto quanto os líderes (de ritos) são iluminados pela sabedoria, (em tal medida), bebedores da (bebida) pura, Indra e Vāyu, bebam este nosso Soma puro, e sentem-se sobre esta grama sagrada.
5. Atrelando os Niyuts, a quem os devotos (adoradores) desejam,[5] ao seu carro comum, venham, Indra e Vāyu, para cá; esta, a primeira (taça) da bebida doce, está preparada para vocês; e então, satisfeitos (pela dose), libertem-nos (do pecado).
6. Venham à nossa presença, Indra e Vāyu, com aqueles magnânimos corcéis Niyut, que, desejados por todos, servem a vocês dois às centenas e aos milhares; bebam, líderes (de ritos), da bebida doce colocada perto (do altar).
7. Nós, Vasiṣṭhas, (trazendo oblações), como cavalos (carregando cargas), solicitando alimento, desejando força, invocamos com louvores Indra e Vāyu para (a nossa) defesa segura; que vocês sempre cuidem de nós com bênçãos.[6]

Índice◄►Hino 92 (Wilson)

---

[1] [Vāyu (1,3); Indra e Vāyu (2,4-7); veja a nota 7].
[2] *Manave bādhitāya* é explicado como filhos, etc.; ou pode estar ligado à palavra anterior, *vāyave*, para dar oblações para Vāyu no sacrifício do *manu* entravado.
[3] *Yajur [VS]*, 27.23. Sāyaṇa parece explicar *niyutām abhiśrīḥ* como o refúgio ou senhor dos corcéis Niyut.
[4] Mahīdhara aplica os epítetos aos Niyuts, Sāyaṇa aos homens ricos.
[5] Ou melhor: 'cujos adoradores são objetos de desejo'.
[6] [O mesmo que o último verso do hino anterior].

607 - Hino 91. Vāyu (Griffith)[7]

1. Não eram, em verdade, os deuses outrora irrepreensíveis, cujo prazer era aumentado pela adoração? Para Vāyu[8] e para o homem em sua aflição eles fizeram a Manhã surgir com Sūrya.[9]
2. Guardiões infalíveis, ansiosos como enviados, preservem-nos seguros através de muitos meses e outonos. Endereçado a vocês, o nosso belo louvor, Indra-Vāyu, implora a sua graça e renovado bem-estar.
3. Sábio, brilhante, arranjador de suas parelhas, ele[10] procura homens com alimentos ricos cujos tesouros sejam abundantes. Eles se organizaram unânimes com Vāyu; os homens fizeram todas as operações nobres.
4. Até onde o poder e a força inatos lhes permitirem, até quando os homens cujos olhos têm visão contemplarem, ó bebedores do puro, bebam conosco o Soma puro; sentem-se sobre esta erva sagrada, Indra e Vāyu.
5. Conduzindo parelhas que levam os Heróis adoráveis,[11] para cá, Indra-Vāyu, venham juntos. Para vocês este primeiro do suco saboroso é oferecido; soltem aqui os seus cavalos e estejam dispostos amigavelmente.
6. Suas cem e suas mil parelhas, ó Indra e Vāyu, todo-generosos, que os acompanham, com essas dispostas benevolentemente venham aqui, e bebam, ó Heróis, o hidromel que oferecemos.
7. Como corcéis que buscam fama nós Vasiṣṭhas, Indra-Vāyu, com os nossos belos louvores, aplicando toda a nossa força vamos chamá-los para nos ajudar. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 92 (Griffith)

---

7 Indra está associado a Vāyu em quase todas as estrofes.
8 Eu traduzo o *vāyave* do texto, mas é evidente que em vez disso deve-se ler *āyave*, para Āyu, o vivente.
9 [‘Certamente aqueles deuses que eram glorificados pela adoração eram antigamente perfeitos. Eles revelaram a aurora com o sol para Vāyu (Āyu?), para Manu quando angustiado’. – Muir, *O. S. Texts*, I, 172].
10 Vāyu. [‘De cor branca’ e ‘brilhante’ também são epítetos do Soma, então essa primeira frase também poderia se referir a ele]. O sentido da estrofe é obscuro.
11 Indra e Vāyu.

608 - Hino 92. Vāyu (Wilson)

(Sūkta III)

Deuses,[1] Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 14. **1**. Bebedor do puro (Soma), Vāyu, vem até nós porque os teus Niyuts são milhares; oh, tu que és desejado por todos, eu te ofereço[2] o alimento (sacrifical) estimulante, do qual tu, deus, tens que beber antes.[3]

2. O ativo derramador de libação oferece o Soma para Indra e para Vāyu beberem nos sacrifícios, nos quais os sacerdotes devotados, de acordo com as suas funções, trazem para vocês dois a primeira (porção) do Soma.

3. Com aqueles corcéis Niyut, com os quais tu te diriges, Vāyu, ao doador (da libação), esperando em seu salão para oferecer sacrifícios, (vem a nós), e nos concede riquezas agradáveis, concede progênie masculina, e riqueza, abrangendo gado e cavalos.[4]

4. Derrotando os nossos inimigos na guerra por meio dos nossos guerreiros, que sejamos os matadores de inimigos, através dos (adoradores) piedosos, que são os alegradores de Indra e Vāyu, os recitadores de hinos divinos, os destruidores de adversários.

5. Vem, Vāyu, ao nosso sacrifício imperecível, com centenas e milhares de corcéis Niyut, e te alegra nessa cerimônia; que vocês (deuses)[5] sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 93 (Wilson)

---

[1] [Vāyu (1,3-5); Indra e Vāyu (2)].

[2] *Upāyāmi* tem um poder técnico como especialmente aplicável ao Soma, que é trazido em um recipiente chamado *upayāma*.

[3] *Yajur-Veda [VS],* 7.7.

[4] *[Yajur-Veda (VS),* 27.27].

[5] *Yajur-Veda [VS],* 27.28. Mahīdhara supre a elipse com *Ṛtvijaḥ*, sacerdotes.

608 - Hino 92. Vāyu (Griffith)

1. Ó Vāyu, bebedor do puro,[6] aproxima-te de nós; mil parelhas são tuas, Dador Todo-generoso.[7] A ti o suco que causa êxtase é oferecido, cuja primeira dose, Deus, tu tomas como a tua parte.
2. Ativo nos ritos sagrados aquele que espreme se adiantou com doses de Soma para Indra e para Vāyu, quando os sacerdotes ministrantes com forte devoção trazem para vocês Dois a primeira prova do Soma.
3. As parelhas com as quais tu procuras aquele que oferece, dentro de sua casa, ó Vāyu, para guiá-lo, com elas envia riquezas para nós com pleno gozo, um filho herói e presentes de vacas e cavalos.
4. Perto dos deuses e alegrando Indra, devotados e oferecendo presentes preciosos para Vāyu, aliados[8] aos príncipes, derrotando os hostis, que possamos com heróis conquistar inimigos em batalha.
5. Com as tuas parelhas atreladas às centenas e aos milhares[9] vem ao nosso sacrifício e adoração solenes. Vem, Vāyu, te alegra com essa libação. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 93 (Griffith)

---

[6] Ou brilhante, Soma.
[7] ['Teus são mil corcéis, ó concessor de todas as bênçãos'. – *Śatapatha Brāhmaṇa*, 4.1.3.18].
[8] Os sacerdotes são os aliados e apoiadores morais dos príncipes na guerra.
[9] Compare com 1.135.3.

609 - Hino 93. Indra e Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

Indra e Agni são os deuses; o Ṛṣi e a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 15. **1**. Matadores de inimigos, Indra e Agni, fiquem satisfeitos hoje por este louvor piedoso e recém-recitado; repetidamente nós invocamos vocês dois, que são dignos de invocação; vocês são os principais concessores de alimento prontamente àquele que (o) solicita (de vocês).

2. Vocês dois são desejados por todos, os demolidores da força[1] (hostil), aumentando juntos, crescendo em vigor, senhores da fartura de grãos; concedam-nos alimento substancial revigorante.[2]

3. Os sábios ofertantes de oblações, que, desejando a sua graça, celebram o sacrifício com ritos sagrados, se apressam para adorá-los, como cavalos para a batalha, repetidamente invocando Indra e Agni.

4. O sábio piedoso, desejando o seu auxílio, os glorifica com louvores por causa das riquezas antigamente desfrutadas,[3] acompanhadas de celebridade; Indra e Agni, matadores de Vṛtra, portadores do raio, nos exaltem com doações preciosas.

5. Quando dois (exércitos) grandes, mutuamente desafiadores, êmulos em vigor corpóreo,[4] lutarem em guerra, então que vocês destruam, pelo devoto, aqueles que não são devotados aos deuses em sacrifício, e, pelo homem que oferece libações, (aquele que não oferece).

Varga 16. **6**. Venham com mentes benevolentes, Indra e Agni, para essa nossa libação de Soma; vocês nunca são negligentes conosco, portanto eu os propicio com iguarias (sacrificais) constantes.

7. Aceso, Agni, por essa adoração, nos recomenda para Mitra, Varuṇa e Indra; qualquer pecado que possamos ter cometido, que tu expies, e que Aryaman, Aditi (e Mitra) o tirem (de nós).

8. Celebrando esses ritos diligentemente, que nós, Agni (e Indra), alcancemos imediatamente o seu alimento; que Indra, Viṣṇu e os Maruts não nos abandonem; e que vocês (deuses) sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 94 (Wilson)

---

[1] Sāyaṇa parece explicar *śavasānā hi bhūtam* como, 'vocês agiram como um exército quebrando inimigos'.

[2] *Pṛṅktam vājasya sthavirasya ghṛṣveḥ* é explicado como 'dá-nos o alimento que é grosso, o destruidor de inimigos'.

[3] Ou melhor: 'riquezas desejáveis mesmo nos tempos antigos'.

[4] *Sam yat mahī mithatī spardhamāne tanūrucā śūrasātā yataite;* temos aqui um conjunto de duais femininos sem um substantivo, literalmente: duas grandes rivalizando insultando podem lutar entre si; nos melhores exemplares há um espaço em branco, que também é deixado na edição impressa, mas em algumas cópias temos *sene*, dois exércitos.

609 - Hino 93. Indra-Agni (Griffith)

1. Matadores de inimigos,[5] Indra e Agni, aceitem hoje o nosso louvor puro recém-nascido. Novamente, novamente eu chamo vocês prontos a ouvir, os melhores em darem força rapidamente àquele que anseia por ela.
2. Porque vocês eram fortes para ganhar, extremamente poderosos, crescendo juntos, desenvolvendo-se em seu vigor. Senhores do pasto cheio de amplas riquezas, concedam-nos força nova e duradoura.
3. De fato, quando os fortes[6] entram em nossa assembleia, e cantores que buscam sua graça com seus hinos, eles são como cavalos que entram na pista de corridas, aqueles homens que chamam Indra-Agni em voz alta.
4. O cantor, procurando com seus hinos o seu auxílio, implora riquezas esplêndidas do seu primeiro possuidor.[7] Favoreçam-nos com novas bênçãos, Indra-Agni, armados com o forte trovão, matadores de inimigo.
5. Quando as duas grandes tropas,[8] organizadas uma contra a outra, se encontram vestidas de brilho, no confronto feroz, fiquem ao lado dos piedosos, derrotem os perversos; e ainda ajudem os homens que espremem o Soma.
6. Para essa nossa espremedura de Soma, Indra-Agni, venham dispostos a mostrar sua benevolência, pois em nenhum momento vocês nos têm desprezado. Portanto, que eu possa atraí-los para cá com tudo o que fortalece.
7. Então, Agni, aceso em meio a essa adoração, convida Mitra, Varuṇa e Indra. Perdoa qualquer pecado que tenhamos cometido; que Aryaman e Aditi[9] o removam.
8. Enquanto nós aceleramos esses nossos sacrifícios, que possamos ganhar força de vocês dois, ó Agni;[10] que os Maruts, Indra e Viṣṇu nunca nos desprezem. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 94 (Griffith)

---

[5] [‘Matadores de Vṛtra’].
[6] Os nobres que instituem sacrifícios.
[7] Cada Deus que é invocado.
[8] ‘Tropas’ deve ser adicionado. Os adjetivos femininos duais não têm substantivo no texto.
[9] Mitra e outros estando subentendidos, já que o verbo está no plural.
[10] Isto é, Indra e Agni.

610 - Hino 94. Indra e Agni (Wilson)

(Sūkta V)

Os deuses e o Ṛṣi como antes; a métrica do décimo segundo verso é Anuṣṭubh, do resto, Gāyatrī.[1]

Varga 17. **1**. Este louvor principal, Indra e Agni, provém (copiosamente) de mim o seu adorador, como chuva de uma nuvem.[2]
2. Ouçam, Indra e Agni, a invocação do adorador; aceitem sua adoração; recompensem, senhores, os seus atos piedosos.
3. Líderes de (ritos), Indra e Agni, não nos sujeitem à iniquidade, nem à calúnia, nem ao maldizente.

4. Desejando proteção, nós oferecemos oblações copiosas e louvor a Indra e Agni, e preces com ritos sagrados.[3]
5. Muitos são os sábios que propiciam (Indra e Agni) dessa maneira em busca de (sua) proteção, mutuamente esforçando-se para a aquisição de alimentos.
6. Ávidos para oferecer louvor, trazendo alimento (sacrifical), desejosos de riqueza, nós invocamos vocês, Indra e Agni, com louvores, na celebração de atos sagrados.

Varga 18. **7**. Derrotadores de homens (hostis), Indra e Agni, venham com alimento (para ser concedido) a nós; não deixem que o malévolo tenha poder sobre nós.
8. Não deixem que a malícia de nenhum mortal hostil nos alcance; concedam-nos, Indra e Agni, felicidade.
9. Nós lhes pedimos por riqueza, abrangendo gado, ouro e cavalos; que a obtenhamos de vocês, Indra e Agni.

10. Quando adoradores líderes (de ritos) invocam vocês dois, senhores dos cavalos, após o Soma ser oferecido, (venham aqui).
11. Destruidores absolutos de Vṛtra, alegrados (pelo Soma), vocês que são adorados com preces e hinos e cânticos, (venham aqui).[4]
12. Destruam com suas (armas) fatais o mortal que é maligno, ignorante, forte, voraz;[5] o destruam como um jarro de água, com suas armas.

Índice◄►Hino 95 (Wilson)

---

[1] [Organizados em *tṛcas*].
[2] Essa e as duas estrofes seguintes ocorrem no *Sāma-Veda*, II.266-268 [2.3.1.9.1-3].
[3] *Ibid*. II.150-152 [2.2.1.9.1-3].
[4] *Āṅgūṣaiḥ;* com clamores, com outros louvores; Mahīdhara, *Yajur [VS],* 33.76, explica: com louvores em discurso mundano ou nativo, não o do Veda.
[5] O comentador diz que *ābhogam* é aquele que desfruta de coisas boas tiradas dos adoradores.

610 - Hino 94. Indra-Agni (Griffith)

1. Como chuva[6] da nuvem, para vocês, Indra e Agni, da minha alma[7]
Este nobilíssimo[8] louvor foi produzido.
2. Ouçam, ó Indra-Agni, o chamado do cantor; aceitem as suas canções.
Ó Soberanos, realizem o desejo do coração dele.
3. Não nos entreguem à pobreza, ó Heróis, Indra-Agni, nem
À calúnia e repreensão dos homens.

4. Para Indra e Agni trazemos reverência, hino elevado e sagrado,
E, almejando auxílio, palavras agradáveis com a prece.
5. Pois todos estes cantores santos aqui imploram a esses Dois para socorrê-los,
E os sacerdotes para que eles possam ganhar força.
6. Ansiosos para louvá-los, nós com canções os invocamos, portando alimento sagrado,
Ávidos pelo sucesso no sacrifício.

7. Indra e Agni, venham a nós com auxílio, vocês que conquistam homens,
Não deixem que o perverso nos domine.
8. Em nenhum momento deixem o golpe ofensivo do mortal hostil cair sobre nós:
Ó Indra-Agni, nos protejam.
9. Qualquer que seja a riqueza que nós almejarmos de vocês, em ouro, em gado, em corcéis, essa, Indra-Agni, permitam-nos ganhar;

10. Quando heróis ativos em culto chamarem Indra e Agni, Senhores dos Corcéis,
Ao lado do suco do Soma derramado,
11. Chamarem para cá[9] com canção e louvores aqueles que melhor matam os inimigos, aqueles que se deleitam com hinos de louvor,
12. Matem o homem perverso cujo pensamento é mau, do tipo demoníaco.
Matem aquele que fica nas águas,[10] matem a Serpente[11] com seu dardo mortal.

Índice◄►Hino 95 (Griffith)

---

[6] O hino de louvor é copioso em seu fluxo, e é duplamente benéfico, satisfazendo aos Deuses e trazendo bênçãos para o adorador.
[7] *Manmanaḥ*, explicado pelo comentador aqui e na passagem correspondente do *Sāmaveda* como *stotuḥ*, louvador ou adorador.
[8] [‘Excelente’. – Muir].
[9] Eu sigo o professor Ludwig em ler *āvivāsata* em vez de *āvivāsataḥ* que envolve uma construção muito desarmônica.
[10] *Udadhim*, segundo Sāyaṇa, como um *udadhiḥ*, um recipiente de água ou jarro.
[11] *Ābhogam*, ‘o enrolado’, explicado de modo diferente por Sāyaṇa, como ‘alguém que desfruta de coisas boas tiradas dos adoradores’.

611 - Hino 95. Sarasvatī (Wilson)

(Sūkta VI)

A divindade é Sarasvatī, e na terceira estrofe Sarasvat; o Ṛṣi é Vasiṣṭha e a métrica é Triṣṭubh.

Varga 19. **1**. Esta Sarasvatī, firme como uma cidade feita de ferro, corre rapidamente com (toda) água sustentável, varrendo em seu poder todas as outras águas, como um auriga (limpa a estrada).
2. Sarasvatī, o mais importante e o mais puro dos rios, que flui das montanhas para o mar, compreendeu o pedido de Nāhuṣa, e, distribuindo riquezas entre os muitos seres existentes, ordenhou para ele manteiga e água.[1]
3. O derramador Sarasvat,[2] o amigo do homem, um derramador (de benefícios), mesmo enquanto ainda uma criança, cresce (continuamente) entre as suas esposas adoráveis (as chuvas); ele concede aos afluentes (adoradores) um filho vigoroso; ele purifica seus corpos (para prepará-los) para a recepção (das suas bênçãos).
4. Que a auspiciosa e benevolente Sarasvatī (ouça os nossos louvores) neste sacrifício, abordada como ela é com reverência e com os joelhos dobrados, e generosíssima para com seus amigos com as riquezas que ela possui.
5. Oferecendo a ti, Sarasvatī, estas oblações com reverência (que recebamos afluência de ti);[3] fica satisfeita com o nosso louvor; e que nós, sendo mantidos na tua felicidade mais preciosa, sempre repousemos em ti, como em uma árvore protetora.
6. Auspiciosa Sarasvatī, por ti Vasiṣṭha abriu as duas portas (do leste e oeste) do sacrifício; (deusa) de cor branca, sê glorificada; concede alimento àquele que te glorifica; e que vocês (deuses) sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 96 (Wilson)

---

[1] Segundo a lenda, o rei Nahuṣa, estando prestes a realizar um sacrifício por mil anos, rezou para Sarasvatī, que logo deu-lhe manteiga e água, ou leite, suficientes para esse período. [‘Provavelmente os Nahuṣas, o povo que vivia nas margens do rio, são aludidos’. – Griffith].
[2] Sāyaṇa diz que Sarasvat é o vento Vāyu no firmamento.
[3] O texto tem apenas *yuṣmad ā*, mas um prefixo inseparável, estando sozinho, implica, no *Veda*, o verbo também, portanto, diz que o escoliasta, *ā* está em lugar de *ādadīmahi*, que nós recebamos; a regra é: um *upasarga* no *Veda* é a indicação do verbo conjunto.

611 - Hino 95. Sarasvatī (Griffith)

1. Este rio Sarasvatī[4] com correnteza fomentadora se adianta, nossa defesa segura, nossa fortaleza de ferro. Como em um carro, a torrente flui, superando em majestade e força todas as outras águas.[5]
2. Pura em seu percurso das montanhas para o oceano, única dos rios Sarasvatī escutou.[6] Pensando em riqueza e no grande mundo das criaturas, ela derramou para Nahuṣa[7] seu leite e gordura.
3. Amigável ao homem ele cresceu[8] entre as mulheres, um Touro jovem forte em meio às Damas Santas. Ele dá o corcel veloz aos nossos príncipes ricos, e enfeita seus corpos para o sucesso na batalha.
4. Que esta Sarasvatī fique satisfeita e ouça neste nosso sacrifício, Dama auspiciosa, quando nós com reverência, de joelhos, implorarmos a ela estreitamente ligada à riqueza, a mais bondosa com aqueles que ela ama.
5. Estas oferendas[9] vocês fizeram com adoração: dize isso, Sarasvatī, e aceita os nossos louvores; e, colocando-nos sob a tua proteção valiosa, que nos aproximemos de ti, como uma árvore, em busca de abrigo.
6. Para ti, ó Bendita Sarasvatī, Vasiṣṭha aqui abriu as portas da Ordem sagrada. Cresce, ó Brilhante, e dá força àquele que te louva. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 96 (Griffith)

---

[4] O Sindhu ou Indo parece ser aludido sob esse nome. Veja 4.61.2, e *Vedic Hymns*, I. p. 60.
[5] ['Esta Sarasvatī tem fluído com uma corrente protetora, um amparo, uma barreira de ferro. Este rio corre adiante como um auriga, em sua majestade ultrapassando todos os outros rios'. – Muir, *O. S. Texts,* II, p. 346].
[6] ["'Sarasvatī é conhecida como o único rio, que flui puro das montanhas para o mar'. Langlois, vol. III., p. 241, nota 13, acha que Sarasvatī nesse hino significa, não um rio, mas 'a deusa do sacrifício', com suas libações. 'Estas libações formam um rio, que flui das montanhas, onde o sacrifício é realizado, e onde a planta soma é coletada. Esse rio corre para o *samudra* (mar), que é o recipiente destinado a receber as libações". – *Id.*].
[7] Segundo a lenda, um rei que rezou para Sarasvatī que lhe deu manteiga e leite suficientes para o sacrifício de mil anos que ele estava prestes a realizar. Provavelmente os Nahuṣas, o povo que vivia nas margens do rio, são aludidos.
[8] Sarasvān, o consorte de Sarasvatī.
[9] Essa meia-linha é obscura. O professor Ludwig acha que se pode supor que essas palavras são faladas por Sarasvatī para seus adoradores, mas ele não está convencido da correção dessa conjectura. 'Oferecendo a ti, Sarasvatī, estas oblações com reverência (que recebamos afluência de ti)'. – Wilson.

612 - Hino 96. Sarasvatī (Wilson)

(Sūkta VII)

A divindade dos três primeiros versos é Sarasvatī, do resto Sarasvat; o Ṛṣi como antes. A métrica do primeiro verso é Bṛhatī; do segundo, Satobṛhatī; do terceiro, Prastārapaṅkti [formando um pragātha estendido]; Gāyatrī do resto [formando um tṛca].

Varga 20. **1**. Tu cantas, Vasiṣṭha, um hino poderoso para ela que é a mais poderosa dos rios; adora, Vasiṣṭha, com louvores bem seletos, Sarasvatī, que está no céu e na terra.[1]

2. Bela Sarasvatī, visto que pela tua força os homens obtêm ambos os tipos de alimento,[2] que tu, nossa protetora, nos consideres; que tu, a amiga dos Maruts, concedas riquezas àqueles que são ricos (em oblações).

3. Que a auspiciosa Sarasvatī nos dê sorte auspiciosa; que a (deusa) de movimento impecável concessora de alimentos pense em nós; glorificada (como tu fosses) por Jamadagni, (sê agora) glorificada por Vasiṣṭha.

4. Desejando esposas, desejando filhos, de doações generosas nós, nos aproximando dele, agora adoramos Sarasvat.[3]

5. Com essas tuas ondas, Sarasvat, que são de sabor doce, as distribuidoras de água, sê nosso protetor.

6. Que nós repousemos sobre o peito protuberante de Sarasvat, que é visível para todos, para que possamos possuir progênie e alimento.[4]

Índice◄►Hino 97 (Wilson)

---

[1] Como uma deusa, ou como eloquência, ou como um rio.

[2] *Ubhe andhasī* é dito significar fogos celeste e terrestre, ou se alimento for aludido, domésticos e silvestres.

[3] *[Sāma-Veda,* 2.6.3.8.1; *Atharva-Veda*, 7.40.1].

[4] Sāyaṇa traduz esse verso: 'Que possamos obter a nuvem dilatada e ruidosamente trovejante (ou como peito) de Sarasvat, que é visível para todos; (que nós obtenhamos) progênie e alimentos'.

612 - Hino 96. Sarasvatī (Griffith)

1. Eu canto uma canção sublime, pois ela é a mais poderosa, a mais divina das Correntezas. Sarasvatī eu exaltarei com hinos e louvores, e, ó Vasiṣṭha, o Céu e a Terra.[5]
2. Visto que na plenitude da sua força os Pūrus[6] vivem, ó Bela, nas tuas duas margens cobertas de grama,[7] favorece-nos, tu que tens os Maruts como teus amigos; incita a generosidade dos nossos chefes.
3. Então que Sarasvatī auspiciosa envie boa sorte; ela, rica em despojos, nunca é mesquinha em pensamento, quando glorificada do modo de Jamadagni[8] e louvada como Vasiṣṭha louva.

4. Nós invocamos Sarasvān, como homens solteiros que anseiam por esposas,
Como homens generosos que anseiam por filhos.
5. Sê nosso protetor bondoso, ó Sarasvān, com aquelas tuas ondas
Carregadas de doces e óleo gotejante.
6. Que possamos desfrutar do peito de Sarasvān, todo-belo, que se avoluma com os rios; que ganhemos alimento e progênie.

Índice◄►Hino 97 (Griffith)

---

[5] O céu como o lar da Deusa, e a terra onde ela flui como um rio.
[6] Uma tribo ariana estabelecida nas margens do Sarasvatī ou Indo.
[7] Esse, como sugeriu von Roth, parece ser o significado de *andhasī*, mas a expressão é difícil. Veja Hillebrandt, *Vedische Mythologie,* p.254.
[8] Um antigo Ṛṣi famoso.

613 - Hino 97. Bṛhaspati (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus do primeiro verso é Indra, do terceiro e nono Indra e Brahmaṇaspati, do décimo Indra e Bṛhaspati, do resto Bṛhaspati. O Ṛṣi como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 21. **1**. No sacrifício nas residências dos homens sobre a terra,[1] onde os devotos líderes de (ritos) se regozijam, onde as libações para Indra são derramadas, lá que ele desça antes (dos outros deuses) dos céus para a sua alegria; (que os seus cavalos) velozes (se aproximem).

2. Vamos pedir, amigos, proteções divinas, pois Bṛhaspati aceita as nossas (oblações); então que nós sejamos sem pecado em relação àquele derramador (de benefícios) que é nosso benfeitor de longe, como um pai (de um filho).

3. Eu glorifico com homenagem e com oblações aquele excelentíssimo e benéfico Brahmaṇaspati; que o meu louvor, digno do deus, chegue ao poderoso Indra, que é o senhor das preces oferecidas pelo devoto.

4. Que o amadíssimo Bṛhaspati, que é desejado por todos, sente-se no nosso salão de sacrifício; que ele realize o nosso desejo de riquezas e de posteridade masculina, transportando a nós, (no momento) embaraçados, incólumes (para além dos ataques de inimigos).

5. Que os imortais primogênitos[2] (por seu comando) nos concedam o alimento que é necessário para a existência; invoquemos o irresistível Bṛhaspati, a quem louvores puros são dirigidos, o adorado dos chefes de família.[3]

Varga 22. **6**. Que os seus poderosos cavalos brilhantes, usando uma forma resplandecente como (a d)o sol, agindo juntos, tragam (aqui) aquele Bṛhaspati, em quem a força permanece como a de uma mansão substancial.[4]

7. Ele é realmente puro, conduzido por numerosos veículos, ele é o purificador, armado com armas douradas,[5] o objeto de desejo, o desfrutador do céu; ele, Bṛhaspati, é bem domiciliado, de aspecto agradável, um doador generosíssimo de alimento farto para os seus amigos.

8. Os divinos céu e terra,[6] as geratrizes do deus, por seu poder, deram crescimento a Bṛhaspati; glorifiquem, amigos, o glorificável, e que ele torne (as águas) fáceis de serem atravessadas e vadeadas para (a obtenção de) alimentos.

9. Esse louvor foi oferecido como prece[7] para vocês dois, Brahmaṇaspati e Indra, o manejador do raio; protejam as nossas cerimônias; ouçam o nosso louvor múltiplo; aniquilem os adversários atacantes dos seus adoradores.

10. Vocês dois, Bṛhaspati e Indra, são senhores do tesouro celeste e terrestre; concedam riquezas ao adorador que os louva; e que vocês (deuses) sempre cuidem de nós com bênçãos.[8]

---

[1] Sāyaṇa tem: 'no sacrifício que é o lar dos sacerdotes sobre a terra'.

[2] Ou melhor, 'nascidos antigamente'.

[3] *Pastyānām yajatam* é, literalmente, o adorável das casas, isto é, por metonímia, chefes de família.

[4] Ou melhor, 'a quem pertence a força, e cuja amizade concede uma residência'. É interessante notar que embora Sāyaṇa identifique *nīḷa* com *nilaya*, e, aparentemente, a derive de *ni* + *lī*, ele ainda preserva o sentido correto como *nīḍa*. Esses fatos parecem provar que ele seguia a interpretação tradicional, embora possa ter procurado as suas próprias etimologias.

[5] *Hiraṇyavāśīḥ* também pode ser interpretado 'aquele cujo discurso é benevolente'.

[6] [As duas metades do mundo].

[7] *Iyam suvṛktiḥ brahma* é explicado: esse louvor na forma de um mantra, um texto sagrado ou oração.

[8] *[Atharva-Veda,* 20.17.12].

Índice◄►Hino 98 (Wilson)

613 - Hino 97. Bṛhaspati[9] (Griffith)

1. Onde o Céu e a Terra se unem[10] na assembleia dos homens, e aqueles que amam os Deuses se deleitam em culto, onde as libações são derramadas para Indra, que ele venha primeiro para beber e se tornar mais forte.[11]
2. Nós almejamos a graça celeste dos Deuses para nos proteger – então que Bṛhaspati, ó amigos, nos exalte – que ele, o Deus Generoso, nos ache impecáveis, que dá de uma distância como um pai.[12]
3. Aquele Brahmaṇaspati, o mais Sublime e Benevolente, eu glorifico com oferendas e com homenagem. Que o grande cântico de louvor, divino, chegue a Indra que é o Rei da prece a criação dos Deuses.[13]
4. Que aquele Bṛhaspati que traz todas as bênçãos, o mais afetuosamente amado, sente-se em nosso altar. Heróis e riqueza nós almejamos; que ele os conceda, e nos leve seguros para além dos homens que nos atormentam.
5. Para nós esses Imortais, nascidos antigamente, concederam esse nosso louvor que dá prazer ao Imortal.[14] Invoquemos Bṛhaspati, o sem inimigos, o Deus de voz clara, o Santo das famílias.[15]
6. A ele, esse Bṛhaspati, seus cavalos vermelhos, puxando juntos, cheios de força, trazem para cá. Vestidos de vermelho como a nuvem, eles carregam o Senhor do Poder cuja amizade dá uma residência.[16]
7. Porque ele é puro, com cem asas,[17] refulgente, com espada de ouro, impetuoso, que ganha luz solar. O sublime Bṛhaspati, de fácil acesso, concede aos seus amigos o refresco mais abundante.
8. O Céu e a Terra, divinos, os Pais do Deus, fizeram Bṛhaspati crescer em grandeza.[18] Glorifiquem a ele, ó amigos, que merece glória; que ele dê à prece caminho desimpedido e passagem fácil.
9. Esse, Brahmaṇaspati, é o seu louvor; prece foi feita a Indra o manejador do trovão.[19] Favoreçam as nossas canções, despertem o nosso pensamento e espírito; destruam os ímpios e a maldade dos nossos inimigos.
10. Vocês Dois são senhores da riqueza na terra e no céu, tu, ó Bṛhaspati, e tu, ó Indra. Ainda que ele seja inferior,[20] deem riqueza àquele que os louva. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 98 (Griffith)

[9] Bṛhaspati e Brahmaṇaspati são o mesmo Deus, o Senhor da Prece. Veja 1.14.3.
[10] Onde os homens e os Deuses se encontram no lugar de sacrifício.
[11] Sāyaṇa explica *vayaśca* de modo diferente: '(que os seus cavalos) velozes (se aproximem)'. – Wilson.
[12] Embora ele esteja muito longe ele nos dá o que pedimos como um pai que está bem próximo. – Ludwig.
[13] *Devakṛtasya:* inspirada, ou, literalmente, feita, pelos Deuses.
[14] ['Que esses imortais antigos tornem esse nosso hino aceitável para o imortal'. – Muir].
[15] Os nossos hinos de louvor que são aceitáveis para o Deus imortal foram dados a nós pelas próprias divindades eternas. A explicação de Sāyaṇa é diferente: 'Que os imortais primogênitos (por seu comando) nos concedam o alimento que é necessário para a existência'. – Wilson.
[16] Eu adoto a interpretação dada pelo professor Cowell em sua nota sobre a passagem na tradução de Wilson.
[17] 'Conduzido por numerosos veículos'. – Wilson.
[18] Ou, pelo poder deles.
[19] ['Brahmaṇaspati, esse hino eficaz, (essa) prece foi feita para ti, e para a Indra, o Trovejador'. – Muir].
[20] Ou, pobre.

614 - Hino 98. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus, Indra, com Bṛhaspati na última estrofe; Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 23. **1**.[1] Ofereçam, sacerdotes, o brilhante Soma derramado para ele que é eminente (entre) os homens; conhecendo melhor do que o Gaura onde o seu distante lugar de beber (pode ser encontrado),[2] Indra vem diariamente procurando o ofertante da libação.
2. A bebida agradável que tu, Indra, bebias nos tempos antigos, tu ainda desejas beber diariamente; satisfeito em coração e mente, e desejando (o nosso bem), bebe, Indra, o Soma, que está colocado diante (de ti).
3. Logo que nasceste, Indra, tu bebeste Soma para o teu fortalecimento; a tua mãe (Aditi) proclamou a tua grandeza;[3] daí tu encheste o vasto firmamento, Indra, tu ganhaste em batalha tesouro para os deuses.
4. Quando tu nos tornares aptos a enfrentar (inimigos) poderosos e arrogantes, nós seremos competentes para derrotar os malignos por nossas mãos (desarmadas) apenas; e quando tu, Indra, cercado por teus atendentes (Maruts), lutares contra eles, nós triunfaremos, auxiliados por ti, (n)aquela guerra gloriosa.
5. Eu proclamo as antigas façanhas de Indra, os atos recentes que Maghavan tem realizado; quando de fato ele havia vencido a ilusão não-divina, daí em diante o Soma se tornou sua (bebida) exclusiva.[4]
6. Teu é todo esse mundo animal à tua volta, que tu iluminas com a luz do sol; tu, Indra, és o único senhor do gado, então que nós possuamos riqueza dada por ti.
7. Vocês dois, Bṛhaspati e Indra, são senhores do tesouro celeste e terrestre; concedam riquezas ao adorador que os louva; e que vocês (deuses) sempre cuidem de nós com bênçãos.[5]

Índice◄►Hino 99 (Wilson)

---

[1] [O hino inteiro se encontra no *Atharva-Veda*, 20.87.1-7].
[2] Ou seja, conhecendo o Soma que é para ser bebido, embora colocado longe, melhor do que um boi ou um cervo conhece o lugar de beber ou lagoa à qual ele está acostumado a ir.
[3] Isso se refere à fala de Aditi, 4.18.4.
[4] A explicação do escoliasta é bastante ambígua, a relação entre o Soma e Indra desde então tornou-se incomum ou especial, peculiar; mas, embora em um grau especial a bebida de Indra, ela muitas vezes é oferecida a Agni e outras divindades.
[5] [Repetido da estrofe anterior].

614 - Hino 98. Indra (Griffith)

1. Sacerdotes, ofereçam ao Senhor de todos os povos o talo ordenhado de Soma, de cor radiante.[6] Nem o touro selvagem conhece o seu lugar de beber como Indra, que sempre procura aquele que espremeu o Soma.
2. Tu desejas beber, a cada dia que passa, o alimento agradável que tinhas outrora; ó Indra, satisfeito em coração e espírito, bebe avidamente o Soma posto diante de ti.
3. Tu, recém-nascido, em busca de força bebeste o Soma; a Mãe te contou da tua grandeza futura.[7] Ó Indra, tu encheste a vasta região do ar, e deste aos Deuses por batalha espaço e liberdade.
4. Quando tu incitares os arrogantes para o combate, orgulhosos da sua força de braço, nós vamos subjugá-los. Ou, Indra, quando tu lutares cercado por heróis, nós no combate glorioso contigo venceremos.
5. Eu vou declarar os atos mais antigos de Indra, e os atos recentes que Maghavan tem realizado. Quando ele venceu os ardis e magia ímpios o Soma tornou-se todo dele.[8]
6. Teu é esse mundo de rebanhos e manadas em torno de ti, e que com o olho de Sūrya tu vês. Só tu, Indra, és o Senhor do gado; que nós desfrutemos do tesouro que tu dás.
7. Vocês Dois são senhores da riqueza na terra e no céu, tu, ó Bṛhaspati, e tu, ó Indra. Ainda que ele seja inferior, deem riqueza àquele que os louva. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 99 (Griffith)

---

6 *Aruṇam*, vermelho, avermelhado, aqui explicado pelo comentador como *ārocamānam*, brilhante.
7 Veja 4.18.4, onde Aditi diz: 'Ele não tem igual entre aqueles já nascidos, nem entre aqueles que nascerão futuramente'.
8 [Veja a nota 4].

615 - Hino 99. Viṣṇu (Wilson)

(Sūkta X)

Os deuses do quarto, quinto, e sexto versos são Indra e Viṣṇu, Viṣṇu é o deus do resto; Ṛṣi e métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 24. **1**. Expandindo-te com um corpo além de qualquer medida, Viṣṇu, os homens não compreendem a tua magnitude; nós conhecemos esses teus dois mundos (computando) a partir da terra,[1] mas tu, divino Viṣṇu, és conhecedor dos mais altos.

2. Nenhum ser que é ou que tenha nascido, divino Viṣṇu, alcançou o limite máximo da tua magnitude, pela qual tu tens mantido o vasto e belo céu, e sustentado o horizonte leste da terra.[2]

3. Céu e terra, repletos de alimentos, cheios de gado, produzindo forragem abundante, vocês estão dispostos a serem generosos com o homem[3] (que os louva);[4] tu, Viṣṇu, sustentaste esses dois, o céu e a terra, e protegeste a terra ao redor com montanhas.[5]

4. Vocês dois, Indra e Viṣṇu, fizeram o mundo espaçoso por causa de sacrifício, gerando o sol, a aurora, Agni; vocês líderes (de ritos) frustraram os ardis do escravo Vṛṣaśipra[6] no conflito de tropas.

5. Indra e Viṣṇu, vocês demoliram as noventa e nove cidades fortes de Śambara; vocês mataram de uma vez, sem resistência, os cem mil heróis do Asura Varcin.[7]

6. Esse amplo louvor está glorificando vocês dois, que são poderosos, de passos largos, dotados de força; a vocês dois, Viṣṇu e Indra, eu ofereço louvor em sacrifícios; concedam-nos alimento (obtido) em batalhas.

7. Eu ofereço, Viṣṇu, a oblação colocada diante de ti com a exclamação Vaṣaṭ; fica satisfeito, Śipiviṣṭa,[8] com a minha oferenda; que os meus hinos laudatórios te enalteçam; e que vocês (deuses) sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 100 (Wilson)

---

[1] Ou seja, a terra e o firmamento, que são visíveis.
[2] A parte significando o todo, toda a terra. Viṣṇu sustentando os três mundos foi citado mais de uma vez. Veja 1.154.
[3] *Manuṣe stuvate,* o *Yajur [VS],* 5.16 lê *manave*, com um sentido similar a *yajamānāya*, para o instituidor do rito.
[4] [Veja a nota 11].
[5] *[Yajur (VS)*, 5.6]. Mahīdhara diz: 'por suas encarnações mostrando a sua glória'.
[A última frase o *Śatapatha Brāhmaṇa*, 3.5.3.14, tradução de Julius Eggeling, lê: "'Tu sustentaste separados esses dois mundos, ó Viṣṇu; com feixes de luz tu seguraste firme* a terra por todos os lados'.
[* Os raios do sol são, aparentemente, comparados a cordas com as quais ele mantém a reta terra e firme". Algo a ver com 'śipi' também significar 'raios'? Veja a nota 17 sobre o 'misterioso nome' Śipiviṣṭa].
[6] [Vṛṣaśipra = de queixo de touro. – Griffith].
[7] Veja 2.14.6.
[8] [Cheio ou acompanhado de raios de luz. Veja a nota 17 e a nota 9 do hino seguinte].

615 - Hino 99. Viṣṇu (Griffith)

1. Os homens não se aproximam da tua majestade, que cresces além de todo limite e medida com teu corpo. Ambas as tuas regiões da terra,[9] ó Viṣṇu, nós conhecemos; tu, Deus, conheces as mais altas também.[10]
2. Ninguém que está nascendo ou nasceu, Deus Viṣṇu, chegou ao limite máximo da tua grandeza. A vasta alta abóbada do céu tu sustentaste, e fixaste firmemente o pináculo oriental da terra.
3. 'Ricos em alimentos doces sejam vocês, e ricos em vacas leiteiras, com pastos férteis, dispostos a prestarem serviço aos homens'.[11] Ambos os mundos, Viṣṇu, tu suspendeste separados, e fixaste firmemente a terra com estacas em torno dela.[12]
4. Vocês fizeram amplo espaço para sacrificar por gerarem Sūrya, Aurora e Agni. Ó Heróis, vocês conquistaram em suas batalhas até mesmo os ardis e a magia[13] do Dāsa de queixo de touro.[14]
5. Vocês destruíram, tu, Indra, e tu Viṣṇu, os noventa e nove castelos cercados de Śambara. Vocês dois derrubaram cem vezes mil heróis irresistíveis do régio Varcin.[15]
6. Esse é o hino sublime de louvor, exaltando os Senhores do Passo Poderoso, os fortes e sublimes. Eu os louvo nos sínodos solenes, Viṣṇu; derramem alimento sobre nós em nossos campos, ó Indra.
7. Ó Viṣṇu, para ti os meus lábios gritam Vaṣaṭ![16] Que essa minha oferenda, Śipiviṣṭa,[17] te agrade. Que essas minhas canções de louvor te exaltem. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.[18]

Índice◄►Hino 100 (Griffith)

---

[9] Isto é, a terra e o firmamento. 'As duas regiões mais baixas estão dentro do alcance de nossa percepção; a terceira pertence a Viṣṇu, onde ele pisou com o terceiro dos seus passos ascendentes'. – Wallis, *Cosmology of the Rigveda,* p.115. [Compare com 1.155.5: 'Um homem mortal, quando ele vê dois passos dele que olha para a luz, fica agitado pelo assombro. Mas do terceiro passo dele ninguém ousa se aproximar, não, nem as aves emplumadas do ar que voam com asas'].
[10] ['Tu, divino Viṣṇu, conheces o (mundo) mais remoto'. – Muir, *O. S. Texts,* IV, 86].
[11] A primeira linha parece ser a bênção de Viṣṇu sobre o céu e a terra quando ele os dividiu e sustentou.
[12] ['Envolveste a terra por todos os lados com raios de luz'. – *Id.*].
[13] ['Os poderes extraordinários do hostil ...'. – *Id.*].
[14] Ou Vṛṣaśipra pode ser nome do Dāsa.
[15] Veja 2.14.6. [Muir lê: 'juntos, vocês mataram, sem resistência, mil e cem heróis do Asura Varcin].
[16] A exclamação usada ao fazer uma oblação.
[17] Um nome de Viṣṇu de etimologia e significado incertos. Veja Muir, *O. S. Texts,* IV, 87, 88, nota.
["A seguinte ilustração desse verso é citada pelo professor Benfey do comentário sobre a passagem correspondente do *Sāma-Veda:* 'Viṣṇu antigamente, abandonando a sua própria forma e assumindo outra forma artificial, socorreu Vasiṣṭha na batalha. Reconhecendo o Deus, o ṛṣi se dirige a ele com esse verso'. No *Mahābhārata, Śānti Parva*, v. 13229 e seg., [cap. 343, p. 831 da tradução em português, veja o parágrafo abaixo], Kṛṣṇa é apresentado como explicando o sentido da palavra assim (se o escritor pretendeu representar Yāska [Yaksha na tradução de Ganguli] como o ṛṣi vêdico por quem a palavra foi aplicada pela primeira vez a Viṣṇu ele não poderia ter sido um estudioso vêdico especialmente bom): 'Um homem calvo é designado pela palavra Śipiviṣṭa. Tudo o que é penetrado por esse é chamado Śipiviṣṭa. Yāska, o ṛṣi sereno, me louvou em muitos sacrifícios. Em consequência disso eu levo o nome misterioso de Śipiviṣṭa. Yāska, aquele ṛṣi de grande entendimento, tendo me louvado como Śipiviṣṭa, recuperou pela minha graça o Nirukta, que havia sido destruído'". – *Trechos* da nota de Muir citada acima].
[A tradução de Ganguli lê de modo levemente diferente: 'Sipivishta é outro nome meu. A palavra Sipi indica uma pessoa que não tem pelos em seu corpo. Aquele que permeia todas as coisas na forma de Sipi* é conhecido pelo nome de Sipivishta. O Rishi Yaksha, de alma tranquila, em muitos sacrifícios me invocou pelo nome Sipivishta. É por essa razão que eu vim a ter esse nome secreto. Yaksha de grande inteligência, tendo me adorado pelo nome Sipivishta, conseguiu restaurar os Niruktas que tinham desaparecido da superfície da Terra e caído nas regiões inferiores'].
[*"A palavra 'śipi' aqui significa 'raios'". Citação da nota de Muir].
[18] *[Sāma-Veda,* 2.8.1.4.3; *Taittirīya Saṃhitā,* 2.2.12.4.r].

616 - Hino 100. Viṣṇu (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus é Viṣṇu; o Ṛṣi e a métrica (Triṣṭubh) como antes.

Varga 25. **1**. Obtém rapidamente a riqueza desejada o mortal que apresenta (oferendas) para o amplamente famoso Viṣṇu, que o adora com mente totalmente devotada,[1] que adora um tão grande benfeitor da humanidade.
2. Viṣṇu, realizador de desejos,[2] mostra-nos aquela disposição favorável que é benevolente para com todos, sem mistura (com exceção), de modo que possa haver para nós a obtenção de riquezas facilmente adquiridas, abundantes, abrangendo cavalos, que alegrem a todos.
3. Esse deus, por seu grande poder, percorreu com três (passos) a terra muito brilhante;[3] que Viṣṇu, o mais poderoso dos poderosos, governe sobre nós, pois ilustre é o nome do poderoso.
4. Este Viṣṇu percorreu a terra por causa de uma residência que ele estava desejoso de dar ao seu encomiasta;[4] firmes são os povos que são seus louvadores; ele que é causador do bem[5] fez uma habitação espaçosa (para os seus adoradores).
5. Resplandecente Viṣṇu, eu, o mestre[6] da oferenda, conhecendo os objetos que devem ser conhecidos, glorifico hoje o teu nome;[6] eu, que sou fraco, louvo a ti que és poderoso, morando em uma região remota desse mundo.[7]
6.[8] O que deve ser proclamado, Viṣṇu, sobre ti, quando tu dizes: eu sou Śipiviṣṭa? Não escondas de nós a tua verdadeira forma, embora tenhas te engajado sob uma forma diferente em batalha.[9]
7. Eu ofereço, Viṣṇu, a oblação colocada diante de ti com a exclamação Vaṣaṭ; fica satisfeito, Śipiviṣṭa, com a minha oferenda; que os meus hinos laudatórios te engrandeçam; e que vocês (deuses) sempre cuidem de nós com bênçãos.[10]

Índice◄►Hino 101 (Wilson)

---

[1] Sāyaṇa diz: com louvor unido.
[2] *Evayāvan*, de *eva*, obteníveis, desejos; *yāvan*, que permite obter.
[3] *Pṛthivī*, terra, segundo o comentário, representa os três mundos.
[4] *Manuṣe daśasyan;* de acordo com o escoliasta pelo primeiro devemos entender *stuvate devaṇāgaya*, para a companhia dos deuses que o louva – Viṣṇu tendo tirado os três mundos dos Asuras para dar a eles.
[5] Ou melhor, a quem pertencem nascimentos afortunados.
[6] O *Sāma-Veda* II.976 [2.8.1.4.2], tem uma leitura um pouco diferente: 'eu, o senhor, te ofereço hoje uma oblação', em vez de 'eu, o senhor, louvo o teu nome'. A aplicação de *arya* é bastante ambígua; Sāyaṇa a explica como 'o mestre dos louvores ou das oblações', o que pode significar Viṣṇu, ou mais provavelmente o *yajamāna*.
[7] *[Sāma-Veda*, 2.8.1.4.2; *Taittirīya Saṃhitā*, 2.2.12.5.s].
[8] *[Sāma-Veda*, 2.8.1.4.1; *Taittirīya Saṃhitā*, 2.2.12.5.t].
[9] É dito que Viṣṇu ajudou Vasiṣṭha na batalha, sob uma forma adotada e, quando questionado, disse 'Eu sou Śipiviṣṭa', uma palavra à qual dois sentidos podem ser dados, um não objetável, outro objetável. No verso anterior, e no verso 7 do Sūkta anterior, a palavra é explicada como permeado, ou vestido de raios de luz, o radiante, o esplêndido; em uso comum ela significa um homem naturalmente sem prepúcio, em qual sentido ela pode ser aqui interpretada como implicando comparação: do mesmo modo que um homem é assim desnudado, assim é Viṣṇu, segundo a sua própria declaração, descoberto por brilho, mas isso é um refinamento, e provavelmente ela deve ser entendida como sempre; a expressão é singular, [encontrada no Ṛgveda apenas nesse hino e no anterior].
[10] [Repetido do hino anterior. *Sāma-Veda,* 2.8.1.4.3].

616 - Hino 100. Viṣṇu (Griffith)

1. Nunca se arrepende o homem que, em busca de lucro, traz o seu presente para Viṣṇu o que anda longe. Aquele que o adora com todo o seu espírito ganha para si tão grande benfeitor.[11]
2. Tu, Viṣṇu, constante em teus percursos, dás boa vontade a todos os homens, e um hino que dura,[12] para que tu possas nos mover para o conforto abundante de riqueza muito esplêndida com abundância de cavalos.[13]
3. Três vezes caminhou esse Deus em toda a sua grandeza sobre essa terra[14] brilhante com cem esplendores. O principal seja Viṣṇu, mais forte do que os mais fortes, pois glorioso é o nome dele que vive para sempre.[15]
4. Sobre essa terra com passo poderoso Viṣṇu caminhou, disposto a dá-la como um lar para Manu. Nele as pessoas humildes confiam para segurança; ele, nascido nobremente, fez residências espaçosas para elas.
5. Hoje eu louvo este nome, ó Śipiviṣṭa, eu, hábil em regras,[16] o nome de ti o Nobre. De fato, eu o pobre e fraco louvo a ti o Poderoso que vives no reino além dessa região.[17]
6. O que havia a ser repreendido em ti, ó Viṣṇu, quando tu declaraste, eu sou Śipiviṣṭa? Não escondas essa forma de nós, nem a mantenhas secreta, já que tu usaste outra forma em batalha.[18]
7. Ó Viṣṇu, para ti os meus lábios gritam Vaṣaṭ! Que essa minha oferenda, Śipiviṣṭa, te agrade. Que essas minhas canções de louvor te exaltem. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 101 (Griffith)

---

[11] [‘Que o adora com todo o seu coração e propicia um (deus) tão poderoso’. – Muir, *O. S. Texts*, IV, 87].
[12] Motivo continuamente recorrente para te louvar.
[13] [‘Concede-nos, veloz Viṣṇu, a tua benevolência, que abarca toda a humanidade, a tua consideração não preocupada; para que possas nos conceder bem-estar abundante, e riqueza brilhante, com cavalos’. – *Id.*].
[14] Significando, diz o comentador, terra, firmamento e céu.
[15] [‘Pois terrível é o nome (natureza) daquele (ser) inalterável’. – *Id.*].
[16] [‘Que conheço os ritos sagrados’. – *Id.*].
[17] [‘E vives além desse mundo inferior’. – *Id.*].
[18] Essa estrofe é ininteligível. O comentador sobre a passagem correspondente no *Sāma-Veda* diz: 'Viṣṇu antigamente, abandonando a sua própria forma e assumindo outra forma artificial, socorreu Vasiṣṭha na batalha. Reconhecendo o Deus, o Ṛṣi se dirige a ele com o verso’. É dito que Śipiviṣṭa é uma palavra de sentido ambíguo, ‘vestido com raios de luz’ e ‘desnudo’. Veja a nota de Wilson [nota 9] e *O. S. Texts*, IV, 87-88, nota, [veja trechos traduzidos na nota 17 do hino anterior]. A passagem parece o germe das encarnações posteriores do Deus que ocorrem no *Śatapatha Brāhmaṇa* e nos *Purāṇas*.

617 - Hino 101. Parjanya (Wilson)

(Adhyāya 7. Continuação do Anuvāka 6. Sūkta XII)

O deus é Parjanya; o Ṛṣi é Vasiṣṭha ou Kumāra, o filho de Agni, a métrica é Triṣṭubh.

Varga 1. **1**. Recitem os três textos sagrados, precedidos pela luz,[1] que ordenham o úbere que produz água;[2] pois ele, o derramador,[3] (assim) se manifestando rapidamente, ruge alto, gerando o bebê (relâmpago), o embrião das plantas.
2. Que ele que é o aumentador das plantas, o aumentador das águas, que governa divino sobre a terra inteira, nos conceda uma habitação de três andares[4] e felicidade; que ele nos dê a luz desejada (do sol) nas três estações (brilhantes).[5]
3. Uma forma de Parjanya é como uma vaca estéril, a outra produz prole, ele assume qualquer forma que ele quiser;[6] a mãe recebe o leite do pai, daí o pai, daí o filho é nutrido.[7]
4. Em quem todos os seres existem; os três mundos residem; de quem as águas fluem em três direções (leste, oeste e sul); as três massas de nuvens derramadoras de água (leste, oeste e norte,) derramam as águas em volta do poderoso (Parjanya).
5. Esse louvor é dirigido ao autoirradiante Parjanya; que esse seja colocado em seu coração; que ele fique satisfeito com ele; que as chuvas difusoras de alegria sejam nossas; que as plantas nutridas pelo deus sejam produtivas.
6. Que[8] ele, o touro, seja o fecundador das plantas perenes, pois nele está a vitalidade[9] tanto do (mundo) fixo quanto do móvel; que a chuva enviada por ele me preserve por cem anos; e que vocês (deuses) sempre cuidem de nós com bênçãos.

Índice◄►Hino 102 (Wilson)

---

617 - Hino 101. Parjanya (Griffith)

1. Falem três palavras[10], as palavras que a luz antecede,[11] que ordenham esse úbere[12] que produz néctar. Manifestado rapidamente, o Touro[13] berrou, produzindo o germe das plantas, o Bebê.[14]

---

[1] Os textos, diz-se, dos três Vedas, precedidos por Om.
[2] A nuvem.
[3] Parjanya, satisfeito com os hinos e, em consequência enviando chuva. (Para o 'embrião relâmpago', veja 2.35.13).
[4] *Tridhātu śaraṇam* é explicado como uma casa com três solos, ou aposentos ou pisos.
[5] É dito que os raios do sol são mais poderosos ao amanhecer na primavera, ao meio-dia na estação quente, e à tarde no outono.
[6] O firmamento retém ou envia chuva à vontade.
[7] O pai é o céu, a terra a mãe, que recebe a chuva do primeiro, que, produzindo os meios de oferecer libações e oblações, retorna novamente ao pai céu, bem como sustenta sua prole – todas as criaturas vivas.
[8] Sāyaṇa torna a sentença indicativa, 'ele é', etc.; e em vez de 'pois' ele tem 'portanto'.
[9] *Tasmin ātmā;* o comentador interpreta o último como *deha*, corpo; provavelmente por existência corpórea, a vida do mundo vegetal dependendo da chuva, e a dos animais, dos grãos e o resto.
[10] Ou textos dos três Vedas.
[11] Introduzidas pela sílaba sagrada Om. Muito provavelmente Parjanya é abordado, as três palavras sendo a sua voz, o trovão (5.63.6), ouvido no céu, ar e terra, e precedido pelo lampejo de relâmpago. Veja Bergaigne, *Quarante Hymnes du Rig-veda,* p. 79.
[12] Puxam para baixo a chuva doce da nuvem.
[13] Parjanya.

2. Dador de crescimento às plantas, o Deus que governa as águas e todas as criaturas moventes, concede-nos abrigo triplo para nosso refúgio, e luz tripla[15] para nos socorrer e nos ajudar.
3. Ora ele é estéril, ora gera prole, exatamente como ele quer ele muda de forma. O fluxo fecundante do Pai orvalha a Mãe; com o qual o Pai, com o qual o filho é nutrido.[16]
4. Nele todos os seres vivos têm o seu ser, e os três céus com águas que correm triplamente. Três reservatórios[17] que espalham seu tesouro derramam suas correntes doces em torno dele com um murmúrio.
5. Que essa minha canção para o Senhor Soberano Parjanya chegue ao seu coração e lhe dê prazer. Que nós obtenhamos as chuvas que trazem alegria, e plantas protegidas pelo Deus com frutos consideráveis.
6. Ele é o Touro de todas,[18] e seu fecundador; ele mantém a vida de todas as coisas fixas e móveis. Que esse rito me salve até o meu centésimo outono. Protejam-nos sempre, ó Deuses, com bênçãos.

Índice◄►Hino 102 (Griffith)

---

617 - Hino 101. Parjanya (Wallis)[19]

1. Falem as três palavras que têm pontas de luz,[20] que ordenham este úbere de leite doce; assim que o touro nasce ele berra, produzindo bezerros e o germe nas plantas.
2. Ele que dá aumento às plantas e águas, que governa como deus o mundo dos vivos; que ele conceda proteção tripla e abrigo, e luz tripla para nos ajudar.
3. Ora ela é estéril e ora ela produz; ele forma o corpo dela como possa lhe agradar; a mãe recebe leite do pai; assim o pai é fortalecido e também o filho.[21]
4. Em quem todas as coisas residem; através dos três céus triplas correm as águas; as três tinas gotejantes fluem com hidromel por todos os lados abundantemente.
5. Que esse hino agrade a Parjanya, o monarca, que ele o aceite favoravelmente; que chuva vivificante seja nossa, e as plantas frutíferas cuidadas pelo deus.
6. Ele é o touro frutificante da multidão de donzelas (águas),[22] nele está o fôlego de tudo o que se move e fica parado; que esse sacrifício me proteja por mil anos – nos protejam sempre, ó deuses, com as bênçãos.

Índice◄

---

14 Agni na forma de relâmpago.
15 Com relação às divisões do dia e às estações.
16 [Veja a nota 7].
17 Segundo Sāyaṇa, nuvens no leste, oeste, e norte.
18 As plantas, subentendido.
19 *[The Cosmology of the Rigveda, An Essay,* 1887, p. 57-58].
20 Talvez com referência à comparação das preces sacrificais às chamas como setas do fogo sacrifical, compare com 10.87.4; 2.24.8. A menção de *tisro vācaḥ* se repete em 9.97.34; compare com 7.33.7.
21 Sua esposa é a terra, compare com o *Atharva-Veda,* 12.1.12; o filho provavelmente é o relâmpago de 9.82.3.
22 Compare com 3.56.3.

618 - Hino 102. Parjanya (Wilson)

(Sūkta XIII)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica é Gāyatrī, o hino constitui um Tṛca.

Varga 2. **1**. Cantem alto para o filho do céu, Parjanya, o que envia a chuva; que ele consinta (em) nos (conceder) alimento.
2. Ele que é a causa da fecundação de plantas, de vacas, de éguas, de mulheres.
3. Ofereçam realmente a ele pela boca (dos deuses, Agni,) a oblação mais saborosa, para que ele possa nos dar alimentos incessantemente.

Índice◄►Hino 103 (Wilson)

---

618 - Hino 102. Parjanya (Griffith)

1. Cantem e louvem Parjanya, o Filho do Céu, que envia a dádiva da chuva
Que ele forneça a nossa pastagem.[1]
2. Parjanya é o Deus que forma nas vacas, nas éguas, nas plantas da terra,
E nas mulheres, o germe da vida.
3. Ofereçam e derramem em sua boca[2] oblação rica em suco saboroso;
Que ele sempre nos dê alimento.

Índice◄►Hino 103 (Griffith)

---

[1] ['Que ele forneça grãos para nós'. – Peterson].
[2] Isto é, Agni, que é a boca pela qual os outros Deuses consomem as oferendas que são feitas a eles.

619 - Hino 103. Rãs[1] (Wilson)

Maṇḍūka Sūkta

(Sūkta XIV)

As divindades são as rãs; o Ṛṣi é Vasiṣṭha; a métrica é Triṣṭubh, exceto no primeiro verso, no qual ela é Anuṣṭubh.

Varga 3. **1**. As rãs,[2] como Brahmans cumpridores de seus votos, praticando penitência[3] todo o ano, proferem alto louvores agradáveis para Parjanya.[4]
2. Quando as águas do céu caem sobre (a tropa de rãs) que dorme no lago (esgotado) como um odre seco, então ergue-se junto o coaxar das rãs,[5] como o mugido das vacas quando seus bezerros se juntam a elas.
3. Quando a estação chuvosa chega, e (Parjanya) envia a chuva sobre elas, sedentas e anelantes (pela sua vinda), então uma rã encontra a outra [6]coaxando (suas congratulações) como uma criança (chama) seu pai com exclamações desarticuladas.[7]
4. Uma dessas duas felicita a outra visto que ambas estão se deleitando com a chegada da chuva; a rã salpicada, saltando repetidamente quando umedecida (pela chuva), une saudações com a verde.
5. Quando uma de vocês imita o coaxar da outra como um aprendiz (imita) seu professor, quando, gritando alto, vocês conversam (saltando) sobre as águas, então o corpo inteiro é por assim dizer desenvolvido.[8]

---

[1] [Dirigido aos Maṇḍūkas, isto é, rãs: 'concebido como um feitiço para produzir chuva, é um panegírico das rãs, que são comparadas durante a seca a caldeirões aquecidos, e são descritas como erguendo as suas vozes juntas no início das chuvas como alunos brâmanes repetindo as lições do seu professor'. – Macdonell].

["A origem dessa canção curiosíssima é contada assim: Vasiṣṭha, desejando chuva, louvou Parjanya com um hino (7.102). As rãs acompanharam a sua prece com um coro alegre. O sábio ouvindo-as coaxar alegremente ficou extremamente satisfeito e fez um poema sobre elas. Este hino, que sem dúvida é muito antigo, é interessante, não por causa da sua descrição do coaxar das rãs e dos seus pulos, mas por causa de a palavra 'Brahmans' [brâmanes] ser mencionada várias vezes nele. Os Brahmans, segundo este hino, não são uma casta separada, mas apenas realizadores de ritos sacrificais, que fazem e produzem o Brahma (o elemento sagrado), do qual todo crescimento na natureza, toda felicidade e prosperidade, dependem. Alguns estudiosos acreditavam que a canção era uma sátira aos Brahmans, [veja a nota 17] mas essa opinião mal é defensável. O poeta considera as rãs como seres divinos; então ele as louva para concederem prosperidade a ele, assim como outros deuses, Agni, Indra, Uṣas, etc. são invocados para o mesmo propósito. O coaxar delas lhe parece semelhante ao canto dos Brahmans quando celebram o banquete de Soma. O hino é usado até hoje pelos brâmanes junto com a prece por chuva, o Parjanya Sūkta, na época de uma seca. Vinte a trinta brâmanes versados nos Vedas vão para as margens de um rio e repetem primeiro o hino dirigido a Parjanya, o deus da chuva, então eles recitam o Maṇḍūka-stuti, isto é, louvor às rãs, como este hino é chamado. Acredita-se que ambos, Parjanya e as rãs, têm o poder de fazer as chuvas virem". – Martin Haug, *A Contribution Towards a Right Understanding of the Rigveda,* 1863].

[2] Vasiṣṭha, é dito, tendo louvado Parjanya para obter chuva, observando que as rãs estavam alegres pelos seus louvores, se dirigiu a elas neste hino.

[3] Literalmente, 'jazendo imóveis', que Sāyaṇa explica como 'realizando penitência por chuva'. [As rãs ficam dormentes ou em estivação durante a estação seca (veja a nota 8), e as chuvas das monções, que geralmente vão de junho a setembro na Índia, as despertam].

[4] ['Assim como Brahmans, que fiéis ao seu voto sacrifical ficaram silenciosos o ano inteiro, (iniciam as suas preces novamente após o voto de iniciação ter sido realizado) assim as rãs (após terem dormido pela maior parte do ano) soaram suas vozes novamente'! – Haug].

[5] ['Quando as águas celestes enchem esse (tanque) como um saco de couro jazendo em um deserto, as rãs coaxam juntas ...'. – Haug].

[6] [Haug continua: 'seguindo o chamado da outra, assim como um filho (segue) o pai'].

[Esse pode ser o chamado para o acasalamento, veja a nota 29].

[7] *Akhkhalīkṛtya*, fazendo o som imitativo *akhkhala* [que imita o coaxar das rãs, esse sendo um exemplo de onomatopeia]. [*Atharva-Veda,* 4.15.13].

[8] Durante o tempo seco, diz o escoliasta, as rãs encolhem como um pedaço de barro; nas chuvas elas se expandem até o seu tamanho total.

Varga 4. **6**. Uma rã tem o berro de uma vaca, outra o balido de uma cabra; uma delas é salpicada, uma é verde; designadas por uma denominação comum, elas são de várias cores[9] e, coaxando, mostram-se em numerosos lugares.
7. Como Brahmans na libação de Soma, no sacrifício Atirātra, vocês agora estão coaxando em torno do lago reabastecido (a noite toda),[10] porque nesse dia do ano vocês rãs estão em toda parte, quando é o dia do início das chuvas.
8. Elas proferem um grito alto, como Brahmans trazendo a libação de Soma, [11]e recitando a prece perene;[12] como sacerdotes ministrantes com a oferenda de gharma,[13] elas se esconderam (no tempo quente) transpirando[14] (em seus buracos), mas agora algumas delas aparecem.
9. Esses líderes de ritos cumprem as leis dos deuses, e não desrespeitam a estação (adequada) dos doze meses; quando o ano gira, e as chuvas retornam, [15]então, ressequidas e aquecidas, elas ficam livres (dos seus esconderijos).
10. Que a (rã) de som de vaca, a de som de cabra, a salpicada, a verde (respectivamente) nos concedam riquezas! Que as rãs na fertilizante[16] (época das chuvas), concedendo-nos centenas de vacas, prolonguem (as nossas) vidas!

Índice◄►Hino 104 (Wilson)

---

619 - Hino 103. Rãs (Griffith)[17]

1. Aquelas que ficaram quietas por um ano, os Brahmans que cumprem seus votos, as Rãs, ergueram sua voz, a voz que Parjanya inspira.
2. Quando sobre essas, como sobre uma pele seca jazendo no leito da lagoa, as águas do céu desceram, a música das Rãs irrompe em conjunto como o mugido das vacas com seus bezerros ao lado delas.

---

[9] [‘Todas têm o mesmo nome embora difiram em forma, voz e cor’. – Haug].
[10] *Rātrau śabdam kurvānāh* é adicionado pelo comentador, aparentemente para tornar a comparação mais adequada, o rito Atirātra sendo, segundo ele, uma cerimônia noturna, quando os sacerdotes recitam os hinos à noite. (Para os *śastras* utilizados no Atirātra, veja a tradução de Haug do *Aitareya Brāhmaṇa* (1863), p. 264). [Veja as notas 23 e 35].
[Haug lê: ‘Assim como as vozes dos Brahmans (ouvidas) no banquete noturno de Soma (Atirātra) indicam (que as tinas de Soma) estão cheias como um tanque, ...’].
[11] [Haug continua: ‘quando eles produzem santidade (Brahma) em suas sessões sacrificais, que duram todo o ano. (As rãs) aparecem em todos os lugares, nenhuma fica em sua toca como os cozinheiros sagrados quando eles, banhados em suor, aquecem o recipiente *gharma* (para fazer por um processo místico um corpo celeste para o sacrificador)’.
[12] Ou melhor, ‘a prece de um ano’. Sāyaṇa faz com que isso se refira a uma sessão de sacrifício, que começa e termina com o Atirātra, e dura um ano inteiro.
[13] [*Gharma*, além de ‘calor, estação quente, caldeirão’ e outros significados, também significa leite quente ou qualquer outra bebida quente oferecida como uma oblação. Veja a nota 36].
[14] *Adhvaryavo gharmiṇaḥ sisvidānāḥ;* o último pode se aplicar aos *adhvaryus* bem como às rãs; há um trocadilho sobre a palavra *gharmiṇaḥ*, tendo ou carregando o recipiente, ou realizando o rito assim denominado (veja 5.30.15, nota); ou que sofre de *gharma*, calor ou a estação quente. (Para a cerimônia *Pravargya* e o *gharma*, veja a tradução de Haug do *Aitareya Brāhmaṇa* (1863), p. 42).
[15] [Haug continua: ‘(elas deixam suas tocas), assim como os recipientes gharma aquecidos (seus conteúdos, como o leite) são derramados (pelos cozinheiros sagrados na hora apropriada)’. Veja as notas 29 e 37].
[16] *Sahasrasāve* é explicado como a geradora de milhares de plantas, grãos e semelhantes. [‘Produtora de mil (ervas)’ segundo Haug].
[17] Este hino foi traduzido pelo Dr. Muir, *O. S. Texts*, V, 436, [por Martin Haug, *A Contribution Towards a Right Understanding of the Rigveda,* por Macdonell em *Hymns from the Rigveda* e *Vedic Reader for Students]* e F. Max Müller em seu *Ancient Sanskrit Literature*, p. 494 e seg., que observa: ‘O hino... que é chamado de panegírico das rãs, é claramente uma sátira dos sacerdotes, e é interessante observar que tenha sido escolhido pelo sátiro védico para representar os sacerdotes o mesmo animal que, pelos primeiros sátiros da Grécia, foi selecionado como representante dos heróis homéricos’. Mas veja Oldenberg, *Die Religion des Veda*, p. 70. O hino evidentemente pertence a um período mais recente da poesia védica. [Veja a nota 1].

3. Quando na chegada das Chuvas[18] a água flui sobre elas quando elas ansiavam e desejavam, uma procura a outra enquanto fala e a cumprimenta com gritos de prazer[19] como um filho o pai.
4. Cada uma dessas duas recebe a outra gentilmente,[20] enquanto elas estão se deleitando com o fluxo das águas, quando a Rã umedecida pela chuva salta para frente, e Verde e Pintada combinam suas vozes.
5. Quando uma dessas repete a linguagem da outra, como aquele que aprende a lição do professor, cada membro seu[21] parece estar crescendo enquanto vocês conversam com eloquência sobre as águas.
6. Uma tem o mugido da vaca e a outra o balido da cabra, uma Rã é Verde e uma delas é Pintada. Elas têm um nome comum, e ainda assim elas variam,[22] e, falando, modulam a voz diversamente.
7. Como brâmanes, sentados em volta do recipiente completamente cheio, falam no rito de Soma do Atirātra,[23] então, Rãs, vocês se reúnem em volta da lagoa para honrar este dia de todo o ano, o primeiro da Época das Chuvas.
8. Esses brâmanes com o suco Soma, realizando o seu rito de um ano de duração,[24] elevaram suas vozes; e esses Adhvaryus, suando com seus caldeirões,[25] vêm para fora e se mostram, e nenhum está escondido.[26]
9. Eles mantêm a ordem dos doze meses fixada pelos Deuses,[27] e os homens[28] nunca negligenciam a estação. Assim que no ano volta a Época das Chuvas, essas que eram caldeirões aquecidos[29] ganham sua liberdade.
10. De Mugido de Vaca e De Balido de Cabra têm concedido riquezas,[30] e Verde e Pintada têm nos concedido tesouros. As Rãs que nos dão vacas às centenas prolongam as nossas vidas nessa estação muitíssimo fertilizante.[31]

Índice◄►Hino 104 (Griffith)

---

[18] [‘Outono’. – Muir].
[19] [Veja a nota 7].
[20] [‘Uma agarra a outra’. – Muir].
[21] Essa mudança abrupta de pessoa é comum no Veda.
[22] [‘Em aparência’, Muir acrescenta].
[23] Uma cerimônia acompanhada por três recitações noturnas.
[24] [Veja a nota 12. Muir lê: ‘realizando suas devoções anuais’].
[25] [Vejas as notas 13 e 14].
[26] *Guhyāḥ na ke cit;* alguns tomam *na* como ‘como’: ‘saem como pessoas que estavam escondidas’. – Muir. ‘Saem como eremitas’. – Müller.
[27] [‘Elas têm cumprido as leis divinas do ano’. – Muir].
[28] Os sacerdotes como rãs.
[29] As rãs que tinham sido queimadas e chamuscadas pelo tempo quente.
[“A soltura prodigiosa de ovos após o acasalamento de anuros, especialmente por muitos pares ao mesmo tempo, deve ter feito o poeta se lembrar do transbordamento borbulhante espumoso do leite fervente”. – S. W. Jamison e J. P. Brereton, *The Rigveda, The Earliest Poetry of India,* 2014].
[30] Como as primeiras anunciadoras da chegada das Chuvas que revivem e fertilizam a terra.
“É possivelmente um eco dessa obra que encontramos em uma descrição do outono no *Harivaṃśa*, v. 8803, onde o poeta compara o barulho feito por uma rã, depois do seu descanso de dezesseis meses e meio, junto com suas esposas, à recitação do Ṛgveda por um Brahman cercado por seus alunos...”. – Muir, *O. S. Texts,* V, 438. Mas veja Bergaigne, *La Religion Védique*, I. 292.
[31] [‘Na estação de mil brotos’. – Muir. Veja a nota 38].

619 - Hino 103. Rãs (Müller)

1. Após jazerem prostradas por um ano, como brâmanes cumprindo um voto, as rãs emitiram a sua voz, despertadas pelas chuvas do céu.
2. Quando as águas celestes caíram sobre elas como sobre um peixe seco jazendo em uma lagoa, a música das rãs se reúne, como o mugido das vacas com seus bezerros.
3. Quando, com a aproximação da estação das chuvas, a chuva as molhou, como elas estavam ansiosas e sedentas, uma vai à outra enquanto fala, como um filho ao pai, dizendo: akkhala.[32]
4. Uma delas abraça a outra, quando festejam na chuva de água, e a rã marrom, saltando depois que foi mergulhada, une sua fala com a verde.[33]
5. Enquanto uma delas repete a fala da outra, como um aluno e seu professor, [34]cada membro delas está por assim dizer em crescimento, quando elas conversam eloquentemente na superfície da água.
6. Uma delas tem som de vaca, a outra o som de cabra, uma é marrom, a outra verde; elas são diferentes embora tenham o mesmo nome, e modulam suas vozes de muitas maneiras conforme falam.
7. Como brâmanes no sacrifício Soma de Atirātra, sentados em volta de um lago cheio e falando,[35] vocês, rãs, celebram este dia do ano, quando a estação das chuvas começa.
8. Esses brâmanes com seu Soma disseram o que tinham a dizer, realizando o rito anual. Esses Adhvaryus, suando enquanto carregam as panelas quentes,[36] saem como eremitas.
9. Eles sempre têm cumprido a ordem dos deuses que eles devem ser adorados no período de doze meses; esses homens não negligenciam a sua estação; as rãs que tinham sido elas próprias como panelas quentes são agora libertadas quando a estação chuvosa do ano começa.[37]
10. A de som de vaca deu, a de som de cabra deu, a marrom deu, e a verde nos deu tesouros. As rãs que nos dão centenas de vacas prolongam a nossa vida no rico Outono.[38]

Índice◄

---

[32] [Veja a nota 7].
[33] ['Amarela'. – Macdonell].
[34] [Macdonell continua: 'tudo isso é como recitação concordante...' ou 'tudo isso delas está em uníssono, como uma lição que vocês [veja a nota 21] eloquentes repetem sobre as águas'].
[35] ["'Como brâmanes no sacrifício Soma que dura uma noite*, falando em volta de um lago cheio** por assim dizer'.
[* *Atirātre:* esse é o nome de uma parte do sacrifício Soma no ritual do *Yajurveda*. A sua realização durava um dia e a noite seguinte. A sua menção no R. V. mostra que ele é antigo.
[** Uma expressão hiperbólica para um grande vaso cheio de Soma". – Macdonell].
[36] *['Gharmiṇas* pretende ser ambíguo: oprimidas pelo calor do sol (rãs), ocupados com o leite quente (sacerdotes). Aqui nós já temos uma referência à cerimônia Pravargya na qual o leite era aquecido em uma panela, e que era conhecida no ritual dos brâmanes'. – Macdonell].
[37] [Macdonell traduz: 'Eles guardaram a ordem divina dos doze meses, esses homens não infringem a estação. Em um ano, o tempo de chuva tendo chegado, as oferendas de leite quente obtêm libertação'. E observa: '*taptā gharmāḥ* pretende ser ambíguo: panelas de leite quente com referência aos sacerdotes e cavidades com referência às rãs; *obtêm libertação ou soltura*, ou seja, as panelas de leite são esvaziadas (e ficam frias) e as cavidades nas quais as rãs estão escondidas as deixam sair (e são refrigeradas pela chuva)'. Todavia, isso pode se referir à soltura dos ovos das rãs que os 'aqueceram' dentro de si, veja a nota 29].
[38] ["'As rãs, dando-nos centenas de vacas, prolongam a nossa vida em uma espremedura de Soma multiplicada por mil*'.
[*O termo provavelmente se refere a um sacrifício de Soma com duração de um ano com três espremeduras por dia (totalizando aproximadamente mil)". – Macdonell].

620 - Hino 104. Indra e Soma (Wilson)

Hino para a Destruição dos Demônios[1]

(Sūkta XV)

Os deuses da maioria dos versos são Indra e Soma, às vezes sozinhos, às vezes juntos; as divindades do verso 11 são os Devas; as do 17 e 18, respectivamente, as pedras de (espremer) Soma e os Ventos (Maruts); e o deus do 10 e 14 é Agni, da primeira metade do verso 23 a divindade é a prece personificada;[2] da segunda metade, a terra e o firmamento. Vasiṣṭha é o Ṛṣi. A métrica varia entre Jagatī e Triṣṭubh,[3] a da última estrofe é Anuṣṭubh.

Varga 5. **1**. Indra e Soma, aflijam, destruam os Rākṣasas; derramadores (de benefícios) derrubem aqueles que se deleitam na escuridão; afugentem os (espíritos) estúpidos; consumam, matem, expulsem, exterminem totalmente os canibais.

2. Indra e Soma, caiam sobre o (Rākṣasa) destrutivo e o realizador de atos inúteis,[4] de modo que, consumido (pela sua ira), ele possa perecer como a oferenda lançada no fogo; mantenham ódio implacável ao inimigo dos brâmanes, o canibal, o horrendo,[5] o vil[6] (Rākṣasa).

3. Indra e Soma, castiguem os (Rākṣasas) malignos, tendo-os mergulhado em escuridão circundante e inextricável, de modo que nenhum deles possa sair dela novamente; assim que o seu poder colérico seja triunfante sobre eles.

4. Indra e Soma, mostrem do céu a sua (arma) fatal, a que extirpa da terra os (Rākṣasas) malignos; manifestem das nuvens o (raio) consumidor, com o qual vocês matam a crescente a raça Rakṣas.

5. Indra e Soma, espalhem (suas armas) por toda parte a partir do céu, perfurem seus lados com (armas) ígneas abrasadoras[7] adamantinas, de modo que eles possam perecer sem nenhum som.

Varga 6. **6**. Que este louvor os envolva, Indra e Soma, que são poderosos, por todos os lados, como uma cilha (rodeia) um cavalo – esse louvor que eu ofereço a vocês dois com devoção pura; que vocês, como dois reis, aceitem esta minha homenagem.

7. Venham com corcéis velozes, matem os Rākṣasas opressivos maldosos; que não haja felicidade, Indra e Soma, para o maligno que nos atormenta com sua opressão.

8.[8] Que aquele que difama com calúnias falsas a mim que me comporto com um coração puro, que aquele falador de mentiras, Indra, deixe de existir, como água segurada na mão.

---

[1] ['O vidente, quando seus cem filhos tinham sido mortos pelos seguidores de Sudās, cheio de dor e oprimido pela tristeza por seus filhos, viu (este hino) para a destruição dos demônios'. 'Vasiṣṭha naquele momento estava aflito, porque seus cem filhos tinham sido mortos por Sudāsa que, em consequência de uma maldição, tinha sido transformado em um demônio (rakṣas); essa é a tradição sagrada'. – *Bṛhaddevatā]*.

[O *Ṛgvidhāna,* 2.30.3-4 (2.157-158), diz que "quem quer que seja prejudicado por seus inimigos ou quem quer que seja acusado injustamente, (esse homem) deve, após jejuar por um período de três dias, oferecer manteiga clarificada todos os dias, e deve murmurar este Sūkta, ou seja, 'Indra e Soma' (7.104), pelo menos cem vezes; ele (além disso) deve dar algo aos brâmanes ao fim da cerimônia, (então) ele destrói todos os seus inimigos". – *Ṛgvidhāna*, tradução por J. Gonda, 1951, p. 60-61].

[De teor pós-rigvêdico, o hino inteiro se encontra no *Atharvaveda*, 8.4.1-25].

[2] ['Na estrofe 23 o vidente invoca uma bênção e proteção no céu e na terra em seu próprio nome'. – *Bṛhaddevatā]*.

[3] [Para detalhamento veja o Índice dos Sūktas].

[4] Ou, como a mesma palavra, *aghaśaṃsa*, é traduzida no verso 4: o maligno.

[5] *Ghoracakṣase* também pode significar 'de fala rude'.

[6] *Kimīdine* é um termo incomum e um tanto ininteligível; o comentário o explica como 'para aquele que segue dizendo: O que agora?' isto é, *piśunaya*, um espião, um informante; ou cruel, vil.

[7] O texto, depois de 'abrasadoras', acrescenta outro epíteto, *ajarebhiḥ*, eternas, imperecíveis.

[8] ['Agora, na oitava e décima quinta (estrofes) do hino, o filho de Varuṇa (Vasiṣṭha), enquanto lamentando por assim dizer, sua alma estando oprimida pela dor e sofrimento, pronuncia uma maldição'. – *Bṛhaddevatā]*.

9. Que Soma dê à serpente, ou jogue no colo de Nirṛti, aqueles que com (acusações) insidiosas perseguem a mim, um orador de sinceridade, e aqueles que por (calúnias) maldosas vilipendiam tudo que é bom em mim.[9]
10. Que aquele, Agni, que se esforça para destruir a essência do nosso alimento, dos nossos cavalos, do nosso gado, dos nossos corpos – o adversário, o ladrão, o assaltante – vá para a destruição, e seja privado de corpo e de progênie.
Varga 7. **11**. Que ele seja privado de (existência) corpórea e de posteridade;[10] que ele seja jogado abaixo de todos os três mundos; deuses, que seja arruinada a reputação daquele que procura a nossa destruição de dia ou de noite.
12. Para o homem de inteligência[11] há discernimento perfeito, as palavras de verdade e falsidade são mutuamente contrárias;[12] desses dois, Soma realmente preza o que é verdadeiro e correto, ele destrói o falso.
13. Soma não instiga o perverso; ele não instiga o homem forte que se comporta com falsidade; ele destrói o Rākṣasa, ele destrói o que fala mentira; e ambos permanecem na escravidão de Indra.
14. Se eu sou um seguidor de falsos deuses, se eu me aproximo dos deuses em vão, então que Agni (me puna). Se (nós não somos assim, então) por que, Jātavedas, tu estás zangado conosco? Que os proferidores de falsidades incorram em teu castigo.
15. Que eu morra hoje se eu sou um espírito do mal, ou se eu alguma vez prejudiquei a vida de algum homem; que tu sejas privado (Rākṣasa) dos teus dez filhos, que me chamou falsamente por esse nome.
Varga 8. **16**. Que Indra mate com sua arma poderosa aquele que me chama de Yātudhāna, o que eu não sou, – o Rākṣasa, que diz (de si mesmo), eu sou puro: que ele, o mais vil de todos os seres, pereça.
17. Que o demônio fêmea cruel que, livrando-se da ocultação de seu corpo, perambula à noite como uma coruja, caia de cabeça para baixo nas cavernas sem limites; que as pedras que moem a Soma destruam os Rākṣasas pelo seu som.
18. Fiquem, Maruts, entre as pessoas, desejosos[13] (de protegê-las); peguem os Rākṣasas, os reduzam a pedaços; se eles voam por toda parte como aves à noite, ou se têm causado obstrução ao sacrifício sagrado.
19. Lança, Indra, o teu raio do céu; santifica, Maghavan, (o adorador) afiado pela bebida Soma; mata com o raio os Rākṣasas, no leste, no oeste, no sul, no norte.
20. Eles avançam, acompanhados por cães; desejosos de destrui-lo, eles atacam o indomável Indra; Śakra afia o seu raio para os canalhas; rapidamente que ele lance o raio sobre os demônios.
Varga 9. **21**. Indra sempre tem sido o derrotador dos espíritos malignos que vêm para obstruir (os ritos dos) ofertantes de oblações; Śakra avança, subjugando os Rākṣasas presentes como um machado derruba (as árvores de) uma floresta, como (um malho esmaga) os vasos de barro.

[9] Ou melhor, 'aqueles que com violência difamam a mim, que ajo com retidão'.
[10] Literalmente, 'que ele exista depois do seu corpo e descendência', ou seja, continue separado deles.
[11] Os versos anteriores são considerados como uma maldição sobre os Rākṣasas pelo Ṛṣi. Para explicar a mudança de tom, Sāyaṇa dá uma versão incomum da lenda contada no *Mahābhārata* do rei Kalmāṣapāda sendo transformado em um Rākṣasa, e devorando os cem filhos de Vasiṣṭha: aqui é dito que um Rākṣasa, depois de ter devorado os filhos do Ṛṣi, assumiu a forma dele, e disse-lhe: 'Eu sou Vasiṣṭha, tu és o Rākṣasa', ao que Vasiṣṭha respondeu repetindo este verso, declaratório do seu discernimento entre verdade e falsidade.
[12] Literalmente, 'para o homem de compreensão, verdade e falsidade são facilmente discriminadas, suas palavras são mutuamente contrárias'.
[13] Ou melhor, 'fiquem satisfeitos (em destruir os Rākṣasas)'.

22. Destrói o espírito do mal, seja na forma de uma coruja, ou de uma coruja pequena, de um cão, ou de um pato,[14] de um falcão, ou de um abutre; mata os Rākṣasas, Indra, (com o raio) como com uma pedra.
23. Que os Rākṣasas não nos façam mal; que a aurora afaste os pares de espíritos malignos, que exclamam: 'O que é isso agora'?[15] Que a terra nos proteja da [maldade] terrena, o firmamento nos proteja da maldade celeste.
24. Mata, Indra, o Yātudhāna, seja na forma de um homem ou de uma mulher, que faz maldades por seus ardis; que aqueles que se divertem ao matar[16] pereçam decapitados; que eles não vejam o sol nascente.
25. Soma, que tu e Indra separadamente vigiem (os Rākṣasas), sejam cautelosos e vigilantes; atirem o raio nos Rākṣasas malignos.

Índice◄

---

620 - Hino 104. Indra-Soma (Griffith)[17]

1. Indra e Soma, queimem, destruam o demônio inimigo,[18] enviem para baixo, ó Touros, aqueles que adicionam trevas às trevas. Aniquilem os tolos, os matem e os queimem; os afastem de nós, trespassem os vorazes.
2. Indra e Soma, que o pecado em volta dos perversos ferva como um caldeirão rodeado pelas chamas de fogo. Contra o inimigo da prece, devorador de carne crua, o demônio vil[19] de olhar feroz, mantenham ódio perpétuo.
3. Indra e Soma, mergulhem os malvados nas profundezas, sim, os atirem na escuridão que não tem suporte, para que nenhum jamais possa voltar de lá;[20] assim, que o seu poder colérico prevaleça e os vença.
4. Indra e Soma, lancem o seu raio mortal aniquilador sobre o demônio perverso do céu e da terra. Sim, forjem das montanhas o seu dardo celeste com o qual vocês matam queimada a crescente raça de demônios.
5. Indra e Soma, lancem para baixo do céu os seus dardos mortais de pedra ardente com chamas de fogo, dardos eternos, abrasadores; mergulhem os vorazes dentro das profundezas, e que eles afundem sem um som.[21]
6. Indra e Soma, que este hino controle vocês dois, assim como a cilha cerca dois corcéis vigorosos, – a canção de louvor que eu com sabedoria lhes ofereço; que vocês, como Senhores de homens, animem estas minhas preces.
7. Do seu modo impetuoso pensem vocês dois sobre isso: destruam esses seres maus, matem os demônios traiçoeiros. Indra e Soma, que não tenha felicidade o perverso que sempre nos ataca com malignidade.

---

[14] Literalmente, 'um ganso vermelho'.
[15] *Kimīdinā;* veja as notas 6 e 19.
[16] [Veja a nota 31].
[17] Este hino consiste principalmente de imprecações dirigidas contra demônios e maus espíritos, Rākṣasas e Yātudhānas. Os Deuses são vários.
[18] *Rakṣaḥ;* os Rākṣasas, demônios, espíritos malignos, trasgos, que perambulam à noite, perturbando sacrifícios e homens devotos, enredando e até devorando seres humanos, e geralmente hostis à raça humana.
[19] *Kimīdine*, explicado pelo comentador como alguém que vagueia dizendo *kimidānām* ou 'o que agora?', um bisbilhoteiro, um espião e informante vil e traiçoeiro. A palavra é usada como o nome de uma classe de maus espíritos.
[20] ['Indra e Soma, lancem aqueles (Rākṣasas) malignos no abismo, na escuridão sem fundo, para que nem mesmo um deles possa sair'. – Muir, *O. S. Texts*, V, 312].
[21] Tão de repente que eles não tenham tempo de gritar.

8. Quem me acusa com palavras de falsidade quando eu sigo o meu caminho com espírito sincero, que ele, o falador de mentiras, seja, Indra, como a água que o oco da mão aperta.
9. Aqueles que destroem, como é seu costume, os simples, e com suas naturezas más ferem os justos, que Soma os atire à serpente,[22] ou os envie para o colo de Nirṛti.[23]
10. O demônio, ó Agni, que planeja prejudicar a essência dos nossos alimentos, vacas, corcéis, ou corpos, que ele, o adversário, ladrão e assaltante, caia na destruição, ele próprio e [sua] prole.
11. Que ele seja varrido para longe, ele mesmo e [seus] filhos; que todas as três terras o pressionem abaixo delas. Ó Deuses, que seja arruinada a glória justa daquele que de dia ou de noite deseja nos destruir.
12. O prudente acha fácil distinguir o verdadeiro e o falso: as suas palavras se opõem.[24] Desses dois o que é verdadeiro e honesto Soma protege, e reduz o falso a nada.
13. Soma nunca ajuda e orienta o perverso ou aquele que reivindica falsamente o título de Guerreiro.[25] Ele mata o demônio e aquele que fala falsamente; ambos se encontram enredados no laço de Indra.
14. Como se eu adorasse deuses falsos, ou pensasse pensamentos vãos sobre os Deuses, ó Agni. Por que tu estás zangado conosco, Jātavedas? A destruição cai sobre aqueles que mentem contra ti!
15. Então que eu morra hoje se eu tiver atormentado a vida[26] de algum homem ou se eu for um demônio. Sim, que perca todos os seus dez filhos juntos aquele que com língua falsa me chamou de Yātudhāna.[27]
16. Que Indra o mate com uma arma poderosa, e que a mais vil de todas as criaturas pereça, o demônio que diz que ele é puro, que me chama de demônio embora desprovido de natureza demoníaca.
17.[28] Ela também[29] que vagueia como uma coruja durante a noite, escondendo seu corpo em sua astúcia e malícia, que ela caia em cavernas sem fim. Que as pedras de espremer com som alto destruam os demônios.
18. Espalhem-se, Maruts, procurem entre as pessoas; capturem e reduzam os Rākṣasas a pedaços, que voam amplamente, transformados em aves, durante a noite, ou sujam e poluem o nosso culto sagrado.
19. Lança do céu o teu raio de pedra, ó Indra: o afia, Maghavan, afiado pelo Soma. Para frente, para trás, e de cima e de baixo, derruba os demônios com tua arma rochosa.

---

[22] Ou para a morte por meio de mordidas de serpentes.
[23] Morte e Destruição.
[24] ['O homem inteligente é bem capaz de discriminar (quando) palavras verdadeiras e falsas lutam entre si'. – Muir, *O. S. Texts,* I, 327].
[25] A posição de um *kṣatriya* ou príncipe da classe militar. ['Soma não torna próspero o pecador, nem o homem que detém o poder injustamente'. – *Id.*].
As primeiras onze estrofes 'são consideradas como uma maldição sobre os Rākṣasas pelo Ṛṣi. Para explicar a mudança de tom (em 12-16) Sāyaṇa dá uma versão incomum da lenda contada no *Mahābhārata* ...', [veja a nota 11].
'Os versos podem, como supõe o professor Max Müller, ter surgido a partir da disputa de Vasiṣṭha com Viśvāmitra (veja 3.53.21, nota 60) e pode ter sido o último personagem que trouxe essas acusações de heresia e de caráter assassino e demoníaco contra seu rival'. – Muir, *O. S. Texts*, I, 327-328. [Mas 'não é preciso dizer que não há absolutamente nenhuma evidência para isso no próprio hino, e nenhuma evidência para a disputa Vasiṣṭha-Viśvāmitra em outras partes do Ṛgveda. É sempre preciso ser cauteloso sobre a 'leitura inversa' no Ṛgveda e outros textos vêdicos'. – S. W. Jamison e J. P. Brereton].
[26] ['Se eu destruí a vida...'. – Muir].
[27] Explicado por Sāyaṇa como igual a Rākṣasa. O Yātudhāna provavelmente era o duende ou feiticeiro enquanto o Rākṣasa era o ogro violento e voraz.
[28] Aqui a maldição sobre os maus espíritos em geral é retomada e continuada até o fim do hino.
[29] A Rākṣasī, ou demônia.

20. Eles voam, os cães demônios, e, inclinados ao mal, desejam em vão prejudicar o indomável Indra. Śakra afia a sua arma para os perversos; agora, que ele lance o seu raio nos feiticeiros demoníacos.
21. Indra tem sido sempre o destruidor dos demônios que arruínam as oblações dos invocadores dos Deuses; de fato, Śakra, como um machado que corta a madeira, os ataca e os quebra como vasos de barro.
22. Destrói o demônio em forma de uma coruja ou de coruja pequena, o destrói na forma de cão ou de cuco. O destrói em forma de águia ou como abutre, como com uma pedra, ó Indra, esmaga o demônio.
23. Que o demônio dos trabalhos de feitiçaria não nos alcance; que a Aurora expulse os pares de Kimīdins.[30] Que a terra nos mantenha a salvo da desgraça e dos problemas terrenos; da aflição que vem do céu que o meio do ar nos preserve.
24. Mata o demônio macho, Indra! mata a fêmea, alegre e triunfante nas artes da magia. Que os deuses dos tolos[31] com pescoços curvados caiam e pereçam, e não vejam mais o Sol quando ele nascer.
25. Olhe cada um para cá, olhem ao redor, Indra e Soma, vigiem bem. Lancem a sua arma nos demônios; atirem o seu raio contra os feiticeiros.

Índice◄

FIM DO SÉTIMO MAṆḌALA.

[30] Ou espíritos vis. Veja a nota no verso 2.
[31] Explicado por Sāyaṇa como *māraṇa-krīḍāḥ,* 'aqueles que fazem da matança o seu esporte'. Segundo o *St. Petersburg Lexicon, mūradevāḥ* ou *mūladevāḥ*, uma espécie de demônios ou trasgos.

Métrica

A rima não é usada no Ṛgveda. As métricas são reguladas pelo número de sílabas na estrofe, a qual consiste geralmente em três ou quatro Pādas, medidas, divisões, ou quartos de versos, com um intervalo marcado distintamente no fim do segundo Pāda, e assim formando dois hemistíquios ou semiestrofes de extensão igual e desigual. Esses Pādas muito usualmente contêm oito ou onze ou doze sílabas cada; mas ocasionalmente eles consistem em menos ou às vezes em mais do que esses números. Os Pādas de uma estrofe são em geral de extensão igual e de quantidades métricas mais ou menos correspondentes, mas às vezes dois ou três tipos de métricas são empregados em uma estrofe, e então os Pādas variam em quantidade e extensão. Em relação à quantidade, as primeiras sílabas do Pāda não estão sujeitas a leis muito estritas, mas as últimas quatro são mais regulares, sua medida sendo geralmente iâmbica[1] em Pādas de oito e doze sílabas e trocáica[2] naqueles de onze. No texto impresso o primeiro e segundo Pādas formam uma linha, e o terceiro, ou terceiro e quarto, ou terceiro, quarto e quinto, completam o dístico ou estrofe. Eu segui essa organização na minha tradução.[3]

Abaixo, em ordem alfabética, encontram-se os nomes, com descrições breves, das métricas usadas nos Hinos do Ṛgveda. O Índice dos Hinos mostrará a métrica ou métricas usadas em cada Hino.

Abhisāriṇī: uma espécie de Tṛṣṭup, na qual dois Pādas contêm doze em vez de onze sílabas.

Anuṣṭup ou *Anuṣṭubh:* consistindo em quatro Pādas de oito sílabas cada, dois Pādas formando uma linha. Essa é a forma de métrica prevalecente no Mānava-dharma-śāstra, no Mahābhārata, no Rāmāyaṇa, e nos Purāṇas.

Anuṣṭubgarbhā: uma métrica da classe Uṣṇih: o primeiro Pāda contendo cinco sílabas, e os três Pādas seguintes de oito sílabas cada.

Anuṣṭup Pipīlikamadhyā: uma espécie de Anuṣṭup tendo o segundo Pāda mais curto do que o primeiro e o terceiro (8 sílabas + 4 + 8 + 8).

Aṣṭi: consistindo em quatro Pādas de dezesseis sílabas cada, ou sessenta e quatro sílabas na estrofe.

Āstārapaṅkti: consistindo em dois Pādas de oito sílabas cada, seguidos por dois Pādas de doze sílabas cada.

Atidhṛti: quatro Pādas de dezenove sílabas cada, = 76 sílabas.

Atijagatī: quatro Pādas de treze sílabas cada.

Atinicṛti: consistindo em três Pādas contendo respectivamente sete, seis, e sete sílabas.

Atiśakvarī: quatro Pādas de quinze sílabas cada.

Atyaṣṭi: quatro Pādas de dezessete sílabas cada.

Bṛhatī: quatro Pādas (8 + 8 + 12 + 8) contendo 36 sílabas na estrofe.

---

[1] [Formada de iambos: ênfase nas sílabas de número par, isto é, uma sílaba átona e uma sílaba tônica (fraco-forte; ou breve e longa).]

[2] [Formada de troqueus: ênfase nas sílabas de número ímpar, isto é, uma sílaba tônica seguida de uma sílaba átona (forte-fraca; ou longa e breve)].

[3] [Eu não mantive essa configuração na tradução dos versos para o português].

Caturviṃśatikā Dvipadā: uma Dvipadā contendo 24 sílabas em vez de 20.

Dhṛti: consistindo em setenta e duas sílabas em uma estrofe.

Dvipadā Virāj: uma espécie de Gāyatrī consistindo em dois Pādas somente (12 + 8 ou 10 + 10 sílabas); representada inadequadamente na tradução por duas linhas decassilábicas iâmbicas.

Ekapadā Triṣṭup: uma Tṛṣṭup consistindo em um único Pāda ou quarto de estrofe.

Ekapadā Virāj: uma Virāj consistindo em um único Pāda.

Gāyatrī: a estrofe geralmente consiste em vinte e quatro sílabas, organizadas de modo variado, mas geralmente como um grupo de três Pādas de oito sílabas cada, ou em uma linha de dezesseis sílabas e uma segunda linha de oito. Há onze variedades dessa métrica, e o número de sílabas na estrofe varia consequentemente de dezenove a trinta e três.

Jagatī: uma métrica que consiste de quarenta e oito sílabas organizadas em quatro Pādas de doze sílabas cada, dois Pādas formando uma linha ou hemistíquio que na tradução é representado por um duplo alexandrino.

Kakup ou *Kakubh:* uma métrica de três Pādas compostos de oito, doze e oito sílabas respectivamente.

Kakubh Nyaṅkuśirā: consiste em três Pādas de 9 + 12 + 4 sílabas.

Kṛti: uma métrica de quatro Pādas de vinte sílabas cada.

Madhyejyotis: uma métrica na qual um Pāda de oito sílabas fica entre dois Pādas de doze.

Mahābṛhatī: quatro Pādas de oito sílabas cada, seguidos por um de doze.

Mahāpadapaṅkti: uma métrica de duas linhas de trinta e uma sílabas, a primeira linha composta quatro Pādas de cinco sílabas cada, e a segunda sendo uma Triṣṭup das usuais onze sílabas. Veja os *Vedic Hymns*, part I. (S. Books of the East) XXXII, p. xcviii.

Mahāpaṅkti: uma métrica de quarenta e oito sílabas (8x6 ou 12x4).

Mahāsatobṛhatī: uma forma alongada de Satobṛhatī.

Naṣṭarūpī: uma variedade de Anuṣṭup.

Nyaṅkusāriṇī: uma métrica de quatro Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.

Pādanicṛt: uma variedade de Gāyatrī na qual uma sílaba está faltando em cada Pāda: 7x3 = 21 sílabas.

Pādapaṅkti: uma métrica que consiste de cinco Pādas de cinco sílabas cada.

Paṅkti: uma métrica de cinco Pādas octossilábicos, como Anuṣṭup com um Pāda adicional.

Paṅktyuttarā: uma métrica que termina com uma Paṅkti de 5 + 5 sílabas.

Pipīlikāmadhyā: qualquer métrica cujo Pāda central é mais curto do que o precedente e do que o seguinte.

Pragātha: uma métrica no Livro 8, composta de estrofes que combinam dois versos, isto é, um Bṛhatī ou Kakup seguido por um Satobṛhatī.

Prastārapaṅkti: uma métrica de quarenta sílabas: 12 + 12 + 8 + 8.

Pratiṣṭhā: uma métrica de quatro Pādas de quatro sílabas cada; também uma variedade da Gāyatrī consistindo em três Pādas de oito, sete e seis sílabas respectivamente.

Purastādbṛhatī: uma variedade de Bṛhatī com doze sílabas no primeiro Pāda.

Pura-uṣṇih: uma métrica de três Pādas, contendo 12 + 8 + 8 sílabas.

Śakvarī: uma métrica de quatro Pādas de quatorze sílabas cada.

Satobṛhatī: uma métrica cujos Pādas pares contêm oito sílabas cada, e os ímpares doze: 12 + 8 + 12 + 8 = 40.

Skandhogrīvī: composta de Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.

Tanuśirā: composta de três Pādas de 11 + 11 + 6 sílabas.

Triṣṭup ou *Triṣṭubh:* uma métrica de quatro Pādas de onze sílabas cada.

Upariṣṭādbṛhatī: composta de quatro Pādas de 12 + 8 +8 + 8 sílabas.

Upariṣṭājjyotis: Uma estrofe Triṣṭup cujo último Pāda contém só oito sílabas.

Ūrdhvabṛhatī: uma variedade de Bṛhatī.

Urobṛhatī: uma variedade de Bṛhatī: 8 + 12 + 8 + 8.

Uṣṇiggarbhā: Gāyatrī de três Pādas de seis, sete e onze sílabas respectivamente.

Uṣṇih: composta de três Pādas de 8 + 8 + 12 sílabas.

Vardhamānā: uma espécie de Gāyatrī; 6 + 7 + 8 = 21 sílabas.

Viparītā: uma métrica de quatro Pādas, semelhante à Viṣṭārapaṅkti.

Virāḍrūpā: uma métrica Triṣṭup de quatro Pādas, 11 + 11 + 11 + 7 ou 8 sílabas.

Virāj: uma métrica de quatro Pādas de dez sílabas cada.

Virāṭpūrvā: uma variedade de Triṣṭup.

Virāṭsthānā: uma variedade de Triṣṭup.

Viṣamapadā: métrica de estrofes ímpares.

Viṣṭārabṛhatī: uma forma de Bṛhatī de quatro Pādas contendo 8 + 10 + 10 + 8 = 36 sílabas.

Viṣṭārapaṅkti: uma forma de Paṅkti consistindo em quatro Pādas de 8 + 12 + 12 + 8 = 40 sílabas.

Yavamadhyā: uma métrica que tem um Pāda mais longo entre dois mais curtos.

Ralph T. H. Griffith.

Índice dos Sūktas do Sétimo Maṇḍala

Continuação do Quinto Aṣṭaka

Continuação do Primeiro Adhyāya

Anuvāka 1

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	**Ṛṣi**	*No. Versos*	*Métrica*
I	**1**	Agni	Vasiṣṭha Maitrāvaruṇi	25	Virāj. 19-25 Triṣṭubh.
Adhyāya 2					
II	**2**	Āprīs ou Āpra	"	11	Triṣṭubh
III	**3**	Agni	"	10	"
IV	**4**	"	"	10	"
V	**5**	Agni Vaiśvānara	"	9	"
VI	**6**	"	"	7	"
VII	**7**	Agni	"	7	"
VIII	**8**	"	"	7	"
IX	**9**	"	"	6	"
X	**10**	"	"	5	"
XI	**11**	"	"	5	"
XII	**12**	"	"	3	"
XIII	**13**	Agni Vaiśvānara	"	3	"
XIV	**14**	Agni	"	3	1: Bṛhatī. 2,3: Triṣṭubh
XV	**15**	"	"	15	Gāyatrī
XVI	**16**	"	"	12	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
XVII	**17**	"	"	7	Dvipadā Triṣṭubh
Anuvāka 2					

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	**Ṛṣi**	*No. Versos*	*Métrica*
I	**18**	Indra (1-21); dānastuti (louvor à generosidade) de Sudās Paijavana (22-25) **A Batalha dos Dez Reis**	Vasiṣṭha Maitrāvaruṇi	25	Triṣṭubh
II	**19**	Indra	"	11	Triṣṭubh
Adhyāya 3					
III	**20**	"	"	10	"
IV	**21**	"	"	10	"
V	**22**	"	"	9	Virāj. 9: Triṣṭubh
VI	**23**	"	"	6	Triṣṭubh
VII	**24**	"	"	6	"
VIII	**25**	"	"	6	"
IX	**26**	"	"	5	"
X	**27**	"	"	5	"
XI	**28**	"	"	5	"
XII	**29**	"	"	5	"
XIII	**30**	"	"	5	"
XIV	**31**	"	"	12	Gāyatrī. 10-12: Virāj
XV	**32**	"	Vasiṣṭha (1-25), Śakti Vāsiṣṭha (26ab), Vāsiṣṭha ou Śakti Vāsiṣṭha (26cd-27).	27	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī. 3: Dvipadā Virāj
XVI	**33**	Os filhos de Vasiṣṭha (1-9); Vasiṣṭha (10-14)	Vasiṣṭha (1-9); os filhos de Vasiṣṭha (10-14)	14	Triṣṭubh
Anuvāka 3					
I	**34**	Viśvedevas (1-15, 17b, 18-25); Ahi (16); Ahirbudhnya (17a)	Vasiṣṭha	25	Dvipadā. 22-25: Triṣṭubh
II	**35**	Viśvedevas	"	15	Triṣṭubh
Adhyāya 4					
III	**36**	"	"	9	Triṣṭubh
IV	**37**	"	"	8	"
V	**38**	Savitṛ (1-5,6a); Savitṛ ou Bhaga (6c); Vājins (Corcéis) (7,8)	"	8	"

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	**Ṛṣi**	*No. Versos*	*Métrica*
VI	**39**	Viśvedevas	Vasiṣṭha Maitrāvaruṇi	7	Triṣṭubh
VII	**40**	"	"	7	"
VIII	**41**	Liṅgoktadevatāḥ ou Vários Deuses (1); Bhaga (2-6); Uṣas (7)	"	7	Triṣṭubh. 1: Jagatī
IX	**42**	Viśvedevas	"	6	Triṣṭubh
X	**43**	"	"	5	"
XI	**44**	Liṅgoktadevatāḥ (1); Dadhikrā (2-5)	"	5	Triṣṭubh. 1: Jagatī
XII	**45**	Savitṛ	"	4	Triṣṭubh
XIII	**46**	Rudra	"	4	Jagatī. 4: Triṣṭubh
XIV	**47**	Águas	"	4	Triṣṭubh
XV	**48**	Ṛbhus (1-3); Ṛbhus ou Viśvedevas (4)	"	4	"
XVI	**49**	Águas	"	4	"
XVII	**50**	Mitra e Varuṇa (1); Agni (2); Viśvedevas (3) e um louvor aos Rios	"	4	Jagatī. 4: Atijagatī ou Śakvarī
XVIII	**51**	Ādityas	"	3	Triṣṭubh
XIX	**52**	"	"	3	"
XX	**53**	Céu e Terra	"	3	"
XXI	**54**	Vāstoṣpati	"	3	"
XXII	**55**	Vāstoṣpati (1); Indra ou Encantamentos de sono e upaniṣad (2-8)	"	8	Gāyatrī. 2-4: Upariṣṭādbṛhatī. 5-8: Anuṣṭubh
			Anuvāka 4		
I	**56**	Maruts	"	25	1-11: Dvipadā Virāj; 12-25: Triṣṭubh
II	**57**	"	"	7	Triṣṭubh
III	**58**	"	"	6	"
IV	**59**	Maruts (1-11); prece a Rudra para libertação da morte (12)	"	12	1,3,5: Bṛhatī; 2,4,6: Satobṛhatī; 7,8: Triṣṭubh; 9-11:Gāyatrī; 12: Anuṣṭubh
			Adhyāya 5		
V	**60**	Sūrya (1); Mitra e Varuṇa (2-12)	"	12	Triṣṭubh
VI	**61**	Mitra e Varuṇa	"	7	"
VII	**62**	Sūrya (1-3); Mitra e Varuṇa (4-6)	"	6	"

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	*Ṛṣi*	*No. Versos*	*Métrica*
VIII	**63**	Sūrya (1-4,5ab); Mitra e Varuṇa (5cd,6)	Vasiṣṭha Maitrāvaruṇi	6	Triṣṭubh
IX	**64**	Mitra e Varuṇa	〃	5	〃
X	**65**	〃	〃	5	〃
XI	**66**	Mitra e Varuṇa (1-3,17-19), Ādityas (4-13), Sūrya (14-16)	〃	19	Gāyatrī; 10-15: Bṛhatī alternando com Satobṛhatī; 16: Purauṣṇih
XII	**67**	Aśvins	〃	10	Triṣṭubh
XIII	**68**	〃	〃	9	Virāj; 8,9: Triṣṭubh
XIV	**69**	〃	〃	8	Triṣṭubh
XV	**70**	〃	〃	7	〃 [1]
Anuvāka 5					
I	**71**	〃	〃	6	〃
II	**72**	〃	〃	5	〃
III	**73**	〃	〃	5	〃
IV	**74**	〃	〃	6	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
V	**75**	Uṣas	〃	8	Triṣṭubh
VI	**76**	〃	〃	7	〃
VII	**77**	〃	〃	6	〃
VIII	**78**	〃	〃	5	〃
IX	**79**	〃	〃	5	〃
X	**80**	〃	〃	3	〃
Adhyāya 6					
XI	**81**	〃	〃	6	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
XII	**82**	Indra e Varuṇa	〃	10	Jagatī
XIII	**83**	〃	〃	10	〃
XIV	**84**	〃	〃	5	Triṣṭubh
XV	**85**	〃	〃	5	〃
XVI	**86**	Varuṇa	〃	8	〃

[1] Jagatī segundo Gary Holland e alguns tradutores.

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	Ṛṣi	*No. Versos*	*Métrica*
XVII	**87**	Varuṇa	Vasiṣṭha Maitrāvaruṇi	7	Triṣṭubh
XVIII	**88**	"	"	7	"
XIX	**89**	"	"	5	Gāyatrī. 5: Jagatī
		Anuvāka 6			
I	**90**	Vāyu (1-4), Indra e Vāyu (5-7)	"	7	Triṣṭubh
II	**91**	Vāyu (1,3); Indra e Vāyu (2,4-7)	"	7	"
III	**92**	Vāyu (1,3-5); Indra e Vāyu (2)	"	5	"
IV	**93**	Indra e Agni	"	8	"
V	**94**	"	"	12	Gāyatrī; 12: Anuṣṭubh
VI	**95**	Sarasvatī (1,2,4-6), Sarasvat (3)	"	6	Triṣṭubh
VII	**96**	Sarasvatī (1-3); Sarasvat (4-6)	"	6	1: Bṛhatī; 2: Satobṛhatī. 3: Prastārapaṅkti. 4-6: Gāyatrī
VIII	**97**	Indra (1); Bṛhaspati (2,4-8); Indra e Brahmaṇaspati (3,9); Indra e Bṛhaspati (10)	"	10	Triṣṭubh
IX	**98**	Indra (1-6); Indra e Bṛhaspati (7)	"	7	"
X	**99**	Viṣṇu (1-3,7); Indra e Viṣṇu (4-6)	"	7	"
XI	**100**	Viṣṇu	"	7	"
		Adhyāya 7			
XII	**101**	Parjanya	Kumāra Āgneya, ou Vasiṣṭha	6	"
XIII	**102**	"	"	3	1,3: Gāyatrī; 2: Pādanicṛt
XIV	**103**	Rãs	Vasiṣṭha	10	Triṣṭubh. 1: Anuṣṭubh
XV	**104**	Indra e Soma (1-7,15,25); Indra (8,16,19-22,24); Soma (9,12-13), Agni (10,14), Deuses (11); pedras de espremer (17); Maruts (18), a prece de Vasiṣṭha (23ab); céu e terra (23cd)	"	25	Triṣṭubh. 1-6,18,21,23: Jagatī; 25: Anuṣṭubh. 7: Jagatī ou Triṣṭubh

A Comparação da Ṛgsaṃhitā com as Saṃhitās do Sāma, Yajur Branco ou Śukla (Vājasaneyi-Saṃhitā) e Atharva

Abaixo se encontra parte da tabela de autoria de William Dwight Whitney, publicada em *Indische Studien*, 1853, p. 324-347, com brevíssimas correções, adições e a atualização dos números do Sāma; devido à falta de correspondência com o Yajur Preto ou Kṛṣṇa (Taittirīya Saṃhitā) e à falta de uma análise mais atual ela está incompleta, o que de nenhum modo diminui seu mérito ou utilidade.

Maṇḍala 7

Ṛg	Sāma	Vāj.	Atharva
7.1.1	1.1.2.2.10		
1.1	2.6.1.10.1		
1.2	2.6.1.10.2		
1.3	2.6.1.10.3	17.76	
2.2		29.27	
3.1	2.5.1.9.1		
3.2	2.5.1.9.2	15.72	
3.3	2.5.1.9.3		
6.1	1.1.2.3.6		
8.1	1.1.2.2.8		
8.4		12.34	
12.1-3	2.5.2.9.1-3		
15.3	2.6.2.1.3		
15.7	1.1.1.3.6		
15.10			8.3.26
15.13	1.1.1.3.4		
16.1	1.1.1.5.1	15.32-33	
16.1	2.1.2.13.1		
16.2	2.1.2.13.2	15.33-34	
16.5	1.1.2.1.7		
16.7	1.1.1.4.4	33.14	
16.11	1.1.2.1.1		
16.11	2.7.1.10.1		
16.12	2.7.1.10.2		
19.1-11			20.37.1-11
21.1	1.4.1.3.1		
22.1	1.5.1.1.8		20.117.1
22.1	2.3.1.13.1		
22.2-3	2.3.1.13.2-3		20.117.2-3
22.4-6	2.9.1.13.1-3		
22.7-8			20.73.1-2
23.1	1.4.1.4.8		20.12.1
23.2-3			20.12.2-3
23.4		33.18	20.12.4
23.5			20.12.5
23.6		20.54	20.12.6
24.1	1.4.1.3.2		

Ṛg	Sāma	Vāj.	Atharva
7.27.1	1.4.1.3.6		
27.3			19.5.1
31.1	1.2.2.2.2		
31.1-3	2.1.2.2.1-3		
31.4	1.2.1.4.8		20.18.4
31.5.6			20.18.5-6
31.10	1.4.1.4.6		20.73.3
31.10-12	2.9.1.11.1-3		
32.1	1.3.2.5.2		
32.1,2	2.8.2.6.1,2		
32.4	1.4.1.1.1		
32.8	1.3.2.5.3		6.2.3
32.12-13			20.59.3-4
32.14	1.3.2.4.8		
32.14,15	2.8.2.9.1,2		
32.16	1.3.2.3.8		
32.18	1.4.1.2.8		20.82.1
32.18	2.9.1.12.1		
32.19	2.9.1.12.2		20.82.2
32.20	1.3.1.5.6		
32.20,21	2.2.2.13.1,2		
32.22	1.3.1.5.1	27.35	20.121.1
32.22	2.1.1.11.1		
32.23	2.1.1.11.2	27.36	20.121.2
32.24	1.4.1.2.7		
32.26	1.3.2.2.7		18.3.67
32.26	2.6.3.6.1		20.79.1
32.27	2.6.3.6.2		20.79.2
35.1		36.11	19.10.1
35.2-10			19.10.2-10
35.11-15			19.11.1-5
38.7		9.16	
38.8		9.18	
39.2		33.44	
41.1-7		34.34-40	3.16.1-7
55.5-8			4.5.6,5,1,3
56.1	1.5.1.5.7		

Ṛg	Sāma	Vāj.	Atharva
7.59.3	1.3.1.5.9		
59.12		3.60	14.1.17
62.5		21.9	
66.4	2.6.1.2.1	33.20	
66.5-6	2.6.1.2.2-3		
66.7-9	2.4.1.8.1-3		
66.16		36.24	
74.1	1.4.1.2.2		
74.1,2	2.1.2.15.1,2		
74.3		33.88	
81.1	1.4.1.2.1		
81.1,2	2.1.2.14.1,2		
89.5			6.51.3
90.1		33.70	
90.3		27.24	
91.3		27.23	
92.1		7.7	
92.3		27.27	
92.5		27.28	
94.1-3	2.3.1.9.1-3		
94.4-6	2.2.1.9.1-3		
94.11		33.76	
96.4	2.6.3.8.1		7.40.1
97.10			20.17.12
98.1-7			20.87.1-7
99.3		5.16	
99.7	2.8.1.4.3		
100.6,5,7	2.8.1.4.1,2,3		
103.1			4.15.13
104.1-25			8.4.1-25

Índice Rápido

a: por Wilson; **b**: por Griffith; **c**: por Müller; **d**: por Peterson; **e**: por Muir; **f**: por Macdonell; **g**: por Wallis.